



The book cover features a romantic scene of a shirtless man and a woman with long red hair embracing under a large, glowing full moon. Two wolves, one black and one white, are positioned behind them. The background is a dark, misty forest. The title 'TOCADA PELA LUA' is written in large, stylized, metallic letters across the middle of the image.

TOCADA PELA LUA

SÉRIE
LOBOS DO ZODÍACO
LIVRO 1

AUTORA BEST-SELLER NEW YORK TIMES
ELIZABETH BRIGGS

TOCADA PELA LUA

SÉRIE
LOBOS DO ZODÍACO
LIVRO 1

AUTORA BEST-SELLER NEW YORK TIMES
ELIZABETH BRIGGS

COPYRIGHT © 2021 ELIZABETH BRIGGS
COPYRIGHT © 2023 EDITORA CABANA VERMELHA
TÍTULO ORIGINAL: MOON TOUCHED

Todos os direitos reservados, incluindo os direitos de reprodução total ou parcial em qualquer formato.

Este livro foi publicado mediante acordo com a agência KT Literary e Elizabeth Briggs.

Lobos do Zodíaco 1

Diretora Editorial: Elaine Cardoso

Tradução: Sara Lima

Preparação: Leticia Campopiano

Revisão: Bárbara Pinheiro

Capa: Denis Lenzi

Diagramação: Grazi Fontes

Esta obra foi revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo o uso da internet, sem permissão expressa do autor (Lei 9.610 de 19/02/1998).

Sumário

<u>1</u>
<u>2</u>
<u>3</u>
<u>4</u>
<u>5</u>
<u>6</u>
<u>7</u>
<u>8</u>
<u>9</u>
<u>10</u>
<u>11</u>
<u>12</u>
<u>13</u>
<u>14</u>
<u>15</u>
<u>16</u>
<u>17</u>
<u>18</u>
<u>19</u>
<u>20</u>
<u>21</u>
<u>23</u>
<u>24</u>
<u>25</u>
<u>26</u>
<u>27</u>
<u>28</u>
<u>29</u>
<u>30</u>
<u>31</u>
<u>32</u>

[Sobre a autora](#)

1

Como uma loba do Zodíaco, meu destino estava ligado às estrelas. Pena que as minhas estrelas mais indicavam infortúnios do que felicidade. Ser a pária da alcateia Câncer me ensinou isso até demais.

O mar avançou para encontrar meus pés descalços como um filhote ansioso tentando ganhar o afeto de seu tutor. Cavei os dedos dos pés mais fundo na areia fria e olhei para a água. Era linda, não dava para negar, mas não da maneira que o resto da minha alcateia havia dito. Membros da alcateia Câncer falavam do seu apelo, como se algo bem dentro deles respondesse. Para mim era uma visão bonita, nada mais. Eu podia fotografar quanto quisesse, mas nunca parecia conseguir captar a essência de que falavam.

Minha única esperança era a próxima Convergência, que libertaria minha loba. Se pudesse sentir a conexão com o mar que o resto da minha alcateia sentia, talvez também começasse a parecer que eram meu povo. Neste momento, não passavam de estranhos. Às vezes, mais pareciam inimigos.

Deixei de lado a solidão. Poderia me consumir com facilidade, se deixasse. Em vez disso, eu me concentrei no oceano escuro mais uma vez, tentando enquadrar uma foto. A lua apenas resvalava o horizonte, lançando reflexos sobre a água que ondulava a cada respiração do mar. Era realmente pacífico e, mesmo que não sentisse uma atração pelo mar, sentia pela lua. Apenas isso me fez perceber que eu pertencia à alcateia Câncer, mesmo que nada mais fizesse. Não que ninguém mais na alcateia concordasse comigo.

Levantei a câmera, decidindo tentar tirar algumas fotos antes que a lua subisse mais. Devia estar em casa, fazendo as malas para a Convergência, mas, em vez disso, estava aqui, tirando fotos. Usaria qualquer desculpa para sair de casa por um tempo.

Prendi a respiração ao tirar a foto, tentando deixá-la bem focada. Tirei outra logo em seguida, só por garantia, e abaixei a câmera para olhar a tela pequena. Antes que pudesse decidir qual foto era melhor, um farfalhar nos arbustos me alertou de que não estava sozinha. Eu me afastei da água,

tentando ver o que havia causado o distúrbio. Por um momento, nada se mexeu e pensei que tivesse sido um animal.

Algo escuro explodiu do mato, e dei um passo involuntário para trás. Um grande lobo cinza trotou na minha direção e mais três formas escuras se juntaram em uma onda de pelos e garras. *Droga*. Era tarde demais para correr e, além disso, eu não estava usando sapatos. Embora não tivesse problema correr na areia descalça, não podia dizer o mesmo das rochas afiadas mais acima. Se quisesse ficar em segurança, teria que passar por eles.

Os quatro lobos me cercaram como se eu fosse sua presa antes de voltar às suas formas humanas. O líder do grupo, Brad, era musculoso e intimidador mesmo quando não estava em sua forma de lobo. Com cabelos loiros e olhos azuis, seria bonito se não parecesse estar sempre prestes a brigar com alguém. Os outros dois homens eram os capangas dele, Owen e Chase, e me olhavam com desprezo estampado em seus rostos muito menos atraentes. A companheira de Brad, Lori, era o quarto membro do grupo, já que sempre se agarrava a ele como uma craca. Estavam todos nus após a transformação, mas nenhum deles se incomodou com isso, e exibiam o símbolo de Câncer com orgulho – as marcas da alcateia do Zodíaco. Brad carregava a marca no peito, já os outros as tinham nos braços. E havia eu, que não tinha nenhuma marca.

— Ayla — Brad disse meu nome com um rosnado. — O que você está fazendo aqui sozinha?

Uma pontada de ansiedade me percorreu. Brad nunca era amigável, e não estaria falando comigo se não quisesse alguma coisa. Sendo o filho do beta canceriano, ele me desprezava. Tecnicamente, eu estava acima dele na hierarquia, mas ninguém se importava.

Lori deu uma risadinha e brincou com o cabelo loiro-acobreado perfeito. Estava ao lado de Brad, com a mão possessiva em seu braço. Enquanto eu tentava avaliar minhas chances de escapar ilesa, Owen e Chase me observavam. Todos faziam parte do mesmo círculo, filhos e filhas dos membros mais influentes da alcateia Câncer. Eu era a única que não era convidada, embora devesse estar na linha de frente, por ser a filha do alfa. Em vez disso, ter sangue humano me tornou a pária da alcateia.

— Fiz uma pergunta, vira-lata — rosnou Brad, chutando areia em mim.

Xingando baixinho, segurei minha câmera mais alto, tentando evitar que a areia atingisse a lente. Wesley tinha acabado de comprar essa lente para mim na última vez que me visitou, e eu não podia deixar esses idiotas a estragarem.

— Sinto muito — retruquei. — Não sabia que sua estupidez exigia resposta. Qualquer pessoa com dois olhos e função cerebral básica pode ver o que estou fazendo. Mas é óbvio que te falta um desses. Ainda não tenho certeza de qual.

Brad se moveu muito rápido para eu contra-atacar, e me empurrou no chão. Caí com força, meu cotovelo amortecendo o pior do impacto enquanto eu segurava a câmera na tentativa de salvá-la. *Foi por isso mesmo que Mira me disse para manter a boca fechada*, pensei ao tentar rolar para longe – e cheguei bem aos pés de Chase. Merda. Ele me chutou com força no estômago e a dor me envolveu quando me enrolei em posição fetal por instinto.

— Onde está sua carapaça canceriana? — perguntou Chase ao me chutar outra vez. — Ah, verdade, você não tem.

Arquejei, tentando recuperar o fôlego.

— Obrigada pelo lembrete, idiota — consegui dizer.

Quando ele me chutou outra vez, eu me enrolei em volta da câmera, tentando protegê-la e as minhas partes mais delicadas. Os outros se juntaram a ele, e cerrei os dentes, me conformando com a surra. Não era diferente das outras que tinha suportado. Fechei os olhos e tentei respirar, apesar da dor. Logo tudo acabaria. Eles não me matariam, não importava o quanto me odiassem. Para o bem ou para o mal, eu ainda era da alcateia.

Esse plano foi pelos ares no momento em que a câmera foi arrancada das minhas mãos. Meus olhos se abriram e lutei para me levantar, empurrando Chase e Owen para longe enquanto Lori balançava a máquina na minha frente.

— Você gosta de tirar fotos, não é, vira-latinha? — perguntou ela.

— Não! — gritei, estendendo a mão para a câmera, mas ela a afastou, fora do meu alcance. — Pode fazer o que quiser comigo. Apenas me devolva a câmera.

Lori jogou a máquina na areia.

— Acho que não. A vira-lata precisa aprender o lugar dela, de uma vez por todas.

Senti um punhado de golpes de Brad, batendo nas minhas costas e me fazendo cair de joelhos. Pude apenas observar Lori pisar na câmera com sua força de metamorfa. Os sons de vidro e plástico quebrando eram piores do que os sons de socos e chutes.

Algo dentro de mim se quebrou. Aquela câmera era a minha única ligação com o mundo exterior, com um mundo onde ninguém me julgava pela minha herança mestiça ou por ter nascido sob as estrelas erradas. Era a única coisa que me trazia alegria e me dava a menor sensação de liberdade.

Rosnei, mostrando os dentes para os quatro, pronta para lutar. Eles devem ter percebido a mudança no meu comportamento, porque recuaram e se posicionaram na defensiva. Não conseguiria enfrentar todos – diabos, sem a carapaça crustácea canceriana que tinham, eu mal conseguiria enfrentar um. Mas a raiva que fervia no meu sangue não me deixaria fugir disso como se tudo estivesse bem. Algo sombrio dentro de mim acordou e subiu à superfície, algo selvagem e perigoso, implorando para ser libertado. Um poder que eu já tinha sentido antes, que sempre quase conseguia tocar. Talvez agora fosse a hora. A tensão fervia no ar, estalando entre nós, esperando o momento perfeito para explodir.

— Ei! — O grito veio de longe, mas foi o bastante para distrair a todos nós.

Lori se afastou de onde ainda estava com o pé nos cacos quebrados da minha câmera e rosnou algo ininteligível. Minha melhor amiga, Mira, correu em nossa direção, os longos cabelos pretos esvoaçando atrás dela como uma cortina. Ela estava de biquíni como se fosse nadar. *Sério?* Não pude deixar de pensar. *Em um momento como este?* Sabia que ela adorava nadar, mas estávamos nos preparando para a Convergência.

— Que diabos você pensa que está fazendo? — perguntou Mira, parando ao meu lado. Seus olhos estavam nos outros lobos, mas eu sabia que a pergunta era para mim.

— Fique fora disso, Aquino — rosnou Brad. — Caia fora se sabe o que é bom pra você. Estamos ensinando à vira-lata a lição que ela implorou desde o momento em que nasceu.

— De jeito nenhum — disse Mira. Teimosa e leal, ela nunca soube quando se afastar de uma luta, sobretudo quando eu estava envolvida. Ficava do meu lado, mesmo que não concordasse com o motivo da briga.

Olha quem fala. Eu faria o mesmo por Mira em qualquer circunstância. Mesmo assim, ela não devia ter vindo até aqui. Esta era minha batalha, e ela poderia ter sérios problemas se fosse vista enfrentando o filho do beta. Já havia sido punida uma vez pelo alfa – não precisava de outro ponto negativo.

— Mira — falei baixinho. Ela se contorceu, então soube que tinha me ouvido, mas não se virou para me olhar. — Você precisa ir — continuei, embora soubesse que ela não ouviria uma palavra do que eu dissesse. — Por favor.

— Se você tem um problema com Ayla, também tem um problema comigo — anunciou Mira, e também assumiu uma posição defensiva. Não ia mesmo deixar isso passar. Suspirei e segui seu exemplo, erguendo os punhos outra vez.

Brad olhou entre nós por um momento e riu.

— Nenhuma de vocês ganharia. Vocês ainda nem têm os seus lobos.

— Sim, mas ainda vamos dar uma surrinha em vocês — eu disse, forçando as palavras através da dor persistente com um sorriso selvagem. Então, deixei meus olhos caírem. — Aposto que pelo menos uma de nós consegue acertar um joelho nas bolas, com as suas penduradas assim.

Brad rosnou para mim e suas mãos se transformaram em garras. Mira me olhou como quem diz: *sério*? Encolhi os ombros. Ela implicaria mesmo comigo por ser tagarela quando era quase tão ruim quanto eu?

Ela revirou os olhos, mas depois se virou para Brad e acrescentou:

— Você quer mesmo arriscar bem antes da Convergência?

Lori pisoteou minha câmara na areia mais algumas vezes antes de voltar até Brad.

— Não vale a pena — murmurou ela, apenas alto o bastante para que eu ouvisse. — Acho que ela entendeu a mensagem.

Brad olhou entre nós duas e depois de volta para Lori.

— Você tem razão. Ela não vale o nosso tempo e, com sorte, em breve será problema de outra alcateia.

Ele se transformou de volta em um lobo e os outros o seguiram, depois correram para as rochas e adentraram os arbustos. E, simples assim, a tensão se esvaiu do ar, deixando todo meu corpo latejando de dor, e uma câmara quebrada – tudo o que eu tinha conseguido com minha língua afiada.

Meus ombros despencaram e, antes que eu percebesse, meus joelhos estavam cedendo. Procurei pela areia tentando examinar os pedaços quebrados da câmera, mas não havia nada que pudesse ser recuperado. Deixei todos passarem pelos meus dedos enquanto tentava afastar lágrimas de raiva.

Mira se agachou ao meu lado, apoiando a mão nas minhas costas.

— Minha nossa — murmurou ela enquanto absorvia os hematomas que se formavam nos meus braços. — O que disse desta vez?

— Eles apareceram do nada — respondi. — Mesmo que eu tivesse sido legal, eles ainda teriam implicado comigo por alguma coisa.

— Sabe, se não os atormentasse, eles talvez te deixariam em paz, pra começo de conversa — disse Mira. — Vivo dizendo isso pra você.

Ela me ajudou a levantar, deixando a mão no meu ombro enquanto eu cambaleava, tentando recuperar o fôlego e o equilíbrio.

— Não consigo evitar. — Queria pegar mais pedaços da câmera, mas para quê? Lori tinha quebrado tudo de um jeito irreparável. — Eles falam tanta merda. Estão quase implorando para que eu fale isso na cara deles.

— Não deviam estar falando assim de você. Você é a filha do alfa, e eles precisam responder por isso.

— É, claro. Você sabe que meu pai é pior ainda. — Olhei para meus braços. As novas contusões só se somaram às que se desvaneciam, cortesia do alfa. Desde que me lembro, ele vinha deixando hematomas por todo meu corpo. Mas nunca no rosto. Ele precisava manter as aparências, e espancar a filha não combinava muito bem com a graciosa persona alfa que ele trabalhava duro para preservar. Mas todos sabiam que ele me tratava como uma pária, e ele não se importava quando pessoas como Brad se comportavam da mesma maneira. Mira estava zangada por mim, mas há muito tempo eu havia aceitado o fato de que nunca seria a filha que ele queria. Era minha sina, e tentava não me deixar abater.

Eu sabia por que ele me batia, mesmo que não fizesse nenhum sentido lógico. *Eu* não tinha pedido para nascer metade humana, mas meu pai adorava me punir pelo caso que tivera com minha mãe, mesmo que eu não tivesse voz no resultado. Tudo em mim era um lembrete constante do seu erro. Meu aniversário fora das datas cancerianas, minha falta de marca do Zodíaco e minha ausência de habilidades da alcateia facilitavam para que me odiasse.

A companheira dele, Jackie, achava até meu cabelo ruivo ofensivo. Peguei uma mecha dele, que se debatia na brisa leve. Isso me diferenciava de todos outros da família e servia como um lembrete constante de que meu pai havia feito merda e engravidado uma humana. Tentei dizer isso uma vez, quando estava com raiva e minha boca tinha – uma vez mais – tomado conta. Tudo o que ganhei foi um machucado no rosto de Jackie.

Mira ainda estava focada nos hematomas, preocupando-se com eles como a mãe que eu nunca tive.

— Devem melhorar antes da Convergência — decidiu ela depois de um tempo. — Você tem sorte de eu ter decidido vir nadar antes de partirmos amanhã. Quem sabe o que teria acontecido se tivessem conseguido o que queriam.

— Não importa — eu disse, dando de ombros e voltando até onde estavam meus sapatos e minha jaqueta. — Os hematomas apenas provam que eu não sou uma verdadeira canceriana. Eu poderia convocar a carapaça se fosse. — A carapaça crustácea era uma habilidade canceriana que todos os membros da alcateia tinham desde o nascimento, permitindo que se protegessem. Todos, menos eu. Suspirei. — Pelo menos assim que eu tiver minha loba, vou me curar mais rápido.

— Muitas coisas vão mudar depois da Convergência — disse Mira baixinho.

A Convergência acontecia duas vezes por ano, nos solstícios de verão e inverno, e era o momento em que todas as doze alcateias do Zodíaco se reuniam para debater problemas, reconhecer novos alfas das alcateias e abençoar bebês recém-nascidos, entre outras coisas. Esta Convergência aconteceria no solstício de verão, um dia antes do início da temporada canceriana, e seria em Montana, no território das Bruxas do Sol.

Mira e eu finalmente conseguiríamos nossas lobas na Convergência também, agora que nós duas tínhamos 22 anos e éramos consideradas maiores de idade. Éramos as únicas cancerianas recebendo nossas lobas nesta Convergência – todos os outros membros da alcateia receberam no solstício de inverno. Exceto eu, é claro. Nasci em março, outro sinal de que eu não pertencia a esta alcateia.

Quanto a Mira, ela também deveria ter conseguido sua loba no solstício de inverno, mas tinha sido forçada a esperar mais seis meses, tudo porque seu pai havia desafiado o alfa em algo com o que não concordava. Mira não

estava envolvida, mas meu pai sabia que a punir seria um golpe para toda família dela. Não foi justo, mas era assim que nosso alfa agia. E, quando ele dava um comando alfa, tínhamos que obedecer.

Havia outro acontecimento na Convergência também, o ritual de acasalamento, quando qualquer um que tivesse recebido seu lobo poderia tentar encontrar o companheiro predestinado. Eu esperava mais que tudo que meu companheiro – se sequer tivesse um – fosse de outra alcateia. Faria quase qualquer coisa para me afastar do meu pai e do resto dos metamorfos cancerianos.

— Espero conseguir um companheiro na mesma alcateia da sua — disse Mira, seus pensamentos seguindo o mesmo raciocínio que os meus. Ela dizia isso tantas vezes que eu quase esperava. Fiz um barulho de afirmação, mas não disse nada. Queria ficar com ela, é claro. Mas, se ela acabasse por ter um companheiro na alcateia Câncer e eu não, isso não me deixaria muito triste. Sair daqui era minha prioridade máxima.

Era a única coisa em que eu e o meu pai concordávamos. Ele queria que eu desaparecesse daqui tanto quanto eu queria ir embora.

— Espero que você acabe sendo problema de outra alcateia — começara a dizer ele no momento em que fiz 22 anos.

Pensar no meu pai fez com que meu humor azedasse. Precisava voltar antes que ele mandasse alguém vir me buscar. Eu me virei para Mira e lhe lancei o que esperava ser um sorriso convincente.

— Aconteça o que acontecer na Convergência, sempre seremos amigas e nunca perderemos contato.

Mira cantarolou, alegre, segurando minha mão e nos afastando da praia. Sabia que ela tinha boas intenções, mas, quando se acomodasse com o companheiro, as coisas mudariam. Sempre mudavam. Nós nos afastaríamos, mesmo que acabássemos na mesma alcateia, e o pensamento fez um arrepio de injustiça percorrer meu corpo.

Olhei de relance para o oceano e para a areia mexida onde Brad e sua gangue vieram atrás de mim. *Alguma vez sentirei que pertenço de verdade a um lugar?*

2

Coloquei na mala as últimas roupas de que precisaria para a Convergência e a fechei. Olhei em volta, tentando descobrir se tinha deixado algo para trás. Eu não tinha muitas posses, e o fato de elas caberem nessa bolsa era muito triste. Nunca tive muito de nada, preocupada demais que meu pai destruísse minhas coisas em um acesso de raiva, e tudo o que era importante era mantido em arquivos digitais no celular ou na nuvem. Todas as minhas fotografias ficavam guardadas lá, e isso era o que mais importava.

Uma batida na porta me tirou dos meus pensamentos. Entrei em pânico instantâneo, pegando a mala e me preparando para fugir no momento em que a porta se abrisse.

— Ayla?

Sorri com a voz e relaxei. Meu irmão, Wesley, era a única pessoa nesta família que não me faria mal.

— Entra.

Ao entrar, ele sorriu para mim, seu sorriso quase o mesmo do que eu me lembrava da minha infância. Wesley era quatro anos mais velho, mas sempre pareceu muito maior, mesmo antes de ter o estirão de crescimento durante a puberdade e ficar cheio de músculos ágeis. Ele tinha se mudado para seu próprio apartamento há alguns meses, e parecia que eu nunca mais o via, mesmo que voltasse para nos visitar com bastante frequência. Crescer aqui tinha sido melhor por sua causa e, além de Mira, ele era a única outra pessoa na alcateia Câncer que se importava comigo.

— Wesley! — gritei e me joguei nos braços dele. Ele me abraçou com força, um pouco apertado demais, e eu arquejei.

Meu irmão recuou, com a testa franzida.

— Bateram de novo em você.

Wesley olhou de volta para a porta. Ele odiava como nosso pai me tratava, e sempre tentava ser gentil comigo para compensar. Era quase o bastante.

— Nada com o que eu não possa lidar — eu disse, puxando a alça da bolsa. Meus livros de viagens e fotografia estavam ao lado dela, ainda

esperando para entrar na mala. Estava hesitando em trazê-los comigo ou deixá-los aqui. Ficaria pesado se eu tivesse que andar muito, mas, agora que Wesley estava aqui, eu sabia que precisava trazê-los comigo. Não havia outra opção.

A fotografia sempre foi minha paixão. Amava ser capaz de capturar a beleza em um disparo, para apresentar ao mundo através dos meus próprios olhos, e Wesley se certificou de incentivar isso. Meu pai sempre deixou bem claro que eu era uma pária, sobretudo na minha própria casa. Era um bom ano se ele me comprasse roupas novas – depois que havia parado de crescer, ele às vezes passava anos sem me comprar nada novo. Mesmo quando as costuras estavam rasgando e havia buracos evidentes, ele continuava me forçando a usá-las. A comida também era mantida a um mínimo e, além disso, todos os outros luxos de que eu deveria ter desfrutado estavam ausentes. Sem celular, sem computador, nem mesmo quando precisei para a escola.

No momento em que fiz 16 anos, meu pai me enviou para trabalhar no mercado da cidade e fez todo meu salário ser desviado para ele. O pagamento por me aturar, como ele sempre dizia. Tê-lo como pai e alfa da alcateia tornou impossível eu conseguir fazer qualquer outra coisa. Eu não podia cuidar de mim mesma ou agir pelas suas costas, porque ele era a autoridade suprema. Tudo o que precisava fazer era usar seu comando alfa, um poder único concedido aos alfas de cada alcateia, e todos tinham que executar suas ordens. Inclusive, eu.

Wesley tinha sido o único que me comprara coisas legais. Quando demonstrei interesse em fotografia ainda jovem, ele me comprou livros sobre o assunto. Debrucei-me sobre eles, devorando cada um vorazmente. Muitas vezes, ele pegava os velhos de volta e me trazia novos, já que ter muitos livros causaria suspeitas em nosso pai. Mas ele me deixava ficar com os que eu gostava de verdade. Até havia fingido quebrar o celular uma vez para que pudesse me dar e, quando eu lhe contei que queria ir para a faculdade comunitária local, ele me comprou uma câmera e disse:

— Vá.

A única razão pela qual fui capaz de conseguir um diploma foi devido à sua ajuda. Wesley convenceu nosso pai de que não seria bom para a filha do alfa não ir para a faculdade e, com relutância, ele permitiu que eu fosse. Fiquei sempre ouvindo falar do desperdício de dinheiro que era a minha

educação, mas valeu a pena a longo prazo. Passei a mão nos livros, observando Wesley sorrir enquanto se lembrava de trazê-los para mim.

— Guardou sua câmera?

— Ela quebrou. — Olhei para baixo, a tristeza me preenchendo. Se eu tivesse ficado de boca fechada, era provável que ainda a tivesse. Empurrei as emoções de lado. Não podia deixar ninguém ver o quanto Brad e os outros valentões me afetavam, nem mesmo Wesley. Eu lhe lancei um sorriso, tentando torná-lo convincente. — Pelo menos eu não preciso mais dela para a faculdade. Posso usar a câmera do celular, mesmo que seja velho.

— Você nunca teria deixado cair — comentou Wesley, franzindo a testa outra vez. — Quem quebrou?

— Ninguém — respondi, dando de ombros. Tentei disfarçar, parecendo casual demais, mas Wesley sempre foi bom em identificar minhas mentiras.

— Sei que não vai me contar. — Ele suspirou e eu relaxei, não querendo tentar desconversar. Ainda era cedo, e eu não estava bem acordada. — Quando eu for o alfa da alcateia Câncer, as coisas vão mudar. Vai ser melhor, prometo.

Bufei e balancei a cabeça.

— Queria acreditar nisso. — Coloquei os livros na mala e a fechei de novo. — Mas quem sabe quando isso vai acontecer?

Minha única esperança agora era encontrar meu companheiro na Convergência. Se fosse alguém de outra alcateia, eu poderia sair do território Câncer, mas, mesmo que fosse alguém desta alcateia, eu nunca mais teria que voltar para esta casa. Nunca me senti em casa mesmo.

Olhei para Wesley e dei um sorriso torto.

— Ei, se eu me acasalar com alguém de outra alcateia, talvez eu possa comprar um telefone novo para que possamos manter contato. Um que não está rachado, pra variar.

Wesley riu, embora parecesse mais forçado do que o normal. Sabia que meu irmão queria que eu ficasse aqui com ele, mas Wesley apenas não entendia. Por mais gentil que fosse comigo, não compensava todos os outros sendo imbecis o tempo todo.

— Você deveria fazer isso. — Ele fez uma pausa, passando a mão pelo cabelo castanho brilhoso. — Vim buscar você. Nossos pais já estão no carro, e você sabe como odeiam esperar.

Claro. Era provável que já estivessem irritados por eu os estar atrasando, mesmo que o sol mal tivesse nascido. Balancei a cabeça e saí do meu quarto sem olhar para trás. Tinha sido um lugar para dormir e me esconder nos últimos vinte e dois anos, nada mais. Eu não tinha um lar, ainda não. Esperava encontrar um logo. Claro que, com minha sorte, provavelmente estaria de volta aqui quando a Convergência terminasse.

Tranquei a porta da frente e Wesley se aproximou dos nossos pais, que diziam algo que eu não conseguia escutar. Sair da varanda da frente parecia definitivo, embora eu não soubesse ao certo se encontraria meu companheiro quando minha loba fosse libertada. Algumas pessoas tiveram que esperar anos até que o companheiro chegasse à maioridade, e um grupo muito pequeno nunca nem teve companheiros. Rezei para não estar nessa categoria, mas também não me surpreenderia.

Quando me aproximei do SUV, meu pai estava me lançando um olhar sombrio, com a boca pressionada numa carranca. Quase podia ouvi-lo dizer: *apresse-se, mestiça inútil*. Podia sentir os olhos de Jackie em mim também, cheios de ódio, enquanto esperava que eu entrasse no carro. Suspirei. Ia ser uma longa viagem.

Gostaria de ter ido com Mira, mas quando me atrevi a perguntar ontem à noite, meu pai rosnou e disse que eu nem devia me relacionar com ela. A família dela estava no fundo da hierarquia da alcateia agora, graças às ações do pai. Além disso, meu pai precisava que eu fosse com ele, tudo para manter as aparências, é claro.

Havia outros veículos estacionados na nossa longa garagem, todos esperando e prontos para partir a qualquer momento. Estavam todos à minha espera. Não sabia que tantos dos cancerianos iam conosco dessa vez. O beta e a família ficariam para trás, então pelo menos não precisaria lidar com Brad, mas havia várias outras pessoas que seriam hostis. Pelo menos eu teria Wesley e Mira comigo, e a oportunidade de conhecer vários de outras alcateias.

— A viagem vai levar umas quinze horas — disse Wesley enquanto eu entrava no banco de trás ao lado dele. Fiquei muito feliz ao descobrir que ele viria conosco quando enviou a mensagem para me avisar. Mesmo que meu irmão tivesse conseguido o lobo há quatro anos, ele estava vindo por minha causa.

— Está com sua mala? — perguntou meu pai. Seus olhos azuis encontraram os meus no retrovisor. Embora os partilhássemos, sabia que tudo o que ele via quando olhava para mim era o seu erro humano, não sua filha.

— Sim.

— E pegou tudo? — continuou ele, retorcendo o lábio como se falar comigo estivesse lhe trazendo desconforto físico.

— Sim — repeti.

— Ótimo. Com alguma sorte, não voltará aqui. Mal posso esperar para entregá-la a outro pobre coitado. Deixe que seja o problema deles.

— Amém — resmungou Jackie, apenas alto o bastante para que eu pudesse ouvir. Não conseguia vê-la, já que ela estava sentada no banco bem na minha frente, mas não me atrevi a revirar os olhos. Ela gostava de socar, e não se importava de me bater no rosto.

Wesley me deu um sorriso tenso, mas desviei o olhar dele e, pela primeira vez, fiquei calada. Nunca tinha ido a uma Convergência antes — meu pai nunca me deixara ir, nem mesmo quando Wesley atingiu a maioridade — e aguentaria o tormento deles por mais algumas horas. Com sorte, seria a última longa viagem de carro com eles.

No caminho, procurei minha câmera uma dúzia de vezes antes de realmente registrar que eu não a tinha mais. Queria capturar a beleza da paisagem que passava depressa, e absorvi todas as vistas da viagem, tentando não perder nem um só segundo. Quando entramos em Seattle, quase vibrei no meu assento tentando conter a emoção por estar ali. Nunca tinha ido a outro lugar além do território canceriano na costa norte de Vancouver, e com certeza nunca para os Estados Unidos. Havia passado a vida lendo sobre cidades como Seattle, e desejei poder congelar este momento para sempre numa foto. Até tirei algumas fotos com o telefone, embora a qualidade nunca fosse chegar nem perto da minha câmera.

Sempre tive a ideia mal-acabada no fundo da mente de que fugiria para uma cidade grande nos Estados Unidos para escapar da minha vida. Era um plano meio formado, na melhor das hipóteses, mas era tudo o que eu podia fazer para tornar minha existência suportável. Sonhava acordada em vir para os Estados Unidos e me esconder da alcateia Câncer para sempre em uma das áreas onde não havia lobos. Agora eu sabia que era apenas uma fantasia para escapar da realidade, sem um pinga de lógica. O melhor que

podia esperar era um companheiro em outra alcateia, e eu ainda teria que ver a alcateia Câncer a maior parte do tempo. Não conseguiria escapar por completo, não de verdade.

Logo as cidades desapareceram e atravessamos para as áreas mais rochosas de Montana. O sol estava se pondo e estávamos nos aproximando. Wesley havia adormecido ao meu lado, e eu queria cutucá-lo com o cotovelo para que ele pudesse compartilhar minha antecipação enquanto passávamos por uma pequena estrada através de uma floresta densa, as árvores se fechando sobre nós. De repente, emergimos em uma enorme clareira coberta de tendas, e preendi a respiração ao ver todos os metamorfos ali.

Tínhamos chegado à Convergência.

3

Ao estacionarmos, estiquei o pescoço para ver o resto dos carros, minhas pernas doloridas por causa da viagem longa. Estava ansiosa para sair do carro e escapar do peso opressivo que o preenchia. Lá fora, havia tendas por toda parte, cobrindo cada centímetro do terreno, e eu nunca tinha visto tantas pessoas antes em um mesmo lugar fora de uma cidade. A emoção me percorreu e se misturou com a ansiedade que se acumulava há semanas. Todo meu destino dependia do que aconteceria na Convergência.

Saí do carro e me alonguei, removendo do corpo a tensão da viagem e absorvendo as vistas e os aromas da floresta de Montana ao redor do acampamento. Ela me lembrava um pouco do território canceriano, embora as árvores fossem diferentes aqui e não houvesse cheiro de água salgada no ar. Alguns lobos passaram por mim na floresta, e vi de relance a marca da alcateia Aquário antes que desaparecessem.

Deixei a mala no carro, já que estava tão pesada, e planejei voltar para buscá-la mais tarde. Segui meu pai e Jackie pelo estacionamento com Wesley ao meu lado. Nossos olhares se encontraram quando andávamos pelos carros. Ele sorriu para mim, sua empolgação transbordando. Era tão contagiante que afastou a maior parte da minha ansiedade.

— Anime-se, Ayla — disse ele. — Já estamos aqui.

Balancei a cabeça e relaxei um pouco. Se ele não estava nervoso, eu também não precisava ficar. Ele já tinha passado por isso, e me passaria qualquer informação importante. Além disso, amanhã eu finalmente teria minha loba, permitindo que eu me tornasse meu verdadeiro eu. Não havia razão para me preocupar. Não é mesmo?

— Não faça nada idiota — falou Jackie por cima do ombro. — Todos os olhos estarão nos alfas e nas suas famílias. Sobretudo em Wesley, como o herdeiro.

— É, não queremos que ninguém suspeite que não somos a família nuclear perfeita — retruquei, o sarcasmo escorrendo de cada palavra.

Meu pai se virou e levantou a mão como se estivesse prestes a me bater, mas depois se conteve. Olhou de relance para todas as pessoas próximas, antes de falar em um rosnado baixo:

— Tome cuidado, Ayla. — Ele infundiu poder nas palavras, dando-me um comando alfa que envolveu minha garganta com força, obrigando-me a obedecer. — Ou você vai se arrepender.

— Pai, pare — disse Wesley, movendo-se para ficar ao meu lado. Ele não podia desafiar nosso pai oficialmente, a não ser que quisesse lutar pelo papel de alfa. O que talvez acabaria com um deles morto. Toquei no braço de Wesley para mostrar que estava tudo bem, não podia suportar a ideia de perdê-lo. Algum dia, ele seria alfa, mas, até lá, eu poderia lidar com isso.

Continuamos andando, fingindo que nada estava errado, mas não conseguiria relaxar enquanto estivesse perto dos meus pais. Mal podia esperar para me afastar deles. Era uma das vantagens de vir para a Convergência – eu não precisava sempre ficar perto da minha alcateia. Teria uma ideia de como seria viver entre pessoas que não odiavam a minha existência. Sem dúvida, nem todas as alcateias tinham as mesmas visões tóxicas em relação aos metamorfos metade humanos. Eu sabia que não podia ser a única. Quanto mais nos misturávamos com os humanos, mais provável era que houvesse relações entre as espécies.

Quanto mais nos aproximávamos, mais organizada a confusão aleatória das tendas se tornava, e um padrão começava a surgir. Estandartes estavam presos no chão com símbolos do Zodíaco para representar as diferentes alcateias. O acampamento havia sido dividido em quadrantes representando os quatro elementos, e fomos nos juntar aos outros signos de água.

Serpenteando entre as tendas havia centenas de metamorfos tanto nas formas humanas como de lobo, todos representando cada uma das doze alcateias. Metamorfos de todas as idades se misturavam com as outras alcateias, compartilhando refeições, rindo juntos e dançando sob o sol como se estivessem em um festival de música. Eu nunca tinha sentido tanta camaradagem entre membros de alcateias diferentes, mesmo aqueles que tinham boas relações. A Convergência era um território neutro, e ninguém precisava se preocupar com possíveis esquemas ou ataques. Lutar era proibido aqui, e as Bruxas do Sol garantiam que todos seguissem as regras.

Meu pai chamou um metamorfo pisciano e perguntou onde deveríamos nos acomodar, mas eu estava muito focada em tentar assimilar tudo ao meu redor para ouvir os detalhes da conversa. O macho apontou para o lado norte da clareira, bem lá nos fundos. Meu pai assentiu e começamos a caminhar pelas tendas piscianas e escorpianas até a área canceriana.

Reconheci mais pessoas do que achei que fosse. Muitos dos diferentes alfas tinham visitado nossa casa desde que me lembro. Havia sempre assuntos para resolver, disputas de terras para lidar, alianças para negociar e recursos para distribuir. A alcateia Câncer era uma das maiores, e tínhamos alianças com as alcateias Peixes, Capricórnio e Aquário. Tínhamos uma rivalidade – ou pior – de longa data com a outra alcateia maior, a Leão, juntamente com seus aliados, as alcateias Áries, Touro e Escorpião. Os lobos do Zodíaco restantes – Gêmeos, Virgem, Libra e Sagitário – eram neutros no momento, mas as alianças mudavam o tempo todo. No final da Convergência, tudo poderia estar diferente de novo.

Passamos pelos alfas aquariano e pisciano em uma conversa séria e, antes que eu pudesse me lembrar da última vez que os vi, Mira veio correndo. Parei, deixando o resto da minha família avançar um pouco para nos dar a aparência de privacidade. Não faria muito, não com tantos metamorfos por perto. No entanto, nunca recusaria uma oportunidade de me distanciar dos meus pais.

— Ayla — disse ela, os olhos brilhando enquanto dançava ao meu redor, quase saltando da própria pele. — Acredita em quantos metamorfos vieram este ano?

— Não — respondi, sorrindo de volta para ela. Seu bom humor era contagiante e, apesar das quinze horas torturantes que acabara de passar no carro com meu pai e Jackie, eu me animei. — É incrível. Eu sabia que havia muitos metamorfos nas doze alcateias, mas ver todos juntos faz parecer que, de alguma forma, a gente poderia enfrentar o mundo inteiro.

Mira baixou a voz e me puxou para mais perto dela.

— Você viu todos os lindos aqui? — perguntou ela, olhando para um grupo de homens mais jovens da alcateia Escorpião enquanto passavam por nós, nenhum deles usando camisas. — Humm... que beleza. *Eles* com certeza andaram treinando.

Ri quando um deles olhou por cima do ombro e lançou um sorriso torto para Mira. Ela olhou para baixo, recatada, mas pude ver a alegria em seu olhar. Abri a boca para dizer que ela não estava sendo tão sorrateira quanto pensava, mas pensei melhor. Por que estragar a diversão? Quase todos aqui já tinham seus lobos e ouviriam até o sussurro mais baixo.

Como se para provar o meu ponto de vista, Wesley olhou para nós com um sorrisinho. Ele continuou adiante com meu pai e Jackie, mas nenhum

deles estava longe o suficiente para não ter escutado o comentário de Mira. Felizmente, nossos pais estavam muito envolvidos na conversa, mas não tive tanta sorte com meu irmão. Wesley revirou os olhos para mim, mas o sorriso em seu rosto mostrava sua diversão, e o rosto de Mira corou de vergonha. Olhei dela para Wesley com as sobrancelhas levantadas. Suspeitava que ela tinha uma quedinha pelo meu irmão há algum tempo, e ela tinha acabado de me confirmar isso.

Balancei a cabeça. Não era como se eu pudesse enganá-la. Wesley gostava de flertar, e todos sabiam disso. Ela teria que lidar com ele sozinha. Ele ainda não tinha encontrado sua companheira e aproveitava isso ao máximo. Queria saber se secretamente ela esperava que fossem acasalados amanhã. É claro que metade da diversão da Convergência era se perguntar quem seria seu companheiro na cerimônia de acasalamento – se você tivesse um.

— Vamos — eu disse. — Vamos montar nossas tendas.

Antes que eu pudesse me mover, alguém passou por mim me empurrando com força, quase me derrubando. Cambaleei para a frente, os instintos conseguindo impedir a queda. Quando olhei para cima, um homem grande e musculoso, de cabelo loiro, avançava com os amigos. Ele lançou um olhar por cima do ombro, e foi puro veneno.

— Olha por onde anda — disse ele. — Ou, melhor ainda, fique fora do caminho.

Recuperei meu equilíbrio, a raiva borbulhando dentro de mim com o tom odioso como um condicionamento clássico. Aguentei mais do que o suficiente dos membros da minha própria alcateia falando comigo assim por toda a minha vida. Vim aqui para mudar isso, para encontrar a conexão que me faltava, e minha primeira interação com outro membro de alcateia foi alguém que pensou que estava tudo bem me tratar como a alcateia Câncer fazia. Nem pensar.

— Você olhe por onde anda — retruquei. Ele já estava se afastando como se não esperasse que eu lhe respondesse nada, mas, com minhas palavras, fez uma pausa e se virou por completo, os olhos em chamas.

Caramba, ele era atraente. Eu me peguei dando uma olhada em seu corpo, apesar de duvidar que nos daríamos bem se ele falava com desconhecidos como tinha feito comigo. Era alto, musculoso e bronzeado, com cabelos loiros que estavam à beira de serem longos e selvagens. Sem

dúvida, ele passava muito do seu tempo dando ordens por aí em lugares abertos.

Olhou para mim de cima a baixo e depois repuxou os lábios com um grunhido.

— Você é a pária na alcateia Câncer, não é? Reconheceria os olhos de Harrison em qualquer lugar, e você tem o cabelo da sua mãe humana. — Pronunciou a palavra *humana* como se fosse um xingamento. Ah, sim, outra lembrança de casa. Seja qual for a alcateia da qual ele fazia parte, fiz uma anotação mental para nunca me associar a eles.

Levantei o queixo e o encarei.

— E você é só mais um valentão que acha que não tem problema em implicar com alguém que acredita estar abaixo de você. Não preciso do seu nome. Suas ações falam alto o suficiente.

A mão de Mira agarrou a minha e a apertou com as palavras. Foi um aviso silencioso. *Cuidado*. Eu não queria ter cuidado. Não importava quem era esse idiota, ele poderia saber minha opinião.

Um rosnado baixo percorreu o grupo de homens reunidos ao redor do cara, e a tensão se tornou palpável no ar. *E lá se vai a paz*. Consegui acabar com ela momentos depois de pisar no acampamento.

— Ei — disse Mira, dando um passo na minha frente, estendendo a mão livre em súplica. — Nada de brigas aqui, lembra? Estamos em terreno neutro.

O cara balançou a cabeça, o nojo escorrendo dele de forma quase tangível.

— Você tem sorte de estarmos na Convergência. Em qualquer outro lugar, teria dado à sua amiga metade humana a surra que ela merecia.

Algo dentro de mim morreu com as palavras. Esperava que, fora da alcateia Câncer, minha herança não fosse tão importante, mas aqui estava eu, lidando com os mesmos preconceitos que sofria no dia a dia. Nunca escaparia dessa merda, não é?

O cara me deu mais uma olhada enojada antes de se afastar. Os outros machos o seguiram, quase como se ele os comandasse. Este macho estava no topo da sua alcateia, e me irritava que idiotas como ele estivessem no poder tantas vezes. Com um suspiro, afastei o encontro da minha mente. Se eu tivesse sorte, não precisaria lidar com ele de novo.

Wesley correu até nós, a preocupação estampada no rosto. Colocou a mão no meu ombro e olhou para os metamorfos.

— O que acabou de acontecer?

— Nada — resmunguei, cutucando Mira para que avançasse. — Ele era um idiota, eu mandei o cara dar o fora. O idiota não sabia como dizer “com licença” em vez de “sai do meu caminho”.

— Não devia se meter com ele. — A mão de Wesley apertou meu ombro, passando de reconfortante para um aviso. Quando olhei para ele, seus olhos estavam sérios. — Aquele é Jordan, da alcateia Leão.

Enquanto observava o grupo em retirada, eles saíram do caminho principal onde a bandeira leonina fora plantada no chão, uma confirmação instantânea das palavras de Wesley.

— Bem, Jordan, da alcateia Leão, precisa aprender boas maneiras — resmunguei, me virando. — Não importa o quanto ele não goste de mim, ainda sou filha de um alfa. Sei que leoninos e cancerianos se odeiam, mas estamos na Convergência. Devíamos estar nos dando bem. Só um leonino para tentar trazer a rivalidade entre nossos clãs para o meio disso.

— Você não entende — disse Wesley com a testa franzida. — Aquele é Jordan *Marsten*. O próximo na sucessão para o alfa da alcateia Leão. Não se deve mexer com ele. Fique longe.

Isso explicava como ele sabia exatamente quem eu era. Afastei a mão de Wesley.

— Ficarei longe se ele me deixar em paz. Não quero ter nada a ver com os leoninos.

Quando eu era apenas um bebê, as alcateias Câncer e Leão travaram uma guerra entre si até que as outras intervieram e os forçaram a entrar em uma trégua. Não houve um vencedor, claro, e por causa disso, nunca houve nenhuma resolução concreta. A animosidade ainda pairava entre as nossas alcateias como uma nuvem escura.

Passei a minha infância ouvindo meu pai reclamar da alcateia Leão e do alfa. Pelo visto, Dixon Marsten estava o tempo todo tramando maneiras de nos enfraquecer ou, melhor ainda, assumir nossa alcateia de vez. Não sabia se era verdade ou se meu pai estava paranoico. Ambos os alfas se recusaram a esquecer o passado, sempre culpando a alcateia rival por qualquer coisa ruim que acontecesse, e isso perpetuava o antigo ódio. Meu pai estava sempre tramando, metade da sua energia dedicada a tentar lidar

com a alcateia Leão, de uma vez por todas. Quase todas as reuniões que aconteciam em casa tinham algo a ver com conquistar aliados contra a alcateia Leão ou tentar fazer com que as neutras se juntassem a nós. Havia outras rivalidades entre o resto das doze alcateias do Zodíaco, mas ninguém tinha tantas razões para se odiar quanto leoninos e cancerianos. Até os elementos eram inimigos naturais – fogo e água.

Balancei a cabeça. Eu não tinha idade para me lembrar do pior da guerra, então não entendia a dinâmica tão bem quanto outros membros da alcateia. Nunca tinha visto os leoninos realmente fazerem algo conosco em anos, mas os esquemas, a manipulação e o ódio continuaram. Talvez fosse porque eu era uma pária da alcateia, mas nunca entendi por que o passado não podia ser esquecido.

Segui Mira e Wesley até a bandeira canceriana. As pessoas estavam montando tendas em quase todos os lugares que percorríamos. A Convergência começava amanhã, durante o solstício de verão, e a maioria das pessoas já havia chegado, embora algumas fossem chegar durante a noite. Tivemos sorte de a Convergência ser até que perto do território canceriano este ano. Para ser justo, as Bruxas do Sol mudavam de local todas as vezes, fazendo um rodízio entre seis pontos diferentes para que não mostrassem favoritismo entre as alcateias. No solstício de inverno anterior, a alcateia Câncer teve que sair um dia mais cedo apenas para chegar a tempo, e dirigiram a noite inteira.

Como se pensar nas Bruxas do Sol as tivesse conjurado, observei seis mulheres em vestes fluidas caminharem. Metamorfos saíam do caminho para elas, ficando em silêncio e inclinando a cabeça com respeito. Quase pude sentir a diferença no ar enquanto elas passavam. Olhei sorrateiramente para elas enquanto passavam, embora tivesse sido melhor manter os olhos no chão.

Todas as alcateias adoravam o deus do sol Hélios e a deusa da lua Selene, e as bruxas eram evidências concretas de uma conexão com o divino. Eu nunca tinha visto uma em carne e osso, mas fui criada com histórias de seu poder surpreendente, como todos. Eram aliadas dos lobos do Zodíaco, ao contrário das Bruxas da Lua, e era aterrorizante pensar no que aconteceria se *não fossem*.

Uma das bruxas se virou para me olhar ao passar, seus olhos de uma cor tão pálida que pareciam absorver tons do próprio ar ao seu redor. Minha

respiração ficou presa na garganta, o coração batia descontrolado. Eu não conseguia desviar o olhar. Algo se contorceu dentro de mim, tentando sair em desespero. Parecia que eu tinha sido pega fazendo algo errado e meu corpo estava me obrigando a gritar para todos ouvirem.

O momento passou, seus olhos deslizando por mim quase como se eu não estivesse lá. Recuperei o controle da respiração e a sensação estranha desapareceu. Olhei para Mira, que não parecia ter sido afetada da mesma forma que eu. Talvez fosse porque eu era metade humana? Balancei a cabeça e tentei tirar a sensação estranha da minha mente. Talvez eu estivesse sendo paranoica.

Fiz uma oração silenciosa para as bruxas de qualquer maneira. Elas tinham uma conexão melhor com os deuses do que eu jamais poderia esperar ter e, assim, poderiam distorcer o destino de acordo com seus desejos. *Seja qual for o deus que me escutar, por favor, deixe eu me acasalar com alguém em uma alcateia que me trate bem. Eu só quero que minha vida melhore.* Era uma coisa simples, tão simples. Eu não poderia ter esse golpe de sorte depois de anos presa no meu próprio inferno pessoal?

E se eu não conseguisse um companheiro... Bem, pelo menos teria minha loba e seria capaz de me defender melhor. Eu me tornaria mais forte e rápida e, se ficasse presa na alcateia Câncer, poderia fugir e ser mais esperta do que todos que quisessem me machucar.

Isso teria que bastar.

Acordei com Wesley me sacudindo. Nem me lembrava de ter adormecido na noite anterior. Todos ficamos acordados até tarde montando as tendas e acomodando as pessoas, e então Mira e eu ficamos observando os outros metamorfos por horas, antes de, por fim, rastejar para nossas tendas e apagar.

— Você disse que queria ver as Bruxas do Sol abençoarem os bebês — disse Wesley quando resmunguei em protesto. — Está quase na hora.

— Não sabia que seria tão cedo — resmunguei enquanto me arrastava para fora do saco de dormir. Eu não era uma pessoa matinal, de jeito nenhum, mesmo nos melhores dias. Se dependesse de mim, ficaria acordada a noite inteira e dormiria o dia todo.

Wesley ajudou ao me informar que as barracas de comida ficavam perto de onde as Bruxas do Sol realizavam os rituais, e eu estava curiosa sobre as bênçãos, já que nunca tinha visto magia em ação antes. Encontrei Mira lá fora, que parecia quase tão sonolenta quanto eu, seus olhos escuros ainda nublados e sem o brilho habitual. Apesar do cansaço, ela já tinha um sorriso no rosto, e não pude deixar de sorrir também. Hoje era a Convergência, e tudo mudaria.

Não tinha mais como piorar, não é?

O cheiro de ovos e bacon exalava das tendas de comida, e o murmúrio da conversa nos avisou que estávamos indo na direção certa. Agarrei o braço de Mira, a empolgação tomando conta de qualquer receio, e antes que qualquer uma de nós percebesse, estávamos na fila para tomar café da manhã junto com dezenas de outros metamorfos que eu não reconhecia.

Nem prestei atenção à comida que estava pegando, muito focada na fila de pessoas que traziam seus recém-nascidos um de cada vez para o grupo silencioso de Bruxas do Sol, todas com vestes de cores quentes sob a luz do sol da manhã.

Mira e eu encontramos um ponto na grama nas proximidades ao mesmo tempo em que uma fêmea taurina dava um passo à frente. Fiz uma pausa, um pedaço de torrada erguido a meio caminho dos lábios, enquanto a Bruxa do Sol pegava o bebê nos braços, embalando-o de leve. O bebê se mexeu

por alguns instantes, inquieto, mas a Bruxa do Sol o silenciou suavemente, colocando os dois primeiros dedos na testa dele. Fechou os olhos e murmurou algo, baixinho demais para qualquer um ouvir. Houve uma ligeira mudança no ar, como algo se estabelecendo, e um brilho suave cercou os dois, como um raio de sol caindo sobre eles.

Se a Bruxa do Sol não abençoasse a criança, ela seria vítima da maldição da Bruxa da Lua e se tornaria selvagem nas luas cheias. Era importante que todos os bebês fossem abençoados, ou passariam o resto de suas vidas em agonia, enlouquecendo com as luas cheias, acordando sem se lembrar do que fizeram enquanto estavam transformados. Desta forma, quando nossos lobos fossem libertados, permaneceríamos no controle o tempo todo, sem que a Maldição da Lua nos transformasse nos monstros raivosos do mito.

Mais três bebês foram abençoados, e aquela mudança no ar acontecia toda vez. Não eram as mãos impetuosas e faíscas ardentes que eu imaginava em meus devaneios, mas essa magia sutil era quase tão inspiradora quanto o que eu pensava. Todas as vezes, a metamorfa pegava de volta seu filho, sorria para ele e saía com uma expressão sonhadora no rosto.

Mira me cutucou.

— Vamos. Já vimos o suficiente. Acho que uma delas está olhando feio para nós.

Olhei para Mira e segui o movimento de seu queixo. Era a mesma Bruxa do Sol que eu tinha notado olhando para mim ontem, seus olhos desbotados focados bem em mim. Engoli em seco, a garganta de repente ressecada, e me levantei sem demora, limpando a grama da calça jeans. O mesmo sentimento de pânico me seguiu enquanto voltávamos para as tendas de comida para jogar fora os pratos de papel.

— Quais são os seus planos para hoje? — perguntei. Esperava que quisesse ir explorar comigo, mas Mira sempre foi mais sociável e gostava de passar tempo com outros metamorfos, em vez de na floresta. Eu desconfiava de outros metamorfos, sempre preocupada que me abordassem de um jeito ruim em vez de ser amigáveis comigo – e quase sempre tinha razão. Mira era uma metamorfa de sangue puro, tinha seus poderes cancerianos e não tinha a mesma língua afiada que eu. Podia ganhar o coração de qualquer pessoa com seu sorriso gentil.

Uma opção era ficar e ouvir as negociações comerciais e assistir às alcateias discutindo sobre as coisas, mas eu não tinha interesse nisso. Mira também não. Ela nunca esteve envolvida na política das alcateias, e eu não achava que de repente se interessaria nisso. Era praticamente o que eu ouvia todo dia vivendo na casa do alfa, e parecia uma enorme dor de cabeça. Estava grata que o título de alfa nunca cairia sobre os meus ombros. Não serviria nadinha para mim, e Wesley era mais adequado para o trabalho. Ele conseguia manter a cabeça fria durante discussões, e isso era essencial para se tornar um alfa.

— Podemos explorar — eu disse, gesticulando para a floresta. Tinha pesquisado no site da Convergência semanas antes de irmos para cá, planejando trilhas na minha cabeça. Havia algumas cachoeiras que eu estava animada para visitar e queria alguém para compartilhar a vista. — A floresta é linda por aqui.

Mira franziu o nariz.

— Mas não tem oceano. Sabe que só gosto da natureza quando está perto da água. Acho que vou ficar aqui, tentar fazer amigos. — Ela se inclinou e sussurrou para mim de um jeito conspiratório: — Quem sabe, talvez eu conheça meu companheiro.

Não pude deixar de rir, mesmo revirando os olhos.

— Das centenas de pessoas aqui? Seria muita sorte.

— Bem, é a Convergência. Todos os tipos de coisas estranhas podem acontecer.

Com isso, foi embora e me deixou sozinha perto das tendas de comida. Logo joguei meu prato fora, observando os olhares estranhos de alguns dos outros metamorfos. Não queria chamar mais atenção, e sabia que, se alguém dissesse algo grosseiro para mim, haveria problemas. Eu me lembrei do aperto forte que meu pai dera no meu braço há alguns dias enquanto sibilava as palavras no meu ouvido:

Se causar algum problema na Convergência, eu mesmo a expulso da alcateia Câncer. E ele tinha o poder para fazer isso, o que era a pior parte da ameaça. Eu não sabia se ele estava falando sério ou se eram apenas palavras vazias para me manter no lugar, mas não queria descobrir.

Voltei às pressas para minha tenda, acenando com a cabeça para todos com quem fiz contato visual. A maioria deles eu não conhecia, mas o alfa virginiano me direcionou um sorriso que suavizou meu humor. Talvez nem

todos me odiassem aqui. Talvez houvesse uma chance de eu não permanecer uma pária o resto da vida.

Peguei as botas de caminhada desgastadas que Wesley me deu no meu último aniversário, o segundo melhor presente que já recebi – o primeiro era a câmera. Peguei meu celular para tirar algumas fotos também, amaldiçoando Brad e Lori baixinho outra vez, antes de sair.

Meu pai estava caminhando em direção à tenda, em uma conversa séria com o alfa pisciano, gesticulando como se estivesse tramando algo, e escapei sem demora. Voltei para os carros, verificando por cima do ombro apenas para me certificar de que ele não tinha me visto. Ele estava focado em outras coisas, mas seria bem a minha cara ele me pegar no momento errado e me forçar a ficar ao seu lado. Não queria que me perguntasse para onde eu ia porque ele diria que era importante que eu ficasse aqui, caso precisasse de mim. *Para quê, ser seu saco de pancadas pessoal?*, pensei ao balançar a cabeça e continuar andando rápido. Se dependesse dele, era provável que eu tivesse sido confinada à tenda. E ninguém notaria minha ausência. Eu sabia disso. Ele passava tanto tempo falando de Wesley que a maioria das alcateias se esquecera de que ele também tinha uma filha, e uma que era metade humana, ainda por cima. Foi uma façanha impressionante, quase me apagar por completo da mente das outras alcateias.

Encontrei a trilha sem problemas e, quando o barulho da Convergência desapareceu, meus ombros relaxaram. Aqui na natureza, eu poderia ser eu mesma sem medo de repercussões. Poderia tirar fotos e caminhar, e ninguém gritaria comigo por apenas existir.

Peguei o telefone velho e rachado de Wesley e tirei uma foto da maneira como a luz do sol se infiltrava pelas folhas. Era um dia lindo, sem uma única nuvem no céu, e queria tirar proveito disso. Não haveria ninguém aqui a não ser eu. Todos os outros estavam conversando com seus amigos de outras alcateias, e os humanos foram afastados por um feitiço que as Bruxas do Sol lançaram no território deles. Eu poderia enfim *relaxar*.

Quanto mais eu caminhava, mais em casa me sentia nesta estranha floresta. O sentimento me envolvia, reconfortante em seu abraço, e percebi que estava sorrindo ao caminhar. O som de água correndo ficou mais alto e, antes que eu percebesse, estava atravessando o riacho. Estava quase na cachoeira.

Poucos minutos depois, a cachoeira apareceu, a água caindo em uma piscina turquesa quase perfeitamente redonda. A visão me tirou o fôlego, e senti a ausência da minha câmera ainda mais do que na viagem até aqui. Nunca seria capaz de fazer jus à visão com uma câmera de celular, não importa quanto editasse a foto.

Fiquei tão surpresa com a beleza da cachoeira que não notei o homem grande e nu agachado na margem até que ele se moveu. Dei um passo para trás, surpresa ao ver outra pessoa tão longe da Convergência. A maneira graciosa como se movia gritava *metamorfo*, mas eu não consegui ver uma marca de alcateia em lugar algum de sua pele exposta, e ela estava *toda* exposta. Suas roupas estavam em uma pilha a seus pés, e seu corpo grande e musculoso estava exposto por inteiro. Estava de costas para mim, o que me dava uma visão completa de costas musculosas e um traseiro tão firme que implorava para ser estapeado. Sem mencionar braços e coxas tão grossos que envergonhavam as árvores à nossa volta.

Observei, incapaz de desviar o olhar das mãos dele passando água pelo corpo firme. Seu cabelo era escuro e a água escorria dele até os ombros largos como uma carícia. Cada centímetro dele era bronzeado e parecia que passava mais tempo longe da civilização do que nela, e estava perfeitamente em casa na floresta. Se o tivesse visto numa cidade, ele se destacaria na hora.

Percebendo que estava olhando como uma pervertida, afastei o olhar com um suspiro irregular. Tentando ficar em silêncio completo, eu me escondi atrás de uma árvore e me perguntei o que deveria fazer. Seria difícil voltar sem fazer barulho, e mesmo o menor estalido de folhas ou de um galho se partindo alertaria seus sentidos de lobo. Foi um milagre eu não ter pisado em nenhum no caminho até aqui.

Enquanto tentava me afastar, um galho se partiu sob o meu pé e minha teoria foi confirmada quando ele se virou, olhos estreitos, procurando por mim. Sem dúvida um *metamorfo*, e agora sabia que eu estava aqui. Ele ergueu a cabeça como se tentasse captar meu cheiro. Mordi o lábio, tentando pensar no meu próximo passo. De onde eu estava, parecia que estava escondida, ou até mesmo o espionando. Bufei de frustração. Não havia uma boa maneira de sair disso.

Antes que pudesse decidir, ele se transformou. Foi tão fácil, tão suave que quase perdi. Um enorme lobo negro com olhos azuis brilhantes e

inteligentes avançava bem na minha direção. Não havia como eu fugir dele a pé, não quando ele estava em sua forma de lobo. Saí de trás das árvores, levantando as mãos para mostrar que não estava carregando nenhuma arma.

Um rosnado baixo soou por cima do barulho da cachoeira, e ele se agachou, os músculos pesados se aglomerando como se estivesse se preparando para atacar.

— Droga — murmurei.

Sem a carapaça canceriana, eu não tinha a mínima chance contra os dentes de lobo dele, e como eu ainda não tinha minha loba – *péssimo momento*, Ayla –, teria que depender apenas de sua misericórdia.

— Não queria incomodá-lo. Estou apenas fazendo uma trilha...

O enorme lobo se lançou em minha direção, e soltei um grito assustado quando ele bateu em mim e me derrubou no chão da floresta. Tentei me afastar das presas e garras afiadas dele, mas então ele se transformou de volta. Agora, um corpo humano musculoso e muito nu me prendia embaixo de si. Seus joelhos prenderam minhas coxas e ele capturou meus pulsos com as mãos. Seu rosto bronzeado estava perto o suficiente para que eu pudesse ver que seus olhos eram tão azuis quanto quando ele era um lobo, e ele tinha uma barba por fazer no maxilar que só o tornava mais sexy.

Pare com isso, eu disse ao meu cérebro. *Você não deveria estar notando como ele é sexy, está a segundos de ser degolada se disser a coisa errada.*

Mas, quando nossos olhos se encontraram, algo passou entre nós, algo que fez meu coração se acelerar e minha respiração se atrapalhar. Algo que cutucou minha alma e disse: *é este aqui*. Desejo e anseio como eu nunca tinha sentido antes se acenderam dentro de mim, e me perguntei se ele também sentia isso.

— O que você está fazendo aqui? — Seus olhos caíram para os meus lábios, como se ele não conseguisse se conter, e então seu rosto se abaixou, o nariz roçando meu pescoço devagar, causando um arrepio no meu corpo. Achei que ele poderia pressionar os lábios lá em seguida, mas então ele se afastou. — Alcateia Câncer? — rosnou ele, como um insulto. — Devia estar com os outros.

— Estou caminhando, não perdida — eu disse outra vez, tentando não deixar as palavras tremerem como meu corpo estava fazendo, enquanto o pulso na minha garganta batia descontrolado. Estava muito ciente de que ele estava completamente nu, e mantive meu olhar fixo em seu rosto, sem ousar

olhar para baixo. Ele notaria, e eu não sabia se conseguiria desviar o olhar de seu corpo se parasse de encará-lo. Ele irradiava um calor que chegava até meus ossos nas partes em que nossos corpos se tocavam. Mesmo que estivesse aterrorizada, não conseguia parar a onda de calor que se acumulava entre minhas coxas pela sensação de seu corpo firme em cima do meu.

— Caminhando? — perguntou ele como se não acreditasse em mim.

— Antes do ritual desta noite, queria ficar um tempo sozinha. Isso é permitido, não é? — Eu me senti um pouco mais corajosa e minha língua afiada voltou com tudo. — Aqui é território neutro.

— É, mas sem dúvida você tem membros da alcateia que estão sentindo sua falta.

Queria revirar os olhos. *Claro*. Mira estava muito ocupada indo atrás de qualquer coisa que sorrisse para ela e Wesley devia estar recebendo os elogios do nosso pai.

— Ninguém sentiria a minha falta.

— Engraçado. — Seu tom era condescendente, assim como o leve sorriso em seu rosto enquanto me encarava. Seus olhos se demoraram pelo meu corpo e, se eu não soubesse que era impossível, pensaria que ele estava me secando. — E eu pensei que a alcateia Câncer era bastante unida.

Bufei com isso, incapaz de me conter.

— É óbvio que não sabe nada sobre mim.

O rosto do homem ficou sombrio.

— E não quero saber. Se sabe o que é bom para você, vai esquecer que me viu.

— Ou o quê? Vai me matar? Por favor, vá em frente. Gostaria de ver você explicar como matou alguém no território das Bruxas do Sol durante a Convergência. Vou rir de você do além.

Seu olhar escureceu ainda mais, os olhos azuis ficando quase pretos.

— Você tem um desejo de morte, lobinha.

De alguma forma, aquilo me irritou mais do que *vira-lata* ou *mestiça*. Ele não podia ser muito mais velho do que eu.

— Não, eu só não tenho nada a perder.

Ele repuxou os lábios em outro rosnado. Parecia pronto para dizer alguma coisa, mas sua atenção de repente foi para outro lugar, seus olhos azuis penetrantes focados no arbusto a alguns metros de distância.

Ouvi um momento depois que ele, o farfalhar de algo se movendo na vegetação, algo sem dúvida humano. No mesmo segundo, fiquei tensa. Estive em lutas suficientes para saber que a chegada de outra pessoa nem sempre era uma coisa boa. Sobretudo, assim tão longe da minha alcateia. Seria mais do que provável que fosse alguém da alcateia dele, qualquer que fosse.

— Me solta — eu disse, contorcendo-me sob seu abraço mais uma vez, tentando fazer com que a pressão pesada de seu corpo cedesse. Não tive essa sorte, e tudo o que fiz foi me esfregar em cada centímetro nu e firme dele. E, meu Deus, ele era mesmo firme. E grande também. A luxúria brilhou dentro de mim como uma fogueira que resplandece para a vida. Nunca tinha sentido nada parecido antes e isso me fez arquejar. Ele olhou para mim, os lábios se transformando num sorriso sombrio como se soubesse exatamente no que eu estava pensando, antes de se afastar de mim.

— Sai daqui, lobinha — disse ele. — E esqueça que nos viu.

Antes que eu pudesse examiná-lo mais, ele se transformou de volta em lobo e cumprimentou os outros dois machos que saíram do arbusto com um resmungo baixinho. Eu me levantei com dificuldade e voltei para a trilha. Outro rosnado baixo ressoou dos lábios do lobo, me avisando para manter distância. Os dois machos olharam dele para mim, mas não reconheci nenhum deles. Era provável que eu apenas não os tivesse visto antes, mas alguma coisa nessa situação me deixou inquieta. O que faziam tão longe da Convergência?

Agora que o corpo dele não estava em cima do meu, um pingo de razão voltou à minha cabeça idiota. Sem olhar para trás, virei e fugi, correndo de volta pelo caminho que havia percorrido até aqui, tentando colocar a maior distância possível entre nós. Foi só depois de ter diminuído para um trote lento que parei para me perguntar de que alcateia eles eram. O homem cheirava à floresta, amadeirado e inebriante, mas eu ainda não conseguia reconhecer aromas como os metamorfos adultos. Amaldiçoei a falta da minha loba pela segunda vez. Se tivesse sido capaz de me transformar, poderia ter me soltado e meus sentidos mais aguçados teriam me alertado da sua presença antes que eu me deparasse com ele.

A sensação estranha ficou comigo durante todo o caminho de volta. Havia algo de estranho naquele lobo e nos outros dois que estavam com ele.

Algo que meu instinto me disse que era um problema.

Estava quase escuro quando saí da floresta. Tive que ir mais devagar por grande parte da trilha. Depois que a adrenalina passou, eu estava cansada e ficava tropeçando. Quase torci o tornozelo algumas vezes. As bordas do acampamento estavam quase desertas, e corri por elas em direção ao rugido aborrecido de vozes. A área onde os bebês foram abençoados esta manhã havia sido ampliada, as tendas de comida, afastadas, e o lugar se aglomerava com metamorfos. As doze alcateias estavam dispostas em um círculo voltado para dentro, onde o ritual seria realizado.

Procurei minha família e encontrei Wesley sentado ao lado do nosso pai. Na minha chegada, o alfa ergueu o rosto e seus olhos brilharam, e percebi que tinha cometido um erro ao aparecer depois que todos já estavam reunidos.

— Onde você esteve? — perguntou ele.

Segurei a respiração. Ele manteria a voz baixa, não é?

— Estava andando pela floresta.

— Você não me envergonhou na frente de ninguém, envergonhou? — Ele ainda não havia baixado a voz, e as alcateias próximas estavam começando a fazer silêncio, a maioria olhando para nós. Ele costumava fazer questão de fingir compostura na frente de todos, mas percebi que isso era um exercício de humilhação. Eu não tinha seguido as ordens e ele estava me punindo por isso. Mostrando o quanto era durão como alfa.

— Não — respondi. — Não falei com ninguém. — *Ninguém, exceto um cara gostoso em quem não consigo parar de pensar.*

Meu pai ergueu as sobrancelhas.

— Então estava sendo antissocial. Você está representando nossa alcateia hoje, mesmo que não seja realmente canceriana. Você me decepiona o tempo todo, Ayla.

— E de quem é a culpa? — As palavras me escaparam quando olhei para ele, em desafio. Ele só precisava se certificar de que todos sabiam que eu era uma pária. — Se você não tivesse se metido com uma humana, talvez tivesse uma filha da qual pudesse se orgulhar.

Os olhos do meu pai brilharam e, por um momento, pensei que ele me bateria na frente de todos. Mas não. Isso seria admitir que eu o tinha atingido. Ele nunca mostraria esse tipo de fraqueza na frente de tantos metamorfos. Apenas me olhou com desprezo e deu outro comando alfa, só porque gostava de me ver me curvar à sua vontade.

— É melhor você se sentar agora antes que seja mais incômodo.

Cerrei os dentes e me sentei ao lado de Wesley. Quando olhei para ele, seus lábios estavam pressionados em uma linha firme, mas ele não se atreveu a falar contra um comando alfa, ainda mais na frente de todo mundo. Eu não conseguiria nenhuma ajuda dele. Jackie estava nos ignorando em absoluto, encarando o fogo no centro que iluminava a clareira. Provavelmente era melhor assim.

Quando a noite caiu e a lua espreitou para fora das nuvens, o silêncio se alastrou e senti todos os olhos em mim. Senti meu corpo esquentar com a vergonha, apesar de não ter feito nada de errado. Desejei poder afundar no chão e deixar de existir. Mas não, isso daria a todos muita satisfação.

Mantive o queixo erguido enquanto olhava entre as diferentes alcateias, recusando-me a deixá-las me amedrontar. Era provável que seria a única vez que veria todos reunidos assim, de qualquer maneira, e estava curiosa. Vi a alcateia Gêmeos, com os alfas gêmeos – eles sempre governavam em pares –, e a alfa virginiana, que era uma fêmea e não tinha um companheiro. Ao contrário do resto das alcateias, os virginianos eram matriarcais e as mulheres tomavam todas as decisões. Muitas vezes, em segredo, esperava ficar nessa alcateia.

Por fim, depois do que pareceram horas, as Bruxas do Sol chegaram. Caminharam pela multidão, os metamorfos saindo do caminho delas. Relaxei um pouco enquanto passavam, e o resto da atenção foi afastada de mim.

Uma mulher se destacava do conjunto que vestia roupas de cores quentes. Era a única com vestes de um vermelho-vivo e estava quase pingando com joias de ouro. Era linda, loira platinada e pálida, mas não parecia humana. Não era necessário sentidos mais aguçados para sentir o poder irradiando dela. Meus dentes zumbiram quando olhei para ela, e me vi focando nas outras mulheres ao seu redor, incapaz de continuar olhando para ela por muito tempo.

— Saudações — entoou a mulher enquanto as outras bruxas se espalhavam ao seu redor. — Para aqueles que são novos, eu sou Evanora, a alta sacerdotisa das Bruxas do Sol, e é minha honra liderar esta Convergência. Esta manhã, demos as boas-vindas aos mais novos membros das alcateias, e hoje à noite receberemos aqueles que atingiram a maioridade e desbloquearemos todo o seu potencial.

Enquanto continuava com sua voz suave e sonora, olhei ao redor. Eu já sabia o que aconteceria – estava me preparando e lendo sobre isso há anos. Todos os outros estavam extasiados com sua voz, mas minha mente estava perdida em outro lugar. Onde estava o macho que eu tinha visto na floresta? Ele não estava com nenhum dos alfas e, ao examinar os rostos, não o vi, nem os outros homens com quem ele estava. A sensação estranha no meu íntimo se intensificou. Havia algo de errado com esta noite.

— Quando você receber seu lobo, há o potencial para encontrar seu companheiro esta noite — continuou Evanora, e senti seu olhar pesado em mim. Um arrepio passou por mim quando nossos olhares se encontraram. Tudo em mim gritava para olhar para baixo, para mostrar minha submissão, mas congelei no lugar, lutando contra o desejo. Antes que eu pudesse desviar o olhar, ela seguiu, seu olhar encontrando os outros que fariam parte do ritual desta noite. Respirei fundo. Talvez ela não estivesse me discriminando, como pensei no início, apenas fazendo o que as Bruxas do Sol faziam para que sentíssemos seu poder.

Um arquejo percorreu a multidão e, por um instante, pensei que era porque estavam reagindo ao que ela dizia. Não fazia sentido, todos sabiam do ritual para encontrar o companheiro. Era o que muitos de nós mais esperávamos na Convergência, tanto quanto libertar nossos poderes na íntegra.

Então, vi o movimento. Veio de trás, e torci o pescoço para observar o que estava acontecendo. A voz suave de Evanora se interrompeu quando ela percebeu, e os sussurros aumentaram.

A linha de frente se abriu para permitir que quatro pessoas passassem. Meu queixo caiu quando reconheci o macho grande e robusto da cachoeira, além dos outros que vi logo antes de virar e fugir. Havia uma fêmea com ele também, que não reconheci.

Ele estava vestido desta vez, pelo menos em partes. Sem camisa, apenas jeans escuros rasgados, e os músculos pesados de seus ombros e seu peito

pareciam ainda mais fortes à luz do fogo do que sob a luz do sol. Agora que não estava me prendendo ao chão, vi que sua marca de alcateia estava na parte superior do peito. Todos os três lobos com ele tinham o mesmo símbolo – um U com uma cobra entrelaçado a ele. Não parecia nenhum dos doze signos do Zodíaco pelos quais estive cercada desde o nascimento, ainda assim, era uma marca de alcateia.

Os sussurros aumentaram, substituindo o silêncio atordoado. Ouvi a palavra “serpente” murmurada várias e várias vezes, e me perguntei se estavam falando da tatuagem na parte superior do braço do homem, que se entrelaçava em sua pele como se fosse um animal de verdade, não apenas tinta. Mas não, eles estavam olhando para todos os recém-chegados, não apenas ele.

Os outros três mantiveram distância das Bruxas do Sol, mas o homem, que devia ser o alfa deles, avançou em direção à Evanora. Ele se demorou, olhando ao redor das alcateias reunidas até que seu olhar parou em mim e se fixou. Fiquei sem fôlego. De todos na multidão, de alguma forma ele me encontrara. Estava me procurando? Senti um raio de medo passar por mim, e algo mais também – algo parecido com *necessidade*. Outro sussurro passou pelas fileiras de metamorfos reunidos, mas eu não conseguia me mover sob seu olhar penetrante, como se ele estivesse outra vez me segurando como fizera na floresta.

Então, tão rápido quanto me encontrara, desviou o olhar. Evanora estava irradiando ódio, e senti a tensão crescer nos metamorfos ao nosso redor, prestes a entrar em ação.

— A alcateia Ofiúco exige ser reconhecida — disse o homem, sua voz chegando a todos.

Choque se espalhou, substituindo a antecipação. A palavra Ofiúco ecoou dentro da minha cabeça, trazendo à tona memórias antigas que eu meio que havia esquecido, contos populares que ouvi quando criança e abandonei com a idade e a maturidade. Ofiúco era a 13ª alcateia perdida do Zodíaco. Eles eram lendários, conhecidos como “portadores da serpente”, e conhecidos por ser traidores cruéis que não tinham senso de obrigação ou lealdade. Viviam às margens da sociedade normal e não interagiam com ninguém se pudessem evitar.

Mas também deveriam ser mitos. Não me lembro em toda a minha vida de ninguém ter visto um membro da alcateia Ofiúco. A única vez que foram

mencionados foi quando éramos crianças. *Seja bom*, os adultos diziam, *ou a alcateia Ofiúco virá para levá-lo embora*. Eram como o bicho-papão de nossas infâncias, sempre as figuras sombrias que ficavam menos ameaçadoras à medida que eu crescia.

Agora, estavam aqui.

O medo que sentia quando criança era visceral, e voltou quando olhei para esses estranhos metamorfos, fora de qualquer alcateia que eu reconhecia. E o alfa que tinha me prendido na floresta? Era os pesadelos da minha infância ganhando vida.

— Amantes das Bruxas da Lua — murmurou alguém e me lembrei da outra parte do mito. A alcateia Ofiúco já tinha feito parte dos lobos do Zodíaco, mas começaram a se reproduzir com as Bruxas da Lua, que nos amaldiçoaram todos aqueles anos atrás. Como resultado, a alcateia Ofiúco fora banida dos lobos do Zodíaco. Ninguém tinha ouvido nada deles, desde então.

Até agora. Estavam à nossa frente em carne e osso, frente a frente com a mais poderosa Bruxa do Sol. Eu me perguntei se alguma das histórias era verdade, e se tinham mesmo a magia das Bruxas da Lua correndo por suas veias. Este alfa poderia enfrentar a alta sacerdotisa?

Evanora foi a primeira a falar no silêncio atordoado, alto o suficiente para todos ouvirem:

— Você não é bem-vindo aqui — disse e apontou para o alfa. Não parecia ter tido o efeito que ela queria, pois ele apenas aguardou, ombros relaxados, encarando-a de volta. — Se isso não fosse a Convergência, e derramamento de sangue fosse permitido, eu já teria acabado com você eu mesma.

O alfa repuxou os lábios em uma paródia de sorriso – todos os movimentos certos, mas nada do humor.

— Não estou aqui para lutar — respondeu, e sua postura passou de ameaçadora para neutra em um piscar de olhos. Eu me lembrei da maneira graciosa como se transformara e se movera na floresta. Era um alfa que tinha controle absoluto de seu corpo, que comandava cada músculo. — Mas já é hora de permitirem que nos juntemos aos lobos do Zodíaco.

— Nunca — sibilou Evanora.

— Vou discutir isso com os alfas, Bruxa do Sol — retrucou o alfa, seu rosnado ressoando no peito. — Podemos estar no seu território, mas isso é

assunto de lobo. Nem você poderia conter a força de todas as treze alcateias se decidíssemos nos transformar.

— Vocês nunca serão um de nós, cobras — gritou alguém. Reconheci a voz e encontrei o alfa leonino de pé. Dixon Marsten parecia um guerreiro viking de idade, com longos cabelos loiros e uma barba grossa, e dava para ver as pessoas se encolhendo ao som intimidante de sua voz. Ao lado dele estava seu filho, Jordan, que estava com os braços cruzados. Ele me lançou um olhar que quase queimou minha pele antes de levantar o queixo de volta para os eventos que se desenrolavam à nossa frente.

— Pela primeira vez, concordamos em alguma coisa — disse meu pai, ficando de pé também. — Saia daqui, antes que mudemos de ideia sobre a regra de não derramar sangue.

Era uma ameaça vazia, mas fez o resto das alcateias acenar com a cabeça e fazer barulho. Ouvi mais de uma vaia vinda da alcateia Câncer antes de ser ecoada por outras alcateias e transmitida.

O alfa Ofiúco encarou Dixon com tanto ódio que mais pareciam ondas emanando calor.

— Se não permitirem que nos tornemos seus aliados, então nos tornaremos seus inimigos. — Sua voz era tão profunda que era quase um rosnado. O cabelo na minha nuca se arrepiou com aquele som e a ameaça contida nele. — E vocês não me querem mesmo como seu inimigo.

Dixon conseguiu rir, jogando a cabeça para trás e deixando o som estrondoso soar livre. O riso ecoou através da clareira, mas ninguém se juntou a ele.

— O que uma pequena alcateia de párias pode fazer contra o poder das doze alcateias do Zodíaco? Você não é nada. Deixe este lugar antes que despedacemos você.

Muitos dos outros alfas assentiram, e alguns deles acrescentaram suas próprias provocações. Nunca tinha visto tantos alfas concordando em alguma coisa. Os únicos que não estavam participando eram os metamorfos sagitarianos. Ficaram em silêncio, observando sem participar, alguns deles com olhares nervosos.

Mesmo que tantos parecessem concordar, eu não conseguia me livrar da sensação de que havia mais que o alfa não estava dizendo. Senti o poder contido no aperto do alfa enquanto ele me prendia ao chão da floresta. Se metade da alcateia fosse tão forte como ele, teríamos uma bela luta.

O maxilar do alfa confirmou meus pensamentos. Ele tinha um brilho vil nos olhos que me deixava nervosa. *Devíamos ouvi-lo*, pensei. *Não precisamos de outra guerra*. Mas ninguém me ouviria, sobretudo depois da humilhação pública a que meu pai tinha me submetido. Eles zombariam de mim, assim como zombavam desse alfa obviamente poderoso.

— Vejo que escolheram ser inimigos — o alfa rosnou e sua voz sobressaiu a todo o barulho de alguma forma. — Preparem-se para a guerra.

Ele voltou a cabeça para os companheiros de alcateia e eles desapareceram na multidão. Houve mais algumas vaias lançadas para eles, e observei até que deixaram a luz do fogo e desapareceram na escuridão.

No momento em que deixaram a clareira, o clima se anuviou e as pessoas se sentaram de novo. Evanora parecia abalada, mas forçou um olhar sereno no rosto mais uma vez. Quando todos se acalmaram, quase parecia que nada tinha acontecido, como se eu tivesse imaginado os metamorfos perdidos chegando à nossa cerimônia e perturbando as coisas. Evanora pediu ordem e os lobos ao meu redor voltaram a ouvir com atenção como se tudo estivesse normal. Quando olhei em volta, ninguém parecia nervoso como eu me sentia, e tive que conter um grito. Claro que não estavam levando isso a sério. Por que levariam?

Eu era a única que parecia estar no limite, e tentei abafar a sensação de desconforto enquanto esperava para ver o que aconteceria depois.

6

Evanora levantou as mãos e todos se acalmaram, esperando para ver o que ela faria.

— Apesar da interferência infeliz, continuaremos com a cerimônia.

Uau, eles continuariam mesmo como se nada tivesse acontecido. Sem dúvida, deviam ao menos falar sobre o que aconteceu, adiar um pouco a cerimônia. Mas ninguém parecia compartilhar meus pensamentos, todos ansiosos para seguir em frente e fingir que o incidente nunca ocorrera.

— Todos os metamorfos que atingiram a maioria desde o último solstício, por favor, tirem a roupa e deem um passo à frente — continuou ela.

Minha ansiedade aumentou. Sabia que ficar nua fazia parte da cerimônia, mas isso não facilitava as coisas. Para um metamorfo, a nudez era uma parte da vida. A mudança não nos permitia ficar com as roupas, e dizia-se que, quanto mais se transformava, mais confortável era ficar nu.

Seria diferente se eu tivesse acesso aos poderes cancerianos para me proteger. Enquanto eu tirava minhas roupas com relutância e as colocava ao lado do meu assento, sentia como se cada hematoma e cicatriz estivesse brilhando, marcando-me como fraca e pária. *Não é uma de nós*, gritavam. Ninguém estava prestando atenção, mas me senti como um inseto ao microscópio mesmo assim.

Mira se aproximou para se juntar a mim, e o pânico que subia na minha garganta diminuiu. Ela estava aqui comigo e passaríamos por isso juntas. Ela sorriu para mim e me deu a força que me faltava.

Uma das bruxas, a que eu tinha visto olhando para mim hoje cedo com seus olhos estranhos, deu um passo à frente e gesticulou para que avançássemos. Ela me passou um cobertor e o peguei com gratidão, envolvendo-o em meus ombros. Fiquei feliz por nos terem oferecido esse mínimo de decência.

Outra bruxa pegou um queimador de incenso e começou a rodear os membros da alcateia reunidos. O cheiro fez cócegas no meu nariz, pesado e enjoativo. Três vezes ela nos circulou e então deu um passo para trás,

misturando-se com as outras Bruxas do Sol quando se aproximaram, ficando alinhadas ao nosso redor.

Evanora estava dentro do círculo conosco, e olhou para cada um de nós, seu olhar penetrante. Eu podia jurar que vi desprezo em seus olhos quando me encarou, mas o fogo estava lançando sombras estranhas sobre todos. Ela não me odiaria também, não é?

— Esta primeira transformação vai doer — disse Evanora, sua voz solene. — Vai ser a pior, e vocês precisarão passar por isso. Sobrevivam a ela e chegarão ao seu poder. Não nos desapontem.

Houve acenos de cabeça por toda parte, respirei fundo, me preparando. Olhei para a lua, implorando para Selene me dar a força que me faltava, e então o canto começou. As Bruxas do Sol levantaram os braços em sincronia e o feitiço pousou sobre mim, mais opressivo do que o cobertor.

Por um momento, pensei que isso seria o pior, mas então um raio de dor ofuscante me atingiu. Cambaleei e ouvi algumas respirações profundas ao meu redor. Isso ainda era suportável. Respirei fundo, como tinham me dito para fazer.

Evanora se juntou ao cântico, e então só senti dor. Nunca tinha sentido tanta agonia, em qualquer surra que levei, nem em qualquer queda que sofri. Quebrei o braço uma vez, e essa fora a pior dor que tinha sentido até agora. Isto era dez vezes pior. Minha visão ficou vermelha pela intensidade. Cada osso estava quebrando ao mesmo tempo, todas as minhas articulações saltando de suas juntas, antes de se transformarem nas de um animal. Até meu *cabelo* doía enquanto se retraía de volta para o crânio.

Como alguém consegue respirar nesse momento? Esse era o único pensamento que me passava pela cabeça enquanto lutava para não gritar. Provavelmente não conseguiria, não com as mudanças acontecendo no meu corpo. Nunca tinha ouvido um lobo gritar, mas estava prestes a testar essa teoria.

Deve ter levado apenas alguns minutos, mas, na minha mente, cada momento de agonia se estendia por uma eternidade. Desapareceu com tanta rapidez quanto tinha aparecido, então olhei para o mundo através de novos olhos. Eu estava de quatro, mais perto do chão, e tudo estava mais nítido do que há poucos momentos. Conseguia distinguir a linha distante das árvores como se estivessem iluminadas pela luz do dia, mas minha visão não era nada comparada ao olfato ou à audição. Cada sentido foi aprimorado a um

nível tão insano que vacilei. Eu podia cheirar *tudo*. O incenso parecera ruim antes, mas agora quase levou a melhor sobre mim. Espirrei. Por baixo dele, estava o cheiro do fogo, dos lobos que me rodeavam. Podia até sentir o cheiro de Mira ao meu lado. Os sons também foram aumentados e percebi que passara os últimos vinte e dois anos falando muito alto. Consequia ouvir todos na multidão conversando, os sussurros silenciosos chegando a mim como a voz de Evanora momentos antes.

Olhei para baixo, tentando conciliar tudo o que estava sentindo. Era quase demais. O que vi foi suficiente para me distrair. Minhas patas eram brancas e, com minha visão aprimorada, era quase como se estivessem brilhando. *Espera, o quê?* Eu me virei e olhei para o meu corpo. Branco. Eu era de um branco puro. *Bem, isso é uma surpresa.* Pensei que, com meu cabelo ruivo, eu seria um dos lobos castanho-avermelhados. Testei balançar a cauda, e pareceu apenas mais um membro, nem um pouco estranho.

Algo me cutucou e me virei para olhar a loba ao meu lado. Mira manteve sua coloração, um marrom-escuro reconfortante, com olhos que ainda se pareciam com os dela. Cheirava a mar, sal e areia, junto com algo único *dela*, e agora eu sabia como os lobos sentiam os cheiros um do outro com tanta facilidade.

Mira bateu a cabeça no meu lado, com força suficiente para chamar minha atenção. Abri a boca para rir, antes de me lembrar que não conseguia fazer isso como loba. Acaricieei a cabeça dela com a minha, tentando transmitir o afeto intenso que sentia por ela. Ela ficara comigo este tempo todo e, agora que as duas tinham as lobas, estaríamos prontas. Não importava o que a vida nos reservasse, seríamos melhores e mais fortes.

Mira rosnou com alegria e se jogou em mim. Deixei, deleitando-me com minha capacidade de responder com tanta facilidade aos ataques de brincadeira. Meu corpo de loba era mais forte do que meu corpo humano jamais poderia ser e, pela primeira vez, senti que poderia acompanhar os lobos de sangue puro.

Lutamos por alguns minutos antes de relaxarmos, e dediquei um tempo para olhar ao redor para os outros metamorfos. A alegria era palpável, e não pude deixar de me contagiar. Senti como se uma parte de mim estivesse adormecida por toda a vida e tivesse acabado de despertar. Claro, ouvi isso de todos que passaram pela Convergência, mas achei que estavam romantizando.

Agora sabia que não. Era a melhor sensação do mundo, o mais parecido *comigo*. Com minha metade humana, não tinha certeza de como seria quando eu me transformasse, mas não havia diferença entre mim e os outros lobos. Fiquei até tentada a uivar para a lua.

As bruxas começaram a cantar mais uma vez, e senti a mudança em meus ossos. Foi uma sensação estranha, como ser puxada por uma corda bem atrás do umbigo. Tentei a todo custo me agarrar à minha forma de lobo com um gemido suave. Queria ficar um pouco mais nesse sentimento de *pertencer*.

Não fez diferença. Não importava o quanto quisesse, não consegui manter minha forma loba quando o feitiço foi lançado pelas Bruxas do Sol. Foi tão doloroso voltar para a forma humana quanto tinha sido me transformar. Tudo queimava – meus músculos, meus ossos, minha pele. Sabia que a cada mudança ficaria mais fácil, mas quando voltei a forma humana, quase vomitei com a dor intensa que percorria cada centímetro do meu corpo.

— Sinto muito — disse Evanora. — Teríamos mais tempo para vocês explorarem seus corpos de lobo, mas a noite já avançou bem e devemos seguir para o ritual de acasalamento.

Respirei fundo algumas vezes, tentando reconciliar minha forma humana. Era esquisito, como parecia tudo estranho agora. Eu tinha passado talvez uns dez minutos no meu corpo de loba, mas agora o corpo humano não parecia realmente *meu*. Estendi a mão para o cobertor que havia caído em algum momento quando eu estava me transformando e o enrolei mais uma vez em volta dos meus ombros nus.

— Vocês podem voltar para suas alcateias e se vestirem — disse Evanora, abrindo os braços. Ela tinha um olhar sereno no rosto, e eu suspirei. Sobrevivi a metade da noite. Agora, pelo menos, sabia que podia me transformar e que a minha forma de loba era tão forte quanto a de um metamorfo de sangue puro. Não havia nada que me marcasse como metade humana quando eu era uma loba. Graças aos deuses.

Mas o nó de ansiedade no meu estômago não se soltou. O próximo ritual era o que determinaria meu destino.

Eu me vesti sem pressa, tentando recuperar o fôlego. As duas transformações forçadas tinham mesmo me esgotado e, depois da caminhada, meu corpo estava pronto para dar o dia como encerrado. Algo

parecia diferente, além da exaustão profunda. Flexionei os dedos, testando a força dentro de mim. Teria que tentar levantar algo ou correr para me certificar, mas eu estava quase certa de que estava mais forte.

Quando meu olhar percorreu meu braço, percebi outra coisa – os hematomas estavam desaparecendo rapidamente. Onde antes estavam vívidos, agora mal pareciam borões. Inclinei o braço para ver melhor na luz só para ter certeza. *Sim*. Enquanto eu observava, desapareceram por completo. As dores restantes da surra que recebi ontem de Brad e seus amigos também se foram. Eu me estiquei, deleitando-me com a forma como sentia meu corpo. *Agora* parecia que pertencia, e mesmo as palavras cruéis do meu pai não podiam me convencer do contrário. Eu era uma metamorfa e tinha minha loba como prova.

— Ayla! — Mira estava ao meu lado de novo, saltando para cima e para baixo. Também se vestira e tinha o mesmo brilho nos olhos que sua loba. — Acredita nisso? Nós nos transformamos! — Ela começou a contar em detalhes o que havia acontecido, e suspirei. Típico de Mira.

— Eu quase nem precisava estar lá — eu disse enquanto ela encerrava, terminando com a gente se transformando de volta. Certifiquei-me de manter o tom leve. Mira revirou os olhos para mim.

Wesley veio até nós, sorrindo como um louco.

— Mira está dando o replay? — perguntou ele e não deixei de notar a maneira como Mira corou. Ele me deu um sorriso simpático antes que seu rosto se suavizasse e me agarrou com um abraço apertado. — Sua loba é linda, Ayla.

— Obrigada. — Soltei uma risada aliviada quando um pouco da tensão me deixou. — Eu não esperava que fosse branco.

— Uma cor rara, mas considerada sorte pela alcateia Câncer — disse Wesley.

— Preciso de toda a sorte que puder para a próxima parte.

Olhei para meu pai e Jackie, mas os rostos deles estavam severos e nem sequer me deram um pequeno aceno de cabeça. Meu coração afundou com a falta de reconhecimento. Eu não tinha certeza do que esperava, mas eles não poderiam estar nem um pouco orgulhosos? E como é que ainda podia doer tanto quando meus pais me mostravam pela milésima vez que não se importavam comigo?

Wesley colocou a mão no meu ombro.

— Não importa o que aconteça com o ritual de acasalamento, você sempre será minha irmã, Ayla. Sempre vou amar você.

Afastei as lágrimas e dei um soco no braço dele.

— Eu também amo você. Mas não pode ficar todo sentimental comigo agora. Quer que eu chore na frente de todos?

Minhas emoções ainda estavam à flor da pele e respirei fundo algumas vezes, para evitar desmoronar na frente de todos.

Wesley parecia pronto para responder, mas, antes que pudesse, a voz de Evanora soou outra vez:

— Todos os metamorfos não acasalados, por favor, venham ao círculo para o ritual de acasalamento.

Eu me afastei do resto da alcateia Câncer, e Mira e Wesley me seguiram, junto com todos os outros metamorfos que ainda não haviam encontrado seus companheiros. A maioria era jovem como nós, mas havia alguns que eram muito mais velhos.

Agora tínhamos dobrado de número com os metamorfos não acasalados no círculo também. Uma cabeça loira chamou minha atenção e hesitei. Jordan, o filho do alfa leonino, estava entre os não acasalados. Era improvável que o destino me designasse um companheiro poderoso como aquele, sobretudo porque ele era de uma alcateia rival, mas fiz outra oração para a deusa da lua de qualquer maneira. *Ele não, qualquer um menos ele.*

Minha mente voltou para o alfa da alcateia perdida e para a maneira como meu corpo reagira a ele. *Não.* Isso era ainda mais impossível do que Jordan.

Wesley se separou de nós para se juntar aos outros machos, depois de me dar mais um aperto no ombro e um sorriso tenso. Ficamos de pé, homens e mulheres de frente um para o outro, e Mira agarrou minha mão com força, antes de soltá-la e se afastar. Queria saber se o coração dela estava tão acelerado como o meu.

Olhei para Mira e ela sorriu para mim também. Pareceu quase tão tenso quanto o de Wesley. *Dedos cruzados*, ela articulou sem som, parecendo tão inocente naquele momento que meu coração fraquejou.

Dedos cruzados, de fato. Endireitei as costas e me preparei para encontrar meu companheiro.

Evanora chamou o nome de uma metamorfa feminina, e observei com a respiração ofegante enquanto as Bruxas do Sol lançavam o feitiço de acasalamento. As outras bruxas estavam ao redor da metamorfa, entoando palavras que eu não reconhecia. Algo como uma poeira dourada parecia flutuar do céu até a metamorfa, então as Bruxas do Sol recuaram e ficaram quietas. No início, nada aconteceu, mas então a metamorfa encontrou o olhar de um macho de uma alcateia diferente. Observei quando os dois se aproximaram, seus movimentos meio enrijecidos, como se não tivessem total controle de seus corpos. Eles se encontraram no meio do caminho, olhando com atenção um para o outro, suas expressões desejosas. Ninguém se atreveu a tentar distraí-los, e eu duvidava que fossem capazes. Eles só tinham olhos um para o outro.

Dois alfas entraram no círculo para se juntar ao par. O alfa capricorniano colocou a mão no ombro da metamorfa com um aceno de cabeça, enquanto o alfa aquariano se juntou ao macho. Os dois alfas trocaram algumas palavras, num tom baixo demais para qualquer um fora do pequeno grupo de pessoas ouvir, e então ambos os alfas recuaram para permitir que Evanora amarrasse uma fita em torno das mãos dos dois metamorfos acasalados. As Bruxas do Sol ergueram os braços e começaram a cantar mais uma vez. Uma luz brilhante cercou o casal e algo no ar mudou, como uma energia fluindo ao nosso redor, mas que não podíamos ver. Arquejei quando a marca da alcateia Capricórnio no braço da metamorfa brilhou, derreteu e se transformou no símbolo de Aquário. Nunca tinha visto uma mudança daquelas, mas fazia sentido. Como seu companheiro era aquariano, agora ela também seria e ganharia todos os poderes da alcateia nova e perderia os seus. Apenas as mulheres virginianas ficavam com suas alcateias para sempre – em vez disso, seus companheiros se juntavam a elas.

Quando eu era criança, perguntei a meu pai por que os deuses faziam tantos de nós mudar de alcateias dessa maneira. Ele disse que promovia a paz entre as diferentes alcateias, já que os metamorfos teriam laços familiares tanto na nova quanto na antiga, e também impedia a

consanguinidade. Depois, me disse para não questionar os deuses e bateu na minha cabeça. Foi mais ou menos nessa época que aprendi a parar de fazer perguntas.

Os metamorfos recém-acasalados saíram do círculo para se juntar à alcateia Aquário, que se separou para deixá-los passar enquanto davam tapinhas nas costas do metamorfo ou cumprimentavam a nova integrante. Evanora os observou por alguns instantes, um sorriso mínimo no rosto, antes de chamar a próxima metamorfa.

Eu tinha a sensação de que seria a última, um pressentimento no meu íntimo que não fazia sentido lógico nenhum, mas o sentia mesmo assim. Algo desagradável tomou conta de mim enquanto observava Evanora realizar o ritual outra vez. Seria um grande azar nunca conseguir um companheiro e, assim, nunca fugir da minha vida atual ou ganhar os poderes de outra alcateia.

Os metamorfos formavam pares quando Evanora os chamava para a frente e lançava o feitiço sobre eles. Alguns até encontraram companheiros nas próprias alcateias, enquanto outros não encontraram nenhum e teriam que tentar de novo no próximo solstício. Não me sentia tão só sabendo que, mesmo que não encontrasse meu companheiro esta noite, não seria a única. Só esperava não ter que passar cada Convergência de pé no círculo, prendendo a respiração e esperando que um companheiro fosse escolhido, apenas para ficar decepcionada toda vez. Isso seria humilhante, e eu me sentiria ainda mais como uma pária.

Ao esperar, minha mente voltou para a alcateia Ofiúco. Pelo visto, todos os outros haviam tirado o encontro da mente, não se sentindo ameaçados pelo alfa misterioso ou pelos outros metamorfos, mas eu ainda não estava convencida. Havia encarado o alfa da alcateia perdida nos olhos e visto mais determinação e força do que na maioria dos outros alfas aqui juntos. Se uma única pessoa me ouvisse, diria que não estavam levando essa ameaça a sério o bastante. Mas ninguém me ouviria. Até Wesley apenas bagunçaria meu cabelo e diria que eu estava sendo paranoica.

Afastei esse pensamento com um suspiro, e minha mente voltou para a cerimônia de acasalamento, imaginando como os Ofiúcos conseguiam seus companheiros. O alfa deles já tinha uma companheira? Ou eles nem tinham companheiros, já que haviam sido expulsos dos lobos do Zodíaco?

Mira soltou um barulho que soava muito como um guincho ao meu lado e voltei para o presente, mentalmente me repreendendo. Devia me concentrar na cerimônia de acasalamento, não pensar na alcateia Ofiúco. Ou no alfa sombrio e perigoso.

Mira me direcionou seus olhos arregalados e dei o que esperava ser um sorriso reconfortante. Ela deu um passo à frente no círculo de bruxas e o feitiço foi lançado mais uma vez. Prendi a respiração quando o pó dourado pousou em seus ombros e pareceu ser absorvido dentro dela. Então Mira olhou em volta, procurando alguém. Um belo e musculoso metamorfo pisciano com cabelo loiro-claro deu um passo à frente com uma expressão sonhadora, e Mira cambaleou na direção dele, um sorriso radiante no rosto. Era bem o que ela esperava, e não pude deixar de sorrir também enquanto pegavam as mãos um do outro.

Meu pai se juntou ao alfa pisciano no centro, entregando formalmente Mira à sua nova alcateia. Embora eu fosse sentir muito a falta dela, precisava admitir que Mira tinha tido sorte. A alcateia Peixes era aliada à Câncer e estava localizada na costa do Alasca. Seu elemento ainda seria água, o que eu sabia que importava muito para ela. Era tão ligada ao oceano que viver num lugar sem litoral seria tortura.

Mira e seu novo companheiro se afastaram do centro do círculo e ela me lançou um olhar enquanto se juntava à alcateia Peixes. Eu lhe lancei um sorriso genuíno e feliz e levantei um polegar. Ela devolveu o gesto, algo suavizando no rosto como se estivesse preocupada com o que eu pensava de seu novo companheiro. Eu só queria vê-la feliz, e o pavor anterior que roía meu estômago se desvaneceu com o sucesso dela. A esperança o substituiu, deixando-me tonta com a sensação. Talvez eu também encontrasse meu par perfeito nesta noite.

Vários outros metamorfos foram acasalados antes que minha vez chegasse. Meu instinto estava certo. Fui a última metamorfa que permanecia sem companheiro.

— Ayla Beros — entoou Evanora, seu olhar penetrante vindo repousar em mim. Subi para encontrar as Bruxas do Sol e os machos não acasalados, que incluíam meu irmão. Parecia que Wesley também não seria acasalado hoje, embora ele não parecesse chateado com isso. Ele me lançou um sorriso grande e reconfortante, mas, enquanto olhava para os outros homens, não pude deixar de estremecer. Restavam apenas alguns, incluindo

Jordan, o herdeiro alfa leonino. Uma onda instantânea de náusea passou por mim quando nossos olhos se encontraram. *Qualquer um exceto ele*, rezei aos deuses. Embora neste momento até o idiota leonino seria melhor do que nenhum companheiro e ter que voltar para aquela casa com os meus pais. Ficaria satisfeita até com o metamorfo escorpiano alto e magro que parecia ainda não ter crescido por completo.

Evanora me conduziu até o centro, mas, em vez de começar o feitiço na mesma hora, algo cruel brilhou em seus olhos.

— Você tem sorte que uma mestiça como você seja capaz de se transformar, que dirá encontrar um companheiro.

Eu a encarei, chocada e desapontada por ela ser tão grosseira e odiosa, mas o que mais eu poderia esperar a essa altura? Levantei o queixo e encontrei o olhar dela.

— Acho que vamos ver o que os deuses planejaram para mim.

— Os deuses? — Ela jogou a cabeça para trás e riu. — Nem mesmo eles podem salvá-la do que está por vir.

Enquanto eu me perguntava o que diabos *aquilo* significava, ela começou a entoar o feitiço, com as outras bruxas se juntando depois de um segundo. Meu estômago se retorceu quando o pó dourado caiu sobre mim e derreteu na minha pele, a magia cutucando algo profundo no meu interior. Por um segundo, nada aconteceu, e pensei que não tinha funcionado e eu iria para casa sem um companheiro, afinal. Então minhas entranhas se contorceram e retorceram, como se algo estivesse sendo arrancado de mim, e eu estava cheia de uma *necessidade* esmagadora. Isso me atraiu para a frente, minha mente em branco, exceto pela atração irresistível em direção ao meu companheiro.

Cambaleei em direção aos machos, meus olhos fixos em Jordan. *Não*, pensei, o pânico subindo pela garganta. Eu me virei e olhei para Evanora, mas seu rosto permaneceu frio e impassível. Como isso era possível? Sabia que os deuses escolhiam os companheiros, mas por que me combinariam com um par tão incompatível? Sabiam que os leoninos e os cancerianos se odiavam. Isso era alguma punição para mim?

Finquei os calcanhares no chão, tentando evitar a atração, mas meus pés continuaram a me levar para a frente mesmo assim. Não pude resistir ao desejo de ir até meu companheiro, mesmo que minha mente gritasse que isso não era nadinha do que eu queria.

Jordan cambaleou na minha direção também, com a mesma expressão chocada e horrorizada em seu rosto que devia estar no meu. Ele desviou o olhar, olhando para o pai com uma careta como se estivesse fisicamente machucado com o que estava acontecendo. Tentou resistir à atração tanto quanto eu, mas o vínculo era muito forte. Demoramos mais tempo para chegar um ao outro do que qualquer outro par, ambos lutando a cada passo do caminho. Mesmo com a resistência, ficamos um diante do outro em questão de segundos. Apenas alguns centímetros nos separando, os dois respirando com dificuldade, os olhos presos um no outro.

Foi quando a atração mudou para desejo. Fome. *Necessidade*. De repente, precisava possuir este macho, ou cada átomo dentro do meu corpo seria despedaçado. Ele era meu e eu era dele, e nada poderia nos separar deste dia em diante.

O resto do mundo desapareceu. Tudo o que eu podia ver era como Jordan era lindo, todo musculoso e bronzeado, e eu tinha o desejo mais forte do mundo de beijá-lo. Ou prendê-lo ao chão e arrancar suas roupas com as minhas novas garras.

Não fui a única afetada. Quando Jordan me observou, vi suas pupilas dilatadas e seus olhos se fixaram na minha boca e permaneceram ali, como se ele também estivesse pensando em me beijar. À medida que cada um de nós dava um passo para mais perto, parecia que algo se encaixava, algo que estava faltando antes. *Com um leonino?* meu cérebro gritou comigo, mas deixei de lado. O ritual de acasalamento nos unira, apesar da animosidade entre nossas alcateias. Se os deuses queriam que ficássemos juntos, como poderíamos recusar?

Meu pai deu um passo à frente e, quando consegui desviar o olhar de Jordan, percebi que ele estava *sorrindo*. Já o tinha visto sorrir antes, é claro, mas seus sorrisos sempre foram direcionados para Jackie ou Wesley, nunca a mim. Mas agora ele estava me lançando aquele mesmo olhar, quase como se estivesse orgulhoso de mim.

A esperança cresceu no meu peito, uma sensação estranha e nova que quase não reconheci, e naquele momento vi um caminho diferente na minha frente. Poderia fazer a ponte entre a alcateia Câncer e a Leão, por fim acabando com o ódio de anos que nos levou a brigar inutilmente. Esse era o meu destino.

Meu pai deu um passo para ficar bem ao meu lado, enquanto Dixon, o alfa leonino, tomava seu lugar ao lado de Jordan. Dixon parecia nervoso, como se ainda esperasse que meu pai tentaria algo aqui na Convergência. Dava para saber que eu teria muito trabalho pela frente.

— Eu te dou minha filha, Ayla — disse meu pai, acenando com a cabeça para Dixon. *Minha filha*. Acho que nunca o tinha ouvido dizer aquelas palavras sem que fossem um insulto. — A alcateia Câncer a oferece a você e corta todos os laços de alcateia com ela. Agora ela é uma das suas.

Dixon não disse nada e observei um músculo se contrair em seu maxilar. Ele encarou meu pai de volta por muito tempo, antes de se virar para o filho. Evanora trouxe a fita e estendi a mão para que ela pudesse enrolá-la em nossos punhos. Jordan respirava com dificuldade, olhando para o chão e para qualquer lugar, menos para mim. Quando ergueu o olhar, foi para o pai, que balançou a cabeça com o menor movimento.

Esse foi o primeiro indício de que algo não estava certo.

Jordan afastou a mão, rompendo a fita que nos unia. Ele recuou, e meu instinto foi segui-lo, dar um passo à frente para substituir o que ele colocou entre nós, mas me segurei por pura força de vontade. Dessa vez, quando Jordan encontrou meus olhos, não havia mais luxúria neles, apenas raiva. E pior: ódio.

— Uma loba canceriana mestiça não é páreo para o filho do alfa leonino — rosnou Jordan, baixo e intenso. — Eu a rejeito como minha companheira.

Ele me empurrou para longe, com *força*. Caí de joelhos quando o vínculo entre nós foi rompido, como um pedaço de papel sendo rasgado ao meio. A dor obscureceu minha visão quando assimilei suas palavras. A agonia era de alguma forma pior do que a transformação forçada, como se alguém estivesse enfiando a mão no meu peito e arrancando meu coração. Soltei um suspiro, incapaz de gritar, incapaz de fazer qualquer coisa além de sentir a dor me atravessando. Não conseguiria me levantar, mesmo que quisesse.

Um arquejo percorreu a plateia, os metamorfos reunidos repassando as notícias. Ouvi a palavra *rejeitou* repetida algumas vezes, e isso me atingiu como um raio no peito, roubando-me todo o ar. Rejeitar um companheiro era quase inédito — era contra tudo o que nos ensinaram durante toda a vida. Era como cuspir na cara dos deuses e desafiar os planos deles para você. E,

pior, significava que ambos os metamorfos permaneceriam sem um companheiro pelo resto da vida. Sem poder se juntar à outra alcateia. Incapazes de encontrar o amor. Incapazes de ter filhos.

Esse era o destino que Jordan queria para nós.

Meu pai deu um passo à frente, encarando Jordan, de cara amarrada.

— Você *vai* aceitar Ayla como companheira — disse ele, assumindo todo seu eu alfa comandante outra vez. Quando Dixon ficou entre ele e Jordan, um rosnado baixo passou por ambos os alfas. Meu pai afastou o olhar de Dixon primeiro, voltando-se para Evanora. — Faça-o aceitá-la!

Estremeci quando captei o tom. Ninguém falava assim com as Bruxas do Sol. Mas a maior parte do meu foco estava em Jordan. Encontrei o seu olhar, tentando lhe implorar com os olhos para *me aceitar*, me receber. Seu rosto era cruel, inflexível, e ele se recusava a sequer olhar para mim. Estava decidido. Não me queria, assim como todos os outros que deveriam me amar.

— Não está mais nas minhas mãos. — Ouvi Evanora dizer, sua voz resignada.

Não. Sem dúvida isso não poderia ser o fim, poderia? Fomos *acasalados*, escolhidos pelos deuses para estarmos juntos. Eu também não o queria no início, mas isso não importava, no fim das contas. Fomos feitos um para o outro. Eu sentira isso. Ele não?

— Meu filho merece mais do que uma vira-lata metade humana — disse Dixon, seu tom tão condescendente que quase enviou outra onda de dor física pelo meu corpo. — Não a queremos na nossa alcateia.

Realmente não haveria uma mudança no meu destino. Todos sempre me odiariam pela minha herança metade humana – e eu nunca teria uma alcateia para chamar de lar.

— Seu filho é um imbecil que devia aceitar o que conseguiu — rosnou meu pai. — Ayla é melhor que *nada*, e é isso que ele vai ter se você não os deixar se acasalar.

O alfa leonino rugiu em resposta.

— Você se atreve a insultar meu filho?

— Acalmem-se — disse Evanora, seu tom de comando cortando a noite. Mas ninguém lhe ouviu.

O movimento à minha volta me fez olhar para cima. Membros da alcateia Câncer se posicionaram atrás de nós, alguns em forma humana e

outros em forma de lobo, apoiando nosso alfa. A tensão estava mudando, agitando-se e se tornando ainda mais perigosa. Vi Wesley se afastar do grupo dos machos ainda não acasalados e tomar o seu lugar ao lado do nosso pai, embora parecesse angustiado com o que estava acontecendo. Jackie também se juntou a eles, orgulhosa como a fêmea alfa da nossa alcateia. Os lobos da alcateia Leão responderam, de frente para os dois lados do círculo, enquanto rosnados ressoavam pelo ar.

Quando os dois alfas começaram a gritar, algumas das outras alcateias começaram a recuar, fugindo do conflito. Mira olhou para mim, os olhos arregalados e escuros, mas, antes que eu pudesse abrir a boca para dizer qualquer coisa, seu companheiro a arrastou para longe, suas mãos ainda amarradas juntas por uma fita. Ela me lançou um olhar impotente por cima do ombro antes de desaparecer na floresta com o resto da alcateia Peixes.

— Você me insultou pela última vez — disse Dixon. Então, jogou a cabeça para trás e soltou seu rugido de leão, o poder do Zodíaco de sua alcateia. O som era horrível, enviando verdadeiro terror pelo meu corpo, e todos ao nosso redor fugiram ou se encolheram de medo. Cobri os ouvidos e senti como se meus olhos pudessem pular para fora do meu rosto, meu corpo incapaz de se mover enquanto o rugido ecoava por mim.

Até meu pai foi forçado a ficar quieto, e isso deu a Dixon tempo suficiente para se transformar num lobo vermelho gigante e avançar. Com um grunhido, ele rasgou a garganta do meu pai com as presas. O sangue jorrou, vindo parar em mim, e soltei o grito que estava segurando por muito tempo. Aconteceu tão rápido que meu pai nem teve tempo de mudar de forma ou usar a carapaça crustácea.

Então, Dixon despedaçou meu pai na minha frente.

Tudo o que eu ouvia eram os gritos. Era a única coisa que conseguia fazer ao assistir, impotente e em horror, enquanto a alcateia Leão se reunia em volta do corpo de meu pai e o rasgava em pedaços.

Mas eu não era a única gritando. Enquanto eu recuava, tentando ficar o mais longe possível do sangue e dos tendões, Jackie correu para a frente, gritando e rosnando com a morte de seu companheiro. Mas já era tarde demais – meu pai tinha morrido, e ela foi levada em seguida. Desviei o olhar quando os leoninos a atacaram, meu terror logo se voltando para uma necessidade desesperada de escapar e sobreviver. O efeito do rugido do alfa leonino por fim estava passando, ou talvez fosse o choque da rejeição, mas eu enfim podia me mover de novo.

Enquanto lutava para me levantar, o mundo ao meu redor se transformou em caos. Todos corriam, gritavam e se transformavam. As Bruxas do Sol tinham sumido, e as alcateias Leão e Câncer estavam lutando no meio da clareira onde tínhamos acabado de realizar o ritual de acasalamento. Não conseguia entender como as coisas haviam mudado tão rápido, ou como passei de ter um companheiro para ser órfã em uma questão de segundos. Tudo o que sabia era que precisava encontrar Wesley e sair daqui.

Os membros da alcateia Áries, Escorpião e Touro se juntaram à briga, massacrando membros da alcateia Câncer ao meu redor sob o comando dos leoninos. Onde estavam nossos aliados? Tinham nos abandonado no segundo em que sentiram o cheiro de problemas, mostrando como não se importavam com lealdade ou honra. Agora, minha alcateia – não, minha antiga alcateia – estava em desvantagem numérica e sendo abatida um por um. Embora não gostasse muito de ninguém na alcateia Câncer, exceto meu irmão, isso não significava que queria vê-los *mortos*.

Gritei o nome de Wesley, tentando encontrá-lo na batalha. Não conseguia ver meu irmão entre os metamorfos cancerianos caindo por todos os lados. Evitei por pouco um lobo ariano usando seu ataque de carneiro numa metamorfa que costumava tomar conta de mim quando eu era criança. A loba canceriana caiu no chão, choramingando lamentavelmente.

Parei na frente dela, tentando ver se eu poderia ajudar de alguma forma, e seus olhos escuros se viraram para mim. Imploravam para mim, embora eu não tivesse certeza se estavam me dizendo para ajudar – ou fugir.

O metamorfo ariano voltou o olhar para mim, rosnando, e logo me afastei do caminho quando outro se juntou a ele. Eles atacaram a loba que eu tinha tentado ajudar, e tudo o que eu podia fazer era me virar e correr antes que me pegassem também. Tropecei num lobo morto, quase caindo, mas de alguma forma consegui ficar de pé enquanto as lágrimas escorriam pelo rosto. Outros lobos também estavam tentando fugir, mas os leoninos estavam derrubando todos. Não queriam que nenhum canceriano escapasse do massacre.

A alcateia Ofiúco nem precisou começar uma guerra. Tínhamos feito isso nós mesmos.

Onde estavam as Bruxas do Sol durante tudo isso? A Convergência deveria ser território neutro e a luta não era permitida, mas elas não estavam nos protegendo ou fazendo nada para tentar parar essa loucura. *Elas* tinham nos traído, tanto quanto as outras alcateias.

— Wesley! — gritei, tentando esticar o pescoço acima dos lutadores. Examinei a multidão em busca de seu rosto familiar, rezando e torcendo que de alguma forma ele tivesse escapado da violência inicial. Não o tinha visto cair, mas isso não significava nada. Tudo havia acontecido tão rápido que eu podia não ter visto.

Então eu o vi.

— Wesley! — gritei de novo, avançando em direção a ele. Não tinha ideia de como consegui passar por tantos metamorfos frenéticos sem um arranhão, mas de alguma forma cheguei ao seu lado. Ele parecia meio louco, metade do rosto manchado de sangue – o sangue do nosso pai. Suas mãos se transformaram em garras, mas, exceto por isso, ainda estava em forma humana, latindo ordens para os metamorfos cancerianos que lutavam ao seu redor.

— Ayla! — Ele soltou um suspiro aliviado, embora seu rosto permanecesse sombrio. — Você precisa sair daqui!

— Não vou deixá-lo — retruquei, extraindo o que restava da minha força. — Você é tudo o que me resta.

Enquanto eu dizia as palavras, vi um movimento pelo canto do olho, chamando minha atenção para alguns metamorfos que se aproximavam.

Lobos escorpianos, extremamente mortais com as garras e caudas venenosas da alcateia. Não teria chance alguma contra eles sem a carapaça canceriana.

Wesley me empurrou para trás de si enquanto os escorpianos se moviam para nos cercar.

— Vá! Estarei logo atrás de você!

Cambaleei para trás, depois me virei e corri, evitando por pouco o ataque cortante das garras venenosas de um escorpiano. Pensei que Wesley estava bem atrás de mim, mas, quando olhei para trás, o vi lutando contra os metamorfos, segurando-os para que eu pudesse escapar. Meu peito apertou e um grito irregular escapou de mim quando meia dúzia de metamorfos escorpianos avançaram em cima dele de uma vez, enterrando-o sob um mar de pelos e presas. Soltei outro grito desesperado enquanto ele caía sob eles, rosnando até o fim.

— Não!

Tentei me apressar para salvá-lo, mesmo que isso provavelmente também significasse minha morte.

De repente, a dor explodiu ao meu lado, e caí de joelhos, me inclinando e pousando com força na terra. Respirei fundo e ergui o olhar para encontrar Jordan parado em cima de mim, o rosto franzido numa careta. Ele me socara direto no estômago, usando sua força de metamorfo e meu próprio movimento para a frente para tornar isso ainda pior.

— Não posso matá-la — disse ele, me olhando com desprezo. — Mas vou gostar bastante de fazer você sofrer.

— O quê? — consegui ofegar, minha cabeça girando.

Ele olhou para mim com nojo e notei que suas mãos estavam ensanguentadas.

— O vínculo. Não importa o quanto eu a despreze, ainda está aqui. Companheiros não podem se matar.

— Mas você me rejeitou. — Pensei que ele tinha quebrado o vínculo entre nós, mas, quando olhei para ele, percebi que só o tinha danificado. Estar perto dele de novo fez a conexão se fortalecer, e a atração que senti por ele voltou. Tudo em mim queria me levantar e atraí-lo para perto de mim, e meus membros tremiam de verdade com o esforço de resistir à atração. Era uma tortura do cacete, e eu odiava que ainda o quisesse *tanto assim*. Ele deixara bem claro que o sentimento não era mútuo, e eu nunca

ficaria com ele depois do que os leoninos fizeram. — Você matou minha alcateia!

— Eles não são mais sua alcateia — respondeu Jordan com a voz cruel quando desferiu o golpe.

— Por quê? — perguntei, gesticulando para o caos ao nosso redor. — Por que fazer isso? Só porque sou sua companheira?

Ele ergueu o queixo.

— Já estávamos planejando derrubar a alcateia Câncer no final da Convergência. Nosso vínculo de acasalamento apenas acelerou o cronograma.

Raiva fervilhou em mim, sabendo que tudo isso havia sido planejado desde o início. Tentei me levantar, defender minha antiga alcateia, mas Jordan foi rápido e me derrubou de novo com sua enorme força.

Colocou o joelho no meu peito e me prendeu. Seu rosto estava completamente psicótico quando ele se inclinou para perto e sussurrou no meu ouvido:

— Vou fazer você sofrer por sequer pensar que poderia ser boa o bastante para mim. Por acreditar que eu aceitaria uma vira-lata metade humana como minha companheira.

Seu peso estava demais no meu peito, e as palavras me tiraram qualquer ar que permanecesse nos pulmões. Mesmo que eu o odiasse mais do que já odiara qualquer um, incluindo todos os valentões da minha alcateia, o maldito vínculo de acasalamento ainda zumbia dentro de mim ao som de *meu, meu, meu*.

Tentei empurrá-lo, mas ele se afastou em um movimento suave e me chutou nas costelas com força suficiente para que eu visse estrelas. Estava acostumada a surras como essa, mas parecia que todas as outras pessoas estavam se segurando até agora, diminuindo a força de seus socos e suavizando os golpes.

Mas não meu companheiro. Ele queria que eu sofresse.

Arquejei mais uma vez ao tentar me afastar dele. Eu mal conseguia enxergar, os olhos embaçados com as lágrimas enquanto rastejava em direção à floresta. A mata estava ao alcance e me deu a última explosão de força que meu corpo exausto precisava para continuar adiante.

— Acha mesmo que consegue escapar? — perguntou Jordan, abaixando o pé mais uma vez. Ouvi o estalo dos meus ossos, tão alto que parecia ecoar

pela clareira, e soltei um grito irregular. Parecia que meu joelho estava pegando fogo. Não sabia direito o que ele tinha feito, mas suspeitava que não aguentaria meu peso. Não por muito tempo, pelo menos.

A dor tirou da minha cabeça qualquer atração que ainda sentia por Jordan, e isso me deu a força de que precisava para chutá-lo com minha perna boa, pegando-o completamente desprevenido. Não foi forte o bastante para derrubá-lo, mas o desequilibrou o suficiente para me dar uma fração de segundo de tempo extra. Era só o que eu queria.

Com a adrenalina me impulsionando, me levantei, a dor percorrendo minha perna ferida. Ela me aguentou, por pouco, e cerrei os dentes com a agonia. Eu não deixaria esse idiota ganhar.

— Não me toque — eu disse, baixo e determinada. Jordan parecia quase surpreso com as minhas palavras, como se esperasse que eu me acovardasse diante dele. Ele era como todos os outros valentões, mas eu sempre me levantava de novo.

Com algum esforço, mudei para minha forma de lobo. Não tinha certeza de como fazer isso sozinha, mas deixei meus instintos tomarem conta, e eles me disseram que eu estaria melhor sobre quatro pernas do que duas. Quando o pelo branco me cobriu, avancei sobre Jordan, mas, em vez de ficar para lutar, como todas as células do meu corpo estavam gritando comigo para fazer, virei-me e corri. Ou melhor, saí mancando. Não conseguiria enfrentá-lo, não ferida assim, sobretudo com o vínculo tornando tudo tão difícil. O que significava que eu precisava escapar.

Corri em direção à floresta, esperando que isso me desse alguma cobertura e segurança. Já tinha caminhado ali antes, e apostava que conhecia o território melhor do que Jordan. Quatro pernas tornaram mais fácil para ignorar meu joelho machucado e, quando sucumbi aos meus instintos animais, comecei a andar em um ritmo decente. Dava para sentir o poder de cura tentando fazer minha perna sarar, mas estava tão exausta que sabia que não seria capaz de melhorar muito até depois que tivesse descansado. Eu estava esgotada.

Cheguei à cobertura da floresta, mas não fui rápida o bastante. Jordan estava logo atrás de mim, muito perto. Não estava ferido e chegaria a mim com facilidade. E meu instinto me disse que desta vez não me deixaria escapar. Eu o pegara desprevenido, e ele não cometeria o mesmo erro duas vezes.

Olhei em volta, os olhos da loba absorvendo detalhes mais nítidos do que os humanos conseguiam. A lua estava alta no céu, lançando luz suficiente para que toda a floresta estivesse quase iluminada aos meus sentidos aprimorados. Ouvi o farfalhar do vento nas árvores e o som distante da cachoeira. Precisava me esconder em algum lugar, mas *onde*?

Adentrei a floresta, com a intenção de encontrar o lugar perfeito. Meu nariz de loba farejava uma fogueira já apagada, corri nessa direção e encontrei uma caverna. Estava prestes a entrar quando percebi que Jordan seria capaz de sentir o cheiro também – além do meu também, provavelmente. Porra. Não havia onde me esconder.

Eu precisava continuar correndo.

Com o pânico correndo pelas veias, avancei mais fundo na floresta, sem pensar em nada além de escapar. Atrás de mim, os gritos, rosnados e gemidos da clareira desapareceram, e me perguntei se alguém da minha antiga alcateia ainda estava vivo.

Olhei por cima do ombro enquanto saltava em um conjunto de pedras, quase dando um passo em falso com a perna ferida. Por um momento, pensei que finalmente tinha escapado de Jordan, mas então um grande lobo vermelho explodiu do mato com um grunhido e saltou no ar atrás de mim.

Fiquei de pé num átimo, tentando fugir, mas ele era mais rápido, mais forte e tinha a vantagem. Ele me atingiu na lateral, derrubando-me das rochas e de volta ao chão da floresta. Caí de costas, o ar me deixando com um enorme arquejo. Fiquei atordoada o bastante para não me mover por alguns momentos enquanto Jordan saltava de volta para mim, suas presas afiadas estalando no meu pescoço.

Em sua forma de lobo, ele era muito maior do que eu, mas saí do caminho no último momento, desafiando aquelas mandíbulas poderosas. Ele podia ser forte, mas eu era rápida, mesmo ferida. E já tinha praticado muito para escapar de valentões antes.

Quando ele se virou contra mim outra vez, abriu o maxilar e usou seu rugido de Leão para me fazer encolher. Era como se meus membros desafiassem meu cérebro, fazendo-me agachar, minha cabeça se abaixando em submissão enquanto eu gania. Na minha mente, eu lutava o máximo que podia para ficar em pé e lutar, mas meu corpo se recusava a me ouvir.

Jordan voltou à sua forma humana, e seu corpo nu e musculoso brilhava sob o luar.

— Você nem consegue escapar na sua forma de lobo — disse ele, enquanto pairava sobre mim. — Lamentável. É por isso que não nos reproduzimos com humanos. Você é o maior fracasso da alcateia Câncer e, acredite, a lista é longa.

Meus membros voltaram a funcionar, permitindo-me ficar mais uma vez em quatro pernas e dissipar um pouco do controle dele. Estava em modo de pânico total, o coração batendo forte com a necessidade de fugir, mas ele também estava me irritando de verdade, a maneira como continuava falando tanto sobre eu ser mestiça que eu não aguentava mais. Não era culpa minha eu ter nascido metade humana. Tudo o que sempre quis foi uma vida melhor – e ele arrancara essa chance de mim.

Quando caminhei para um feixe de luar, aquela escuridão dentro de mim acordou, embrenhando-se com o ódio pelo meu companheiro e toda a alcateia Leão pelo que fizeram. Jordan caminhou na minha direção, as mãos se transformando em garras enquanto se preparava para me atacar outra vez, mas eu não o deixaria ter essa satisfação. Um raio de poder frio e sombrio explodiu pelo meu corpo, afastando a dor e a exaustão, enchendo-me até a borda antes de transbordar pela floresta.

Então o mundo *mudou*. Pisquei e estava a seis metros de Jordan, que agora estava de costas para mim. Minhas patas de um branco puro iluminadas em outro feixe de luar enquanto eu olhava em volta, imaginando como havia chegado aqui. Tinha desmaiado? Meus ferimentos eram tão graves assim?

Jordan parecia tão confuso quanto eu, virando a cabeça enquanto me procurava. Então ele me viu e seu rosto mudou, tornando-se assassino mais uma vez. Ele voltou à forma de lobo e correu em minha direção a uma velocidade que eu não podia esperar igualar.

O pânico me preencheu mais uma vez, e olhei para a lua, rezando para a deusa me ajudar. O poder explodiu de mim quando Jordan atacou, e então eu estava de pé em outro lugar, com a lua ainda brilhando sobre meu pelo branco.

Poderia ser? De alguma forma, eu saltava entre os raios de luar sem mover um músculo. Não tinha ideia de como ou por que, mas, quando olhei para a lua de novo, buscando orientação, a magia me levou outra vez, carregando-me para o fundo da floresta, para longe da Jordan. Logo eu não conseguia nem sentir o cheiro do meu companheiro, e percebi que enfim

havia despistado Jordan pela primeira vez desde que ele me atacara na clareira.

Com a mesma rapidez que havia me envolvido, o estranho poder desapareceu. A força extra que ele me proporcionou me deixou cambaleando, quase pronta para colapsar. Não me atrevi a voltar à minha forma humana.

Olhei em volta, mas não reconheci essa parte da floresta. Não fazia ideia de para onde ir, mas sabia que também não podia ficar aqui. Jordan continuaria me procurando.

Avancei mancando, ainda colocando a menor pressão que conseguia no joelho ferido. Rangia enquanto eu caminhava, barulhos terríveis que me deixavam nervosa. Estava quase pronta para entrar em colapso e desistir, bem aqui no meio da floresta com meu inimigo ainda me perseguindo, quando um leve cheiro chamou minha atenção. Mesmo que só o tivesse sentido uma vez na forma de lobo, era tão familiar para mim quanto o meu. *Mira*. Graças à deusa pelos meus novos sentidos de lobo. Nunca o teria percebido com meu nariz humano.

Mira estava com a alcateia Peixes e, embora tivessem fugido antes do massacre começar, ainda eram aliados Câncer. Se eu tivesse sorte. Ir até eles era uma alternativa melhor do que ficar aqui e rezar para que Jordan não me alcançasse. Decidida, com uma determinação sombria sendo a única coisa que me conduzia, fui em direção ao cheiro.

Corri pela floresta o mais rápido que pude sem a adrenalina me ajudando. Sabia que Jordan ainda estava perto, caçando-me e rastreando meu cheiro, mas ele não era uma ameaça tão grande quanto há poucos minutos. De alguma forma, eu me afastara dele, usando um poder que não entendia, mas ainda não estava em segurança.

O cheiro de Mira me levou a uma pequena clareira onde vários veículos estavam estacionados. Os metamorfos piscianos corriam de um lado a outro, gritando ordens concisas um para o outro e guardando as coisas nos carros, apressados.

Deviam estar bem paranoicos para estacionar tão longe. Embora, depois do que testemunhei esta noite, talvez não estivessem. Ou sabiam sobre o ataque iminente esse tempo todo? Sem dúvida desapareceram no segundo em que o conflito começou, mas tive dificuldade em acreditar que se voltariam contra a alcateia Câncer.

O ar estava carregado de tensão e jurei que podia sentir o cheiro do medo ao me aproximar. Assim que entrei na clareira, voltei à forma humana. Minha loba me dera um pouco mais de força, e minhas pernas cederam no instante em que voltei para forma humana. Estava completamente nua, minhas roupas abandonadas quando me transformei, e coberta de sangue, tanto meu quanto de outros. Minha visão escureceu e tudo o que conseguia ouvir era o sangue martelando em meus ouvidos por vários segundos enquanto eu lutava contra a dor.

Quando voltei aos meus sentidos, mantendo a consciência por um triz, Mira estava me segurando em pé.

— Ayla? — repetia ela várias vezes, como se eu tivesse desmaiado.

Tentei sorrir para ela, mas o melhor que consegui foi um movimento pouco convincente dos lábios, e então fui esmagada contra o peito de Mira em um abraço apertado. Gemi quando o movimento empurrou meu joelho machucado, olhando por cima do ombro de Mira. O novo companheiro de Mira correu e me trouxe um cobertor, que aceitei de bom grado para cobrir meu corpo nu, e vi o alfa pisciano se aproximando também. Senti uma onda

de alívio me percorrer. Estava entre aliados, eu me lembrei. Eles me ajudariam.

— O que aconteceu? — perguntou Mira, puxando-me e olhando para mim. Seus olhos estavam arregalados, o rosto pálido quando notou o ângulo estranho da minha perna. — Você está bem?

Balancei a cabeça, incapaz de encontrar as palavras para expressar como eu *não* estava bem. Agora que encontrara um lugar seguro, lágrimas encheram meus olhos ao pensar em tudo o que tinha visto. Meu pai. Minha alcateia. Meu *irmão*. Todos mortos.

— O que aconteceu depois que saímos? — perguntou Mira, mais insistente desta vez. — Vi Jordan rejeitá-la e, em seguida, os alfas começaram a discutir, mas o alfa pisciano disse que devíamos ir no caso de haver problemas. Enquanto fugíamos, ouvi gritos e temi... — As palavras dela ficaram no ar, como se não pudesse dizer o resto em voz alta.

Limpei os olhos e olhei para ela.

— Tudo o que temia é verdade. Os leoninos massacraram nossa alcateia. Incluindo toda minha família.

Mira arquejou, o rosto pálido.

— Toda? Até o Wesley?

Repeti os últimos momentos em que o vi vivo, rodeado de metamorfos escorpianos. Não havia como ele ter sobrevivido a isso.

— Morto — sussurrei, a tristeza me inundando com a memória.

O lábio de Mira tremeu.

— Meus pais?

Meu peito ficou pesado. Tinha me esquecido de que eles também estavam lá.

— Eu não os vi. Sinto muito.

Ela cobriu a boca com as mãos trêmulas enquanto as lágrimas escorreram pelo rosto.

— Não, não, não. Eles não podem estar...

Nós nos abraçamos, chorando por todos que tínhamos perdido, mas quando ela me apertou demais, gritei. Ela se afastou, enxugou os olhos e olhou para mim.

— Você está machucada.

— Jordan. Ele me atacou, mas consegui escapar. — Puxei a perna em direção ao peito, estremecendo com o estalo terrível que fez. — Estou bem

machucada, mas vou sobreviver. Só preciso me afastar dos leoninos.

— Você pode vir conosco — disse Mira. Ela olhou para o novo companheiro, que esfregou a nuca como se não tivesse certeza do que fazer nessa situação. Então ela se virou para o alfa pisciano, que estava nos observando. — Ela pode, né?

O alfa pisciano franziu o cenho e ele cruzou os braços enquanto olhava para mim.

— Eu não posso ajudá-la — disse ele. Suas palavras não penetraram meu cérebro enlutado pela dor no início, e apenas olhei para ele, incapaz de acreditar no que havia dito. — Vamos embora agora mesmo, mas você não pode vir conosco.

— Por favor — disse Mira, olhando de mim para o alfa. — Não vê que ela precisa da nossa ajuda?

Ele balançou a cabeça.

— Ela não é problema nosso. Não podemos nos dar ao luxo de entrar em guerra com os leoninos.

— Mas você era aliado dos cancerianos — cuspi. — Era amigo do meu pai!

— E, pelo que ouvi, ele e seu herdeiro estão mortos. — Seu rosto ficou sombrio. — Vou lamentar a perda deles e rezar aos deuses pelas suas almas, mas não posso arriscar a segurança da minha alcateia por você.

Foi um soco no estômago. Sem dúvida, ele não me rejeitaria. Ele sempre parecera gentil quando vinha visitar. Gentil e equilibrado, ao contrário do meu pai.

— Não — sussurrei, tão baixo que quase nem saiu. — Por favor, você não entende, não tenho mais para onde ir.

— Não é problema nosso. — As palavras foram duras, mas pude ver nos olhos do alfa que ele estava em conflito com sua escolha. Porém manteve-se forte, recusando-se a vacilar. — Provavelmente já somos os próximos alvos dos leoninos, e tê-la conosco os deixará ainda mais ansiosos para nos destruir. Não podemos sofrer perdas como a sua alcateia. A alcateia Peixes não tem nem metade do tamanho que a de Câncer tem. — Ele estremeceu e depois emendou: — Tinha.

Mira me abraçou com força e me agarrou a ela como se pudesse me manter com ela fisicamente.

— Não! Não podemos apenas deixá-la aqui.

Seu novo companheiro a agarrou e a puxou para longe.

— Vamos. Precisamos ir antes que os leoninos nos encontrem. Você não deve mais sua lealdade a ela.

Mira estendeu a mão para mim enquanto ele nos separava, soluçando. Estendi a mão para encontrá-la, lágrimas escorrendo pelo meu rosto também. Ele a empurrou para dentro de um carro antes que nossos dedos sequer se tocassem, e caí de volta ao chão, tremendo.

O alfa pisciano olhou para mim, o rosto sério.

— Sinto muito, mas tenho que colocar meu povo em primeiro lugar.

Ele se virou e entrou no jipe, e o resto dos metamorfos também entrou nos carros. E então partiram, deixando-me para trás. As únicas pessoas que podiam me ajudar, apenas fugiram como se eu não importasse nadinha. Como se todos os anos de apoio da alcateia Câncer não significassem mais nada. No segundo em que a lealdade deles foi questionada, viraram as costas e fugiram.

E me deixaram aqui. Sozinha. Nua.

Sem alcateia.

Olhei para o meu braço, para o local onde deveria ter um símbolo da alcateia Leão. Aquele local permanecia vazio, mostrando a todos os metamorfos que eu era uma pária. Já não era mais canceriana, e os leoninos também não me queriam. Ninguém me aceitaria, nem mesmo os aliados mais próximos da alcateia Câncer. Para onde eu iria?

O desespero me fez levantar. Precisava sair daqui antes que Jordan me encontrasse. No mínimo, tinha que sair desta floresta, e então pensaria no meu próximo plano. Não tinha nada comigo a não ser um cobertor e a pura determinação para não ser uma vítima. Todos os meus pertences estavam no acampamento canceriano, e de jeito nenhum voltaria para lá. Primeiro passo: encontrar roupas e sapatos.

Caminhei devagar na direção para onde os carros piscianos tinham ido, a dor me percorrendo a cada passo. Segui-los me levaria de volta à civilização, onde talvez encontrasse alguém que poderia me ajudar. Para fazer o quê, eu não sabia, mas eu precisava caminhar bastante e tinha muito tempo para pensar.

Tudo doía, e eu tinha que me mover tão devagar que sabia que levaria horas a mais do que deveria. Estava mancando, incapaz de colocar muito peso na minha perna ruim. Em algum momento, minha nova cura

metamorfa me ajudaria, mas precisava descansar para chegar a esse ponto. Isso não era uma opção. Até tentei voltar à forma de lobo, mas não funcionou – provavelmente estava exausta demais.

Cada passo me aproximava do colapso, e percebi que não comia nem bebia nada desde à tarde. Como se em protesto, meu estômago roncou. Minhas costelas latejaram ao mesmo tempo. Tinha quase certeza de que Jordan tinha fraturado algumas quando me chutara. Cada passo só trazia mais dor para aquela área.

— O que fiz na minha vida passada para irritar tanto os deuses? — resmunguei comigo mesma. — Tudo o que eu quero é alguém que *me queira* de verdade, isso é pedir muito? — Um lugar ao qual eu pudesse pertencer, com pessoas que se importassem comigo. Um lugar onde eu não viveria com medo do ódio ou da próxima surra que receberia. Um companheiro bem sexy também não me faria mal.

Na verdade, não. Tinha arranjado um companheiro sexy, mas ele acabou sendo um idiota. *Dispenso, obrigada.*

Jordan. Os sentimentos confusos que tinha por ele ressurgiram, fazendo-me me sentir enjoada. Queria rasgar a garganta dele, mas o vínculo do acasalamento também me fazia querer arrancar suas roupas e me jogar contra seu corpo nu. Seria assim pelo resto da minha vida? Ou o desejo diminuiria se eu me afastasse o suficiente dele?

Minha mente voltou para o alfa da alcateia Ofiúco mais uma vez, como costumava fazer desde que ele aparecera na minha caminhada. Ele era gostoso, bem mais gostoso que Jordan, na verdade. E perigoso também. Quem será que ganharia numa luta – ele ou Jordan? Já vira os dois nus, e ambos eram muito impressionantes...

Balancei a cabeça. Estava no meio de uma floresta abandonada, falando sozinha, comparando as qualidades físicas de dois metamorfos que esperava nunca mais ver. Esse era mesmo o meu fim. Uma risada perturbada começou na minha garganta, ameaçando escapar. Devia estar a poucas horas de ser brutalmente assassinada pela alcateia Leão, mesmo assim aqui estava eu, fantasiando com um homem que não era o meu companheiro. Nem sabia o nome dele, e era provável que nunca mais o veria. Merda, devia estar entrando em estado de choque ou algo assim. Se conseguisse escapar disso tudo com a minha sanidade intacta, seria um milagre.

Continuei mancando, tentando não desabar, e entrei em uma área com arbustos mais densos. Um galho estalou atrás de mim e congelei, os batimentos cardíacos vacilando enquanto eu olhava ao redor, de olhos arregalados. Três lobos escuros se materializaram na floresta, pelo visto, do nada. Levantei as mãos, tentando mostrar que não era uma inimiga, mas os três saltaram em mim ao mesmo tempo e me derrubaram. Eles me circularam, rosnando e abocanhando para se certificar de que eu não tentaria fugir.

Cobri a cabeça com as mãos, tensa pelos golpes. Deviam ser da alcateia Leão, ou talvez de um dos seus aliados, me caçando a mando de Jordan. Provavelmente me bateriam até que eu não pudesse me mover, e depois me entregariam a Jordan para fazer o que quisesse, como um presente bem-embrulhado. *Aqui está sua companheira, pode destruí-la.*

Mas não houve golpes. Os lobos ameaçaram e me cercaram, mas não me tocaram. Abaixei as mãos devagar, olhando de um para o outro. O que estavam fazendo?

Então o alfa da alcateia perdida surgiu, vindo da floresta em forma humana, e os outros lobos deram espaço para ele. Tinha os pés tão leves que não o ouvi chegar. Como antes, não usava camisa, só jeans. Minha respiração acelerou quando ele se aproximou, quase como se tivesse sido convocado por meus pensamentos sobre ele, enquanto os outros lobos me rodeavam para que eu não ousasse tentar escapar.

Como um anjo das trevas que saiu de uma das minhas fantasias, ficou bem na minha frente, com os olhos frios e ilegíveis.

— Você vem com a gente.

Antes que eu pudesse abrir a boca, um dos lobos afundou as presas no meu braço. Comecei a gritar, mas então a exaustão invadiu meu corpo, tão rápido que era impossível lutar. Resisti para não desmaiar, mas não havia como evitar o sono profundo.

Pude apenas encarar o alfa sombrio com rebeldia enquanto meu corpo cedia e tudo ficava preto.

Voltei devagar, minha mente tão confusa que não me ocorreu que eu estava mesmo acordando até que abri os olhos. Levantei a cabeça e olhei para o meu corpo. Estava deitada em algum tipo de cama de armar, coberta com lençóis finos, e não sentia nada de dor. Tentei respirar fundo. Nada, nem mesmo uma pontada.

Levantei o joelho, dobrando-o e endireitando-o. Os estalados desapareceram, assim como a dor. Quanto tempo fiquei apagada para o meu corpo se curar? Sem dúvida, feridas daquela gravidade teriam levado dias. Talvez eu estivesse com a alcateia Virgem? Eles tinham habilidades de cura e não eram aliados da alcateia Leão.

Joguei os lençóis para o lado, notando as roupas muito grandes que haviam sido colocadas em mim. Melhor do que estar nua, pelo menos. Mas não tinham me dado sapatos. Olhei ao meu redor e notei pela primeira vez que não estava em um quarto ou uma enfermaria. Barras de ferro formavam uma gaiola ao meu redor, fincadas no chão e indo até o teto. Havia um pequeno vaso sanitário na cela, além da cama de armar, e nada mais. Por um momento, tudo o que senti foi confusão. Afinal, a alcateia Leão tinha me capturado? Por que me curaram se planejavam me torturar?

Então meus últimos momentos de consciência voltaram para mim. Olhos frios e ilegíveis me encarando. Verifiquei meu braço, esperando ver uma mordida, mas isso também havia sarado.

Merda. Tinha sido capturada pela alcateia Ofiúco. O bicho-papão dos metamorfos, nossos piores pesadelos quando crianças, mas agora de volta para se vingar. Não pude deixar de imaginar toda a tortura a que iam me submeter, isso se tivesse sorte. Poderia ser pior do que tortura. O que a alcateia Leão poderia fazer comigo de repente pareceu pouco em comparação com o que eu suspeitava que estava à minha frente. Passei de um tormento para outro. Talvez estivesse melhor sozinha na floresta.

— Você gosta mesmo de falar sozinha — disse uma voz masculina, profunda e grave.

Pulei, percebendo que tinha dito tudo isso em voz alta... e que não estava sozinha. Com a respiração ofegante, eu me virei para a voz.

O alfa da alcateia perdida saiu das sombras, os braços cruzados no peito. Seu rosto bonito era severo, e ele estava de camisa pelo menos uma vez na vida. *Que pena*, meu cérebro sussurrou. Empurrei esse pensamento para bem longe. Agora não era o momento, e sem dúvida não era o lugar, para pensar em quanto da pele dele eu gostaria de ver à mostra.

— Não esperava ninguém me espionando no escuro que nem um pervertido — deixei escapar antes de fechar a boca. *Cala a boca*, disse a mim mesma com firmeza. Mira sempre me dissera que minha língua afiada seria a causa da minha morte, e eu realmente não queria que isso acontecesse aqui e agora.

— Você também estava falando sozinha quando a encontramos — rosnou ele, descruzando os braços. — Qual é seu nome, lobinha?

Ergui o queixo. Dois poderiam jogar este jogo e, se ele planejava me torturar até a morte, pelo menos queria saber seu nome primeiro.

— Qual é o seu?

Ele me observou com atenção, as sobrancelhas escuras se franzindo.

— Me explica como escapou depois que a alcateia Leão atacou. Você não tem nenhuma das habilidades da alcateia Câncer e, ainda assim, é uma das únicas sobreviventes. Talvez a única. Como?

Abri a boca para responder, mas parei. Não ia começar a responder às perguntas dele sem ter algumas das minhas respondidas antes.

— Por que você me sequestrou? — perguntei. — Planeja algum esquema complexo de tortura?

Ele colocou as mãos grandes nas barras da minha cela, os dedos as envolvendo. Os músculos dos antebraços se contraíram enquanto ele apertava com força, exibindo a tatuagem de cobra.

— Acho que você não entendeu como os interrogatórios acontecem, lobinha. Ou te bateram na cabeça muitas vezes, ou você sempre foi burra.

— Ele se endireitou, o rosto ainda severo e sem emoção. — Você vai responder às minhas perguntas se quiser permanecer viva.

— Você vai me soltar se eu responder tudo? — questionei. — Ou está planejando me manter aqui para sempre, vindo me interrogar sempre que precisar de informações das doze alcateias? Não sou um computador, e sem dúvida não tenho por que responder a você.

— Você não consegue parar de falar, né? — A ameaça estava clara em sua voz, e fiquei tensa, esperando que entrasse e me machucasse. Em vez

disso, rosnou e jogou algo na cela.

Eu me encolhi quando o objeto atingiu o chão, pronta para qualquer ameaça que pudesse representar, mas então ele quicou. Era uma garrafa de água, a última coisa que pensei que ele me jogaria.

— Talvez algum tempo sozinha com seus pensamentos afrouxe sua língua — disse ele. Quase ri em voz alta. Não afrouxaria. — A garrafa de água por si só é provavelmente suficiente para que você responda a qualquer coisa. Talvez, se você for boazinha, eu também traga comida.

Meu estômago roncou outra vez. Há quanto tempo não comia? De repente, responder a algumas perguntas me pareceu uma boa ideia. Que mal faria se ele soubesse meu nome? Ele já sabia que vim da alcateia Câncer, e não era como se houvesse muitos sobrando. Seria capaz de descobrir meu nome por conta própria se tentasse — afinal, não havia muitos vira-latas metade humanos. Ainda assim, hesitei, todas as coisas que me disseram quando criança da alcateia Ofiúco ecoando em meu cérebro.

Estava à beira de lhe dizer o meu nome quando o alfa se virou, bufando. Então o desgraçado apagou as luzes e trancou a porta, deixando-me na escuridão quase completa.

Saí da cama e caí no chão em frente à garrafa de água. A tampa estalou quando rompi o lacre, e soltei um suspiro aliviado. Não excluiria a hipótese de eles tentarem colocar algo na minha bebida para me drogar até que começasse a delirar. Essa seria uma maneira infalível de garantir que conseguiriam respostas de mim. Tomei um longo gole. Não sabia há quanto tempo não bebia água, mas estava com *sede*. Nunca pensei ter provado água melhor.

Parei, embora pudesse ter bebido a garrafa inteira. Precisava racioná-la. Quem sabe quanto tempo levaria até que me dessem mais alguma coisa? Na verdade, era provável que me privassem de mais água como forma de me fazer falar. O que queriam de mim? Será que algum dia me deixariam sair daqui?

Espera. O poder que usei para fugir de Jordan. Talvez pudesse usar isso para escapar.

Havia um pequeno feixe de luar vindo da pequena janela de um lado da minha cela. A janela era mais alta do que minha cabeça, e seu tamanho permitia apenas que um pouco de luz entrasse e nada mais, então não havia chance de escapar por ali. Fui até lá, me esforçando para ficar na ponta dos

pés e ver o lado de fora enquanto tentava usar qualquer poder estranho que tivesse sido.

Prendi a respiração e tentei acessar a escuridão, o luar ou o que quer que fosse que havia usado para me teletransportar antes. Nada aconteceu. Fechei os olhos com mais força e rezei para que, quando os abrisse, estivesse longe da cela e do lado de fora em outro feixe de luar.

Sem sorte. Meus ombros caíram e voltei para a cama de armar. Talvez esse tanto de luz do luar não fosse o bastante, ou talvez eu estivesse fazendo errado. Chutei as pernas da cama por um tempo, tentando pensar em outro plano. As barras de ferro ao meu redor foram fincadas no chão de cimento e chumbadas no teto. Não havia como eu me livrar de uma, nem mesmo com a ajuda da minha força recém-descoberta. Esta cela tinha sido feita para segurar um metamorfo. Não havia como escapar.

Estava presa na pior situação em que já estive e não havia nada que pudesse fazer para escapar. A única coisa que me restava era ficar sentada aqui e esperar o alfa da alcateia perdida voltar e me interrogar um pouco mais. Ou talvez tivessem outra utilidade para mim. Seja lá o que fosse, cheirava a coisas horríveis, e eu não queria ficar por perto tempo suficiente para descobrir mais.

* * *

Para minha surpresa, consegui adormecer, mesmo sabendo que estava cercada por metamorfos tão perigosos. Desta vez, acordei de supetão com a bexiga gritando comigo. Corri para o vaso e fiz xixi, e só quando terminei é que pensei em me certificar de que estava sozinha.

Sozinha, exceto por um saco de comida. Não sabia como poderia ter conseguido dormir com alguém entrando e passando o saco pelas barras, mas aqui estava ele. Por outro lado, tive as piores últimas vinte e quatro horas. Ou mais tempo? Quarenta e oito horas? Não havia como saber.

Fui até o saco com cautela. Era liso, sem indicação de onde tinha vindo, mas o cheiro que exalava fazia minha boca salivar. Abri e pressionei a comida embrulhada em papel no nariz, sentindo o cheiro. Não me importava que estivesse fria, cheirava muito bem. Rasguei o papel e encontrei um sanduíche de café da manhã, com salsicha, ovos e queijo. Havia bolinhos fritos de batata no saco também.

Meu estômago resmungou, eu gemi e ataquei. Nem sequer me ocorreu que eu não tinha como saber se tinham adulterado a comida até ter ingerido

metade. Parei no meio da mastigação e cheirei a comida de novo. Nada que sugerisse algo incomum, mesmo com meus novos sentidos aprimorados. Além disso, se me quisessem morta, já teriam me matado.

Terminei de comer e encontrei uma garrafa de água ao lado do saco. Soltei uma risada, incapaz de me conter. Aqui estava eu, sendo mantida em cativeiro pelos piores dos piores, e eles não tinham feito nada mais ameaçador do que enviar o alfa para rosnar para mim e me fazer algumas perguntas. Merda, tinham me alimentado e ainda não me bateram. Isso já estava dois degraus acima da minha vida na alcateia Câncer.

Engraçado como as coisas só precisam de um pouco de perspectiva.

A porta se abriu e a luz do dia entrou. Pela pequena janela, eu podia dizer que já era dia, mas agora percebi que tinha dormido a noite toda e provavelmente por um bom pedaço da manhã.

O alfa da alcateia perdida entrou no pequeno cômodo e fechou a porta. Não pude deixar de notar a maneira como ele se movia tanto com graça como poder, de alguma forma conseguindo comandar o espaço sem sequer dizer uma palavra. Seu corpo impressionante também parecia preencher o espaço, mesmo enquanto usava roupas que escondiam todos os músculos que eu tinha visto na floresta.

Ele me observou por alguns instantes.

— Você está bem melhor do que quando a encontramos.

— Bem, eu estava quase à beira da morte — respondi. — Você não pode esperar que alguém pareça bem depois de fugir de um massacre.

Ele caminhou o resto do caminho sem falar mais nada e puxou uma cadeira do canto. O alfa se sentou do lado de fora da porta da cela, a cadeira ao contrário.

— Vou começar — disse ele depois de colocar as pernas sobre a cadeira e apoiar os antebraços na barra de metal na parte superior do encosto. — Meu nome é Kaden Shaw, e sou o alfa da alcateia Ofiúco. — Sua voz era baixa e sexy, e percebi que estava me inclinando para a frente com as palavras. — Preciso que me diga o que aconteceu na Convergência. Como você escapou?

Inclinei a cabeça para ele.

— Por que quer uma roda de sentimentos compartilhados, de repente?

— Espero que, se eu compartilhar informações, você seja inteligente o bastante para retribuir o favor — respondeu Kaden. — Não posso deixá-la

sair até saber que posso confiar em você.

— Então você planeja *mesmo* me deixar sair? — perguntei, esperançosa.

— Se você provar ser confiável. Veremos.

Suspirei. Acho que não tinha mais ninguém que me mostrasse esse nível de bondade.

— E você promete não me torturar?

Kaden inclinou a cabeça para o lado, imitando meu movimento.

— Pareço estar prestes a torturá-la?

Não. Não, ele estava recostado preguiçosamente na cadeira, as pernas bem abertas, as mãos jogadas ao acaso sobre o encosto. Parecia o mais longe possível de torturar alguém. E sexy pra caralho. Não conseguia tirar os olhos das pernas compridas ou dos braços musculosos dele.

— Como você sabe o que aconteceu na Convergência? — perguntei. — Pensei que tinham ido embora.

— Estávamos observando da floresta e vimos tudo. Incluindo o fato de que você agora está acasalada com o próximo alfa da alcateia Leão.

Foi um tapa na cara. Quase tinha conseguido me esquecer. Recuei, respirando fundo.

— Meu companheiro me rejeitou. — Não havia como eu manter a emoção fora das palavras. — E, já que ele ajudou a matar toda minha família e alcateia, eu também não o quero.

Isso não era bem verdade. O vínculo de acasalamento ainda não havia desaparecido por completo, e sentia a atração em direção a ele, embora não fosse tão forte agora. Tentei afastar a sensação de desejo. Jordan não me queria, e eu também não o queria. Só que, sempre que pensava em Jordan, ficava confusa com as emoções misturadas. Meus instintos básicos me levavam a querê-lo, mas eu não conseguia concordar com nenhuma das coisas que ele tinha feito comigo ou com minha família.

— Como você escapou? — perguntou Kaden.

— Não sei — respondi.

Em um movimento suave, Kaden se levantou, chutando a cadeira com uma explosão de força.

— Disse para não mentir para mim — rosnou e a tensão no ar se intensificou. — Eu poderia matá-la com a mesma facilidade que libertá-la.

Ah. Aqui estavam as ameaças familiares. Ele não era diferente de ninguém na alcateia Câncer, no fim das contas.

— Vou te contar, mas primeiro quero minhas respostas.

Ele cruzou os braços e ergueu as sobrancelhas.

— Respostas sobre o quê?

— Onde estamos? O que aconteceu com meus ferimentos? Como você me nocauteou? E quem me vestiu?

Ele deu um sorrisinho.

— Não posso responder à maioria dessas perguntas. Ainda não. Mas vou dizer... fui eu quem te vestiu.

Meus olhos se arregalaram e minhas bochechas ficaram quentes imaginando aquelas mãos grandes por todo meu corpo nu. Puxei a camisa enorme.

— Você podia ter comprado umas roupas que coubessem em mim.

Ele gesticulou para mim, estreitando os olhos.

— Sua vez. Diga como escapou antes que minha paciência acabe.

— Eu realmente não sei — respondi, estendendo as mãos. — Pisei no luar e, de repente, estava a alguns metros de distância. Aconteceu mais algumas vezes antes de eu perceber que estava me *movendo* de um feixe do luar para outro. Não faço ideia de como fiz isso, e quando tentei usar esse poder de novo, não consegui.

Kaden voltou a se sentar na cadeira, parecendo quase intrigado. Ficou quieto por mais alguns segundos, pensei que estaria interessado em me perguntar mais sobre isso, mas então seus olhos se moveram por meu corpo, de cima a baixo, como se estivesse me avaliando.

— Você não tem uma marca de alcateia. Também não vi uma quando nos conhecemos. Por quê?

Abaixei a cabeça. *As perguntas divertidas agora, pelo visto.*

— Sempre fui uma pária na minha alcateia porque sou metade humana. Nunca tive a marca da alcateia.

— Você não é a filha do alfa? — perguntou Kaden.

Olhei para ele e lhe lancei um sorriso irônico que não continha humor algum.

— Seria de esperar que isso ajudaria, mas só piorou as coisas. Sou o resultado do caso dele com uma humana. Ela me abandonou com a alcateia, e nem meu pai pôde me recusar. Ele me criou, mas não como se fosse dele.

O pior tratamento veio dele e da minha madrasta. — Respirei fundo, pensando em Wesley de novo. — O único que me mostrou algum amor foi meu irmão, Wesley. E agora estão todos mortos, e isso não importa.

Afastei as lágrimas ao pensar no meu irmão, virando o rosto para longe de Kaden. Não queria que ele me visse assim. Qualquer fraqueza, não importa o quanto fosse justificada, poderia ser usada contra mim no futuro. Respirei fundo, trêmula, e continuei:

— Esperava que, quando fizesse 22 anos e viesse para a Convergência, eu conseguisse um companheiro em uma alcateia diferente. Alguém que me tratasse melhor. — Soltei uma risada amarga. — Você viu como isso deu certo.

Kaden ficou quieto por mais um tempo, a tensão ainda espessa no ar.

— Você sente alguma ligação com a alcateia Leão ou com seu companheiro? — perguntou, em vez das milhões de outras coisas que poderia ter dito. — Você quer voltar para eles?

Virei a cabeça para encará-lo.

— De jeito nenhum. Quero que todos morram pelo que me custaram. — Mas hesitei. Podia mentir, mas qual era o sentido? — Mas, sim, ainda sinto o vínculo com Jordan, embora desejasse não o sentir.

Kaden sorriu, mas não foi um sorriso agradável.

— Tenho uma notícia boa e uma ruim para te dar. Qual você quer ouvir primeiro?

— Não me importo — respondi. — É tudo novidade.

— Boas notícias primeiro, então. Você se tornou útil para mim, por isso não vou matá-la. Por enquanto.

A ameaça implícita podia ter me intimidado um dia atrás. Agora, apenas olhei para ele sem expressão.

— E a má notícia?

— Você vai usar o vínculo com seu companheiro leonino para montar uma armadilha para a alcateia Leão. Vai ser nossa isca.

Ri, o som se arrastando para fora de mim.

— Pode desistir desse plano. Não vou ser a isca de ninguém.

O lábio de Kaden se curvou em um rosnado. Ele se mexeu tão rápido que não o vi deixar o assento. A cadeira caiu no chão atrás dele, e eu pulei, apesar da minha bravata.

— Você está viva porque eu permito. Você seguirá minhas ordens se quiser permanecer assim. — Suas mãos se apertaram em torno das barras, os músculos fortes dos antebraços se flexionando. A voz de Kaden soou tão grave que era praticamente um rosnado. — E, se você me desrespeitar outra vez, vou arrancar sua garganta com meus dentes.

A ameaça era muito, muito real. Eu tinha acabado de testemunhar um alfa fazer isso com meu pai, apenas horas atrás. Algo frio percorreu minhas veias. Não importava como me tratassem bem, ainda não eram meus amigos. Mantive o rosto sem expressão, não permitindo que visse meu medo. Ele provavelmente podia sentir o cheiro, mas levantei o queixo mesmo assim e encontrei seus olhos.

Kaden se afastou das grades e caminhou até a porta.

— Pensei que gostaria de se vingar da alcateia Leão pelo que te fizeram. — Parou e me olhou por cima do ombro. — Eu posso te dar isso. Ninguém mais terá coragem de enfrentá-los. Pense nisso. É a única oferta que vai receber de mim.

Com isso, ele se virou e me deixou com nada além dos meus pensamentos e meia garrafa de água para me fazer companhia, enquanto suas palavras de despedida ecoavam na minha mente.

Outro dia se passou, com as refeições sendo deixadas discretamente dentro da cela como se por um visitante invisível. Mas, na manhã seguinte, enquanto me levantava, notei outra coisa. Quem quer que tivesse deixado a comida também me trouxera uma muda de roupa. Estendi a mão e depois olhei em volta. Não conseguia me livrar da sensação de estar sendo observada, como se o olhar pesado de Kaden estivesse o tempo todo em mim. Era uma ideia ridícula, e metamorfos aceitavam a nudez como um modo de vida, mas eu ainda estava hesitante em me despir no meio da cela.

Pare de ser patética, disse a mim mesma, depois arranquei as roupas enormes. Se ele estivesse vendo, não seria nada que já não tivesse visto. E talvez, apenas talvez, uma pequena parte de mim que eu não queria reconhecer, na verdade, gostasse da ideia de ele me observar.

Recebi uma camiseta azul-claro com um personagem de anime e calça de moletom preta, e dessa vez eram do meu tamanho. Uma oferta de paz de Kaden, talvez?

Estava agradecida pelas roupas, mas o que precisava mesmo era de um banho. Eu *fedia*, e, quando levantei a mão para passar pelo cabelo, fiz uma careta. Ainda havia sangue nela. Poderia ser meu, ou do meu pai, ou de outra pessoa. Não sabia, e também não me importava.

Eu me sentei na cama de armar e devorei a comida – desta vez, um hambúrguer e batatas fritas, além de uma maçã. Assim que terminei, não havia mais nada a fazer além de pensar e andar de um lado para o outro, e eu não estava prestes a dar ao Kaden invisível que me vigiava a satisfação de mostrar meu nervosismo. Entendia como as pessoas ficavam loucas por longos períodos de captura. Estava quase nesse estado e estava aqui há apenas alguns dias, se as pausas para comida pudessem me servir de algum tipo de guia.

Parei de pensar nisso. Não valia a pena insistir nessa linha de pensamento ou eu ficaria em um péssimo estado. Precisava manter o foco e, felizmente, Kaden me dera algo em que pensar.

A ideia de me vingar da alcateia Leão me intrigava. Pensar em acabar com o rosnado presunçoso no rosto de Jordan passou pela minha mente

várias vezes antes de eu voltar à realidade. Eles mereciam pagar pelo que tinham feito à minha alcateia e família. Fiquei com um nó na garganta com a memória de Wesley sendo derrubado. Pela morte dele, eu queimaria toda a alcateia Leão até sobraarem apenas cinzas.

A parte desagradável era ser a isca. Não queria isso, assim como não queria voltar para a alcateia Câncer, o que quer que restasse dela, quer dizer. Mas que outra opção eu tinha? A alcateia Ofiúco era aterrorizante e, pelo que vi de Kaden, ele era perigoso e imprevisível. Mas talvez fosse justo do que eu precisava agora.

Não tinha alcateia para chamar de minha, não mais. Ninguém me acolheria e me abrigaria. Não havia outro lugar para onde pudesse ir. A alcateia Ofiúco poderia ser a única que talvez conseguisse me manter a salvo dos leoninos e, se estavam me oferecendo vingança das pessoas que mataram meu irmão e roubaram meu futuro, eu aceitaria.

Mas por que Kaden queria acabar com os leoninos? A alcateia Ofiúco havia chegado à Convergência e pedido para fazer parte dos lobos do Zodíaco outra vez, mas fora recusada. O alfa leonino tinha sido um idiota naquela hora, mas muitos outros alfas também foram. Havia outra razão pela qual Kaden queria vingança contra os leoninos?

Antes que pudesse pensar mais no assunto, a porta se abriu de novo. Desta vez, Kaden não estava sozinho. Dois metamorfos grandes e musculosos apareceram de ambos os seus lados, olhando para mim sem expressão. Olhei para os três, meu coração disparando. *Merda, merda, merda*, pensei, mas mantive a voz calma:

— É agora que a tortura começa? — perguntei. — Não decidi rápido o bastante para você?

Kaden me observou com um olhar aguçado, depois gesticulou para os outros dois metamorfos ficarem para trás. Caminhou até a cela, e tentei ficar perfeitamente imóvel. Em segundos, ele passou de fingir ser meu amigo para ameaçar me matar, era impossível lê-lo. Não o conhecia bem o bastante, mas tinha a sensação de que, mesmo que o conhecesse a vida toda, ele continuaria me surpreendendo.

— Já pensou no que discutimos da última vez? — perguntou ele.

— Você está falando sério em me ajudar com a minha vingança? — Eu tinha vários comentários espertinhos, mas queria uma resposta direta dele.

— Estou.

Ele me encarou. Tentei encontrar qualquer sinal de mentira naquelas profundezas azuis, mas elas eram um mistério.

— E o que você ganha com isso? — indaguei.

— Tenho contas a acertar com os leoninos pessoalmente. Mas não são só eles. — Um sorriso vil cruzou seus lábios. — Quero todas as alcateias do Zodíaco mortas ou derrotadas. Os leoninos acabaram com a alcateia Câncer para nós, mas ainda temos onze para derrotar. — Suas palavras me deixaram arrepiada. Derrotar as doze alcateias? O que ele poderia ter contra cada uma delas?

— Por quê?

— Está na hora da alcateia Ofiúco ser reconhecida. Tentei ser simpático com as outras alcateias, dar-lhes a oportunidade de nos deixar voltar ao grupo. Eles nos rejeitaram como filhotes indesejados. — Ele se levantou, os olhos ficando sombrios. — A décima terceira alcateia cansou de ser uma pária. Agora vamos governar, e qualquer um que não se curvar a mim como alfa, vai ser destruído.

De certa forma, eu entendia. Tinha sido uma pária toda a minha vida, rejeitada por aqueles que deviam me ajudar e me manter segura. Não senti remorso pela perda da alcateia Câncer, exceto por algumas pessoas como os pais de Mira, que sempre foram gentis comigo. Quando o choque inicial de meu pai e Jackie sendo mortos na minha frente havia passado, não senti tristeza, apenas uma sensação estranha de perda do que poderia ter sido. Era apenas a morte de Wesley que acabava mesmo comigo.

Pensar no meu irmão trazia de volta o ódio pela alcateia Leão e a dor profunda da perda em medidas iguais. Quase fui derrubada pela intensidade. Não tinha tido tempo para lamentar direito, e não sabia quando conseguiria. Precisava estar em segurança antes, e isso não aconteceria numa cela.

Quanto ao resto das alcateias? Ficaram do lado dos leoninos ou fugiram como covardes, deixando a alcateia Câncer sozinha. Nem mesmo a alcateia Peixes me ajudara, depois de anos de camaradagem com a Câncer. Talvez todos *devessem* morrer. Era óbvio que havia algo de errado com as alcateias do Zodíaco, algo apodrecendo por dentro, e talvez tivesse chegado a hora de uma reestruturação completa.

Eu me certificaria de que Mira estivesse segura, mas, por mim, todos os outros podiam ir para o inferno.

— Posso ouvir seu coração disparado daqui — avisou Kaden. — Tomou uma decisão? Espero muito que seja a certa. — Ele se inclinou contra as barras da cela casualmente, mas havia ameaça em sua voz. — Você pode se juntar a nós para derrubar as outras alcateias, ou vou enviá-la de volta para os leoninos em uma caixa embrulhada para presente. Você pode ser problema deles, não nosso. Não tenho tempo para torturá-la mesmo.

Afastei suas palavras cruéis e o encarei, em desafio.

— Desde que você me ajude a me vingar da alcateia Leão por matar meu irmão, estou dentro. Não me importo com o restante deles.

— Ótimo — retumbou Kaden, a palavra soando mais como um rosnado do que qualquer outra coisa. — Coloque isso.

Jogou sapatos para mim e logo os coloquei nos pés sujos. Então ele abriu a porta da cela e deu um passo para trás. Simples assim. Pisquei para ele, hesitante de que tentasse me dar um soco no estômago no momento em que eu saísse. Kaden fez um barulho frustrado, gesticulando com a cabeça para que eu saísse.

Saí da cela, me preparando para um ataque. Que não aconteceu. Olhei para Kaden. Seu rosto ainda não revelava nada. Os outros dois metamorfos também não se moveram.

Parei na porta, franzindo os olhos por causa da luz do sol. Parecia que tinha passado muito tempo desde que olhara para o sol, e precisei levantar a mão na frente dos olhos, bloqueando a maior parte da luz por vários segundos antes de dar alguns passos cambaleantes para a frente. Pelo visto, ainda precisava recuperar a maior parte da minha força. Tudo o que havia acontecido na noite da Convergência havia sido curado, mas meu corpo precisava de mais tempo para se recuperar. A minha alma, por outro lado, talvez nunca se recuperasse.

Olhei ao redor enquanto meus olhos se ajustavam. Os sons de uma pequena cidade chegaram aos meus ouvidos, substituindo a sensação avassaladora de estar do lado de fora outra vez. Dava para ver algumas lojas e o que devia ser a versão desta cidade de uma rua principal, com casas rústicas em pequenas fileiras, cercadas por árvores altas em todas as direções. Parecia pitoresco, como algo que eu encontraria em um cartão-postal retratando uma cidade arborizada muito procurada por casais para viagens românticas de fim de semana. Mal podia acreditar que o bando mais temido vivia *aqui*, de todos os lugares.

O mais surpreendente foi o cheiro da floresta ao meu redor. Respirei fundo, observando como o ar era puro. Fechei os olhos, absorvendo o sol do verão e o ar fresco.

Quando abri os olhos, Kaden estava me observando, quase presunçoso.

— Bem-vinda às terras da alcateia Ofiúco.

* * *

Kaden e os outros dois metamorfos de quem eu quase tinha me esquecido praticamente me empurraram até uma casa grande na periferia da cidade que parecia uma cabana no meio da floresta. Era feita de madeira escura e pedra natural, muito masculina, mas convidativa e aconchegante também. O tipo de lugar onde você gostaria de ficar durante uma tempestade de neve, sentado ao lado da lareira com uma xícara de chocolate quente. A fronteira da floresta rodeava as bordas da casa como se tentasse sutilmente sugá-la de volta, fazendo-a desaparecer para sempre.

Enquanto a observava, Kaden veio para o meu lado, e eu fiquei tensa. Ele disse que não me mataria, mas isso não significava que éramos amigos, e sem dúvida não confiava nem um pouco nele.

Ele não percebeu ou optou por ignorar minha reação.

— É aqui que você vai ficar por enquanto.

— Por enquanto?

— Até que você se prove útil para mim ou que eu decida me livrar de você.

— Certo.

Resisti à vontade de revirar os olhos.

— Você terá uma colega de quarto, já que o espaço é sempre um problema para a alcateia, mas ela tem a sua idade. Tente se dar bem com ela.

Acenei com a cabeça e mordi a língua antes que conseguisse responder. Não havia necessidade de antagonizá-lo e fazê-lo rasgar minha garganta. Agora não havia nenhuma barra que o impedisse de se lançar contra mim.

— A despensa está bem abastecida e você tem liberdade para ir a qualquer lugar da cidade. Clayton ou Jack precisarão acompanhá-la, é claro — continuou ele, gesticulando com a cabeça para os dois homens que estavam atrás de nós. — Não tente sair da cidade.

— Não sou tão idiota — não pude deixar de gracejar. Antes que Kaden pudesse rosnar algo para mim, perguntei: — Onde estamos? Canadá ou

Estados Unidos?

— Você ainda não tem direito a essa informação — retrucou Kaden, e lutei contra a onda de frustração em mim. — Você precisa se tornar um membro pleno da alcateia pra saber.

Minha mente estremeceu até parar. *Espera, o quê?*

— Você está falando sério? — indaguei, olhando para ele, tentando encontrar qualquer indício de piada em seu rosto bonito até demais. — E isso é possível? Pensei que a única maneira de se juntar a uma alcateia era nascer nela ou se acasalar com alguém de uma.

— A alcateia Ofiúco já recebeu outros rejeitados antes — esclareceu Kaden. — Afinal, somos a alcateia dos excluídos. A maioria sabe como é ser rejeitado e indesejado.

Sem dúvida, eu sabia como era me sentir *assim*. A esperança começou a surgir dentro de mim. Não pude evitar. Será que essa era a resposta ao meu apelo silencioso para a deusa da lua? Desviei o olhar enquanto caminhávamos para mais perto da casa até ficarmos na frente dos degraus da varanda. Será que esta alcateia perdida me daria o lar que procurei por toda a minha vida? Um lugar onde eu me sentiria aceita, e não evitada por ser diferente?

— Como faço para virar membro?

— Se quiser fazer parte desta alcateia, terá que seguir minhas ordens e provar a si mesma para mim. Lealdade é conquistada, não dada. — Ele cruzou os braços. — O seu treino começa amanhã, e todos os dias você provará a sua utilidade para a alcateia limpando um edifício que eu te atribuir. — Sorriu, como se isso lhe trouxesse alegria. — A partir de agora, você será a zeladora da alcateia.

E, simples assim, eu estava de volta a ser a pária, a última das últimas, uma posição muito familiar para mim. Eles não eram diferentes das outras alcateias e, porra, eu estava tão cansada de ser tratada como lixo.

Olhei feio para ele.

— Então não é suficiente que você queira que eu arrisque a minha vida por você sendo isca? Agora também tenho que fazer o trabalho sujo de vocês?

A raiva brilhou em seus olhos enquanto ele se movia na minha direção com uma ameaça clara. Cambaleei para trás até bater na parede às minhas costas, minha respiração me deixando afobada. Ele pressionou as mãos na

parede de ambos os lados da minha cabeça, prendendo-me com sucesso para que eu não pudesse escapar debaixo de seus braços, e se inclinou para perto. *Muito* perto.

O corpo dele estava quente e firme e a poucos centímetros do meu. Agora eu não conseguia recuperar o fôlego por uma razão bem diferente. Apesar de sua personalidade horrível, não pude evitar a onda de desejo que me percorreu, ainda mais quando senti seu cheiro. Isso deixou minha loba interior selvagem e, embora estivesse aterrorizada, também o queria. Mesmo com a culpa me rasgando por dentro, lembrando-me de que ele não era meu companheiro, que eu pertencia à outra pessoa – mesmo que essa outra pessoa não quisesse nada comigo.

— Vou deixar uma coisa bem clara — disse Kaden em meu ouvido, os lábios tão próximos que eu podia sentir o ar quente enquanto ele falava. — Eu sou o alfa. Esta é a minha alcateia. Minha família.

Estremeci com a possessividade em sua voz. Como seria ter um alfa que se importava tanto assim comigo? Ou um companheiro, por falar nisso?

— Estou te dando uma oportunidade — continuou ele. — Se você provar sua lealdade, nunca será maltratada ou insultada, apenas recebida de braços abertos como parte da família. Mas se fizer alguma coisa, *qualquer coisa*, para trair ou ferir minha alcateia de alguma forma... — Ele parou e respirou fundo. Provavelmente cheirando meu medo e meu desejo, misturados. — Você não viverá o suficiente para se arrepender.

— Mais ameaças — retruquei, incapaz de me conter. Estar tão perto dele me fazia sentir imprudente. — Mas você vai fazer alguma coisa mesmo? Ou seu latido é pior do que sua mordida?

Ele segurou meu queixo na mão, forçando-me a olhar em seus olhos.

— Se continuar a me desafiar, vai descobrir em breve.

Enquanto olhávamos um para o outro, o calor entre nós se tornou inegável. Meu peito se erguia e caía enquanto eu olhava para aqueles olhos azuis sérios, e então meu olhar recaiu sobre sua boca. Era ruim que eu quisesse saber em segredo como era a mordida dele? Lambi os lábios, uma reação instintiva, e os dedos dele apertaram meu queixo em resposta. Por um segundo, pensei que ele se inclinaria, para morder meus lábios ou me beijar com força, e fiquei surpresa com o quanto eu queria isso. Prendi a respiração, permanecendo imóvel enquanto esperava que ele agisse. Devo ter feito um pequeno barulho, porque seus olhos deixaram meus lábios e,

quando ele encontrou meu olhar de novo, seu rosto ficou severo mais uma vez. Ele me soltou e recuou, cruzando os braços enquanto esperava pela minha resposta.

Endireitei o corpo e tentei controlar minha respiração.

— Tudo bem, vou ser a zeladora. Mais alguma coisa?

— Apenas entre — rosnou. Então ele se virou e entrou na floresta sem dizer mais nada.

Observei as árvores encobrirem Kaden, e então eu estava sozinha com meus dois guarda-costas, que estavam convenientemente olhando para todos os lugares, menos para mim.

— Ele é sempre assim? — perguntei, tentando dissipar a tensão estranha que ainda pairava no ar. Pensei que ambos me ignorariam, mas o menor me direcionou um sorriso.

— Quase sempre — disse ele.

— Cala a boca, Jack — rosnou o maior, empurrando de leve o ombro do macho menor.

— Ele é sempre tão dramático — disse uma voz feminina, e me virei para a casa, assustada com o som. Só outro metamorfo poderia ter se movido sem fazer nenhum barulho. Uma jovem com cabelos escuros na altura dos ombros estava na varanda, um sorriso relaxado no rosto. — Não deixe que ele te assuste muito — continuou ela. — Depois de conhecê-lo, Kaden tem um coração bem mole.

— De alguma forma, acho isso bem difícil de acreditar — murmurei.

Ela sorriu ainda mais com isso.

— Eu sou Stella.

— Ayla — falei. — Como conheceu Kaden?

— Ah, ele é meu irmão.

Irmão? A ideia de Kaden ter uma irmã que pudesse sorrir e fazer piadas parecia impossível. Parecia lógico que, com uma atitude tão ruim, ele a teria herdado. Olhando para ela mais uma vez, pude ver a semelhança. Se Kaden sorrisse mais, provavelmente se pareceria muito com ela.

Stella inclinou a cabeça em direção à casa.

— Entre.

Ela abriu a porta e gesticulou para eu entrar. Parei na entrada, absorvendo a madeira escura e o teto abobadado, junto com as enormes janelas que deixavam entrar uma quantidade excepcional de luz natural. A casa era enorme, mas de alguma forma ainda parecia ser aconchegante, parecia uma cabana chique de esqui de um dos livros de fotografia que

Wesley tinha comprado para mim. A floresta era visível por todos os lados, como se a casa fizesse parte da natureza, em vez de ser um abrigo dela.

Stella fez um tour rápido, passando por uma cozinha grande que havia sido reformada recentemente, com armários de carvalho escuro e eletrodomésticos de inox. A sala de estar anexada era enorme, com poltronas confortáveis e um grande sofá de couro ao redor de uma imensa lareira à lenha. Uma porta de correr levava a um deque gigante com alguns móveis ao ar livre, uma churrasqueira e uma grelha. Senti uma pontada no peito. Era uma casa para uma *família*.

— Vamos ser colegas de quarto — disse Stella, sorrindo para mim.

— Você mora aqui sozinha? — perguntei, ao me lembrar do que Kaden havia dito sobre “*espaço é sempre um problema para a alcateia*”.

Stella riu.

— Não. É a casa de Kaden. Moramos aqui juntos.

Merda. Logo quando pensei que ia ter um espaço longe do alfa, descubro que vou morar na porra da casa dele. Imaginei acordar e encontrá-lo mal-humorado na cozinha, rosnando para mim enquanto eu tentava tomar meu café da manhã. *Me mata, por favor*.

Abri a boca para dizer algo – protestar ou perguntar se havia outro lugar onde eu pudesse ficar, não sei –, mas Stella me interrompeu antes que eu pudesse dizer qualquer coisa.

— Vou mostrar seu quarto. — Ela fez sinal para que eu a seguisse pelas escadas até o segundo andar, que tinha pelo menos cinco quartos. Ela apontou para a primeira porta. — Este é o meu. Dividimos o mesmo banheiro, mas você vai ter seu próprio espaço.

Stella abriu a segunda porta e deu um passo para trás para me deixar entrar. O quarto estava limpo e era bonito, mas simples. Não havia toques pessoais, apenas uma cama de tamanho *queen* empurrada no canto, uma cômoda de madeira simples em outro canto e uma mesa vazia colocada sob a janela que dava vista para a floresta onde Kaden havia desaparecido.

— Este era um dos nossos quartos de hóspedes, mas agora é seu — disse Stella. — Fique à vontade e se sinta em casa.

Passei os dedos pela madeira escura da mesa, sentindo um nó se formar na minha garganta. Pela primeira vez em dias, eu me senti... segura. Aqui, na alcateia que sempre presumi ser de monstros.

— É perfeito. Obrigada.

Ela assentiu e me deixou sozinha no quarto. Depois que se foi, percebi que não tinha como me sentir em casa. Eu não tinha malas para desfazer. Todos os meus pertences foram deixados para trás durante o ataque. Até as roupas que usei na Convergência desapareceram, rasgadas e abandonadas quando me transformei.

Meu celular. Dei tapinhas nos bolsos, inutilmente. Claro que não estava lá. Eu o perdera em algum momento quando fugira de Jordan, era provável que tivesse sido esmagado na floresta no meio de Montana. Ou pior – que estivesse nas mãos dos leoninos. Estremeci ao imaginar Jordan olhando meu telefone, vendo as fotos que tirei e as mensagens que enviei. De repente, fiquei bem feliz por minha câmera ter sido destruída antes de sair de casa. Se a tivesse perdido na Convergência também, isso teria me destruído.

Verifiquei o armário pequeno, mas estava vazio. Eu não tinha nenhuma roupa além das que estava usando, e nenhuma escova de dentes nem xampu. Fiz uma careta e fui ao banheiro para ver se havia alguma coisa lá que pudesse usar.

O banheiro era moderno, em tons de areia, e cheirava a jasmim. Uma toalha estava enrolada na bancada, com xampu, condicionador e um sabonete novo ao lado. Não eram nada extravagantes, mas suspirei de alívio quando os vi. Agora eu poderia tirar o sangue do meu cabelo, e parar de cheirar como um animal de celeiro.

No mesmo segundo, entrei no chuveiro, ficando sob o jato da água morna por muito tempo e deixando-o passar do vermelho para o rosa, então para água limpa. Não tive pressa, me deleitei com a sensação de me limpar, enquanto não pensava em mais nada. Quando saí, eu me senti muito melhor, muito mais como eu mesma de novo.

Ainda não tinha uma muda de roupa, mas as que me foram fornecidas estavam quase limpas. Coloquei-as de volta e descii as escadas para investigar. Descii os degraus devagar, tentando ouvir qualquer movimento. Alguém estava andando pela cozinha, fazendo barulho, e esperava que fosse Stella e não Kaden.

Quando entrei na cozinha, Stella se virou, um sanduíche num prato e um sorriso no rosto.

— Para você — disse ela, entregando-o para mim.

Olhei para ela com os olhos arregalados.

— Obrigada.

Tentei ser educada ao comer, mas, depois da primeira mordida, não consegui me conter. Devorei o sanduíche como se não tivesse comido nada há dias. Stella me observou com um leve sorriso no rosto. Congelei no meio da mordida e abaixei a cabeça.

— Está muito bom.

Mesmo que fosse apenas um sanduíche de presunto e queijo, estava delicioso.

— Vamos precisar de mais comida — disse Stella, seu sorriso agora irônico. Ela se virou e vasculhou um armário, puxando de lá um saco de batatas chips. — Você deve estar faminta. Aqui, coma isso também. E senta, você vai deixar cair migalhas no chão.

Stella me levou para a ilha e me sentei na banquetta, agradecida, enquanto devorava as batatas. Ela nem sequer me conhecia e, mesmo assim, estava sendo muito simpática. Vi a marca da alcateia Ofiúco em seu braço quando ela se virou e me perguntei se tudo o que me disseram a respeito deles era mentira. Sem dúvida, Kaden fazia jus à reputação perigosa, mas sua irmã era uma história completamente diferente.

— Preciso ir à loja — disse Stella e inclinei a cabeça para ela. — Você devia vir comigo. Posso mostrar a cidade e você pode comprar tudo que precisar.

Balancei a cabeça.

— Não tenho dinheiro.

Ela gesticulou para que eu relevasse isso.

— Kaden pagará pelo que precisar.

Quase me engasguei com uma das batatas.

— Não quero a caridade dele.

— Ele é o alfa, e cuida de nós — disse ela como se fosse um simples fato. — Isso inclui uma visitante como você.

— Visitante? — Bufei. — Sou mais uma prisioneira.

Ela deu um encolher de ombros discreto.

— Kaden só quer ter certeza de que você é de confiança. Ele não é tão ruim... Você vai ver.

Ela vivera uma vida bem diferente da minha, percebi naquele instante. Nunca tinha visto alguém tão satisfeito com o seu alfa. Desejei, não pela primeira vez, que tivesse nascido outra pessoa. Pensara isso tantas vezes

quando criança que era quase um mantra no fundo da minha mente. Passei vinte e dois anos ansiando por uma alcateia como esta, a ponto de acreditar que não era possível. Mas Kaden, apesar de sua atitude arisca em relação a mim, era óbvio que cuidava bem de sua alcateia. Até meu pai tinha sido um alfa abaixo da média, na melhor das hipóteses, percebi agora. Sabia que muitos dos membros cancerianos tinham estado descontentes com a liderança dele, mas nunca puderam fazer nada sobre isso. Wesley fora nossa única esperança para o futuro da alcateia, mas estava morto.

Uma pontada de tristeza me percorreu ao pensar em Wesley e no que poderia ter acontecido. As lágrimas ameaçaram encher meus olhos, mas pisquei várias vezes, mantendo as emoções sob controle. Ficaria de luto depois, quando estivesse sozinha. E, um dia, teria minha vingança.

Stella notou a expressão no meu rosto.

— Qual é o problema?

Balancei a cabeça.

— Nada. Vamos.

Stella me levou para fora. Notei que os dois metamorfos que Kaden disse que eram meus guardas não tinham se movido de onde os deixamos na varanda. Ela notou que eu olhava para eles, apesar das minhas tentativas de ser sutil.

— Clayton é o beta da alcateia — disse ela, apontando para o mais alto dos dois. — Ele e Jack são amigos de Kaden.

Amigos? Difícil de acreditar que ele tinha algum. E por que colocaria os amigos de guarda, quando era óbvio que me tinha em tão baixa estima? Com certeza eles tinham coisas melhores para fazer.

Não tive muito tempo para pensar nisso. Entramos na cidade e fiquei ocupada olhando o lugar e absorvendo tudo. Os edifícios eram bem-conservados, as casas tinham sido pintadas recentemente e as lojas eram acolhedoras. Parecia uma cidade histórica bem-preservada, e minha mão coçava em direção à minha câmera. Não gostava tanto de arquitetura como da natureza, mas havia exceções.

— Esta é Coronis — disse Stella, parada no meio da avenida principal, e abriu os braços como se estivesse me apresentando a rua. Não pude deixar de sorrir e balançar a cabeça. Ela e Kaden eram mesmo como o dia e a noite. Ela oferecia a informação sem qualquer solicitação, enquanto Kaden a retinha e era rude comigo quando perguntava sobre qualquer coisa.

— O quê? — indagou Stella.

— Nada — respondi, balançando a cabeça. — Continue.

Ela apontou para vários edifícios enquanto passávamos por eles. Tudo estava centrado em torno de uma grande área gramada com alguns edifícios comunitários de um lado, incluindo a escola, com as lojas do outro. Notei que todos por quem passamos eram metamorfos com a marca Ofiúco em algum lugar. Ainda era difícil acreditar que eu estava mesmo aqui, entre a alcateia perdida.

— Você precisa experimentar os doces da padaria — disse Stella, sorrindo enquanto apontava para a cafeteria. — São divinos. Mas o que você precisa mesmo são de algumas roupas novas. Me siga.

Stella nos guiou até a única loja de roupas femininas da cidade. Não era grande, mas tinha bastante coisa, e hesitei diante das prateleiras. Com todas as diferentes opções disponíveis, parecia demais.

— Alguma coisa errada? — perguntou Stella. — Não se preocupe com os preços. Como eu disse, Kaden vai pagar.

— Não é isso. — Abaixei a cabeça, sentindo-me tola. — Em casa, só recebia roupas de segunda mão ou o que encontrasse em um brechó. Meu pai... não me deixava comprar coisas novas. — Tentei manter a amargura longe da voz, mas sabia que tinha falhado. Havia tanta coisa reprimida dos últimos vinte e dois anos.

O rosto de Stella se suavizou e ela assentiu.

— Posso ajudá-la, se quiser.

Concordei com a cabeça, aliviada.

— Seria ótimo.

Stella bateu palmas, sorrindo.

— Isso vai ser divertido. Vamos ver. Você tem um cabelo lindo. Devíamos tirar proveito da cor, realçar bastante.

Estremeci. Meu cabelo sempre me marcou como algo *diferente*, algo *inferior*. Não conseguia imaginar querer chamar a atenção para ele, mas, por outro lado, eu não estava mais na alcateia Câncer. Segui Stella enquanto ela percorria as prateleiras, jogando roupas para mim até chegarmos a um provador.

— Entre — disse ela. — Fique à vontade para descartar qualquer coisa que não gostar.

Sorri para ela e entrei. Ela me entregara roupas demais. O que eu faria com mais camisas do que dias da semana? Mas, ao experimentar cada uma, descobri que Stella tinha um olho impecável para cor. As roupas escolhidas realçaram meus olhos e fizeram meu cabelo se destacar de uma maneira que eu gostei de verdade. De alguma forma, também fizeram minhas curvas parecerem algo desejável, em vez de algo que eu deveria esconder. Foi como realmente me ver no espelho pela primeira vez na vida.

Então olhei para a grande quantidade de roupas. Não tinha como eu precisar de tudo isso, mas, quando as levei para fora do provador, Stella não me deixou devolver nada.

— É um bom guarda-roupa básico — disse ela. — Em algum momento, você vai precisar de mais, mas isso vai dar por enquanto.

Mais?

— Pensei que passássemos a maior parte do tempo nus.

Stella sorriu para mim.

— Mas não quer dizer que não possamos ficar sexy o resto do tempo.

Ela também se certificou de que eu tivesse calcinhas, sutiãs e meias, depois entregou o cartão de crédito ao funcionário. Deixei de lado qualquer culpa que sentia. Era o dinheiro de Kaden e, depois de ter me prendido e me tratado mal, devia obrigá-lo a comprar esta loja toda.

Estendi a mão para pegar as sacolas, mas Stella me deu um tapinha, me afastando. Gesticulou a cabeça em direção a Clayton e Jack, que nos seguiram até a loja. Eles trocaram um olhar, mas se aproximaram, mesmo assim.

— Sejam úteis — disse Stella, empurrando as sacolas na direção deles. Abri a boca para protestar, mas parei diante das caretas em seus rostos.

Escondi um sorriso. A interação me lembrou de como Mira se relacionava com a alcateia Câncer. Stella era muito parecida com Mira, pelo menos no quesito personalidade. Fisicamente, não eram nada parecidas, mas algo me fazia sentir em casa com Stella.

Pensar em Mira trouxe uma pontada de solidão. Queria saber se havia uma maneira de entrar em contato com ela e dizer que eu estava segura, e que eu não tinha sido brutalmente assassinada por Jordan ou pelos leoninos. Ela devia estar morrendo de preocupação, mesmo enquanto se ajustava à sua nova vida na alcateia Peixes. Imaginei sua reação se eu contasse que tinha sido levada pela alcateia perdida – ela nunca acreditaria.

— Ayla? — chamou Stella e, quando olhei para ela, a expressão em seu rosto me disse que não era a primeira vez que ela tentara chamar minha atenção.

— Desculpa.

— Está tudo bem, parecia que você estava na lua. No que estava pensando?

— Apenas em alguém que eu conhecia — respondi. — Uma amiga da alcateia Peixes. Ela me viu pela última vez quase morta na Convergência, e tenho certeza de que ela está muito preocupada comigo. Há alguma chance de eu lhe enviar uma mensagem?

— Não, sinto muito. — O rosto de Stella era de alguma forma tanto simpático como resoluto. — Não podemos deixar que contate ninguém de fora da alcateia. Para nossa própria segurança, sabe?

Droga. Suspeitava que esse seria o caso, mas precisei tentar mesmo assim.

— Então, acho que um celular novo também está fora de cogitação?

— Só depois de se juntar à alcateia. Até lá, não podemos arriscar.

De volta para fora, um pequeno grupo em movimento passou pelos meus pés e pulei para fora do caminho automaticamente. Então, fiquei boquiaberta quando vários filhotes de lobo passaram e caíram um sobre o outro na grama, rosnando e mordendo de brincadeira um ao outro. Filhotes de lobo? Como isso era possível?

— Meninos! — disse Stella, quase severa, como se fosse bem comum ver lobos jovens correndo por aí. — São alguns dos meus alunos — acrescentou, observando meu olhar e entendendo tudo errado. — Sou a professora do jardim de infância em Coronis.

Eu não conseguia levantar o queixo do chão enquanto os observava brincar.

— Não é isso. Como conseguiram os lobos tão cedo? Nunca vi filhotes metamorfos antes.

— Ah, verdade. Esqueci que você cresceu com os lobos do Zodíaco. — Stella me lançou um olhar um pouco piedoso. — Não precisamos da Convergência para conseguir nossas formas de lobo. Ou nossos companheiros, por falar nisso.

— E como conseguem?

— Acontece naturalmente — explicou ela com um encolher de ombros. Como se fosse tão fácil, como se eu não estivesse esperando e orando por isso desde que soube o que significava *ter* um lobo. — A maioria se transforma pela primeira vez quando somos criancinhas.

— Que incrível. Os anos de treino que vocês devem ter... — Fiz uma pausa. — E os companheiros? Como você encontra um sem o feitiço das Bruxas do Sol?

— Quando nos tornamos adultos, podemos sentir se alguém é nosso companheiro quando está por perto, desde que ambos estejamos na forma de lobo. Pelo menos foi o que me disseram. Ainda não tenho um companheiro.

Não conseguia acreditar. Eu me perguntara como a alcateia Ofiúco encontrava seus companheiros, mas nunca imaginei que fosse tudo tão... simples. O que os tornava tão diferentes do resto dos lobos do Zodíaco, a ponto de não precisarem da ajuda das Bruxas do Sol?

Essa linha de pensamento me levou a outro.

— E a maldição da lua?

— O quê? — perguntou Stella.

Por um momento, pensei que devia estar brincando comigo, e olhei para o rosto dela, tentando encontrar uma pitada de humor ou qualquer indicação de que não estava sendo sincera. Mas tudo o que vi foi uma vaga confusão.

— A maldição que faz os metamorfos enlouquecerem na lua cheia? — perguntei, devagar. — As Bruxas do Sol têm que nos abençoar ao nascer para garantir que isso não aconteça.

A confusão se tornou uma carranca completa.

— Isso parece algum tipo de conto de fadas. Quem conta esse tipo de história?

— É o que nos ensinam a vida inteira — respondi, minha voz um pouco trêmula. — As Bruxas do Sol nos abençoam quando bebês, e depois libertam nossos lobos e nos ajudam a encontrar nossos companheiros quando fazemos 22 anos.

Stella abriu as mãos num gesto de confusão.

— Sinto muito. Não sei de nada disso. Talvez tudo isso tenha acontecido depois da nossa alcateia ter sido expulsa dos lobos do Zodíaco.

Assenti, imaginando se era só isso. Ou talvez tivesse algo a ver com os rumores que ouvira de que a alcateia Ofiúco havia se relacionado com as Bruxas da Lua há muito tempo. Olhei para Stella, tentando identificar algum sinal físico de que ela era mais do que uma metamorfa, mas não vi nada incomum. Se não fosse pelo símbolo da alcateia Ofiúco, ela poderia estar em qualquer uma das doze alcateias do Zodíaco.

Antes que eu percebesse, tínhamos parado em frente à mercearia, como se meus pés tivessem apenas seguido onde quer que Stella me levasse. Estava tão envolvida em meus pensamentos que ela poderia ter me guiado

direto para a floresta até a beira de um penhasco e eu nem teria notado. Tudo o que sabia durante toda a vida estava lentamente sendo desbancado bem na minha frente. A alcateia perdida estava me tratando com mais gentileza do que minha própria alcateia de nascença e, pelo visto, eles tinham acesso aos seus poderes de lobo e aos companheiros sem a ajuda das Bruxas do Sol. Em que tipo de mundo alternativo eu vivia?

— Chegamos na mercearia — anunciou Stella. Ela estava alheia à minha confusão repentina ou estava dando o seu melhor para neutralizá-la. — Vou buscar comida pra gente, e sei que você precisa de produtos de higiene pessoal. Sinta-se à vontade para pegar tudo de que precisar e me encontrar no caixa. — Ela apontou para a seção de “cuidados pessoais” e saiu com um carrinho.

Os guardas ficaram comigo enquanto eu escolhia o que precisava, e os observei pelo canto dos olhos. Mesmo quando Stella estava por perto, eles nunca pareciam se afastar muito. Na verdade, a única vez que não estavam à vista parecia ser quando eu estava dentro da casa de Kaden e Stella. O que achavam que eu ia tentar fazer? Correr? Quando olhei para eles mais uma vez, o mais baixo – Jack – me encarou, atento. Desviei o olhar e peguei um tubo aleatório de pasta de dentes.

Encontrei Stella no caixa e ela me entregou umas compressas frias.

— Toma, vai precisar disso amanhã.

Peguei as compressas e olhei para elas. Eram do tipo que se colocava no congelador e usava em machucados.

— Para quê?

— Você vai começar seu treinamento amanhã — disse Stella. — Confie em mim, vai precisar disso para todos os seus músculos doloridos. Mesmo a cura de metamorfo não vai ajudar.

— Verdade, Kaden mencionou um treinamento...

Stella pagou por nossos itens no caixa com um sorriso caloroso para o funcionário que trabalhava lá, depois se virou para mim.

— Faz parte dos seus testes para ver se consegue se juntar à alcateia. Terá treino de combate e de lobo.

Meu coração se acelerou quando pensei em estar em forma de lobo de novo. Desta vez, não estaria em perigo mortal e poderia aproveitar a força que me dava e aprender a usar minhas novas habilidades. E treino de

combate? Nunca tinha sido autorizada a participar disso antes com minha alcateia. Meu pai não queria que eu soubesse como me defender.

— Parece... ótimo.

Stella bufou.

— Diga isso de novo amanhã quando tiver terminado.

Saímos com as compras e meus dois guardas nos seguiram, perto o suficiente para que fosse desconfortável. Baixei a voz, embora soubesse que ainda me ouviriam:

— Por que seu irmão designou esses guardas para mim? Não vou fugir. Mesmo que quisesse, não há para onde ir. Nem sei em que parte do país estamos, ou *qual* país, por falar nisso. Eles estão apenas esperando que eu cometa um erro para que possam me matar?

— Claro que não. Kaden não teria deixado você sair daquela cela se quisesse matá-la. — Ela olhou para mim com um sorriso. — Kaden só quer ter certeza de que você não é uma ameaça para a alcateia. Ele já sofreu muito na vida para confiar com facilidade.

— Entendo isso — murmurei enquanto continuávamos andando. — Mas ele me capturou e me trouxe aqui contra minha vontade, para viver com uma alcateia que eu nem sabia que era real até poucos dias, depois me disse que não posso sair e colocou guardas para vigiar todos meus movimentos. É difícil não me sentir como uma prisioneira.

— Não sei que coisas horríveis você ouviu sobre nossa alcateia — disse Stella. — Mas estão todas erradas. Kaden *quer* confiar em você. Ele te trouxe aqui, sim, mas também curou você. Ele espera que você passe nos testes e se junte à nossa alcateia. Foi por isso que ele me pediu para cuidar de você e ajudá-la no que precisasse.

Franzi a testa ao voltarmos para casa. As palavras de Stella pareciam estar em desacordo com a maneira como Kaden agira em relação a mim. Por outro lado, esta alcateia não era nada como eu imaginava. Todas minhas suposições foram desafiadas hoje. Talvez houvesse mais no alfa sexy do que eu havia pensado de início também.

Kaden me acordou ao raiar do dia com uma forte batida na porta.

— Hora de levantar, lobinha.

Quando saí da cama e abri a porta, ele não estava à vista. Era difícil acreditar que morava na mesma casa que ele, pois ainda não o tinha visto. Não o vi quando voltei com Stella com as compras e ajudei a guardá-las, nem quando ela e eu jantamos naquela noite.

Mas isso logo mudou. Depois que me arrumei e desci para a cozinha, ele estava perto do balcão, os braços cruzados como se estivesse esperando que eu descesse. Seu cabelo escuro estava um pouco desarrumado do sono, e o botão superior da camisa estava aberto, mostrando apenas um pequeno vislumbre de todo aquele músculo forte por baixo. Tentei não deixar meus olhos se demorarem muito, mesmo que eles quisessem muito se demorar.

— Bom dia — eu disse, mais para ver a carranca em seu rosto se intensificar.

— Pegue algo para comer e depois pode começar a limpar — informou ele. — Você vai começar com a minha casa. Todos os cômodos, exceto meu quarto e banheiro. Não entre lá. Entendeu?

— Alto e claro — respondi, tentando ao máximo não deixar o sarcasmo aparecer na voz, mas devo ter feito um trabalho muito ruim porque sua carranca se tornou quase assassina. Mordi a língua para me impedir de dizer outra coisa estúpida.

— Os materiais de limpeza estão debaixo da pia — falou por cima do ombro ao sair.

Suspirei ao olhar para a casa. Não estava suja, então pelo menos não demoraria muito tempo, mas ainda era muito maior do que qualquer casa que eu já havia limpado. Era meu dever limpar a casa do meu pai, e Jackie sempre se certificava de deixar coisas por aí para eu fazer. *Para o caso de ficar entediada*, ela dizia, jogando roupa desdobrada para mim. Pelo menos aqui era provável que Kaden me ignoraria, e eu não conseguia ver Stella sendo mesquinha assim.

Comecei na cozinha, depois de tomar um café da manhã leve, e percorri a casa aos poucos. Apesar do meu ressentimento por ser a zeladora da

alcateia, me certifiquei de limpar tudo muito bem. Stella desceu a certa altura, pegou um bolinho de mirtilo e um café, e depois saiu para o trabalho como professora do jardim de infância. Ainda me surpreendia que as crianças aqui conseguiam os seus lobos tão jovens. Tinha certeza de que isso tornava o trabalho dela muito mais difícil, mas provavelmente mais divertido também.

Parei do lado de fora do quarto de Kaden por último. A dele era a única porta que eu não tinha visto aberta, e não tinha intenção de desrespeitar suas regras. Sem dúvida o alfa sentiria o cheiro de que estive lá no momento em que entrasse. Mas não pude deixar de ficar curiosa para saber como era dentro do quarto dele.

Em vez disso, desci as escadas mais uma vez. Levei a manhã inteira para limpar o lugar, e estava faminta. Almocei rápido, pensando nas palavras de Stella para mim no jantar. *Amanhã à tarde é quando você começa a treinar. Vá para a clareira atrás da casa.*

Meu humor melhorou quando saí, respirando o ar quente do verão. Eu poderia me transformar hoje, e estava bastante ansiosa por isso. Mesmo que tivesse que aguentar os grunhidos e olhares feios de Kaden. Pelo menos ele era bonito.

Havia um pequeno caminho que levava do quintal para a floresta, e o segui, esperando estar indo na direção certa. Na mesma hora, fui cercada pela vista e pelos cheiros da floresta, muito mais perceptíveis agora que eu tinha meus sentidos de lobo. Não via a hora de passar pelas folhas e árvores sobre quatro patas.

Acabei encontrando a clareira, um enorme espaço aberto, grande o bastante para dezenas de metamorfos se moverem sem se meterem no caminho um do outro. Fiquei surpresa ao encontrá-lo vazio, exceto por Kaden, que estava no centro, com o rosto erguido para o sol como se estivesse tentando farejar algo. A luz fluía através de suas feições e meu coração acelerou com a visão, enchendo-me com algo muito parecido com desejo.

Ele olhou para mim quando me aproximei e, quando me prendeu com aqueles olhos intensos, quase tropecei. Sua presença masculina parecia preencher toda essa clareira e, embora ele fosse muito intimidador, continuei caminhando em sua direção sem olhar para baixo.

— Onde estão os outros? — perguntei.

— Vou supervisionar seu treinamento pessoalmente — disse Kaden. — Preciso saber o que você sabe. Como você luta e como lida com uma situação ao enfrentar um inimigo real.

Arqueei a sobrelha. Não tinha certeza se deveria me sentir honrada ou aterrorizada por ter sua atenção completa durante essas sessões.

— E eu aqui, pensando que você não queria ter nada a ver comigo.

Ele fez uma careta, mas optou por ignorar meu comentário.

— Te ensinaram a lutar?

— Não, meu pai não queria que eu aprendesse. Mas já estive em muitas lutas e sempre consegui sair viva.

— A última luta em que você estava, teria terminado de um jeito bem diferente se não tivéssemos te resgatado.

Bufei.

— Pareceu muito mais um sequestro do que um resgate.

O tom dele ficou tenso.

— Preferia que eu tivesse deixado você no meio da floresta para os leoninos te encontrarem? — Quando lhe lancei um olhar penetrante, ele gesticulou à nossa frente. — Você vai começar com alongamento. Vou mostrar o que fazer.

Ele se sentou no chão e gesticulou para que eu o imitasse. Então, conduziu-me por uma série de alongamentos simples, e meus membros queimaram enquanto acordavam. Isso ajudou a me livrar de quaisquer dores restantes da limpeza de hoje cedo. Vi os músculos tonificados de seus braços se moverem enquanto ele abraçava um joelho no peito e desviei o olhar, apressada. *Foco*.

— Você vai fazer isso todos os dias — disse ele enquanto terminávamos.

Acenei com a cabeça, ainda olhando para o chão.

— Posso fazer isso.

— Mesmo que não treinemos — acrescentou. — Você precisa ser ágil o bastante para lutar a qualquer momento, e esses exercícios te ajudarão a continuar flexível.

Ok, parece fácil. Não era nada que eu não tivesse feito antes, e ele não estava plantando nenhuma bananeira louca ou algo assim. Até agora, parecia que o treinamento seria administrável. Mas eu não era tão arrogante a ponto de dizer que seria fácil demais. Ainda precisava ver se conseguia

lutar. Mas esta parte, este pedacinho, eu tinha sob controle. Parecia uma pequena conquista depois de tudo o que passei desde a Convergência.

Kaden se levantou, era alto demais, fazendo-me olhar para ele.

— Agora, me ataque.

Esperava que ele assumisse algum tipo de posição de luta, mas ele apenas ficou de pé, com as mãos soltas ao lado. Para todos os efeitos, parecia relaxado, mas eu sabia que estava apenas esperando que eu avançasse.

Eu me levantei e o observei por alguns segundos, tentando pensar como uma lutadora. Seria melhor tentar apanhá-lo desprevenido. Eu era menor e mais fraca do que ele, e ele provara várias vezes que tinha a capacidade de me prender sem problemas. Recuei um pouco e tentei ler sua expressão. Os olhos dele não revelavam nada.

— Não temos o dia todo — resmungou.

Avancei, punhos erguidos na minha frente para proteção e corri para o lado dele, tentando surpreendê-lo. No momento em que entrei em ação, ele assumiu uma posição de luta. Saiu do caminho como se tivesse adivinhado exatamente o que eu estava fazendo. Meu punho encontrou o ar e perdi o equilíbrio. Ele agarrou meu braço estendido e me puxou o resto do caminho, atirando-me para além dele e ao chão. Caí, o ar deixando meus pulmões, e me deixei ficar esparramada. Droga, ele se movia tão rápido.

— Isso foi terrível — disse ele, parecendo quase entediado. — Tentando passar pelas minhas defesas. Era evidente o que você ia fazer, mas pelo menos não foi idiota o bastante para tentar me atacar de frente. Levante-se e faça de novo.

Eu me levantei, ainda tentando me orientar. Dessa vez, Kaden não me deixou passar por ele, apenas me pegou e me empurrou de volta. Cambaleei, mas não caí. Uma pequena onda de orgulho me percorreu. Eu não era perfeita, mas também não era horrível. Conseguiria lutar.

— De novo — ordenou ele.

Quanto mais lutávamos, mais eu percebia como eu sabia pouco de *qualquer coisa*. Ele apenas saía do caminho e deixava minha inércia me levar para além dele várias vezes, ou bloqueava meus ataques e os usava contra mim.

— Como você é tão rápido? — Ofeguei, enquanto circulávamos um ao outro.

— Você é uma metamorfa, Ayla. Use seus reflexos de lobo.

Ele disparou para mim, e pulei. Não foi o movimento suave e desafiador que ele teria usado, mas escapei. Nós circulamos um pouco mais um ao outro, respirei fundo, tentando focar nos meus sentidos. Isso não ajudou. Podia ver como ele estava se movendo rápido, depois desacelerando um pouco para que eu pudesse tentar rastrear seus movimentos ao me aproximar, mas não conseguia dar um golpe nele. A frustração só crescia enquanto ele continuava fugindo de mim.

— Entendi — eu disse, depois de tropeçar em seu pé convenientemente posicionado. — Você pode de fato me ensinar alguma coisa agora? — Olhei para Kaden enquanto ele estendia a mão para mim. Estendi a mão para pegá-la, mas fiz uma pausa. — Você só vai usar isso para me jogar por cima das suas costas ou algo assim, né?

— Talvez. Eu não confiaria na minha própria palavra. — Uma leve pitada de diversão brincava em seus lábios.

Olhei feio para a mão dele e me levantei sozinha. Era difícil focar na minha raiva quando ele rolava os ombros, os músculos se ondulando. *Se você não parar de se concentrar nos músculos dele, não aprenderá porra nenhuma*, disse a mim mesma severamente.

— Vou mostrar alguns movimentos básicos — disse Kaden. — Vai ser uma boa base para começar, algo para aprimorar nos próximos dias.

Durante a hora seguinte, ele me mostrou alguns movimentos. Não parecia natural, tentar mexer os pés dando socos. Duas vezes, tropecei só com o ar. Nas duas, o rosto de Kaden transmitiu: *é sério?* Não pude evitar o rubor que se espalhou pelas minhas bochechas. Nunca tinha sido exatamente desajeitada, mas havia algo em treinar meu corpo para fazer algo diferente que me fazia sentir como se nunca tivesse usado de verdade meus membros antes.

— Você faz parecer tão fácil — comentei quando parei para respirar.

— Te ensinei os movimentos direito — retrucou Kaden. — É só o seu tempo que está errado, você precisa trabalhar no posicionamento do corpo. Está desleixado. Você está muito preocupada pensando no que deveria fazer e não deixa seu corpo fazer de verdade. — Ele parou e eu suspirei. — Dá uma cambalhota para a frente, como se tivesse acabado de dar um soco em alguém e depois saído do contra-ataque.

Ele demonstrou o movimento, fazendo com que parecesse tão fácil quanto respirar.

Acenei com a cabeça e plantei os pés, levantando as mãos na posição defensiva que ele me ensinou.

— Começo aqui, né?

— Mais afastado — disse Kaden, suspirei e ampliei minha postura. Parecia *errado*, e mesmo quando me abaixei e me lancei para a frente enquanto ele me ensinava, percebi que meu equilíbrio estava ruim.

Não girei por completo, mas mergulhei de cabeça no chão. Coloquei as mãos na minha frente a tempo e rolei para o lado, me impulsionando para *não* quebrar a cara. Foi muito mais difícil de fazer isso do que eu pensava que seria. Sobretudo com Kaden fazendo parecer ser tão fácil. Tive a sensação de que o chão e eu estaríamos muito bem familiarizados quando o treinamento terminasse. Quando olhei para Kaden, ele estava com os braços cruzados no peito e o observei soltar um suspiro profundo.

— Temos muito em que trabalhar — disse ele, balançando a cabeça.

Em seguida, observei como ele demonstrou cair do jeito certo sem se machucar. Então, ele começou a me empurrar e me fazer tropeçar de novo. Isso meu corpo entendeu como se fosse natural, e era. Aprendi ao longo dos anos que, para sobreviver a uma luta, eu precisava ser capaz de levar uma surra e encontrar uma maneira de escapar. Era como eu tinha sobrevivido todo esse tempo.

Algumas vezes, olhei para cima e vi Kaden assentindo, como se estivesse quase impressionado. Para ele, era quase um grande elogio.

— Já terminamos? — perguntei, ofegante, enquanto olhava para o céu depois de dar uma cambalhota para evitar mais uma queda.

— Mais uma coisa — adicionou ele. — Restrições. Você é fraca, mais fraca do que a maioria dos metamorfos, e, se alguém te pegar, você precisa ser capaz de se soltar. Caso contrário, não terá nenhuma chance.

Ótimo, pensei ao me levantar do chão outra vez.

— Vamos começar com uma restrição simples, como essa. — Ele me girou, e nem tive tempo de abrir a boca para perguntar o que ele estava fazendo antes que me agarrasse, prendendo meus braços ao lado do corpo. Meu cérebro sofreu um curto-circuito quando o corpo dele se pressionou contra o meu, seu peito largo nas minhas costas. Sua respiração agitou os

cabelos soltos na minha nuca, quase como se ele estivesse se inclinando para beijar a curva exposta da pele.

Nem sequer registrei que ele estava falando por vários momentos, suas palavras vindo até mim como se estivessem em câmera lenta.

— Use os braços, empurre os meus para cima e se jogue no chão.

O quê? Era difícil me lembrar do que eu estava fazendo, muito menos por que eu deveria querer ele *longe* de mim.

— Saia. Dessa. Posição. — Ele apertou os braços ao meu redor, os punhos pressionando meu abdômen, quase causando dor.

Respirei fundo. A dor me tirou do devaneio e lutei contra a restrição. Suas instruções fizeram sentido um momento depois, levantei as pernas, deixei-me cair e tentei empurrar os braços para fora e para cima.

Ele me soltou e caí no chão. *Mas que porra?*, pensei e me afastei. Como eu deveria aprender a sair de restrições assim quando eu não conseguia nem *pensar*? Por que ele tinha este efeito em mim?

Para o meu horror, essa não era a única restrição que íamos praticar. Kaden cravou o calcanhar da bota nas minhas costas.

— Levante-se — ordenou e me levantei outra vez. — Essa foi fácil. Vamos ver se você consegue sair dessa.

Passamos por várias restrições, cada uma fazendo seu corpo se pressionar mais perto do que eu me sentia confortável. Não me pegaram desprevenida como a primeira, mas eu ainda estava perturbada pela maneira como meu corpo respondia a ele. Kaden não mostrou nenhum sinal de estar tão sem fôlego ou suado quanto eu e, enquanto eu lutava contra suas restrições, meio que esperava que ele apenas desistisse de mim.

Ele ainda não tinha desistido, mas eu era bem fraca nas restrições, e parecia apenas mais uma derrota. Estava claro que eu tinha muito trabalho pela frente, e esperava que ele me passasse para outro treinador. Quando pedi para sair de mais uma restrição e Kaden suspirou, esperei por essas palavras. Em vez disso, apenas disse:

— Já chega. Me encontre aqui amanhã depois do almoço e vamos continuar.

— O quê? — perguntei. — Ainda não está cansado da minha incompetência?

— Você tem um longo caminho a percorrer, mas não é um caso completamente perdido — respondeu Kaden e se dirigiu para a casa sem

dizer outra palavra.

Era um grande elogio mesmo. Soltei um longo suspiro enquanto todo meu corpo doía, e fiquei feliz por Stella ter me comprado aquelas compressas frias. Tive a sensação de que ia precisar delas esta noite.

Caminhei até a borda da floresta, surpresa ao encontrar Kaden esperando do lado de fora da casa com Stella. Esperava que ele fosse derreter e se mesclar com a floresta em si e reaparecer quando estivesse pronto para me fuzilar com os olhos ou me ameaçar de novo, mas apenas assentiu para mim como se não tivesse passado as últimas duas horas me observando ter dificuldade para lutar contra ele.

— Stella vai assumir seu treino de lobo — disse ele. — Ela é uma das melhores caçadoras e rastreadoras naturais em sua forma de lobo que minha alcateia já teve.

A propósito, Stella estava dando pulinhos como uma criança animada, suspeitava de que havia praticamente forçado Kaden a deixá-la ser minha professora. Se a relação deles era parecida com a minha e de Wesley, então Stella devia ter Kaden na palma da mão. Comecei a sorrir antes que a dor me atingisse mais uma vez. Ainda doía mais do que qualquer outra coisa saber que Wesley tinha morrido. Passava a maior parte do tempo tentando evitar pensar nisso porque doía tanto que eu precisava parar e recuperar o fôlego.

Fechei os olhos por um instante, tentando respirar até a dor passar. Uma das maneiras mais fáceis de superar a tristeza era transformá-la em raiva. Botei toda minha mágoa e dor no pensamento de me vingar dos leoninos que o tiraram de mim.

Quando reabri os olhos, não estava mais piscando para afastar as lágrimas. Estava calma, serena, e encarei Stella e Kaden sem problemas. Kaden assentiu para mim e foi embora sem se despedir. A essa altura, eu nem me ofendi. Era óbvio que Kaden apenas agia assim. Ninguém mais parecia ter problemas com isso.

— Vamos — disse Stella, guiando-me para outra parte da floresta atrás da casa deles. Segui-a pelas árvores, olhando em volta. Ainda não tinha certeza de onde estava, e mesmo Stella, com sua crescente bondade, se recusava a me dizer. Desisti de adivinhar e resolvi esperar até que confiassem em mim o suficiente para me contar. Não era como se eu

precisasse voltar para casa ou algo assim. Era provável que minha casa já nem existisse.

Stella parou numa parte da floresta que parecia igual às outras, com árvores ao nosso redor.

— É aqui que os filhotes vêm aprender a ser um lobo e a caçar em grupo. Mas estaremos sozinhas hoje.

— Porque não confia em mim? — perguntei, seca.

— Não, porque eles estão na escola — respondeu Stella, dando-me um olhar estranho. — Sei que Kaden parece um pouco autoritário, mas estamos tentando ao máximo fazer com que você se sinta bem-vinda.

Assenti e abaixei a cabeça, sentindo só um pouco de vergonha. Stella não tinha sido nada além de gentil comigo, e mesmo Kaden não tinha ameaçado me matar em algumas horas. Embora isso pudesse mudar a qualquer momento.

— Vou ficar na forma humana enquanto você se transforma — acrescentou Stella. — Você ainda não faz parte da alcateia, então não poderei me comunicar com você em forma de lobo. Tire a roupa.

Hesitei apenas um segundo antes de me despir. Não era tão ruim assim, estar com apenas uma pessoa, mas ainda afastei meu corpo de vista. Talvez um dia eu pudesse apenas rasgar minhas roupas e deixá-las em pilhas, mas hoje não era esse dia.

— Me transformo agora? — perguntei à Stella.

Ela assentiu e eu fechei os olhos, me preparando para a dor. Não foi tão ruim dessa vez, mas pareceu levar uma eternidade, cada osso se remodelando tão devagar que eu sentia que estava sendo separada da minha pele. Por fim, depois do que pareceram alguns longos minutos, me acomodei na minha forma de loba e experimentei balançar a cauda branca de um lado para o outro.

Stella sorriu para mim, alegre.

— Uau, que pelo lindo! É muito raro ver uma cor branca tão pura. Posso dizer que só fez a mudança algumas vezes. Não se preocupe, vai ficar cada vez mais fácil e rápido quanto mais você fizer. Mas nunca tão rápido quanto um alfa. Eles são os únicos que podem fazer isso num piscar de olhos.

Já tinha visto como os alfas podiam se transformar rápido, incluindo Kaden, e invejava a facilidade com que o faziam. Mesmo assim, a minha

forma de lobo era bastante incrível. Na verdade, era a melhor coisa do mundo, ainda mais quando eu não estava correndo para salvar minha vida. Eu me agachei e entrei em ação, correndo ao redor das árvores. Passei por elas com tanta facilidade que parecia que eu havia treinado por anos, meu corpo de loba respondendo muito mais rápido do que o meu humano. A falta de jeito que sentira com Kaden desapareceu. A risada de Stella me seguiu enquanto eu a circulava e, em seguida, mergulhava na grama, rolando no chão. Meu corpo se movia com tanta facilidade, tanta velocidade. Era incrível.

— Você parece um filhote de três anos — disse Stella, ainda rindo. Olhei para ela e sorri o melhor que pude, ainda de costas na grama. Ela balançou a cabeça para mim e me deixou rolar por mais alguns minutos antes de me chamar de volta. — Hora de começar a treinar — anunciou e inclinei a cabeça para ela. — Vamos testar esses seus sentidos de lobo.

Ela tirou alguns objetos da casa deles da bolsa e os acenou na minha frente.

— Vou esconder isso, e você vai rastreá-los pelo cheiro. Agora, feche os olhos.

Abaixei a cabeça para mostrar que entendi e fechei os olhos. Ouvi Stella se afastar e foquei meus ouvidos em outras coisas. Não foi difícil, já que havia tantas coisas para ouvir ao meu redor, ampliadas pela audição da minha loba a ponto de quase me dominarem por completo. Não conseguia me imaginar numa cidade grande em forma de lobo.

O vento sussurrava pelas árvores, sacudindo as folhas. Ouvi pequenos animais percorrendo os galhos e o chão, e outros maiores caminhando mais longe. Eles devem ter nos farejado e fugido, mas os pássaros e esquilos não nos deram atenção enquanto caminhávamos por sua floresta. Voltei as orelhas para trás, tentando ver se conseguia ouvir alguma coisa da cidade. Com alegria, detectei algumas vozes e o som dos carros.

Os passos leves de Stella soaram perto de mim.

— Você já pode abrir os olhos — disse, e eu pisquei para ela. Estava com uma das mãos no quadril e sorria para mim. — Escondi dez objetos da casa. Veja se consegue encontrar todos.

Levantei o nariz para o ar. A concentração que antes estava focada nos sons da floresta desapareceu agora que eu estava ativamente usando meu nariz e olhos outra vez. Senti o cheiro de algo familiar, algo como pão, e o

segui. Meu nariz me conduziu para o arbusto onde ouvi Stella caminhando logo quando se afastou de mim. Tentei focar apenas no cheiro familiar, mas ficava me distraindo. Eu conseguia sentir o cheiro de outros animais e plantas e, quando o vento mudou, perdi o rastro correto por um segundo. Tive que recuar e, de repente, senti o cheiro de outro objeto. Olhei entre os dois, tentando decidir qual deles seguir. O segundo era mais forte, como se Stella tivesse ido e voltado várias vezes, em vez do primeiro, mais fraco e menos pronunciado.

Enquanto tentava decidir, um esquilo saltou pelo chão diante de mim, e meus instintos de lobo me fizeram persegui-lo por uma árvore por alguns segundos antes de perceber o que estava fazendo. Coloquei o nariz no chão e inalei fundo, e decidi seguir o segundo caminho. *Comida*, disse meu nariz. *Carne*. A trilha terminou do nada apenas alguns metros adiante, e olhei em volta, virando a cabeça de um lado para o outro para tentar encontrar o objeto que ela havia escondido. Nada.

Recuei e tentei encontrar o primeiro cheiro de novo, mas parecia ter desaparecido. Frustrada, voltei para Stella e farejei ao redor para captar outro cheiro. Ela ficou de pé, observando-me com aquele brilho nos olhos.

— É avassalador, não é? — perguntou. — Você vai se acostumar a separar os cheiros quando tiver mais prática. Confie em mim, todos ficam sobrecarregados no início.

Balancei a cabeça para ela, com a língua pendurada para fora, e continuei a procurar. Cada vez que sentia o cheiro da comida, ia atrás dela, ficando cada vez mais faminta. Sempre achava que estava perto de conseguir algo, mas então não encontrava nada, o cheiro desaparecia e não havia nenhum objeto à vista. Só consegui rastrear uma coisa com sucesso, um sapato de corrida velho que parecia pertencer a Kaden. Aquela coisa fedorenta tinha sido fácil de rastrear com meu nariz.

Quando o trouxe de volta para Stella, ela me pediu para parar.

— Bom trabalho. Você pode voltar para a forma humana agora.

Eu me senti fraca, como depois de treinar com Kaden, e me sentei no chão da floresta. Mal tinha acabado de me transformar de volta e me vestir, e me arrependi. Meus sentidos humanos pareciam pobres em comparação com o tempo que passei como loba, e estava ainda mais faminta agora.

— Você usou comida para alguns dos objetos, não foi? — perguntei. — Mas, quando cheguei lá, já não tinha nada.

Stella riu outra vez e foi quase uma gargalhada.

— Sabia que você iria atrás da comida primeiro porque é isso que todo filhote de lobo faz. Qual seria a graça de facilitar as coisas? — Ela me ajudou a sair do chão da floresta. — Você foi bem, para uma iniciante.

Balancei a cabeça.

— Eu só encontrei uma das coisas. Acho que só está me bajulando porque está presa comigo.

Ela sorriu.

— Vai ficar tudo bem. Vem, vamos jantar.

Por baixo do cansaço profundo, senti gratidão. Estava tão grata por receber este treinamento, não importava como era difícil. Se ainda estivesse com a alcateia Câncer, não teria aprendido nada disso. Cabia à família e aos membros da alcateia mostrar aos outros como ser um lobo, mas meu pai não teria se importado. Ele me deixara descobrir tudo sozinha até este ponto da vida, então não teria sido diferente desta vez. E a alcateia Leão? Não achava que seriam muito melhores comigo.

Eu receberia este conhecimento de qualquer maneira que pudesse.

Senti algo mais se mexendo dentro de mim enquanto caminhávamos de volta para a casa. Não sentia há anos, desde que era criança. Levei alguns momentos para entender o que era. Eu queria causar uma boa impressão, fazer com que Stella olhasse para mim e dissesse *bom trabalho*. Foi estranho sentir isso depois de todo esse tempo. Costumava me sentir assim com meu pai antes de perceber que nada do que eu fizesse jamais seria bom o bastante para ele, e parei de tentar.

Em menor grau, eu até queria isso de Kaden. Ainda não gostava de sua atitude de merda ou seus métodos severos, mas conseguia pelo menos respeitá-lo como alfa. Tudo se resumia a um simples fato: ele poderia me ajudar a ficar mais forte. Não importava que ele não fosse o professor mais gentil, ou que parecesse incapaz de elogiar. Ele poderia me ajudar a me vingar por Wesley, e isso era tudo o que me importava. Não tinha problemas em aguentar sua atitude arrogante se isso significasse que eu teria a satisfação de ver a alcateia Leão de joelhos, implorando por suas vidas. Saber que essa loba rejeitada seria a responsável por ajudar a levá-los à ruína.

Eu não podia esperar.

O fato de Kaden se sentar conosco na grande mesa da sala de jantar me surpreendeu mais do que qualquer outra coisa. Quando tínhamos entrado e ele estava em casa, eu meio que esperava que o alfa me encarasse feio e subisse as escadas, mas ele se sentou na ilha e cortou legumes para o prato de massa que íamos comer. Eles me mandaram lavar a sujeira e o suor do meu treinamento enquanto Stella mantinha uma conversa quase inteiramente unilateral com Kaden ao cozinhar.

Quando a comida estava pronta, Kaden se sentou à cabeceira da mesa. Fiquei de pé, com o prato na mão, pensando se tinha permissão de me sentar com eles. Stella me cutucou com o cotovelo e apontou com o queixo em direção a uma das cadeiras do meio. Esperava que ela ficasse na outra ponta, mas ela se sentou na minha frente.

Comemos em silêncio por alguns minutos antes de Stella quebrar o silêncio.

— Então, Ayla, conta como foi crescer na alcateia Câncer.

Parei, com a comida a meio caminho da boca.

— Foi... — Fiz uma pausa. Não mentiria. Há anos que mentia obrigada sobre o tratamento que recebia. — Horrível — disse, depois de um tempo. Stella piscou como se não fosse a resposta que esperava. — Sempre me evitavam por eu ser uma pária e muitos dos outros membros da alcateia me tratavam mal.

— Você não era a filha do alfa? — Ela tentou compartilhar um olhar com Kaden, mas ele tinha o olhar focado no prato, comendo devagar, mas metodicamente.

— Era, mas isso não importava. — Toquei em uma mecha do meu cabelo ruivo. — Meu pai teve um caso com uma humana, e eu parecia muito com ela para que ele pudesse esquecer. Ele deixou claro que, apesar de partilharmos sangue, eu não era filha dele. Wesley, meu irmão e herdeiro alfa, era o filho de ouro. Era o único que me tratava com gentileza.

— Era? — perguntou Stella, baixinho.

— Ele está morto, graças à alcateia Leão e seus aliados. — Não consegui manter a amargura e a dor longe da minha voz, mas pelo menos

consegui impedir a onda de lágrimas.

Por um momento, pensei que tinha acabado com o clima, porque o silêncio nos envolveu mais uma vez. O tilintar de garfos nos pratos era o único som na sala de jantar. Talvez eu não devesse ter dito nada.

— A alcateia Leão também matou nossos pais — contou Stella, e eu olhei para ela. Ela parecia triste, mas o tipo de tristeza que dizia que tinha acontecido há muito tempo. Quando olhei para Kaden, sua mão havia apertado o garfo, os dedos brancos como ossos.

Deve ser por isso que ele os odeia tanto, pensei. Isso explicava por que ele queria ir atrás da alcateia Leão primeiro. Assenti e abaixei a cabeça de novo, voltando a comer. Era um excelente prato de massa, feito com lingüine em algum tipo de molho branco com legumes e frango. Era óbvio que Stella sabia cozinhar além das habilidades básicas de sobrevivência.

Ela tomou um longo gole de água antes de continuar.

— Nossos pais estavam tentando se encontrar com os outros alfas para ver se algum deles estaria disposto a levar nosso caso para o resto das alcateias e nos ajudar a voltar aos lobos do Zodíaco. Mas as outras alcateias não queriam nada conosco e, por um tempo, pensamos que nada mudaria. Então, nossos pais receberam um convite para se encontrarem com a alcateia Leão. Era suspeito, mas nosso pai estava tão animado para enfim se encontrar com uma das alcateias que não ouviu o conselho de ninguém.

Respirei fundo com a dor na voz de Stella.

— E eles traíram vocês. Não foi?

Stella assentiu.

— O alfa leonino matou nossos pais e alguns dos amigos e conselheiros mais próximos deles. Foi quando Kaden se tornou alfa.

Nunca tinha ouvido falar de nada assim, até mesmo dos leoninos presunçosos. Por outro lado, eles provavelmente queriam esconder a verdade sobre a alcateia Ofiúco. Se alguém soubesse que eram reais, e não os monstros do mito, a alcateia perdida poderia ganhar alguma simpatia entre os lobos do Zodíaco.

— Há quanto tempo foi isso?

— Há dez anos. Às vezes parece que aconteceu ontem. Parece, aqui dentro. — Ela colocou a mão sobre o coração. Seus olhos ardiam com a mesma mistura de raiva e tristeza que eu sentia, e de repente eu sabia que,

daqui a dez anos, sentiria o mesmo que nesse momento. Não sabia se aguentaria. — Desde então, estamos esperando pela nossa vingança.

— Dez anos é muito tempo para esperar por vingança — respondi. — A alcateia Leão só ficou maior e mais forte nos últimos dez anos. Por que esperar até agora?

Kaden largou o garfo, um pouco forte demais. Pulei com o barulho repentino. Ele ergueu o rosto, seus olhos ardendo de ódio.

— Passei todos os dias dos últimos dez anos preparando minha alcateia para a guerra, desde que me tornei alfa. Treinando todos os membros da alcateia para lutar. Reunindo armas e recursos. Estudando as fraquezas das outras alcateias. E agora estamos finalmente prontos. — Ele se inclinou para a frente, a voz baixa. — Desde que você fizer o que eu digo, nós dois vamos nos vingar dos leoninos.

Olhei para aqueles olhos cheios de ódio e acreditei. Ele devia ser jovem quando se tornou alfa, e era impressionante que tivesse sido capaz de assumir o controle de uma alcateia inteira e prepará-la para a batalha. Eu com certeza não gostaria de ficar contra ele.

Depois disso, o clima estava arruinado de verdade, e passamos o resto do jantar em silêncio. Kaden foi o primeiro a terminar, e ele limpou o prato e o colocou na máquina de lavar louça, antes de subir as escadas. *Isso* era mais como a saída dramática que eu esperava que ele fizesse antes do jantar.

— Não ligue para ele — disse Stella e se levantou. — Ele teve que crescer rápido depois de se tornar alfa. Mas sob todo esse mau humor, se preocupa com a gente de verdade.

Eu acreditei, pelo menos em relação a ela. Quanto a mim? Eu ainda era uma pária aqui.

Limpei a louça e liguei a máquina de lavar, antes de subir para passar o resto da noite descansando. O treino havia me esgotado de verdade, mas, ao me deitar na cama, descobri que não conseguia relaxar. Ontem à noite tinha adormecido sem problemas, entre minha exaustão e dor, mas hoje não estava sendo tão fácil.

Havia muitas perguntas que precisavam de resposta. Olhei pela janela e encontrei feixes de luar no chão do lado de fora. Primeiro, precisava entender o estranho poder que usei para fugir de Jordan na Convergência.

Eu me levantei e andei de fininho até a porta, ouvindo. A casa estava silenciosa. Abri a porta e saí para o corredor. Kaden não estava lá, rosnando para mim, então achei que era seguro.

Esgueirei-me pelo corredor e desci as escadas. Ainda nada. Relaxei quando cheguei à porta dos fundos e saí, aliviada por sair de casa sem nenhum dos meus guardas. Entrei na floresta o mais silenciosamente que pude. Não fui muito longe, mas o bastante para que, se Kaden ou Stella por acaso olhassem para fora, não me vissem.

Entreí num pedaço de luz do luar e ergui o rosto para a lua. Parecia só luz, nada de especial. Não sentia o estranho puxão no meu interior ou a maneira como o mundo havia mudado. Fechei os olhos e me concentrei.

Ainda nada.

Será que aconteceria só daquela vez? Algum estranho instinto de sobrevivência que os metamorfos tinham?

Então me lembrei de como me senti ao pensar que ia morrer e tentei evocar o mesmo sentimento de medo e pânico. *Preciso escapar*, pensei. *Preciso fugir*. A urgência cresceu dentro de mim com bastante facilidade. Não fazia muito tempo que eu tinha sido caçada como um animal, e a sensação era familiar demais.

Respirei fundo e abri os olhos. Agora estava a três metros de onde eu tinha estado antes. Quase ri, embora não tivesse humor. Qualquer poder que eu tinha usado antes ainda estava dentro de mim.

Fechei os olhos e tentei de novo. Era como me transformar. Quanto mais eu fazia, mais fácil ficava, como exercitar um músculo. Fiz um círculo em torno de um bosque de árvores usando apenas feixes de luar e depois tentei pular uma mancha. Isso não funcionou direito, mas pelo menos eu estava começando a entender os limites desse estranho poder. Quando parei para respirar, eu me senti cansada, como se estivesse treinando ou correndo.

De repente, a sensação de ser observada arrepiou os cabelos na minha nuca. Virei a cabeça, tentando ver quem era. Kaden estava recostado em uma árvore a cerca de seis metros de distância, o corpo todo na sombra, mas não havia como confundi-lo com mais ninguém. Reconheceria aqueles ombros largos em qualquer lugar.

— O que você está fazendo? — perguntei, com as mãos nos quadris. — Há quanto tempo está me observando?

Ele descruzou os braços e veio para a luz do luar, deixando-a iluminar seu rosto bonito demais.

— Preciso ter certeza de que você não vai escapar, já que decidiu sair de casa no meio da noite, agindo como se estivesse fugindo.

— Só queria descobrir como esse poder estranho funciona — respondi.
— Eu não tinha isso antes da Convergência, e não é como se tivesse tido tempo de praticar. Sabe, por ficar trancada numa jaula e tal.

Esperava que Kaden rosnasse algo para mim, mas ele apenas ignorou meu ataque e se aproximou. Dei um passo involuntário para trás, mas depois permaneci firme, levantando o queixo. Não o deixaria me intimidar.

— Eu sei o que você é — disse Kaden. — Suspeitava disso antes, mas, depois de ver você se mover ao luar, agora é óbvio. Você foi tocada pela lua.

— Fui o quê? — Eu nunca tinha ouvido o termo antes.

— Você recebeu um presente especial da deusa da lua, Selene — explicou, o que, na verdade, não esclareceu nada.

— Por que a deusa da lua me daria presentes? — Bufe. — Nunca fui nada de especial na minha vida. — Meu pai tinha deixado bem claro que eu não tinha nada de especial.

Os olhos de Kaden subiram e desceram pelo meu corpo de uma forma que me fez estremecer. No mesmo segundo, corei com o calor, mas afastei a sensação. Fiquei muito irritada que meu corpo respondesse a ele assim.

— Tenho uma teoria — anunciou.

— Importa-se de dividir com a turma? — perguntei.

Ele deu um sorriso amarelo para isso.

— Sim, eu me importo. Acho que vou guardar a teoria comigo mais um pouco.

Idiota, pensei.

— O quanto você sabe sobre a alcateia Ofiúco e por que somos excluídos do resto dos lobos do Zodíaco? — perguntou antes que eu pudesse alfinetá-lo.

Encolhi os ombros.

— Quase o mesmo que qualquer outro metamorfo, acho. Fomos criados com histórias de terror sobre vocês. Não achei que sua alcateia fosse real até vê-lo. — Inclinei a cabeça enquanto me lembrava de algumas das coisas que ouvi. — As lendas dizem que sua alcateia teve relações com as Bruxas

da Lua há muito tempo para tentar ganhar poderes extras. Também dizem que tentaram assumir o controle uma vez, e tudo o que conseguiram foi serem expulsos das alcateias do Zodíaco.

— Verdade, em partes — respondeu Kaden. — Há muito tempo, as Bruxas da Lua e do Sol eram aliadas, e escravizaram todos os metamorfos lobos para lutar numa guerra contra os vampiros.

Levantei a mão para pará-lo.

— Espera, espera. Vampiros? Eles são reais?

— Sim, mas pouquíssimos sobreviveram, pelo que ouvi. Eles costumam viver na Europa.

— Que estereotipado — murmurei.

Ele me lançou um olhar enquanto continuava:

— Então, como estava dizendo... Depois que as bruxas ganharam a guerra, os metamorfos se revoltaram e conquistaram sua liberdade, com a ajuda das Bruxas da Lua. As Bruxas do Sol não gostaram dessa traição, e os dois grupos se separaram. A alcateia Ofiúco manteve boas relações com as Bruxas da Lua e às vezes acasalava com elas, mas as outras alcateias do Zodíaco não gostaram do poder crescente da nossa e nos expulsaram. — Ele fez uma pausa, como se esperasse que eu o interrompesse, mas fiquei chocada com todas essas novas informações, e porque nunca o ouvi dizer tantas palavras ao mesmo tempo. — Em vez disso, as outras doze alcateias se aliaram com as Bruxas do Sol, o que foi um grande erro. As Bruxas do Sol manipularam as doze alcateias para pensarem que eram aliadas, mas, na realidade, elas as estão controlando.

— Isso não é verdade — eu disse, na mesma hora. — As Bruxas do Sol vêm protegendo os lobos do Zodíaco desde o início da nossa existência. Você deve estar enganado.

— E como exatamente elas estão protegendo vocês?

Abri e fechei a boca algumas vezes, mas depois disse:

— Elas nos impedem de receber a maldição da Lua.

Kaden bufou.

— Essa história? É mentira. As Bruxas da Lua removeram a maldição há centenas de anos. Foi errado, desumano, e elas perceberam isso. As Bruxas do Sol estão mentindo para você e todas as alcateias para que vocês *precisem* delas.

— Mas por quê? — indaguei, sentindo como se estivesse muito longe do meu corpo. O que Kaden estava dizendo não fazia sentido, mas, quanto mais ele falava, mais eu começava a questionar tudo. — Não faz sentido. Elas... elas nos protegem. Elas nos ajudam a conseguir nossos lobos e nossos companheiros.

Kaden deu um passo em minha direção, a voz exaltada:

— Não, elas mantêm seus lobos fora de alcance até os vinte e dois anos. Você viu os filhotes de lobo aqui. Stella me contou o quanto você ficou chocada com eles. Mas isso é normal aqui, e deveria ser normal para todas as outras alcateias também.

Balancei a cabeça, incapaz de acreditar que tanto da minha vida era mentira.

— Tenho certeza de que há uma boa razão...

— E há. As Bruxas do Sol querem escravizar as doze alcateias outra vez. Elas estão mudando lentamente a quantidade de controle que têm sobre os lobos do Zodíaco, tão devagar que ninguém notará ou questionará até que seja tarde demais.

— Por que elas nos querem escravizados? Não acredito em você.

— Eu não me importo no que você acredita — disse Kaden, dando-me as costas abruptamente. — E, de qualquer maneira, nada disso vai importar quando as outras alcateias forem exterminadas.

De volta a ser o alfa arrogante e espinhoso de sempre.

— O que isso tem a ver comigo?

Kaden me olhou por cima do ombro.

— Acho que sua mãe era uma Bruxa da Lua.

As palavras me atingiram como um soco. Comecei a balançar a cabeça antes que pudesse compreendê-las na íntegra.

— Não. Não é possível. Ela era humana. — Eu me afastei de Kaden, suas palavras ecoando nos meus ouvidos. — E, mesmo que isso fosse verdade, não há como eu descobrir porque toda minha família está *morta*.

Kaden se virou e encontrou meus olhos, e vi o menor indício de humanidade neles.

— Sinto muito. Sei como é se sentir assim.

Eu ri, mas foi um som amargo.

— Não, você não sabe. Você tem sua irmã e sua alcateia. Mas eu? Eu não tenho ninguém.

Algo cruzou o rosto dele, algo que poderia ser pena, e eu não conseguiria suportar olhar para ele por mais um segundo sequer. Tinha que me afastar dele e de todas as coisas loucas que dizia. Não havia como nada disso ser verdade.

Comecei a correr e voltei para casa. Ele não me chamou, e eu não esperava que chamasse.

Não parei de correr até estar trancada no meu quarto, ofegante.

Nos próximos dias, a minha vida entrou numa rotina. De manhã, limpava qualquer que fosse o lugar que Kaden me designava para o dia. Então, almoçava rápido, antes de me juntar a ele lá fora para o treino de combate, seguido pelo treino de lobo com Stella.

Meus guardas iam a todos os lugares comigo durante o dia, seguindo-me perto o suficiente para que parecesse que estavam sempre respirando no meu pescoço. Só não estavam por perto quando eu estava em casa, ou treinando com Kaden e Stella. Entretanto, Clayton e Jack nunca me machucaram e, quando me acostumei a ser seguida tão de perto, descobri que não eram tão ruins. O único problema era que Kaden havia dito a eles para não responderem a nenhuma das minhas perguntas, para meu desgosto.

Todos os outros na cidade eram educados comigo, embora ninguém chegasse muito perto também. Fazia alguns anos desde que a alcateia Ofiúco ganhara um novo membro, Stella me contara, então as notícias da minha chegada se espalharam sem demora. Todos pareciam estar esperando que seu alfa tomasse uma decisão sobre mim, mas eu não era chamada de “mestiça” ou “vira-lata” por esses metamorfos, o que foi uma boa mudança. Continuei prendendo a respiração e esperando pelo pior, ou que o ódio comesse, mas, depois de uma semana, comecei a relaxar na presença da alcateia.

A única pessoa cuja atitude permaneceu fria foi Kaden. Passei muito tempo tentando evitá-lo, mas viver com ele tornou isso difícil. Às vezes eu comia com Stella, e outras vezes levava a comida para o quarto para que pudesse me esconder.

A rotina manteve minha mente longe do meu irmão e de tudo mais, e era só quando eu ficava sozinha na cama que a dor avassaladora me engolia inteira de novo. Chorei por Wesley, pelos pais de Mira, por todas as pessoas que foram gentis comigo na alcateia Câncer. Chorei sem saber o que havia acontecido com as pessoas que ficaram em casa durante a Convergência, e se alguma delas ainda estava viva. Chorei pelo futuro que poderia ter tido, se não fosse pela traição dos leoninos.

E então, quando por fim esgotava minha dor e esperava poder dormir, o vínculo de acasalamento voltava à vida. Estava sempre lá, no fundo da minha mente, e quando eu estava sozinha e quieta, era mais difícil de ignorar. O puxão irritante se tornou uma necessidade desesperada, um desejo por algo – não, por *alguém* – junto com a sensação constante de estar insatisfeita. Eu me virava de um lado para o outro na cama, desesperada para acabar com o tormento, mas nada funcionava. Até deslizei a mão entre as coxas e tentei me masturbar, esperando que isso fosse aliviar a fome latejante na minha boceta, mas foi inútil. Só Jordan poderia consertar o que havia de errado comigo.

Ou Kaden, uma voz sussurrou dentro de mim. Uma voz que mandei se foder. Ele não era meu companheiro. Foi Jordan que os deuses escolheram para mim, não importava o quanto o desprezasse.

De qualquer maneira, duvidava que Kaden me quisesse. O homem rosnava e me encarava furioso sempre que eu tinha que passar algum tempo com ele. Mesmo quando não estava por perto, sua presença parecia me seguir durante o dia todo.

De manhã, ele me deixava bilhetes. *Limpe o centro comunitário* estava preso na geladeira na manhã seguinte depois de me confrontar na floresta, como se nada tivesse acontecido. Pisquei para o bilhete por vários minutos antes de perceber que, se eu passasse mais um segundo sequer ficando confusa, provavelmente me atrasaria. Depois, no dia seguinte, ele me mandou para outro lugar, para ser a zeladora daquele lugar também. Limpe e repita.

O treinamento de combate com Kaden também não ficou mais fácil. Estava fazendo a rotina de alongamento que Kaden me mostrou, e parei de cair de cara no chão toda vez que tentava fazer um movimento básico, mas, além disso, pude dizer que ele estava frustrado com minha falta de progresso.

Por outro lado, minhas tardes com Stella estavam indo bem. Estar em forma de lobo era natural para mim, ao contrário do combate corpo a corpo. Com a prática, ficou mais fácil me transformar, assim como Stella havia dito, e se tornou quase indolor ao longo da semana. Ainda era mais difícil me concentrar na forma de lobo, mas mesmo isso estava ficando mais fácil.

Estava pensando na liberdade que minha forma de lobo me trouxe, como eu conseguia correr rápido e como podia ouvir as coisas com muito

mais clareza. Queria correr por quilômetros e quilômetros até meu corpo de loba não aguentar mais, e depois tirar uma soneca numa clareira, talvez perto de um pequeno riacho que me acalmasse para dormir...

— Pare de sonhar acordada — esbravejou Kaden.

Pisquei e percebi que estava tocando os dedos dos pés há vários minutos, muito mais do que deveria. Eu me levantei e o segui até o centro da academia, que estava vazia, exceto por nós. Ele me fez encontrá-lo aqui hoje, em vez da clareira de sempre, e agora me levou a um saco de pancadas.

— Dê um soco — disse, segurando o saco.

— O que, sem instruções? — perguntei.

— Preciso ver com o que estou trabalhando. Se for algo parecido com o resto, terei que começar bem do início.

Eu me indignei com suas palavras.

— Não é minha culpa que minha alcateia não me ensinou nada disso. Meu alfa nunca esperou que eu fizesse muita coisa.

— Bem, eu espero. Agora, dê um soco. — Kaden parecia quase entediado, como costumava ficar.

Odiava quando ele agia assim. Sabia que fazia de propósito, provavelmente para me irritar. *Ficar com raiva a torna estúpida*, dissera uma vez. *Mantenha a calma*. Era mais fácil falar do que fazer, sobretudo quando ele continuava agindo como um idiota arrogante. Afastei o punho para trás, pronta para socar, imaginando que era o rosto dele.

— Pare. — Kaden soltou o saco de repente e recuou. Parei, os músculos tensos para dar o soco. — A menos que queira deslocar o polegar. Tire-o de baixo dos dedos.

Obedeci, e Kaden ergueu a própria mão para me mostrar. Espelhei o punho cerrado dele, deixando o polegar dobrado ao lado dos meus dedos em vez de embaixo. Na verdade, isso fazia muito sentido, e me senti burra. Esse era um sentimento comum enquanto treinava com Kaden. Era como se ele esperasse que eu já soubesse tudo e, quando não sabia, ele ficava frustrado. Mas como isso era minha culpa? Estava dando meu melhor para aprender. Dei um soco, mas o saco não se moveu como eu esperava, mesmo com a minha força de metamorfo.

— Você precisa concentrar a maior parte do soco nos dois primeiros nós dos dedos — disse Kaden, apontando para eles na própria mão. Então,

puxou o cotovelo para trás e deu um soco. Sua respiração saiu num ruído agudo com o soco. — Sempre expire nos socos. Enrijece o abdômen, o que lhe dará mais força. Se você vai socar alguém, certifique-se de jogar todo seu peso corporal no movimento.

Ele me guiou durante todo o processo, certificando-se de apontar que eu estaria envolvendo meus quadris e minhas pernas também se fosse fazer da maneira certa. Então, voltou para o saco e o segurou.

— Tente outra vez.

Acenei com a cabeça e plantei os pés no chão, depois fiz o que ele me mostrou. Este soco pareceu melhor, mais sólido, mas o saco ainda não se mexeu.

— Você não está usando os quadris. — Ele se afastou do saco e veio bem para atrás de mim. — Vou te mostrar.

Minha respiração acelerou quando Kaden puxou meu corpo contra o dele, uma das mãos no meu quadril e a outra estendida para envolver meu punho. O que parecia um choque elétrico atravessou todo meu corpo, tornando-me inútil. Eu me mexi, subserviente e maleável em seu aperto enquanto ele virava meu quadril para trás e estendia minha mão para mim.

Ele estava dizendo alguma coisa, mas eu não ouvia as palavras. A mão dele estava quente o bastante para queimar, apenas repousada ali no meu quadril. Nada do que ele tinha feito havia sido assim antes. Eu quase podia imaginar que a mão dele deslizaria pelo meu corpo, deslocando-se pela minha barriga para me segurar contra ele por uma razão bastante diferente. Sua boca não me diria como dar um soco, mas resvalaria meu pescoço, movendo-se devagar, sem hesitar. A mão que envolvia meu punho encontraria a minha, entrelaçaria os dedos nos meus.

A imagem era tão vívida, tão real, que cambaleei sob seu efeito. Poderia ter caído se não tivesse sido pressionado tão completamente contra a linha firme do corpo de Kaden. Mas, por outro lado, não estaria nessa situação se Kaden não tivesse me agarrado assim.

A mão de Kaden apertou meu pulso, enquanto ele puxava minha mão para trás e a movia pelo movimento certo de novo. Sua mão deslizou *sim* um pouco mais para minha barriga, e eu parei mesmo de respirar, imaginando se estava ficando louca. Tinha certeza de que Kaden podia ouvir o modo como meu coração trovejava no peito, ou sentir o cheiro da

luxúria entre minhas coxas. Mas, se notou, não disse nada e, depois de um momento, ele recuou.

Vacilei, ainda presa no momento, imaginando o que aconteceria se inclinasse a cabeça para trás para encorajá-lo a me beijar. Fui pega no meio do caminho entre a realidade e a fantasia, e foi preciso um comando firme de Kaden para me tirar por completo dos meus pensamentos:

— De novo.

Balancei a cabeça e tentei me lembrar do que Kaden havia dito. Ainda podia sentir a mão dele no meu quadril, e mexi da maneira como ele me moveu, certificando-me de expirar enquanto socava.

— Assim? — perguntei e, se Kaden notou que o tom estava quase ofegante, não disse nada.

— Melhor. De novo.

Bati no saco mais algumas vezes, certificando-me de envolver todo o corpo a cada vez. O feitiço estranho que havia sido lançado sobre mim desapareceu e, embora Kaden ainda estivesse me distraindo, pelo menos estava me distraindo *de longe* e não me tocando.

— Por hoje, é só. Vamos continuar. — Kaden largou o saco e tirou a camisa. Ele parecia ser alérgico a usar uma quantidade decente de roupas, não importava a ocasião. O número de vezes que descii as escadas para encontrá-lo parado na cozinha apenas de calça de moletom ou jeans era quase ridículo. Eu já deveria ter ficado insensível a essa altura, mas, com um corpo assim, duvidava que me acostumaria logo. E, sério, calça de moletom cinza? Ele estava *tentando* me deixar excitada?

Em seguida, fomos para o combate corpo a corpo, que era minha parte menos favorita do treinamento, porque parecia tão desesperador. Kaden era um verdadeiro guerreiro, por completo, mas eu não. Eu era uma sobrevivente esquisita que de alguma forma escapava de todas as situações ruins como um animalzinho esguio, não uma lutadora. Quando as coisas ficavam ruins, eu fugia. Não importava o quanto treinasse, minha verdadeira natureza não seria mudada.

Mas Kaden parecia discordar, senão por que continuaria fazendo isso? Dava para dizer que ele estava se segurando — provavelmente era melhor assim, ou eu acabaria levando um soco no nariz —, mas eu ainda não conseguia acertar um golpe nele.

Não ajudava que eu ainda pudesse senti-lo pressionado contra mim, segurando-me de uma maneira tão casual, mas íntima. Meu olhar deslizou para seu torso nu, e absorvi a visão de todos aqueles músculos justo nos lugares certos. Ele estava tão *quente* contra mim, tão duro. Como naquele dia na cachoeira, quando estava em cima de mim.

Um dos golpes de Kaden chegou perto da minha têmpora, meus instintos me permitiram afastar a cabeça no último segundo. Merda, precisava me concentrar ou ia ser nocauteada.

— Boa — disse Kaden. — Está melhorando.

Assim que disse isso, empurrou a mão espalmada no meu esterno. O golpe fez eu me esparramar no chão. Tentei agachar e rolar para amortecer a queda, mas não consegui. Ainda fui capaz de evitar me machucar, mas não foi muito gracioso.

— Você não pode dizer isso e depois fazer algo assim — retruquei, tentando recuperar o fôlego. Não tinha sido forte o bastante para machucar, mas tinha feito eu parar de respirar.

— Você parecia distraída. — Kaden se aproximou de mim e estendeu a mão. Franzi a testa, lembrando-me do primeiro dia. *Certo*. Peguei sua mão, esperando que ele me jogasse por cima do ombro, mas apenas me levantou, os músculos do braço se flexionando.

Então ele me puxou para perto e tocou minha têmpora de leve, com a testa franzida. Inspecionando-me para ter a certeza de que não me tinha machucado, percebi. A outra mão de Kaden ainda segurava a minha com força, e ficou difícil respirar, ou me mover, ou até mesmo pensar. O desejo e o anseio fizeram meu peito se contrair quase dolorosamente, e me encontrei estendendo a mão para tocar a barba curta macia e escura em seu queixo. Mas, quando as pontas dos meus dedos o roçaram de leve, ele recuou, como se tivesse sido queimado.

Nós nos afastamos e pressionei a mão no peito, desejando poder acalmar meu coração desgovernado. *Ele não é seu companheiro*, eu me lembrei. Mas meu corpo não quis ouvir.

— De novo — disse Kaden, mas sua voz soou um pouco estranha.

Respirei fundo e tentei manter o foco na luta, não no lutador. Trocamos alguns golpes experimentais, e de repente vi uma abertura. Não sabia se era proposital, mas ele se estendeu demais com um soco, deixando sua lateral

vulnerável. Soquei rápido. Ele viu meu punho avançando e se contorceu, saindo de alcance, mas senti meus dedos roçarem suas costelas.

Soltei uma risada chocada ao me afastar.

— Eu quase te acertei.

Kaden parecia tão surpreso quanto eu, mas o sentimento desapareceu de seus olhos com a mesma rapidez.

— Você está ficando mais confiante com seu corpo, com seus instintos. Quanto mais ouvi-lo, mais fácil será. Você fica pensando demais e duvidando de para onde seus músculos querem que você vá. É o que mais te atrapalha.

Continuamos e, embora eu não tenha chegado perto de acertar mais golpes, o resto da sessão de treinamento não teve problemas. Kaden continuou a corrigir minhas posições, mas não me puxou contra si de novo. Afastei a decepção.

Por fim, Kaden sinalizou o fim. Percebi que não estava respirando com tanta dificuldade quanto nos primeiros dias. Foi uma melhoria pequena, mas bem-vinda. Talvez em breve eu passasse por toda essa rotina sem suar, como Kaden.

Nós nos acalmamos, fazendo alguns alongamentos leves. Na maioria das vezes fazíamos isso em silêncio, então fiquei surpresa quando Kaden falou:

— Stella disse que você está indo bem com o treino de lobo.

Encolhi os ombros, abaixando a cabeça com o elogio.

— Ainda não sou muito boa em rastrear, mas estou tentando.

Kaden fez uma pausa e me avaliou.

— A alcateia vai caçar hoje à noite. Talvez queira se juntar a nós.

Congelei, as palavras dele me pegando completamente desprevenida. Kaden era muito protetor em relação à alcateia, e eu sabia que não queria que eu interagisse com a maioria deles até que ele sentisse que eu era confiável. Isso me colocaria bem no meio deles, quase como um verdadeiro membro da alcateia.

— Eu adoraria. — Talvez se eu passasse mais tempo interagindo com o resto da alcateia, Kaden veria que eu não queria machucá-los. Poderia até fazê-lo confiar mais em mim.

Kaden assentiu, seco, e se levantou.

— Esteja pronta para sair ao pôr do sol. Os cervos são mais ativos à noite.

Ele saiu da academia sem dizer mais uma palavra, terminando do nada a nossa sessão de treino como sempre fazia. Revirei os olhos e peguei uma toalha para enxugar o suor, depois fui para fora, onde Jack e Clayton estavam esperando por mim. Claro.

— Bom treino? — perguntou Jack, enquanto eles iam cada um para um dos meus lados. Ele era muito bonito, com cabelos loiros e um sorriso encantador. — Parece que suou um pouco. Está bonita.

Ah, e ele flertava muito, comecei a perceber. Mas tudo o que dizia era inofensivo, e eu tinha que admitir que era bom um flerte em vez de ser menosprezada ou intimidada o tempo todo.

— É, foi ótimo. Até consegui acertar um golpe.

— Em Kaden? — perguntou Clayton. Ele era grande, parecido com um urso-pardo, e muito mais silencioso, mas agora virou seus calorosos olhos castanhos para mim, surpreso.

— Bem, foi de raspão — respondi com um encolher de ombros.

— Isso conta — disse Jack. — Fique orgulhosa.

Sorri um pouco enquanto caminhávamos pela cidade.

— Ele também me convidou para a caçada de hoje à noite.

— Convidou? — Clayton passou a mão na barba. — Você tem certeza? Meu sorriso desmoronou.

— Acho que sim. As palavras dele foram bem claras.

Clayton olhou para mim como se me visse sob uma luz completamente diferente.

— Ele nunca convidou um estranho para uma caçada antes. Nem mesmo aqueles que queriam se juntar à nossa alcateia.

— Isso é uma coisa boa? — perguntei, de repente insegura.

Jack deu de ombros.

— Acho que vamos descobrir.

Naquela tarde, Stella cancelou nossos exercícios habituais e me falou para descansar um pouco. Disse que eu precisaria estar descansada para a noite enquanto me jogava um pacote de batatas chips. Porém, descansar era difícil, pois eu estava muito nervosa, ansiosa demais para o pôr do sol chegar para conseguir relaxar. A alcateia Câncer nunca me deixou participar de algo assim, e eu queria fazer um bom trabalho, provar a mim mesma, para Kaden e os outros.

Quando chegou a hora, eu me vesti com uma calça de moletom e uma camiseta – roupas que eu poderia descartar com facilidade para nossa transformação – e depois fui para fora. Stella esperava por mim atrás da casa e parecia quase tão animada quanto eu me sentia, e sorri para ela enquanto me aproximava.

— Onde estão os outros? — perguntei.

— Eles estão com Kaden na clareira. Vamos nos juntar a eles num minuto. — Ela me deu um sorriso caloroso. — Pensei que talvez quisesse se transformar aqui.

Um toque de rubor atingiu minhas bochechas, mas na maior parte senti gratidão por sua bondade. Mesmo que eu nunca tivesse dito nada, Stella reconheceu que eu ficava nervosa por estar nua perto dos outros. Sem demora, me despi e libertei minha loba, minhas patas brancas afundando na grama e minha cauda se debatendo. *Finalmente*, minha loba parecia dizer.

— Essa vai ser uma caça até que curta — explicou Stella. — Hoje Kaden e alguns dos outros estão ensinando aos adolescentes o que fazer, e você vai observar. Vou ficar do seu lado em forma humana para explicar como funcionam as formações para caçar em grupo, o que estão rastreando e como se comunicam para pegar as presas. Está tudo relacionado com cooperação e comunicação, e é importante que você veja e sinta o cheiro da caça com seus sentidos de lobo.

Não importava que eu não estivesse participando da caçada em si, já estava animada por ao menos ser incluída. Além disso, eu realmente não tinha pensado muito em qual seria o melhor lugar para afundar meus dentes

em um animal para derrubá-lo. Para ser sincera, não sabia se estava pronta para isso.

Fomos para a floresta encontrar o resto da alcateia. Ouvi os movimentos deles à frente, e minha expectativa só aumentou. Estava determinada a provar a mim mesma para eles, de qualquer jeito que pudesse. Com certeza essa caça não seria muito mais difícil do que aprender a dar um soco ou farejar um objeto correto na floresta. *Se todos esses filhotes conseguem fazer isso, eu também consigo*, pensei. Claro, eles conseguiram seus lobos muito antes de mim. Passei vinte e dois anos sem minha loba, enquanto eles libertaram o deles ainda enquanto crianças. Levaria tempo para eu começar a pensar como um.

Ao nos aproximarmos da clareira, olhei através dos galhos, tentando vislumbrar a alcateia. Vi cerca de uma dúzia de lobos, todos em diferentes tons, e não foi difícil discernir Kaden na frente. Ele era *enorme* e inteiro preto. Já tinha visto a forma de lobo do meu pai várias vezes, e ele não era nada melhor do que Kaden, cujo lobo parecia majestoso e mortal em partes iguais, um alfa merecedor do respeito que recebia.

Quando o grupo estava se preparando para começar, Kaden os circulou, preparando-os para o que estava por vir. Eu me lembrei de Stella dizendo que podiam se comunicar telepaticamente enquanto estavam em forma de lobo e me perguntei se a voz de lobo de Kaden era tão dominante quanto a sua na forma humana.

— Ok, estamos de saída — disse Stella, quando os lobos começaram a entrar na floresta. — Vamos segui-los. Fique afastada e não atrapalhe. Kaden está ensinando as formações.

Acenei com a cabeça o melhor que pude em forma de lobo e trotei a um ritmo confortável ao lado de Stella. Ela era ágil e rápida em sua forma humana, mas eu poderia deixá-la para trás com facilidade. Coloquei o nariz no chão e segui o grupo pelo cheiro, ficando a uma curta distância dos outros lobos para não interferir na caça deles. *Cervo*. Apontei o nariz para a direção e Stella sorriu com aprovação.

— Vem por aqui — disse ela. — Vamos subir uma colina para podermos ver melhor a alcateia.

Eu a segui por uma ligeira inclinação. Daqui de cima, pude ver Kaden liderando alguns dos lobos mais jovens, contornando a borda da leve depressão em que os cervos estavam se reunindo. Um grupo flanqueou os

cervos, perseguindo-os na direção certa para que se dirigissem direto para a emboscada que os esperava no final.

Enquanto observava Kaden e os metamorfos mais jovens, desejava estar lá com eles, sentindo a emoção da caça e a garantia de ter uma alcateia ao meu lado. Minha loba não queria nada mais do que ser livre e caçar cervos com o resto da alcateia. A necessidade de pertencer, de fazer parte de algo mais do que apenas eu, queimou dentro de mim.

A alcateia Câncer nunca pareceu meu lar, mas mesmo no pouco tempo que passei aqui, pude ver a alcateia Ofiúco sendo o lugar onde eu afinal poderia me sentir aceita. Já conseguia me imaginar tão facilmente lá embaixo com o resto deles, e queria tanto isso que meu peito doía.

Senti as emoções da caça com eles, mesmo a muitos metros de distância. Era fácil, os sentidos intensificados da minha loba percebendo o menor dos movimentos, enquanto Stella observava ao meu lado, às vezes explicando o que estavam fazendo.

A alcateia encurralou um cervo enorme que era quase tão grande quanto Kaden. O resto dos cervos se separou e os lobos se separaram para permitir que passassem. Juntos, os lobos derrubaram o cervo, Kaden pulando em suas costas enquanto um dos lobos mais jovens disparava para morder a garganta do animal.

No momento em que o cervo caiu, senti algo borbulhando no meu peito. Se estivesse em forma humana, teria sido uma comemoração, mas, como estava em forma de lobo, quando abri a boca, um uivo saiu. Nem queria soltá-lo, e fechei a mandíbula sem demora, mas era tarde demais. Meu uivo já tinha saído, a primeira vez que o ouvi.

Stella fez um barulho ao meu lado. Olhei para trás, tentando ver se tinha feito algo de errado, mas ela estava com a mão na frente da boca como se estivesse cobrindo um sorriso. Estreitei os olhos para ela. Ela estava tentando não rir. Um momento depois, o uivo ecoou no grupo, um jovem metamorfo imitando-o e depois o próximo. Logo o uivo percorreu todo o grupo, e os ombros de Stella começaram a sacudir com risadas silenciosas enquanto mais alguns uivos ecoavam da cidade, a apenas alguns quilômetros de distância.

Um único uivo atravessou tudo, o mais alto e assustador de todos. Quando olhei para o grupo, Kaden estava com a cabeça inclinada para trás

em direção à lua, que dançava em seu pelo preto. O resto dos lobos ficou em silêncio ao seu sinal.

Jurei que ele olhou para mim enquanto terminava o uivo e, se eu pudesse corar como um lobo, não tinha dúvida de que estaria fazendo isso. Mas o uivo parecera certo, no momento.

Stella balançou a cabeça, sorrindo.

— Você está pronta para descer?

Ela tirou minhas roupas da bolsa que carregava, e voltei à forma humana para vesti-las. Caminhamos de volta pelo cume, e observei enquanto um grupo de metamorfos mais jovens arrastava o cervo de volta para ser limpo e preparado para comer, empurrando um ao outro e rindo.

Quando voltamos para a clareira, Kaden veio até nós. Estava sem camisa, nenhuma novidade. Sorri para ele, incapaz de manter a alegria que sentia sob controle. Mesmo que ele não tivesse sorrido de volta, parecia menos mal-humorado do que o normal, as linhas ásperas de seu rosto bonito se suavizando em algo mais acessível.

— O que você achou? — perguntou, com as mãos nos bolsos. A pergunta foi bem casual, mas ele me observou com atenção para a resposta.

— Foi incrível, a maneira como vocês se moveram em formação juntos, como se estivessem fazendo desde sempre. Gostaria de aprender a fazer isso também.

Kaden olhou para mim por bastante tempo.

— Assim que estiver numa alcateia, será capaz de comunicar pensamentos enquanto lobo com outros membros da alcateia. Foi isso que fez com que parecesse tão fácil.

— Quero isso — eu disse com pressa, as palavras saindo antes mesmo de perceber que tinha me decidido sobre o assunto. — Fazer parte de uma alcateia.

Senti, bem no meu interior. Como todos os outros lobos, nasci para fazer parte de uma alcateia, mesmo com a minha herança metade humana. De alguma forma, encontraria uma maneira de fazer Kaden confiar em mim e provar a ele que eu poderia fazer parte da sua alcateia. Mesmo que isso significasse limpar todos os banheiros da cidade.

Quando encontrei o olhar de Kaden de novo, ele inclinou a cabeça para mim e a expressão em seu rosto quase parecia aprovação. Então um sorriso lento cruzou a boca dele.

— Belo uivo, a propósito.

Corei, mas o tom dele foi leve o bastante para que eu não me sentisse muito mal com isso.

— Foi meu primeiro.

— Nada mal. Embora eu aposto que você poderia uivar mais alto sob as circunstâncias certas.

Engoli em seco, minha boca de repente seca.

— Talvez você possa me mostrar.

Ele abriu a boca para responder, mas depois balançou a cabeça e desviou o olhar.

— Vamos lá. Eles estão me esperando.

Ao voltarmos para a casa, levantei a cabeça e farejei o ar, sentindo o cheiro de pessoas e comida. Stella tinha ido na frente, deixando-me sozinha para caminhar com Kaden, embora sua companhia estivesse em silêncio. Não me importei, já que tinha muito a processar. A emoção da caça tinha enfim passado, e nunca imaginei a sensação que senti ao ser parte dela. Duvidei que conseguiria dormir esta noite, por razões bastante diferentes do habitual.

Quando chegamos à casa, congelei. O quintal normalmente vazio de Kaden estava iluminado com cordões de luz e cheio de pessoas conversando em grupos, com as crianças e adolescentes menores correndo por aí. Devem ter preparado isso enquanto estávamos na caça. Uma grelha foi colocada de um lado, e a multidão comemorou quando Kaden caminhou até ela e acenou.

Fiz uma pausa na borda da floresta enquanto pedaços de carne eram trazidos aqui para fora e colocados na grelha para Kaden preparar. O cervo, percebi. Kaden não havia mencionado um churrasco antes, mas, por outro lado, ele parecia gostar de me manter alerta. Queria saber se estava convidada. Havia mais metamorfos aqui nesse lugar do que eu já tinha visto, e todos pareciam se conhecer. Eu me senti bastante deslocada, sem saber se tinha permissão de estar aqui, ou se Kaden esperava que eu entrasse.

Enquanto pensava, eu me peguei observando os filhotes de lobo. Eles lutavam na grama, rosnando e mostrando os dentes um para o outro. Ainda era chocante vê-los, mas eles eram muito fofos, e não pude deixar de sorrir.

Um grupo de adolescentes passou perto de mim e ouvi um deles recontar a caçada. Deve ter sido ele que matou o cervo.

O desejo de fazer parte disso, de ser um deles, me atingiu mais uma vez. Tudo o que tinha ouvido sobre a décima terceira alcateia estava errado. Não eram monstros nem o bicho-papão. Eram apenas mais uma alcateia, e uma bem boa. Talvez Kaden estivesse certo e tudo o que eu sabia sobre as Bruxas do Sol e da Lua também estivesse errado.

Virei a cabeça quando algo apareceu na minha visão periférica. Clayton caminhava em minha direção de mãos dadas com outro metamorfo macho, que era muito menor. Por outro lado, todos eram menores que Clayton.

— Junte-se à festa — disse ele. — Você também fez parte da caçada, mesmo que não tenha participado.

Abaixei a cabeça.

— Obrigada. Eu não tinha certeza...

— Eu me lembro desse sentimento, mas logo, logo você será uma de nós — disse o outro homem.

Clayton apontou para o homem ao seu lado.

— Este é Grant. Meu companheiro.

Pisquei, minha boca se abrindo. Nunca tinha visto companheiros predestinados gays.

— Vocês têm o vínculo de companheiro?

— Claro que sim — respondeu Clayton, ficando um pouco ereto. — Por que não teríamos?

Levantei as mãos.

— Me desculpe. Isso saiu errado. Só não sabia que era possível. Nos lobos do Zodíaco, não há pares homossexuais.

Grant me deu um sorriso empático.

— Eu era originalmente parte da alcateia Libra, mas fui embora quando conheci Clayton e senti o vínculo de companheiro. Foi logo depois que fiz **22** anos e consegui meu lobo, mas por sorte não fui acasalado na Convergência. Saí para caminhar na floresta durante uma viagem, e tudo mudou para mim quando encontrei Clayton por acaso enquanto ele estava em patrulha. — Ele apertou a mão de Clayton e, pela primeira vez, vi o rosto estoico de Clayton se suavizar. Eles pareciam tão apaixonados quanto

qualquer outro casal que eu tinha visto acasalado. Devia ser verdade. — Eles deixaram eu me juntar à alcateia, e o resto é história.

— Isso é... isso é ótimo — eu disse, e falei sério, embora minha mente estivesse trabalhando em dobro. Grant teria sido acasalado com uma companheira se não tivesse deixado os lobos do Zodíaco? Ou apenas nunca teria conseguido um companheiro?

Um pensamento mais sombrio me atingiu. Seria possível que as Bruxas do Sol também controlassem os laços de acasalamento? Poderiam usá-los para manipular os lobos, movendo metamorfos entre as alcateias como peões num jogo de xadrez, se o que Kaden disse fosse verdade. Não sabia por que tinham proibido pares homossexuais, mas me lembrei de alguém dizendo que a razão para o vínculo de acasalamento era a procriação, para manter os metamorfos fortes e seu sangue puro. *Elas sem dúvida usariam isso contra nós*, pensei sombriamente.

A raiva me dominou. As pessoas deviam ser capazes de amar quem quisessem, não serem forçadas a amar quem o feitiço escolhesse.

E, se isso fosse verdade, então significava que meu vínculo com Jordan também poderia não ser real.

— Aí está você! — Fui arrancada dos meus pensamentos por Stella, que correu para mim, radiante. — Vem sentar com a gente enquanto Kaden faz o churrasco. Ele vai demorar uma eternidade, e você pode passar o tempo conversando.

Ela me puxou pelo pulso para uma parte do gramado onde algumas das outras metamorfos estavam sentadas. Reconheci algumas de passagem, mas Stella logo me apresentou às outras. Todas trabalhavam como professoras e sem demora abriram espaço para mim no círculo.

— A caça foi boa? — perguntou a loira bonita chamada Marla, e levei um tempo para perceber que ela estava perguntando para mim.

Pigarreei, surpresa por ser incluída na conversa com tanta facilidade.

— Acho que sim. Foi incrível de assistir — acrescentei, deixando um pouco da admiração me percorrer enquanto pensava na floresta mais uma vez, na coordenação da alcateia e na maneira como Kaden os havia orientado sem falhas.

— Aposto que você também se divertiu observando Kaden — disse uma mulher de cabelo encaracolado castanho, que eu me lembrava que se

chamava Carly. Ela sorriu para mim, balançando as sobrancelhas. Abaixei a cabeça e corei.

— Ah, eu gostaria que o vínculo de companheiro fosse ativado para mim — interveio Marla, colocando a mão no peito. — Eu *mataria* para ser a companheira dele. Ele é tão forte e bonito.

Stella fez um barulho de escárnio, com o nariz enrugado.

— Você sabe que está falando do meu irmão, né?

— E todas nós gostaríamos muito de ser sua irmã — retrucou Carly com uma risada.

Sorri enquanto olhava de uma para a outra, balançando a cabeça. Pela primeira vez, eu não me sentia como uma pária, e essa nem era minha alcateia de nascença. Mas esse sentimento poderia durar? E se descobrissem mais sobre mim – que metade de mim era humana, ou que meu companheiro era um leonino – e mudassem de ideia a meu respeito?

Kaden ainda estava na churrasqueira, uma cerveja em uma das mãos e virando a carne com a outra. Jack e outro metamorfo estavam ao lado dele, rindo de algo. Observei os lábios de Kaden se contraírem com o que quer que estivessem dizendo. Ele parecia relaxado e quase feliz, mas, mesmo de tão longe, eu podia sentir o poder irradiando dele. Os outros metamorfos olhavam para ele pedindo aprovação e pareciam gravitar ao seu redor. Não havia como ninguém duvidar de que ele era o chefe.

Enquanto eu continuava observando, ele ergueu o olhar da grelha e examinou o quintal com uma expressão de orgulho e carinho. Era óbvio que via toda a alcateia como sua família.

Então seus olhos pousaram em mim e arderam. O olhar que ele me lançou foi tão intenso que fez minha respiração acelerar e meu batimento cardíaco ficar irregular. Todo meu corpo esquentou enquanto ele continuava olhando para mim como se estivesse me destacando como a coisa que não pertencia. Quase esperava que ele se aproximasse e me perguntasse o que eu estava fazendo ali, mas logo ele se virou para dizer alguma coisa ao Jack.

Voltei a conversar com as amigas de Stella, que estavam me contando sobre a escola em que trabalhavam, mas senti os olhos dele em mim outra vez, como se ele estivesse me observando.

A sensação não desapareceu pelo resto da noite.

O peso do olhar de Kaden pareceu me seguir até meu quarto mais tarde naquela noite, e não consegui me livrar dele, não importava o quanto tentasse. Tomei um banho longo e quente antes de me arrastar para a cama e tentar relaxar. O único ponto positivo era que o vínculo de acasalamento irritante não estava me incomodando hoje, pelo menos. Eu ainda sentia o resto da adrenalina da caçada, e demorei o que pareceram horas para adormecer.

Então eu estava no quintal dele de novo, mas agora éramos só nós dois sob a lua. Seus olhos encontraram os meus, prendendo-me no lugar como tinham feito antes, e me perguntei mais uma vez se ele estava me destacando como algo que não pertencia àquele lugar. Mas, quando olhei outra vez, percebi que o calor por trás dos olhos dele não era raiva ou ódio. Era *fome*. Parecia que ele ia me comer viva. Não sabia dizer se queria me matar... ou me foder.

Ele caminhou em minha direção com o luar se derramando sobre nós, iluminando a linha de seu maxilar esculpido e os ombros largos. Dei um passo involuntário para trás e minhas costas roçaram o tronco de uma árvore. Parei, sem vontade de me pressionar ainda mais contra ela, mas ainda mais sem vontade de quebrar o contato visual com Kaden.

— Você está aqui — rosnou ele, vindo em minha direção até quase nos tocarmos. Ele se inclinou para que seu rosto estivesse a apenas alguns centímetros de distância do meu. Já tinha visto aquele olhar nos olhos dos homens antes, mas nunca dirigido a mim. Foi como um choque percorrendo todo o meu corpo, ressoando no fundo do meu íntimo.

— Estou aqui — respondi, completamente sem fôlego. Nenhuma resposta atrevida me salvaria agora.

Ele estendeu o braço e deslizou a mão para trás do meu pescoço, os dedos longos se emaranhando no meu cabelo.

— Você é *minha*.

Arquejei com como sua voz soou possessiva. Antes que eu pudesse compreender por completo, ele diminuiu os poucos centímetros de distância entre nós, e eu fiquei presa entre a árvore e o calor de seu corpo. Os lábios

dele colidiram com os meus, reivindicando-me, marcando-me como sua. Eu me derreti nele, sentindo como parecia *certo*. Ele não era meu companheiro, mas algo no momento parecia como se tivesse sido predestinado.

Eu devia ter recuado. Devia ter exigido saber o que o fez pensar que podia me reivindicar assim quando eu nem fazia parte de sua alcateia. Mas não consegui.

Precisava dele.

As mãos de Kaden me agarraram com força, seu corpo firme me pressionando contra a árvore. Estendi o braço, roçando as mãos no rosto dele e no pescoço. Ele rosnou nos meus lábios, me beijando com tanta força que pensei que estava tentando me quebrar, antes de recuar e olhar para mim.

Não conseguia recuperar o fôlego, de tão envolvida no momento. Agora seus olhos haviam mudado completamente de perigo para luxúria, mas eu me sentia ainda menos à vontade do que quando não conhecia suas intenções. A possessividade em seus olhos continuou a enviar pequenos raios elétricos pelo meu corpo enquanto ele me olhava de cima para baixo.

Ele deslizou a mão pela minha barriga, do jeito que fizera no treinamento, mas foi bem para onde eu esperava que fosse, não ficando parada no meu quadril por decoro. Seus dedos deslizaram para baixo até que ele me tocou por cima das roupas. Não havia pressão suficiente para nada além de uma provocação, mas meus quadris foram de encontro à pressão de qualquer maneira. A pele dele estava me queimando, mesmo através do tecido.

— Vou cuidar de você — disse ele.

Isso despertou algo dentro de mim, algum instinto animal básico contra o qual meu cérebro racional deveria ter se rebelado. Estremeci de necessidade, e Kaden pareceu perseguir esse tremor com o corpo, pressionando-me. Senti a linha quente do seu pau através de camadas de tecido. Respirei fundo com a *necessidade* que passou por mim, uma coisa selvagem que eu não conseguia controlar.

Mostrei meu pescoço para ele, deixando-o afundar os dentes na pele macia. Não foi forte o bastante para rasgar a pele, muito menos me causar doer, mas arqueei meu corpo contra o dele, tentando me aproximar. Desejando em segredo que ele me marcasse como sua companheira de verdade, para todos na alcateia verem. Eu me esfreguei nele como um

animal no cio, tentando conseguir qualquer fricção que pudesse. Ele banhou minha pele com os lábios e a língua e, de alguma forma, senti seu toque em um lugar bastante diferente, no meu núcleo excitado, e soltei um gemido com a sensação. Eu estava tão molhada, quase pingando, e queria mais do que apenas fricção e provocações.

Os lábios de Kaden se curvaram em um sorriso ao som do meu gemido. *Idiota arrogante*. Mas, cacete, eu adorei. Queria vê-lo sorrir assim todos os dias.

Suas mãos se fecharam em volta dos meus ombros de novo e, dessa vez, senti a pressão de algo afiado em cada ombro. Ele se transformou parcialmente para se dar garras, e olhei para baixo para encontrá-las se afundando no tecido da minha camisa. Ele rasgou o pano com tanta facilidade quanto uma faca na manteiga, e soltei outro som quando os retalhos caíram no chão, deixando-me nua da cintura para cima. Ele recuou e o ar frio passou por mim. Meus mamilos endureceram no mesmo segundo com o ar da noite, e eu estremei.

Ele examinou meu corpo como se estivesse olhando para uma obra de arte, e minha respiração continuava a sair em arquejos audíveis. Eu não me sentia exposta, mesmo que *devesse*. Eu me endireitei um pouco mais, me oferecendo a ele.

Seus olhos se voltaram para os meus e, neles, pude ver a posse descarada. Eu estava muito excitada, mais do que jamais estivera, e estendi as mãos para Kaden mais uma vez.

— Você vai apenas olhar para mim a noite toda ou fazer alguma coisa?

Seus olhos brilharam com o desafio, e ele estava em cima de mim de novo, dessa vez me puxando para si em vez de me empurrando contra a árvore. Estendi a mão e a afundei no cabelo escuro de Kaden, liso como seda sob a ponta dos dedos, e correspondi sua energia. Ele rosnou no beijo, as mãos percorrendo minha pele exposta. Como se pudesse deixar sua marca em mim e me reivindicar, me fazer dele para sempre de verdade.

Naquele momento, queria que ele o fizesse.

Ele pegou um dos meus seios na mão enquanto interrompia o beijo. Seus dedos estavam leves o suficiente para que eu estremecesse de novo, então ele beliscou meu mamilo entre o polegar e o indicador, uma súbita explosão de dor no meio do prazer. Os olhos dele se fixaram nos meus como se quisesse ver minha reação. Gemi outra vez, querendo mais disso.

Ele deve ter visto a necessidade nos meus olhos, porque me beijou mais uma vez, a língua deslizando na minha, acariciando-a. Então recuou, e a maneira como olhou para mim devia ser pecado. Enfiei as mãos debaixo da camisa dele, querendo ver mais dele, sentir sua pele na minha. Ele me deixou tocar seus músculos esculpidos por alguns instantes e depois soltou um som baixo como um gemido. Vibrou profundamente de seu peito até a ponta dos meus dedos e, logo depois, empurrou minhas mãos para que pudesse tirar a camisa.

Já tinha visto Kaden sem camisa muitas vezes – porra, ele estava andando quase seminu cada vez que o via –, mas deixei meu olhar se demorar de verdade dessa vez. Ele era lindamente esculpido, e eu queria passar a língua por cada sulco em seu abdômen, depois descer mais e ver qual era o gosto do pau dele. Era um desejo que eu nunca tinha sentido antes, mas tive a sensação de que poderia fazê-lo desmoronar com minha boca e queria tentar.

— O que você está pensando está te excitando — disse ele. — Posso sentir o cheiro.

Ele estendeu a mão entre nós e deslizou as mãos para dentro das minhas calças. Arquejei quando seus dedos tocaram minha abertura pela primeira vez, separando os lábios e circulando o clitóris. Ele me provocou por alguns segundos, deixando-me arquear os quadris em direção ao seu toque antes de deslizar um dedo para dentro do meu corpo. A sensação era estranha, já que nunca ninguém me tocara assim, mas me arqueei com o prazer que trazia, querendo mais.

Kaden puxou o dedo para fora e o *lambeu*, os olhos fechados como se estivesse provando algo delicioso. Quando os abriu outra vez, ardiam de desejo. Ele me pressionou contra a árvore mais uma vez, reivindicando minha boca com a dele, uma exigência para deixá-lo entrar. Suas mãos deslizaram pela parte da frente do meu corpo, tornando-se garras afiadas quando ele chegou ao tecido das minhas calças e as arrancou de mim.

Jogou minhas calças arruinadas em algum lugar à esquerda. Não me dei o trabalho de verificar o lugar. E isso importava, quando eu tinha Kaden na minha frente, tirando minha roupa, olhando para mim *desse* jeito? Voltaria para casa nua, se ele quisesse.

A boca dele se agarrou ao meu pescoço, os dentes roçando a pulsação no meu pescoço. Estendi a mão para tocá-lo outra vez, mas Kaden rosnou,

prendendo minhas mãos acima da cabeça com uma das suas, prendendo-me contra a árvore. Testei a força de seu aperto, e não cedeu. Nunca me senti excitada por ser contida, mas esta era uma noite para coisas novas.

— Você quer isso? — rosnou Kaden, pressionando-me com mais força contra a árvore. Arqueei as costas, tentando esfregar qualquer parte do meu corpo nele para obter a liberação de que precisava. Sentia apenas desejo, e diria qualquer coisa para fazê-lo me tocar de novo, para colocar seu pau dentro de mim.

— Quero — gemi. — Quero, por favor.

Kaden tirou o pau da calça e o acariciou algumas vezes. Olhei para ele com olhos gananciosos, ansiosa para ver o que senti pressionado contra mim mais cedo. Mantive as mãos exatamente onde estavam, mesmo que quisesse soltá-las e substituir as dele pelas minhas. *Na próxima vez*, meu cérebro sussurrou. *Você pode fazê-lo desmoronar com as mãos e a boca.* Estremeci com a perspectiva.

Ele agarrou meus quadris e me levantou, envolvendo minhas pernas ao seu redor, minhas costas ainda pressionadas contra a árvore. Deslizou o pau pela minha abertura algumas vezes, fazendo-me estremecer com o atrito, e então me penetrou. Arquejei com a plenitude repentina, com a sensação de estar completa.

Ele puxou o pau para fora e o empurrou de volta, dando estocadas para dentro, fazendo-me montá-lo. Este ângulo fez com que a ponta do seu pau tocasse o mesmo ponto que seus dedos tinham encontrado, enviando faíscas pelo meu corpo, e eu me impulsionei com mais força contra o pau dele na próxima estocada. Ele pareceu surpreso, respirando fundo, mas me deixou agarrar seus braços para que pudesse me firmar melhor. Correspondi seus movimentos, estocada por estocada, perseguindo esse prazer. Foi aumentando, molhado e quente, no fundo do meu estômago, e meus ofegos sôfregos se tornaram pequenos gemidos.

— Você está tão gostosa assim, recebendo meu pau tão bem — soltou ele, os dentes roçando os músculos esticados do meu pescoço. Deslizei a mão pela nuca de Kaden, precisando de algo mais sólido em que segurar. Ele rosnou e seus lábios colidiram com os meus mais uma vez, exigindo a entrada.

Ele mordeu meu lábio inferior, apenas com força suficiente para que eu soubesse que ficaria inchado por horas, e a dor misturada com o prazer me

aproximou daquela borda do desejo. Montei o pau dele, tentando chegar até ela. *Quase lá, quase lá...*

Respirei fundo e...

A porta se abriu e me arrancou do sonho. Na mesma hora, eu me levantei com um salto, pronta para escapar, muitos anos na casa do pai enraizados na necessidade de entrar no modo de defesa imediatamente.

Kaden entrou de supetão, as garras expostas, olhando em volta, descontrolado. Pisquei para ele, tentando mudar o que restava da minha consciência para o mundo real, e não de volta a uma clareira banhada pelo luar onde Kaden estava com o pau dentro de mim enquanto eu gritava seu nome.

Os olhos dele por fim caíram sobre mim.

— Você está bem?

— O quê? — Era a última coisa que eu esperava que ele dissesse. Saí da posição de luta que assumira por instinto, *pés mais afastados*, quase pude ouvir Kaden dizer, e cruzei os braços sobre o peito. — O que você está fazendo no meu quarto?

— Ouvi um barulho. Pensei que alguém tinha invadido e te atacado.

O quê? *Ah*. O calor subiu para o meu rosto, e curvei os ombros, de repente percebendo que o objeto do meu sonho erótico estava bem na minha frente, e eu estava vestindo apenas um top e shorts. Uma coisa era participar da nudez casual de um metamorfo, mas era bastante diferente quando meu corpo estava excitado, o desejo ainda tão presente.

— Não foi nada — respondi, tentando colocar o máximo de arrogância possível nas palavras. — Só um sonho.

Como se minha própria percepção do meu estado de nudez tivesse despertado a dele, os olhos de Kaden caíram sobre os meus seios e depois desceram mais, traçando as linhas do meu corpo. Por um instante, me perguntei se ainda estava dormindo, se isso era algum sonho dentro de outro bizarro do qual ainda não tinha acordado, mas então ele inspirou e fechou os olhos.

— Você cheira a sexo — disse ele.

Eu ainda estava tão presa no sonho que a voz dele dizendo aquelas palavras enviou outro raio de desejo pelo meu corpo. Poderia imaginá-lo, sem dificuldade, dizendo outras coisas depois, semelhantes às que acabara

de ouvir no meu sonho. Arrepios apareceram como se suas palavras tivessem me acariciado.

Quando ele abriu os olhos, eles estavam sérios e irritados.

— Sonhando com seu companheiro leonino?

— O quê? — perguntei, libertando-me do comando de sua voz. — Não, eu...

— Não faça isso sob o meu teto. Não dou a mínima para quem você quer foder, mas mantenha suas fantasias com esse merda longe de mim.

Abri a boca para corrigi-lo, mas o que diria, exatamente? *Na verdade, eu não estava sonhando com meu companheiro, estava sonhando com você.* Como isso ajudaria a situação?

Parte de mim queria perseguir o último momento, recuperar a fome nos olhos de Kaden enquanto ele me olhava, mas isso não fazia sentido. Ele estava com raiva, e Kaden com raiva me era familiar. Ele me olhando com luxúria era fora do comum, e não devia significar nada, de qualquer maneira. Mencionar isso apenas criaria conflitos onde não precisaria haver nenhum.

— Saia do meu quarto — respondi, então, o que era muito mais parecido com a maneira como costumávamos interagir.

Os olhos de Kaden arderam mais uma vez, ele parecia querer discutir. Então, apenas balançou a cabeça e saiu, batendo a porta.

Respirei fundo com dificuldade. Tentei acalmar meu coração acelerado, mas não conseguia parar de pensar em como meu sonho tinha sido sexy. Nunca tinha feito sexo antes. Ninguém na alcateia Câncer queria me tocar. Namorei um humano na faculdade, mas meus pais me proibiram de vê-lo porque ele não era meu companheiro. E, claro, meu companheiro não me queria. Não que eu o quisesse, mas isso não fez o desejo por ele desaparecer. Agora eu também seria atormentada por sonhos com Kaden.

Sonhos muito explícitos e detalhados. Droga, por que ele não esperou mais alguns segundos para me acordar?

Os dias seguintes se passaram com uma quantidade imensa de constrangimento. Kaden não mencionou o incidente no meu quarto, e eu também não. Mas isso não mudava o fato de que o incidente da madrugada pairava entre nós como um mau cheiro no ar. Nenhum de nós se atreveu a mexer com ele, mas estava lá mesmo assim, e eu estava apenas esperando que chegasse a um ponto sem volta. Parecíamos dedicar tempo extra a ignorá-lo, desviando o olhar com cuidado e colocando distância entre nossos corpos, e isso estava me enlouquecendo.

O pior de tudo era que notávamos cada vez que estávamos perto e esquecer era uma grande cena. Era mais difícil quando Kaden estava pressionado contra mim em uma restrição, ou me prendendo ao chão depois de me jogar por cima do ombro, mas não havia tempo para perder com minha atração física quando estava tentando me soltar de seu aperto ou dar um soco. Mas isso não impediu meu cérebro de divagar nos momentos de descanso, e acabei precisando pedir a Kaden para repetir muitas coisas.

Parecia que o treinamento estava ficando cada vez mais físico, o combate corpo a corpo se tornando mais uma coisa de curta distância à medida que eu melhorava e ele tinha que de fato se esforçar para me derrubar. Ele não estava se distraindo tanto quanto eu, mas ainda notei a ocasional vez ou outra que me ele olhou intensamente, quase o mesmo olhar que tinha no sonho. A capacidade do meu cérebro de evocar essa memória era sinistra.

Estava se tornando cada vez mais óbvio que Kaden e eu tínhamos uma química intensa, e eu não podia negar que ele também sentia isso. Não que isso importasse. Como se o vínculo de acasalamento pudesse sentir que eu estava pensando em outra pessoa, os puxões afiados que me atraíam de volta para Jordan se tornaram mais intensos. Cada vez que eu acabava presa admirando os músculos de Kaden ou me afogando nos olhos dele, eu os sentia. Era como uma coceira da qual eu não conseguia me livrar, algo que me dizia que isso era inapropriado. Lembrando-me de que eu deveria estar em outro lugar agora. Queria saber se a deusa da lua estava se divertindo

bastante com a minha situação. Rejeitada pelo verdadeiro companheiro e cobiçando outro metamorfo no lugar.

Cocei a barriga, tentando me livrar da estranha atração enquanto caminhávamos. Balancei a cabeça como se pudesse fisicamente limpar os pensamentos do meu cérebro e tentei me concentrar em para onde Kaden e eu estávamos indo. Não íamos ter treinamento de combate hoje, o que foi em partes iguais uma decepção e um alívio. Em vez disso, percorreríamos o perímetro do território da alcateia Ofiúco por algum motivo que ele ainda não havia explicado.

Olhei de relance para Kaden, que caminhava ao meu lado com uma camisa preta e jeans. Queria ter sido acasalada com alguém como ele, em vez de Jordan. Pelo menos Kaden nunca tinha me olhado com olhos tão cruéis, e também nunca me machucou.

Mas não era meu companheiro.

A quem eu estava enganando? Eu queria Kaden mesmo. Ele era *gostoso*, e tudo o que um alfa deveria ser, e eu ficaria feliz em transar com ele apenas para aliviar um pouco dessa pressão constante entre minhas coxas. Se eu não fizesse nada em breve, achava que poderia explodir.

Kaden me olhou de relance como se sentisse meu olhar, e eu poderia jurar que seus lábios se contorceram para baixo. Apesar da química entre nós, Kaden sempre era o primeiro a se afastar e deixava bem claro com suas ações que não me queria.

— Como vai a limpeza na escola? — perguntou Kaden enquanto continuávamos a caminhada pela floresta. Era um dia quente no início de julho, e a luz do sol se infiltrava pelas árvores e aquecia meus ombros.

— Tudo bem — respondi, surpresa por ele se preocupar com conversa fiada. — Gosto de ver Stella com os filhotes.

Stella tinha um dom incrível quando se tratava de crianças. Essa foi uma das primeiras coisas que notei quando entrei em sua sala de aula. Passei muito tempo apenas observando-a ensinar e as crianças interagindo com ela antes de me lembrar que na verdade precisava *limpar* a sala em que estava.

Passei dias limpando tudo, exceto a enorme cobra que eles tinham em uma das salas. De jeito nenhum eu chegaria perto daquela coisa. Não podia acreditar que eles a tinham mesmo na escola, onde podia sibilar para as crianças que passavam. Suspeitei que estava pensando em comê-las, mas Stella me disse que a cobra era inofensiva. Claro.

Ainda estava me acostumando a ver filhotes de lobo na escola também. Era incrível ver uma criança correndo por aí e ver um lobo no lugar um momento depois. Parecia acontecer principalmente quando ficavam chateadas. Nunca tive de lidar com bebês metamorfos chateados, mas os professores lidavam bem com isso. Pareciam acostumados com o trabalho extra de parar um pequeno lobo que poderia superar até mesmo o adulto mais rápido na forma humana.

— O que estamos fazendo aqui? — perguntei.

— Quero te mostrar as diferentes rotas que usamos para patrulhas e as coisas para ter cuidado quando estiver de serviço.

Minhas sobrancelhas se ergueram.

— Uau, isso quase soa como se você de fato confiasse em mim um pouquinho.

— Não se empolgue. Também faz parte do teste.

Claro. Tudo era um teste, e ninguém me dizia qual era minha nota.

Quando adentramos mais a floresta, Kaden disse:

— A maioria das alcateias não tem ideia de onde moramos, e eu gostaria de manter assim. O mistério que nos rodeia nos manteve seguros por todo esse tempo, mas precisamos estar preparados para um ataque, agora mais do que nunca. Depois da Convergência mais recente, agora podemos ser um alvo, sobretudo com a revolta. — Ele fez uma pausa e repousou aquele olhar pesado em mim. — E com você aqui.

Encontrei seus olhos com uma expressão séria.

— Mas você queria me usar como isca.

Ele grunhiu.

— E vamos, assim que estivermos prontos.

Continuamos andando, subindo a colina e atravessando um pouco de lama, e não pude deixar de pensar que isso seria muito mais fácil como lobos. Quando fazia caminhadas antes, sempre tinha a câmera comigo, ou pelo menos o celular, para tornar o trajeto mais divertido, mas agora não tinha nenhum deles. Talvez se eu fosse uma boa menina, Kaden me deixaria ter um celular de novo. Soltei um suspiro pesado e ele me lançou um olhar.

— O que é? — perguntou.

— Nada. Só... queria estar com minha câmera. — Não houve resposta, então apenas balancei a cabeça e continuei: — Eu me formei em fotografia

na faculdade e adorava tirar fotos da natureza. Esta floresta é tão bonita que eu gostaria de registrá-la também, mas, bem, sem câmera.

— O que aconteceu com a sua? — perguntou Kaden, surpreendendo-me. — Ficou na Convergência?

— Não, foi esmagada antes disso. Fiquei na lista proibida do filho do beta canceriano, e ele e sua companheira decidiram que seria uma maneira divertida de me atormentar. Eu também tinha algumas fotos no meu telefone, mas... bem, acho que também perdi isso.

Seus olhos azuis sérios subiram e desceram pelo meu corpo.

— Foram eles que deixaram essas cicatrizes no seu corpo?

Corei com a pergunta inesperada, envergonhada por ele ter visto tanto de mim, incluindo todas as coisas no meu corpo que me envergonharam.

— Algumas, sim.

— E as outras?

A raiva na voz dele me chocou. Engoli em seco e respondi:

— A maioria delas foi do meu pai.

Kaden rosnou, um som baixo e aterrorizante que arrepiou os pelos nos meus braços.

— Se ele já não estivesse morto, eu mesmo o mataria por isso.

Congelei, suas palavras ecoando por mim.

— Eu... mataria?

Ele continuou andando, ficando em silêncio mais uma vez. Olhei para ele por um momento, tentando entender o que acabara de dizer, antes de segui-lo. Ele... se importava comigo? Ou estava apenas irritado porque um alfa tratara um membro da alcateia – a *filha* – dessa maneira?

Eu o alcancei e senti uma conexão entre nós, uma que queria explorar mais. Comecei a balbuciar, incapaz de parar.

— Tive sorte por ele ter me deixado ir para a faculdade. Ele só concordou porque meu irmão o pressionou. Você foi para a faculdade?

— Não, não tive a oportunidade. Eu me tornei alfa aos 18 anos. — Ele havia voltado à sua atitude normal e grosseira, e eu não esperava que continuasse, mas então me surpreendeu ao falar de novo: — Eu pretendia ir para a faculdade, até me inscrevi e tudo mais, e então meus pais foram mortos. Tive que largar tudo para cuidar de Stella e da alcateia.

— Deve ter sido difícil — respondi. — O que você teria estudado?

— Não sei. Talvez astronomia. Ainda tenho meu telescópio. Está montado no telhado, e gosto de ir lá em cima para relaxar às vezes. Ajuda a me distrair.

Sorri ao pensar nele sob as estrelas e abri a boca para perguntar mais sobre isso, mas Kaden parou de repente, seu rosto ficando sério. Ele virou a cabeça para o céu e inalou com força.

Parei ao lado dele.

— O que é?

Ele xingou baixinho.

— Caminhamos muito além das fronteiras da alcateia. Precisamos voltar.

Ele se virou e começou a voltar, e corri atrás dele, imaginando qual era o grande problema. Ou como ele sequer conseguia saber que tínhamos deixado as terras da alcateia. Mas, acima de tudo, fiquei decepcionada por termos sido interrompidos – Kaden tinha finalmente começado a se abrir comigo, mas agora isso acabou.

Kaden de repente virou a cabeça para mim e ordenou:

— Ayla, se transforme agora.

Obedeci sem questionar a ordem, sem nem sequer parar para tirar a roupa. Estive praticando com Stella para acertar o tempo no caso de precisar me transformar em uma emergência, e agora já conseguia fazer tão rápido quanto qualquer lobo experiente. Exceto um alfa, claro. Kaden já estava em sua forma de lobo quando dei um passo à frente para encontrá-lo, minhas roupas rasgadas em uma pilha atrás de mim. Ele não estava olhando para mim, e notei que nossas patas eram de tamanhos bastante diferentes. Meu lobo branco puro parecia pequeno ao lado do seu preto.

Eu não teria captado os sons das pessoas que se aproximavam se estivesse em forma humana, mas os ouvia muito bem agora e segui o olhar de Kaden até a linha das árvores na nossa frente. Três homens saíram das árvores, e estavam perto o bastante para eu conseguir ver os símbolos de carneiro em seus braços.

Arianos.

Eles se espalharam, vindo direto para nós, e o do meio disse:

— Pegue a fêmea viva.

Um rosnado baixo soou do lobo de Kaden ao meu lado. Um aviso. Os três machos arianos o ignoraram por completo, aproximando-se de nós e se

transformando em seus lobos. A alcateia deles era aliada dos leoninos, e só podia haver uma razão para me quererem.

O que diabos eu faço? Trabalhei tanto para lutar na forma humana e me transformar para a forma de lobo com Stella. Podia sentir o cheiro de algo que pertencia à alcateia Ofiúco a quilômetros de distância, mas de que isso me serviria agora? Nunca tinha lutado na minha forma de lobo – ainda não tínhamos chegado a essa parte do meu treinamento.

Kaden olhou para mim, mexendo suas orelhas negras e gesticulou a cabeça na direção de Coronis. Se estivesse em forma humana, teria franzido a testa, mas apenas inclinei a cabeça para ele. Ele repetiu o movimento, dessa vez com um rosnado suave. Podia jurar que vi algum tipo de desespero nos olhos dele.

Ele quer que eu fuja, pensei. De jeito nenhum. Balancei a cabeça para ele o melhor que pude. Não ia deixá-lo. Era uma ideia idiota, de qualquer maneira. Eu poderia levar a alcateia Áries diretamente para a cidade se eles decidissem me perseguir, e a lua não estava à vista para me dar vantagem. Não, não havia outra opção a não ser ficar e lutar.

Kaden e os lobos arianos circularam um ao outro, rosnando e abocanhando. Eu não sentia esse tipo de tensão, ou a ameaça de violência grave, há algum tempo. Quase tinha me esquecido de como poderia ser aterrorizante.

Seus rosnados se tornaram mais profundos, mais ameaçadores, e recuei alguns passos, ainda tentando descobrir o que fazer. Outro lobo emergiu das sombras, um pouco para a esquerda, e nem os lobos arianos nem Kaden o viram. Observei com horror enquanto o lobo se lançava na direção de Kaden.

Abri a boca para avisá-lo – inútil. Não poderia fazer mais do que latir ou uivar, e quem sabe se ele entenderia. Não, não havia tempo para pensar. Atirei-me no caminho do lobo, tirando-o do trajeto. Nós dois caímos para o lado, e me levantei no mesmo instante, agachada e pronta para lutar. Mostrei os dentes para o lobo, que balançou a cabeça, como se estivesse sacudindo água. Então, ele saltou para cima de mim, rápido demais para que eu conseguisse acompanhar, e, de repente, estávamos brigando.

Os movimentos que Kaden me ensinara foram úteis para meu corpo de loba, pelo menos até certo ponto, e com meus sentidos aprimorados era muito mais fácil reagir aos ataques e neutralizá-los. Lutamos um pouco

antes de eu envolver minha mandíbula na perna traseira do metamorfo. Mordi com força, fechando os olhos quando rasguei a pele e o sangue jorrou. O metamorfo uivou e lutou para se libertar. Com um grande puxão da perna, por fim saiu do meu alcance e correu para longe.

Voltei a me agachar, esperando que ele se virasse e me atacasse. Estava tão atenta no lobo fugitivo que o próximo ataque me pegou completamente de surpresa. Mais rápido do que qualquer coisa que eu já tinha visto se mover, um borrão de pelo cinza correu em minha direção. Assim que me virei para encarar o novo metamorfo, ele me atingiu na lateral. Parecia um trem de carga. Fui para o ar, voando vários metros para trás antes de bater no chão com força suficiente para que minha respiração me deixasse em um enorme arquejo. Por um momento, fiquei deitada ali, meu cérebro tentando entender a mudança repentina no ambiente, e então a dor me atingiu.

Eu tinha ficado boa em lidar com a dor ao longo dos anos. Por lidar com as punições do meu pai e de Jackie, ser espancada por outros membros da alcateia Câncer. Era fácil continuar respirando apesar da dor, mas o que eu poderia fazer quando não conseguia nem *respirar*?

Senti o puxão dos meus ossos quando começaram a se remodelar para minha forma humana. *Não, agora não!*, pensei, desesperada, tentando me agarrar à minha loba, mas foi como tentar me agarrar à água. Escorregava através dos meus dedos e acabei voltando à minha forma humana.

Isso era exatamente o que eu *não* deveria fazer. Não tinha nenhuma chance contra metamorfos treinados em forma humana. Mal mantinha minha forma de loba destreinada. Não serviu para nada. Tentei me mover, me levantar, mas foi inútil. Meu corpo humano estava fraco e ferido, e não tinha como eu me levantar sozinha nem tão cedo.

De onde estava, eu mal podia ver Kaden lutando contra os outros lobos. Eles se moviam tão rápido que tudo o que eu via eram flashes de dentes, garras e bolos de pelo voando no ar, e ouvia grunhidos e gritos ocasionais para pontuar o silêncio. Tentei me levantar para ajudá-lo, respirar fundo para me preparar para a dor, mas não conseguia recuperar o fôlego. Minha cabeça rodou quando tentei me levantar, meu braço desabando embaixo de mim.

— Kaden — tentei dizer, mas não havia som, apenas eu moldando meus lábios com o nome dele. Eu ia morrer aqui, assim? Depois de tudo pelo que passei?

De repente, o silêncio reinou. Fiquei imóvel, o corpo tenso esperando um dos lobos arianos chegar e acabar com tudo, mas, um momento depois, Kaden estava do meu lado em forma humana. O alívio que fluiu por mim foi tão grande que eu cheguei a soltar um soluço. Ele estava vivo, e os lobos arianos não. Graças aos deuses.

Ele estava completamente nu e, a princípio, tentei manter meu olhar em seu rosto. Se não estivesse com tanta dor, daria uma olhadela no resto. Por outro lado, se fosse morrer, poderia muito bem espiar um pouco. O que ele ia fazer, me matar? Deixei meus olhos caírem para o peito dele, onde a sugestão de músculos que vi durante todo o treinamento estavam em plena exibição, tudo em uma linha ininterrupta de perfeição. Então, mais baixo, para o pequeno rastro de pelos escuros descendo em seu abdômen, descendo, descendo, descendo para seu...

— Precisamos te levar de volta para as terras da alcateia — disse Kaden e meus olhos voltaram para o rosto dele. — Não é seguro aqui. Pode haver mais deles.

Assenti, ou tentei. Nada parecia querer se mover. Queria que minha cura de metamorfo começasse a fazer efeito logo, mas talvez eu estivesse muito ferida.

Kaden se inclinou e me pegou. Suas mãos eram gentis, mais gentis do que eu já as sentira, e eu desejava poder apreciá-las. Quando ele me apertou, fez toda a dor piorar, e soltei um gemido.

— Desculpe — disse Kaden e franzi a testa. Ele não era assim, não mesmo. — Segure-se bem, estaremos lá em um minuto.

Então ele começou a correr.

A floresta passou em um borrão, árvores densas escondidas sob sombras profundas o bastante para que, mesmo que estivéssemos nos movendo em um ritmo mais lento, eu ainda não conseguiria notar quaisquer detalhes. Não conseguia recuperar o fôlego, por mais que tentasse. Pensei que a agonia desapareceria à medida que avançássemos, mas as dores agudas não me deixavam respirar direito. Levou algumas inspirações a mais para meus pulmões perceberem que não estavam recebendo o oxigênio de que precisavam, e mais alguns momentos para finalmente identificar o que estava causando isso. Minhas costelas.

— Não consigo respirar — ofeguei, tentando chamar a atenção de Kaden. Ele estava empenhado em correr, os olhos focados à frente. Nem pareceu me ouvir. Fiquei espantada com a velocidade dele. *Eu* conseguia correr rápido assim, mas apenas na forma de lobo, então talvez este fosse outro benefício de ser o alfa. Tentei chamar a atenção dele de novo, batendo o punho sem força no peito dele e repeti o que tinha dito.

Kaden por fim baixou o olhar para mim e balançou a cabeça uma vez.

— Não estamos seguros aqui. Precisamos continuar.

Ah. Ainda estávamos fora das nossas terras. Ainda não sabia como eles as marcavam, ou por que estaríamos seguros lá, já que Kaden ainda não havia compartilhado esse segredo. Assim que abri a boca para perguntar, ele diminuiu a velocidade para um trote, as narinas se inflando quando sentiu o cheiro de algo diferente. Eu podia sentir o cheiro diferente também, mas não tinha cheiro de casa para mim. Ainda não.

— Vou colocá-la no chão — disse Kaden, e me preparei para o movimento. Ele me abraçara tão forte na corrida que eu mal sentira nada, mas isso doeria tanto quanto quando ele me pegou. Cerrei os dentes e tentei segurar o grunhido, mas não adiantou.

Kaden se agachou ao meu lado e olhou para meu rosto com preocupação. Foi a primeira vez que vi essa expressão em seu rosto direcionada para mim, e fiquei surpresa. Quando ele me sequestrara, meu bem-estar era a última coisa em sua mente, e quando ele me derrubava de novo e de novo durante o treinamento, não parecia se importar com meu

péssimo estado. Lutei para me sentar, desconfortável com o olhar que ele estava me dando. Eu precisava que ele fosse áspero e indiferente como de costume, ou então isso sinalizaria que eu estava mesmo em apuros.

Kaden colocou a mão no meu ombro, exercendo pressão suficiente apenas para me impedir de subir ainda mais. A lesão na minha lateral queimou enquanto eu fazia força contra ele por alguns momentos, antes que se tornasse demais e eu caísse de volta no chão, ofegante.

— Fique deitada ou eu mesmo vou te obrigar. — O tom alfa dominante em sua voz me avisou que ele falava sério.

Soltei um suspiro entrecortado, mas não pude fazer muito mais do que isso. Ele começou a cutucar minhas costelas, e aproveitei o tempo para observá-lo. Absorvi o nariz arrebitado, os olhos azuis severos e o maxilar pronunciado. Meu olhar percorreu o pescoço dele até onde o sangue começava. Queria saber de quem era. Ele não parecia ferido, então devia ser dos outros lobos. Derrubara todos como se não fosse nada.

Inspirei fundo enquanto ele cutucava minhas costelas, a dor afugentando aquela linha de pensamento. Perdi a conta do número de vezes que me machuquei, mas isso não facilitava as coisas. Quando o efeito da adrenalina passava, não havia nada para me proteger da dor. Suportar a surra era fácil, mas as sequelas nunca tinham sido. Além disso, a sensação de não conseguir respirar estava prestes a me deixar em pânico, e tentei desesperadamente me agarrar a qualquer sensação de controle.

— O ataque de carneiro dos arianos quebrou várias das suas costelas — disse Kaden.

— Não brinca — murmurei, mas a ponta afiada do sarcasmo com o qual eu pretendia colorir minhas palavras se perdeu na dor.

Kaden me lançou um olhar sombrio.

— Suas costelas quase perfuraram seus pulmões quando você voltou para a forma humana. Preciso colocar suas costelas de volta no lugar antes que eu possa movê-la.

Assenti, inclinando a cabeça para trás para captar a mínima luz do sol que fluía através dos galhos bem acima. Kaden teve a gentileza de me colocar em uma parte coberta de musgo, e não havia gravetos perdidos para cutucar minhas costas enquanto eu fazia o meu melhor para relaxar e esperar pela dor iminente.

Quando chegou a hora, fechei os olhos, a respiração saindo num chiado.

— Ótimo — disse Kaden, com a voz baixa e suave.

Estendi a mão, buscando seu braço tatuado, e ele me deixou agarrá-lo sem questionar.

— Olhe para mim — disse Kaden, e balancei a cabeça. Eu começaria a chorar se olhasse para ele, e estava tentando muito não chorar por causa da dor. — Olhe para mim — repetiu, e forcei meus olhos a se abrirem. Seus olhos eram intensos, da cor do céu logo após o pôr do sol, e me senti caindo dentro deles.

— Não sei se consigo fazer isso — ofeguei por fim, porque Kaden parecia esperar que eu dissesse alguma coisa. Kaden tirou a mão do meu lado por alguns segundos, provavelmente para que eu não gritasse e alertasse toda a alcateia Áries a respeito da nossa localização.

— Você consegue. — As palavras de Kaden tinham uma confiança que eu não compartilhava. — Pronta?

— Não — gemi. — Mas você vai seguir em frente de qualquer maneira, então acabe logo com isso.

Ele continuou a mexer nas minhas costelas, e fiz o meu melhor para ficar quieta. Kaden manteve um fluxo de palavras, baixinho, o máximo que o ouvi dizer de uma só vez, mas eu não fazia ideia do que estava dizendo. Todas as palavras pareciam se misturar em meu cérebro, mas eu me agarrei a essa voz, tentando torná-la a única coisa em que prestava atenção, não à floresta ao nosso redor, não a seus dedos na minha pele e não ao pânico crescendo dentro de mim enquanto eu lutava para respirar.

Então a mão de Kaden estava na minha mandíbula, inclinando-a de volta para baixo. Eu nem tinha percebido que tinha desviado o olhar dele. *Alfa autoritário*, pensei, mas não afastei o queixo.

— Ayla — chamou, meu nome soando tão incomum em sua língua quanto sempre soou. Ele me chamava de Ayla tão raramente, mas hoje parecia ser o dia em que o estava dizendo mais. — Preciso cuidar de você agora. Não conseguiremos voltar para Coronis sem fazê-la sarar aqui e, se eu mover você, vou apenas tirar as costelas do lugar de novo. — Ele fez uma pausa como se estivesse considerando suas próximas palavras, mastigando-as antes de cuspi-las: — Isso vai ser um pouco estranho, mas preciso que confie em mim.

Hesitei apenas por um momento. Ele tinha sido o único a vir correndo em meu auxílio tão prontamente em anos. Durante o ataque, tentou me

fazer fugir, apesar de ter sido uma ideia idiota, e mostrou que não estava pensando direito. Ele me mostrou mais lealdade nas poucas semanas em que estive aqui do que em vinte e dois anos na alcateia Câncer. Se me quisesse morta, podia ter deixado que a alcateia Áries me levasse. Tudo o que fez por mim, desde o momento em que fui capturada, me fez perceber o quanto eu confiava nele.

— Confio em você — respondi com total sinceridade.

Ele assentiu e se acomodou mais confortavelmente de joelhos ao meu lado ferido. Kaden se inclinou, e a princípio presumi que era para examinar a ferida. Sua respiração soprou o meu lado e estremeci, a pele machucada se encolhendo com a sensação adicionada. Kaden abriu a boca e senti meu queixo cair quando ele me *lambeu*.

Sua língua estava quente, molhada e não era tão desagradável. Começou no topo do quadril e se arrastou pela pele supersensível. Eu queria empurrá-lo para longe, exigir saber que tipo de brincadeira ele estava fazendo. Antes que pudesse reunir as palavras certas, os olhos dele se ergueram para encontrar os meus, e fechei a boca.

Ele deslizou a língua de volta para baixo pela lesão, tão devagar quanto começara, e não pareceu... horrível. Na verdade, minha mente voltou ao sonho que eu tinha tido, quando Kaden fora muito engenhoso com a língua de uma maneira diferente. Fiquei bem imóvel, evitando os olhos de Kaden enquanto ele continuava lambendo para cima e para baixo, a língua muito quente e quase calmante.

Enquanto ele continuava, um rubor começou a colorir minhas bochechas, e fiquei mais do que grata pelo sangue que me cobria, assim talvez ele não notasse se erguesse o olhar. A dor estava desaparecendo e outra coisa começou a surgir. Parecia que estava vindo com a língua de Kaden, um lento *pulsar* que eu não queria examinar muito de perto. Era muito parecido com desejo, e dessa vez não teria explicação para o cheiro da minha luxúria se Kaden percebesse.

Enquanto ele continuava, comecei a notar menos da dor e mais da sensação de sua língua, achatada na minha pele nua e acariciando para cima e para baixo. Testei respirar fundo, os músculos tensos pela inevitável onda de dor. Que nunca veio.

Pisquei, tentando reconciliar a língua de Kaden com a minha dor. Ele estava me *curando*? Devia afastá-lo, ou dizer que agora já estava bem, mas

não o fiz. Eu nunca admitiria, mas não queria que ele parasse.

Kaden considerou necessário continuar me lambendo por mais alguns minutos, e meu coração disparou enquanto a dor desaparecia. Achatei as palmas no musgo abaixo de mim para me impedir de fazer algo bastante estúpido, como puxá-lo para mais perto e ver se sua língua era tão boa em outras partes da minha pele, como imaginei no sonho.

Por fim, Kaden recuou, lambendo os lábios como se tivesse provado algo delicioso. Eu o observei, com a respiração presa na garganta enquanto esperava pelo próximo movimento dele. Seu olhar percorreu a pele sobre a qual passara a língua por vários minutos e depois vagou pelo resto do meu corpo.

Suas narinas se inflaram de leve enquanto ele absorvia minha pele nua, e então ele pigarreou e desviou o olhar como se tivesse acabado de perceber que eu estava nua. Que estávamos *ambos* nus. A tensão sexual que havia desaparecido com o calor da luta e a pressa de me levar de volta às terras da alcateia Ofiúco voltaram para se vingar.

— Melhor? — perguntou ele, mas a voz dele estava rouca. Como se falar fosse difícil.

Testei passar a mão na pele não marcada. Minha lesão tinha desaparecido por completo como se eu nunca tivesse sido atacada. Inacreditável.

— Não sabia que você tinha poderes de cura — respondi, porque não achava que *melhor* seria uma maneira adequada de descrever como eu estava me sentindo agora. Esperava desesperadamente que ele não pudesse sentir o cheiro, e que não comentasse sobre isso como na outra noite.

Kaden me lançou um sorriso malicioso, de volta ao alfa arrogante que eu conhecia.

— Todos os Ofiúcos têm saliva curativa. É o poder da alcateia. — Ele mostrou os dentes. — Nós também temos uma mordida venenosa.

— Vou me lembrar disso — eu disse, seca. — Pensei que só a alcateia Virgem podia curar.

— Eles são melhores nisso que nós, mas, como eu sou o alfa, minha cura é mais forte do que a de qualquer outra pessoa na alcateia.

— Sério? — perguntei, tentando manter o tom casual.

— Quem você acha que te curou quando chegou aqui?

Meus olhos se arregalaram ao pensar nele me despindo e me curando quando fui capturada pela primeira vez. Aquelas roupas enormes também eram dele? Isso me levou a outros pensamentos daqueles dias, coisas em que eu evitava pensar. Um dos lobos dele tinha me mordido, e eu tinha desmaiado.

— A mordida venenosa... foi isso que me nocauteou?

— Sim, uma pequena quantidade do nosso veneno funciona bem como um tranquilizante. Stella se certificou de não morder você por tempo suficiente para te matar.

— *Stella* me envenenou? — indaguei. — E eu achei que éramos amigas.

Kaden se levantou, limpando a vegetação das coxas nuas antes de estender a mão para mim.

— Você consegue andar?

— Talvez.

Peguei a mão dele, quase sorrindo enquanto me lembrava da primeira vez que peguei a mão dele assim. Ele também não tentou me lançar por cima do ombro dessa vez. Puxou-me para cima e respirei fundo enquanto estava sendo quase catapultada na vertical – e indo parar diretamente contra o seu peito.

Estendi as mãos, meus instintos do treinamento com Kaden entrando em ação antes que meu cérebro racional pudesse interferir, e toquei sua pele nua. Suas mãos estavam nos meus braços, apertando forte o suficiente para que eu não pudesse escapar com facilidade, minhas mãos espalmadas em seu peito nu. Sob minhas palmas, o coração dele batia tão rápido quanto o meu.

Ele estava perto o bastante para que eu pudesse cheirá-lo, aquele aroma estranho e almiscarado que me lembrava florestas densas e o luar. *Lar*, pensei. Sua respiração passou pelos meus lábios e pescoço. O rubor que estava desaparecendo reapareceu, e não haveria como escondê-lo de tão perto, sob tanto escrutínio. Ele inspirou, cheirando-me, e eu me aproximei, quase involuntariamente. Senti uma forte atração por ele, muito parecida com a constante atração do vínculo de companheiro com Jordan. Mas enquanto a compulsão em relação a Jordan parecia mãos esmagando e soltando meu estômago, isso parecia natural, como se fosse nosso destino.

Os olhos de Kaden caíram para os meus lábios. Eu os lambi compulsivamente e, por um momento, podia jurar que senti a vibração de um rosnado baixo cantar pelo ar entre nós. Então ele me afastou de si sem cerimônia.

— Você deveria ter me ouvido — disse Kaden, virando-se.

Senti algo semelhante à decepção se acumular no meu íntimo. Eu *queria* que ele encurtasse a distância, não importava quanta repercussão causasse.

— Eu disse para fugir — continuou. — Você podia ter se matado. Ainda está treinando, e seu dom da lua não a ajudaria aqui. Está de manhã, caso não tenha notado.

— Fugir só os teria atraído para a alcateia — retruquei, incapaz de me conter. *Porra*, ele era tão irritante. Quente num minuto e frio no outro, e sempre mandando em mim como se fosse meu alfa, o que não era. — Eu só fiquei para evitar que você fosse morto.

— Eu não preciso da sua ajuda — rosnou ele, voltando-se para mim.

Cruzei os braços sobre os seios.

— Você deixou isso *bem* claro.

Seus olhos caíram para o local que eu estava cobrindo, e ele passou a mão pelo cabelo e suspirou.

— Vamos, devemos voltar. Preciso avisar aos outros que outras alcateias estão começando a farejar nossas fronteiras, à sua procura. Eles voltarão em maior número, e quero que estejamos preparados.

Ele começou a andar sem esperar para ver se eu seguiria. Um pensamento me ocorreu, algo que parecia insignificante, lá no fundo da minha mente. Estava vindo à tona com a ideia de me procurarem. Meu vínculo com Jordan tinha trazido a alcateia Áries até nós? Foi assim que nos encontraram com tanta facilidade?

Balancei a cabeça. Isso era um problema para mais tarde. De preferência quando eu tivesse roupas. Segui Kaden de volta para a cidade, refletindo sobre os eventos na minha cabeça, tentando entendê-los. Infelizmente, a única coisa que consegui foram mais perguntas e bem poucas respostas.

Fiquei surpresa com a normalidade das coisas nos dias seguintes. Quase morrer não me livrou dos meus deveres de limpeza, infelizmente, e Kaden também não parecia pensar que eu precisava de uma folga. Acordei na manhã seguinte com um bilhete dizendo para continuar a limpar a escola. Sem Kaden à vista.

— Tudo bem, então — murmurei para o bilhete e o arranquei da geladeira. Naquela tarde, perguntei à Stella se ela poderia passar um tempo extra comigo para me mostrar como lutar em forma de lobo. Expliquei o que havia acontecido, com certeza sem necessidade, já que Kaden parecia compartilhar tudo com ela e era provável que já lhe informara do que havia acontecido, com todos os detalhes. Exceto a parte em que lambeira meu corpo nu. Eu tinha um pressentimento de que isso era algo que ele não compartilharia com ninguém.

— Acho que é tarde demais para dizer para irmos devagar, já que temos um novo problema em nossas mãos — disse Stella. — Terei que pedir permissão, é claro, mas posso mostrar algumas coisas básicas hoje.

— Boa sorte — falei. — Não consigo prender Kaden tempo suficiente para trocar uma palavra sequer com ele. Ele até pediu pra Clayton conduzir meu treinamento de combate agora. Se não soubesse a verdade, diria que ele está me evitando.

— Ele está apenas se preparando — explicou ela. — Há muito para preparar agora que sabemos que a alcateia Áries está nos caçando. Dois metamorfos fugiram, o que a machucou e o que você feriu. Tenho certeza de que eles estão dizendo aos leoninos nossa localização geral neste exato momento.

Suspirei. Isso tinha sido culpa minha. E talvez Stella estivesse certa e Kaden estivesse muito ocupado com “coisas de alfa” para continuar treinando alguém que nem fazia parte de sua alcateia, que colocara todos em perigo. Mas eu não podia ignorar que seu desaparecimento coincidiu muito convenientemente com o fato de que quase nos beijamos – e que era provável que ele tinha sentido o mesmo cheiro de desejo vindo de mim, mas dessa vez dirigido a ele.

Nos dias seguintes, evitei pensar nisso o máximo possível. Stella me ensinou maneiras de lutar como loba, e dediquei um tempo praticando me mover entre feixes do luar todas as noites. Queria ter certeza de que nunca mais me encontraria indefesa ou impotente. Eu estava evoluindo, e uma parte primitiva de mim estava ferozmente orgulhosa das rápidas mudanças pelas quais eu estava passando. Nunca mais estaria à mercê de ninguém.

De maneira objetiva, Clayton era um professor muito melhor do que Kaden. Ele elogiava e não me insultava, mas senti falta do treinamento de Kaden mesmo assim. Não que eu tivesse algo contra Clayton, muito pelo contrário. Desde o churrasco, ele era quase um amigo. Mas não era Kaden, e senti falta da proximidade física que nosso treino tinha nos trazido.

As mudanças começaram a acontecer na cidade, também. Todas as entradas e saídas da cidade começaram a ser vigiadas vinte e quatro horas por dia, todos os dias. Todos pareciam estar em alerta máximo, olhares focados na floresta, e todas as crianças eram acompanhadas por adultos a todos os lugares que iam. Eu também estava de guarda e continuava a dizer a mim mesma que, quando observava as multidões, não estava procurando por Kaden, e sim por problemas.

Realmente, o truque de desaparecimento que ele fez foi impressionante. Se alguma vez o encontrasse, perguntaria como aprendeu, só para que eu pudesse usá-lo também. O único lado positivo era que eu não estava mais tendo sonhos inapropriados com Kaden.

Agora era a noite da lua cheia, que Stella estava exaltando há dias. Eu podia sentir a mudança no ar e compartilhava a mesma sensação de excitação que preenchia a voz de Stella sempre que ela falava sobre isso. Esta seria a primeira lua cheia que eu experienciaria depois de ter liberado minha loba, e não tinha certeza do que esperar. Será que finalmente veria Kaden de novo hoje?

Desci as escadas ao pôr do sol e encontrei Stella já à minha espera. Ela usava um vestido vermelho sexy que exibia suas pernas compridas, e seus olhos estavam ainda mais brilhantes. Ela me dissera para usar algo bonitinho também, e optei por um vestido de verão leve e arejado que roçava minha pele enquanto eu caminhava.

— Tudo pronto para a festa da lua cheia? — perguntou ela. — Tenho que te avisar, pode ficar muito barulhento.

Olhei para o meu vestido, imaginando se estava malvestida... ou muito bem-vestida.

— Como assim?

— As emoções ficam exaltadas durante a lua cheia e há sempre muita luta nessas festas... e muito sexo.

Sorri para ela.

— É por isso que está vestida assim? Esperando se dar bem?

Ela sorriu de volta e me deu uma piscadela.

— Ei, só porque eu ainda não encontrei meu companheiro, não significa que eu não posso me divertir um pouco, né?

— Devo me preocupar? É tipo uma orgia completa por toda a floresta?

— Não, na verdade, não — disse ela com uma risada. — Não desta vez, pelo menos. Nove meses antes do signo de Ofiúco estar no poder, é quando nossas fêmeas entram no cio, então, por volta de meados de março. Lá sim, é como uma grande orgia, mas agora não é a época certa do ano, graças a Deus.

— A alcateia Câncer costumava fazer eventos de lua cheia. Mas nunca fui convidada. Também não tenho certeza se posso ir hoje à noite. — Como eu ainda não fazia parte da alcateia, não sabia nem se tinha *permissão* para participar. Franzi a testa ao pegar uma garrafa de água da geladeira e bebê-la inteira. Estava tão ansiosa para provar a mim mesma para a alcateia, mas essa devia ser uma das coisas que Kaden não permitiria.

— Claro que pode ir — disse Stella. — Né, Kaden?

Se eu tivesse mais água na boca, era provável que tivesse cuspidido. Nem tinha ouvido Kaden entrar, mas, quando me virei para a porta dos fundos, Kaden estava se aproximando. Meu coração disparou quando olhei para ele. Ele estava incrivelmente delicioso por algum motivo que eu não conseguia entender, e eu queria lambe-la a linha do seu maxilar, para ver se ele também teria um gosto bom. Respirei fundo e desviei o olhar às pressas antes de ter mais pensamentos como esse.

— Tudo bem — respondeu Kaden. — Contanto que se comporte.

Ele voltou lá para fora, e eu quis saber por que veio para cozinha. Talvez estivesse *mesmo* me evitando.

Sorri para Stella, afastando esses pensamentos. Não importava o que estivesse rolando com ele, pelo menos eu poderia passar mais tempo com a alcateia.

— Parece que posso ir.

Stella bateu palmas, dando pulinhos com os saltos altos.

— Mal posso esperar. Aposto que também arranjamos alguém para ficar com você.

Eu ri e balancei a cabeça, sabendo que isso não ia acontecer. Mesmo que eu quisesse, e não queria mesmo – meu cérebro já estava bastante confuso com pensamentos de Kaden e Jordan –, duvidava que alguém fosse querer ficar com a loba pária ainda acasalada com alguém da alcateia Leão.

Ao cair da noite, fomos para a floresta. Apesar de Kaden concordar com minha presença, senti uma pontada de desconforto. Serei aceita de verdade? Eu gostaria de ser um membro da alcateia, mas continuava ouvindo coisas como *espere até sabermos se você é confiável*. O desconforto misturado com a impaciência fervia desagradavelmente no meu íntimo.

Kaden saiu das árvores, quase como um fantasma, e encontrei meu olhar colado a ele enquanto caminhávamos. Ele não estava com uma camisa – *chocante* – e no mesmo segundo meus olhos gravitaram em direção aos músculos que se moviam sob sua pele enquanto ele caminhava. Não importava quantas vezes eu desviasse meu olhar, eu o encontrava de volta ali, apenas alguns segundos depois. Queria atacá-lo, pressionar meu corpo contra ele, devorá-lo. *O que tem de errado comigo?*, pensei. Na maioria das vezes, eu conseguia conter melhor esses pensamentos inapropriados.

Ficou ainda pior quando Kaden começou a se virar para olhar para mim, uma carranca no rosto como se estivesse tentando entender algo. Qual era a dele? E por que ele era tão sexy? Eu queria lambe cada centímetro do corpo dele como um picolé.

Stella caminhou entre nós, por sorte, inconsciente da tensão sexual tão densa que poderia ser mordida. Eu estava desconfortavelmente ciente do corpo de Kaden enquanto ele se movia – cada respiração, cada farfalhar de tecido, cada passo suave no chão. Quando nos juntamos ao resto da alcateia na clareira, eu estava com um tesão quase desconfortável, e até respirar era uma tortura. Tentei controlar a sensação, desesperada, e gastei tanta energia fazendo isso que não notei que muitos dos metamorfos pelos quais passamos me encaravam. No início, pensei que era porque eu estava agindo de modo estranho, mas não. Havia uma fome nos seus olhares, do mesmo jeito.

Jack deu alguns passos em minha direção com um dos seus sorrisos encantadores, exceto que havia um brilho safado em seu olhar que me dizia bem o que ele queria.

— Ayla. Você está encantadora esta noite. Gostaria de se juntar a mim hoje?

Antes que eu pudesse responder, Kaden ficou entre nós, seu rosnado ressoando no ar.

— Afaste-se dela, porra — disse ele.

Enquanto eu olhava para o alfa, chocada, Jack recuou num piscar de olhos, baixando a cabeça e indo embora. Se ele estivesse em forma de lobo, estava certa de que seu rabo estaria entre as pernas.

— Que grosseria — falei a Kaden. — Talvez eu quisesse ir com ele, pensou nisso?

Ele virou os olhos assassinos para mim.

— De jeito nenhum.

— O que está acontecendo? — perguntou Stella, a preocupação espalhada por todo o rosto.

— Mantenha todos aqui — disse Kaden. Ao mesmo tempo, ele me pegou e me colocou em cima do ombro, enquanto eu soltava um grito.

— Me solta! — eu disse, batendo nas costas dele enquanto ele me levava para longe do grupo, de volta para a casa. — Que diabos você pensa que está fazendo?

Ele não respondeu, apenas continuou andando pelas folhas e galhos enquanto me carregava como se eu fosse uma criança travessa. Tentei me libertar, mas desisti já que seus dedos se apertavam cada vez mais até que fosse quase doloroso. Ele era muito forte.

Kaden parou assim que nos afastamos da alcateia e me jogou na grama.

— O que está acontecendo com você hoje? Todos os machos não acasalados estão te encarando.

— Não sei — respondi, olhando para ele. — Queria saber.

A carranca de Kaden se aprofundou e então ele se inclinou para mais perto, inalando. Eu me afastei, mas os olhos de Kaden brilharam com algo que parecia quase pânico.

— Cacete — rosnou ele, e eu pensei *sim, é isso que eu gostaria* antes de perceber que o tom era mais urgente do que amoroso. — Temos que tirá-la daqui agora mesmo.

— O que está acontecendo? — perguntei, mas Kaden me ignorou, virando de um lado para ao outro, como se procurasse alguém.

— Clayton — latiu ele, e o beta se aproximou. — Você vai liderar a caçada esta noite.

Kaden nem esperou por uma resposta antes de me pegar outra vez.

— O que você está fazendo? — questionei, tentando diminuir o desejo intenso que sentia ao toque dele. — Não vou a lugar nenhum com você até ter respostas.

Consegui me contorcer o suficiente para me libertar, mas, graças ao treinamento de Kaden, pousei graciosamente e consegui correr para longe. Kaden avançou em minha direção e eu desviei, apesar de uma parte de mim querer deixá-lo me capturar. Estava muito difícil pensar, com *quero, quero, quero* martelando no meu cérebro como um segundo batimento cardíaco. Por fim, ele me pegou pelo braço e me arrastou pelos poucos metros restantes até a casa. Ele não disse nada até estarmos lá dentro, e então bateu a porta, trancando-a.

— Você está entrando no cio — disse ele.

O choque me atingiu como um balde de água fria, temporariamente afogando o desejo que eu estava sentindo.

— Como isso é possível?

— Você está acasalada agora, então já é fértil. E está sem uma alcateia, então vai entrar no cio a cada lua cheia. Todo macho não acasalado vai querer foder você. — Ele beliscou a ponte do nariz entre os dedos. — Trouxe você de volta pra cá para sua própria segurança.

Cruzei os braços, cobrindo os mamilos, que ficaram tão duros e sensíveis que até mesmo o leve roçar do meu vestido estava me deixando louca.

— Isso é loucura! Está planejando me proteger a noite toda?

— Não sei — disse Kaden, parecendo tão frustrado quanto parecia. — Eu só sabia que tinha que tirar você de lá antes que alguém arrancasse suas roupas. — Ele se virou e soltou uma longa e colorida série de xingamentos. Se eu estivesse em um estado de espírito melhor, teria retrucado algo espertinho, mas, na minha situação atual, tudo o que sentia era o desejo crescente. Ele se voltou para mim, com o rosto sob controle mais uma vez. — Sente-se. Vou buscar um pouco de água.

Obedeci, e me sentei em um dos sofás da sala de estar. Meu corpo todo parecia estar superaquecendo, fechei os olhos, tentando suprimir minhas reações. Era como se eu não tivesse nenhum controle.

— Não gosto mesmo disso, sabia? — eu disse, os olhos ainda fechados.

— Nem eu — ecoou Kaden, seco.

Pulei com o som da voz dele. Ele se moveu em silêncio de novo, ou talvez eu estivesse tão fora de mim que não o escutei se aproximar. Kaden se inclinou sobre mim, um copo de água em uma das mãos, e meu corpo *implorou* para que ele fosse meu. Depois de me entregar a água, o que ele viu no meu olhar o fez recuar às pressas. Sentou-se do outro lado da mesa de centro, cuidadosamente fora do meu alcance. O local perfeito para meus olhos o absorverem, e eu me vi lambendo os lábios e me contorcendo no lugar. Ele bebeu do seu próprio copo de água, e olhei para sua garganta enquanto ela se movia. Então observei os antebraços dele enquanto ele colocava a água na mesa. Droga, não fazia ideia de que os antebraços podiam ser tão sensuais. Cada centímetro dele estava me deixando louca. Pelo menos ele poderia me ajudar e vestir uma maldita camisa.

— Você também deveria se afastar de mim — eu disse, minha voz baixa e sem fôlego. — Você também é um macho não acasalado.

— Não posso fazer isso.

— Por que não?

— Se eu for embora, você ficará desprotegida durante o cio. Alguém precisa mantê-la em segurança.

— Mas se você ficar... — Deixei as palavras no ar.

Ele balançou a cabeça.

— Ao contrário dos outros, posso me controlar.

Que decepcionante. Tomei um gole de água e olhei para fora, esperando que a visão da lua e das estrelas me dessem algum conforto.

— E agora? Ficamos sentados aqui?

— Ah, não — disse Kaden, inclinando-se para a frente. — Agora, fica muito pior.

A lua subiu ao céu e, com ela, meu cio se tornou quase insuportável. Tentei permanecer sentada, meu orgulho me mantendo no lugar por mais alguns minutos, mas, quando a lua apareceu acima das árvores, eu estava quase ofegante. Nunca senti algo assim antes. Eu me sentia descontrolada, uma coisa selvagem que não podia ser contida na própria pele. Tinha certeza de que morreria se alguém não me tocasse, tirasse essa necessidade do corpo. Estava tão excitada que pensei que podia explodir.

Coloquei o copo de água na mesinha e cerrei as mãos em punhos, tentando mantê-las no meu colo para não tentar tirar a roupa. O desejo era insuportável. O calor entre as minhas pernas era quente e pesado, e eu tomei cuidado para não me esfregar em nada. O que Kaden pensaria se eu apenas tirasse minhas roupas e me esfregasse no sofá para tentar me livrar dessa necessidade *terrível*? Nunca mais conseguiria olhar para ele.

Mas ainda pior do que isso era o desejo de encurtar a distância entre nós. Cresceu e cresceu até que precisei me levantar, ou senti que morreria ali mesmo.

— Estou ficando louca — anunciei, andando de um lado para o outro, tentando gastar a energia acumulada. Não adiantou nadinha de nada.

— Você não pode chegar ao seu companheiro — disse Kaden com o rosto franzido. — Deve ser por isso.

Joguei as mãos para o alto ao andar de um lado para o outro atrás do sofá, tentando me afastar mais dele antes que tomasse uma decisão muito ruim.

— Eu nem quero meu companheiro!

Os olhos de Kaden se estreitaram para mim.

— Você diz isso, mas seu corpo diz o contrário. Eu posso sentir o cheiro.

A raiva explodiu através do desejo com as palavras dele. Foi como na outra noite, com meu sonho. Não queria *nada* com Jordan. Como podia enfiar isso na cabeça dele?

— Não é ele que eu quero, é...

Assim que as palavras saíram, cobri a boca com a mão bruscamente. Os olhos de Kaden se arregalaram com minha admissão. Merda, eu não queria ter dito isso em voz alta. Eu me virei de costas, desejando nunca ter admitido o quanto o queria, me sentindo bastante vulnerável, e ainda assim tão excitada que pensei que poderia morrer.

— Ayla... — O som do meu nome em seus lábios era tão sensual que me fazia tremer de necessidade. Eu me virei de volta para ver os dedos dele se curvando em torno dos braços da poltrona, as narinas se inflaram como se ele estivesse sentindo meu cheiro de novo. Ele soltou um suspiro trêmulo e fechou os olhos, os nós dos dedos ficando brancos enquanto agarrava a poltrona. — Não podemos.

Conseguia ouvir a sugestão de luxúria na sua voz, e foi isso que me colocou de verdade no limite.

— Por que não?

Sua mandíbula se moveu enquanto ele engolia em seco.

— Devia ir para seu quarto. Assistir à televisão. Ler um livro. Tentar se distrair.

— Nós dois sabemos que isso não vai ajudar.

De jeito nenhum conseguiria passar por isso sozinha. Cerrei os dentes, tentando uma última vez controlar meu corpo traidor, mas não adiantou nada. Precisava da liberação. Eu *precisava* dele.

Atravessei o espaço entre nós como se tivesse sido atraída por ele. Essa atração não parecia a mesma que o vínculo de acasalamento com Jordan, mas era forte na mesma medida. Caí de joelhos ao lado da poltrona dele, pronta para implorar, para me rebaixar, custe o que custar. Se estivesse um pouco mais sob controle, teria sido muito orgulhosa de fazer tal coisa, mas a necessidade no meu corpo era tão forte que eu não me importava.

— Ayla — disse ele, com um aviso na voz. Um aviso que escolhi ignorar.

— Por favor — sussurrei. — Por favor, me ajude.

Vi a determinação dele desmoronar, como um teto de vidro caindo. O controle cuidadoso que tinha sobre o corpo se desfez, e ele soltou o aperto mortal na poltrona e me puxou para o colo. Seu toque acendeu o fogo dentro de mim e me movi para beijá-lo, mas ele me parou com uma mão nos meus lábios.

— Posso te oferecer algum alívio com meus dedos — disse ele. — Nada mais.

— Obrigada — respondi com um gemido. Qualquer coisa para tirar esse calor horrível de mim, e a sensação de que eu estava literalmente me desfazendo por causa da luxúria.

Ele me colocou na poltrona para ter melhor acesso, e então subiu o vestido até minhas coxas. Barulhos baixos e animais escaparam da minha garganta quando seus dedos fortes agarraram meus joelhos e abriram minhas pernas. Estendi a mão para a calcinha, tentando tirá-la sem demora, mas as mãos de Kaden empurraram as minhas para o lado.

— Você está encharcada — murmurou, e isso só me fez choramingar ainda mais. Seus nós dos dedos roçaram no meu calor, e eu arquejei, sem fôlego.

— Por favor — pedi. — Continua.

Ele cerrou o maxilar e pressionou a mão na minha pélvis, mantendo-me imóvel.

— Deixa eu tirar isso — disse ele, puxando a calcinha encharcada.

Concordei com a cabeça, tentando pensar além da necessidade pulsante, e como aquele único roçar de seus dedos no meu sexo parecera muito mais. Levantei os quadris de leve para deixá-lo deslizar a calcinha para fora e fechei os olhos com a sensação do ar na minha pele nua. Não era o *bastante* e gemi de frustração. Busquei Kaden, colocando a mão em seu peito. Precisava que ele me tocasse, *agora*.

Ele agarrou minhas mãos e as empurrou para o lado.

— Não me toque. Eu toco em você, não o contrário.

Seus olhos estavam frios, distantes, como se ele estivesse conversando comigo sobre o tempo, não tentando me ajudar a gozar. Assenti e tremi sob ele, tão molhada que parecia que estava pingando na poltrona abaixo de nós.

Mesmo através da névoa do desejo, parei enquanto entendia suas palavras.

— Você não quer fazer isso?

— Quero muito. Estar perto de você agora é difícil. Tudo o que eu *quero* — respondeu, enquanto seus dedos se apertavam em torno dos meus pulsos — é arrancar suas roupas e foder você até que não consiga mais pensar.

As palavras enviaram outro raio de desejo por mim, e gemi como se ele tivesse acabado de lamber meu corpo. *Eu* também queria isso, e foi um alívio saber que minha luxúria não era unilateral. Por um segundo, fiquei preocupada que ele só estivesse fazendo isso por algum senso de dever ou pena.

— Então me toque — pedi.

Com um grunhido, ele soltou meus pulsos e deslizou uma das mãos até o desejo pulsante entre minhas coxas. Então arrastou os dedos de leve pela minha abertura, um dedo mergulhando para dentro apenas o suficiente para fazer com que minha respiração se acelerasse. Estremeci, o corpo tremendo com a necessidade de me mover, de perseguir aquele toque, torná-lo mais concreto.

— Pare de me provocar — falei entredentes.

Kaden produziu um estrondo baixo que era quase uma risada, e ergui o olhar para encará-lo, mas então ele acariciou ao longo do meu clitóris com o polegar em um movimento delicioso e torturante. Ele o seguiu com outra carícia e, em seguida, deslizou dois dedos para dentro de mim, mantendo o polegar no meu clitóris. Fechei os olhos com tanta força que pequenas manchas de luz dançaram na periferia da minha visão, enquanto ele levava os dedos para dentro e para fora, dando bem aquilo de que eu precisava todo esse tempo. A outra mão dele encontrou meu peito, tocando meu mamilo duro como pedra, e eu não conseguia mais me segurar. Montei a mão dele, perseguindo aquela sensação, querendo ainda mais.

— Como diabos você é tão bom nisso? — consegui arquejar.

— Não tenho uma companheira, mas não sou celibatário.

Kaden aumentou o ritmo, circulando meu clitóris com o polegar e torcendo os dedos dentro de mim, movendo-os para dentro e para fora como se fosse seu pau. Era quase brutal, rápido demais e habilidoso demais para me levar a um orgasmo suave. Não, esse aqui ia passar por mim rasgando com algo que eu nunca tinha experimentado antes. Sem dúvida nunca fui capaz de trazer tanto prazer para mim mesma com meus próprios dedos.

Estremeci ao redor dele, as mãos fechadas em punhos, as unhas cravadas na minha pele com o esforço de não o tocar. Então, a necessidade que estava martelando em meu corpo pareceu se reunir toda na minha boceta, bem focada em um único ponto de desejo, antes de explodir para o resto de mim. Meus olhos rolaram para trás com a intensidade do meu

orgasmo, e soltei um gemido baixo. Os dedos de Kaden continuaram o ritmo, guiando-me pelo orgasmo enquanto eu me contraía contra ele. Por fim, ele me soltou, os dedos deixando meu corpo, e me inclinei contra o peito dele, sem fôlego e tremendo.

Ele descansou as mãos nos braços da poltrona de novo, agarrando-os como se fosse tudo o que pudesse fazer para não me tocar mais. Abri a boca para agradecer a Kaden, quando a próxima onda de desejo se derramou sobre mim, tão sutil quanto um trem. Minhas costas arquearam, meus mamilos se contraíram contra o tecido do vestido e gemi.

— Isso não funcionou — reclamei, minha voz soando desesperada enquanto eu tentava controlar a onda de necessidade. Agarrei os ombros de Kaden e, quando nossos olhos se encontraram, descobri um poço de luxúria, profundo e indomável. Ele provavelmente podia sentir o cheiro de como eu estava insatisfeita. Acabara de me fazer gozar, mas pareceu apenas *piorar* as coisas, não melhorar. — Sinto que vou queimar. Kaden, por favor...

— Droga — respondeu, com a testa franzida de frustração. — Você precisa de sexo. Nada mais vai adiantar.

— Não pareça tão entusiasmado, você pode arruinar o clima — ofeguei, tentando desesperadamente me agarrar a qualquer fragmento de sanidade que eu ainda tivesse com o sarcasmo. Não funcionou, e me peguei esfregando minha boceta molhada no colo de Kaden, onde senti seu comprimento duro debaixo das calças. Ele também me queria, então por que já não estávamos fodendo?

Ele agarrou meus quadris para me acalmar, mas isso só me excitou ainda mais.

— Percebe o que está pedindo?

— Sim! — Claro que eu sabia. Estava implorando por isso pelo que pareciam horas. — Se não me ajudar, vou precisar encontrar outra pessoa.

— De jeito nenhum, porra. — As mãos dele seguraram meus seios por cima do vestido fino e os apertaram, e foi o suficiente para me fazer gemer e parar de me contorcer em cima dele. — O único homem que tocará em você esta noite sou eu.

— Então vai logo — apressei-o, mas depois parei quando uma pequena fagulha de bom senso voltou ao meu cérebro por uma fração de segundo. — Espera. Vou engravidar?

Ele balançou a cabeça.

— Acho que não. Não sou seu companheiro.

Devo ter perdido mesmo a cabeça porque pensei ter ouvido amargura na voz dele. Mas não tinha certeza, porque estava muito obcecada com a ideia de ter os filhotes de lobo de Kaden. *É uma pena que ele não me engravide*, pensei, e depois balancei a cabeça com força, afastando o pensamento louco.

— Então, qual é o problema? — indaguei.

Ele beliscou meus seios quase dolorosamente, enviando um raio de prazer que me percorreu por inteiro.

— O problema é que nunca pode ser mais do que uma noite. Entendeu?

— Entendi. — Aproximei-me dele, inalando seu cheiro almiscarado, enquanto meus instintos animais lutavam pelo controle. Eu o quis no meu sonho, e o queria ainda mais agora. Se fosse só por uma noite, eu aceitaria. — Kaden, por favor, me fode.

As palavras pareceram quebrar alguma parede dentro dele como se antes ele estivesse se segurando. Kaden mostrou os dentes, o brilho do desejo claro em seu olhar. Naquele olhar, vi o lobo alfa, o homem perigoso que me sequestrou e ameaçou me matar se eu machucasse alguém que ele amasse. Ele agarrou meu vestido e o puxou por cima da minha cabeça num floreio suave. Eu não estava usando um sutiã, e agora estava completamente exposta aos seus olhos famintos e errantes. Ele me puxou para perto e pressionou o nariz no meu pescoço, sentindo meu cheiro, mas sem me beijar. Nunca me beijando.

— Como desejar, lobinha.

Kaden me jogou no sofá sem cerimônia e olhou para mim como um rei olhando para seu domínio. Seus olhos traçaram todas as linhas do meu corpo nu. Minhas pernas. Meus seios. Minhas cicatrizes. Estava tudo exposto para ele e, embora estivesse tentada a me cobrir, não o fiz. Talvez a loucura do cio tenha me deixado mais corajosa, ou talvez eu me sentia mais confortável com Kaden do que com qualquer outra pessoa na minha vida, mas pela primeira vez queria que ele me visse. Tudo de mim.

— Porra, você é linda — disse ele, e seu elogio atravessou a névoa da luxúria e fez meu estômago revirar. Nenhum homem jamais tinha dito algo assim para mim antes.

Ele estendeu a mão para os jeans, abrindo as calças. Eu podia ver a protuberância lá, e tive que segurar minhas mãos antes de me sentar e oferecer para despi-lo. Duvidei que a minha ajuda seria bem-vinda. Ele não queria que eu o tocasse antes, e só porque íamos transar não significava que isso tivesse mudado alguma coisa. Ele só estava fazendo isso porque precisava, porque não tínhamos opções.

Ele tirou as calças, ficando todo nu. Eu o vi em vários estados de nudez desde que o conheci, mas isso era diferente. Saber por que estava nu agora tinha um tipo de peso diferente. Todas as outras vezes eu havia tentado – e falhado – evitar olhar para seu corpo magnífico, mas dessa vez deixei meu olhar traçar seu abdômen, até o ventre afiado de seus quadris, e depois descer. Dessa vez eu poderia dar mesmo uma olhada boa e demorada.

Seu pau era uma arte, perfeitamente proporcional ao seu tamanho grande, duro como pedra e saliente em minha direção. Engoli em seco ao vê-lo. Queria me afundar ali até que ele estivesse tão fundo dentro de mim que eu me sentisse cheia o bastante para satisfazer essa necessidade esmagadora. Queria deslizar a língua ao longo da veia na parte inferior, apenas para ver se conseguiria fazê-lo perder um pouco do controle. Estava quase sobrecarregada com as possibilidades, e a ironia era que não tinha ideia de como fazer nenhuma dessas coisas. Meu corpo parecia ter suas próprias ideias, mas eu ainda estava um pouco nervosa com minha falta de

experiência. Nenhuma quantidade de luxúria poderia anular o fato de que eu nunca tinha feito sexo antes.

Kaden caminhou em minha direção como o predador que era, e respirei fundo. Ele caiu de joelhos na frente de onde eu estava, exposta como uma oferta, e pegou o pau na mão. Os olhos dele vagaram pelas minhas pernas, bem abertas, e observei suas narinas brilharem-se inflando enquanto ele olhava para o meu sexo. Uma faísca de *algo* passou por seu olhar, e o aperto se intensificou em torno de seu pau.

— Se tivéssemos mais tempo, eu faria você gozar com minha boca — disse ele. — Mas acho que não é disso que você precisa agora.

Soltei um pequeno gemido e arqueei os quadris. Para ser sincera, parecia incrível, mas ele estava certo. Precisava dele dentro de mim. Nada mais adiantaria.

Quando ele olhou de volta para mim, seus olhos estavam escuros, mais escuros do que eu já os tinha visto, com apenas um fino anel azul ao redor das pupilas enormes. Ele queria isso tanto quanto eu. Saber disso me inundou de desejo, e quase o arrastei para cima de mim. Mas então ele franziu a testa de leve ao olhar para o meu rosto, deve ter visto algo escondido sob o *querer* puro e básico, porque indagou:

— Você nunca fez isso antes, fez?

Balancei a cabeça, mas não consegui encontrar palavras, sentindo-me muito frustrada. Meu corpo gritava para que eu o puxasse para mais perto, para buscar seu pau e ser quem o colocava dentro de mim, mas minha mente estava presa na mecânica da coisa. Apreensão se retorceu no meu íntimo, mas foi dominada pela necessidade de ter Kaden afastando a necessidade do cio com seu pau.

— Não, é a minha primeira vez — consegui dizer.

Ele fez uma careta e parecia que estava se segurando à força.

— Você percebe que no momento em que eu estiver dentro de você, não serei capaz de parar, né? Vou tentar ser gentil, mas o frenesi do cio dificulta.

Não tinha percebido que meu cio também o estava afetando tanto, mas agora via nas rugas ao redor dos olhos, nos ombros tensionados e na linha fina da boca. Ele estava fazendo tudo ao seu alcance para não me foder como um louco. O pensamento de que me queria tanto assim me excitou ainda mais, e gemi e arqueei os quadris. Ele não me machucaria, disso eu sabia.

— Por favor, vai logo.

Kaden deslizou as mãos pela minha cintura e expirou como se estivesse prendendo a respiração há muito tempo. Ele olhou nos meus olhos enquanto separava os lábios da minha boceta com o pau, deslizando pela minha entrada algumas vezes antes de se empurrar de fato para dentro do meu calor úmido. Era agonizantemente lento, e o senti se segurando pela maneira como seus músculos tremiam e a pressão forte de suas mãos contra meus quadris, quase dolorosa. Mantive os olhos no rosto dele, observando sua reação ao entrar em mim, embora eu estivesse na dúvida. Queria olhar para baixo, ver sua carne desaparecendo na minha, mas o rosto dele parecia mais importante agora. Quando Kaden entrou inteiro em mim, estava quase vibrando. Eu me mexi um pouco, tentando me acomodar ao redor dele.

— Você está bem? — Sua voz era tão áspera que mal soava como palavras.

— Sim. Não pare.

Eu me mexi de novo, e as mãos dele se apertaram em torno dos meus quadris. Não foi doloroso como eu esperava, apenas me senti incrivelmente preenchida.

Kaden rosnou, saiu e me penetrou mais uma vez. Soltei um barulho, incapaz de evitá-lo, minhas mãos voando para os braços dele. Queria algo em que me agarrar. Ele empurrou de novo, lento e preciso, e senti aquele leve tremor o percorrendo, mesmo quando seu pau cutucou um ponto de puro prazer, atingindo-o tanto quando entrava como quando saía. O que restou do desconforto desapareceu e meus quadris tentaram se erguer para incentivá-lo a se mover. Eu precisava de muito *mais* para saciar a besta voraz dentro de mim.

— Vamos — ofeguei quando ele se afastou quase por inteiro de mim. — Me fode de verdade. Não vai me machucar. Você não consegue.

— É isso que você quer? — Seus olhos encontraram os meus, sua própria necessidade ardendo dentro deles. Então ele me penetrou com força, estocando seu pau até o talo.

— Sim! — ofeguei e levantei os quadris contra as mãos dele, mas ele me empurrou de volta para baixo, segurando-me no lugar. *Aquilo* também era bom.

Kaden me penetrou por completo, e quando saiu de novo, mergulhou o pau de volta dentro de mim mais rápido. Ele aumentou a velocidade e

estabeleceu um ritmo punitivo, nunca deixando meus quadris se igualarem a ele. Ele tinha controle completo da situação, e eu estava *adorando*.

Nossos corpos colidiam audivelmente toda vez que ele me penetrava, enquanto nossos instintos animais tomavam conta e nos levavam a um frenesi. Aumentava a cada estocada até que eu estava perdida no momento, desejando que nunca acabasse. Kaden estava focado apenas em me foder, respirando com dificuldade enquanto mergulhava o pau dentro de mim repetidas vezes, me aproximando do prazer.

— Porra, você é tão gostosa — disse ele. — Como se tivesse sido feita para tomar meu pau.

— Mais — pedi, ofegando a palavra. — Estou perto.

Pelo jeito que a respiração dele estava ofegante, eu sabia que ele estava perto de gozar também. Tive que plantar meus pés para manter minha posição e, finalmente, ele me deixou empurrar meus quadris de encontro a ele, suas mãos deslizando para baixo para agarrar minha bunda. Ele me ergueu para acariciar outras partes de mim com seu pau, e meu prazer alcançou novos patamares.

Ele soltou um gemido, o primeiro que ouvi dele, e foi o que me fez passar dos limites. Minhas pernas o envolveram, puxando Kaden o mais fundo que podia, e me aterrei em seu pau, cavalcando as ondas de prazer. Através de todo o borrão, pude sentir seu comprimento pulsando com seu próprio orgasmo, empurrando o mais fundo que ele podia. Seu gozo era quente dentro de mim, outra sensação adicional que prolongou meu próprio orgasmo.

Quando conseguia respirar de novo, eu me senti como geleia, e me deixei cair no sofá. Kaden me deixou deslizar por seus dedos, o pau escorregando para fora de mim. Estremeci, a sensação nova e fresca, mas boa. Eu estava ofegante como se tivesse acabado de correr um quilômetro. Precisei ficar deitada por alguns instantes antes de conseguir juntar palavras suficientes para formar uma frase.

— Obrigada — foi tudo que consegui dizer, minha voz rouca como se eu tivesse gritado. Devo ter gritado, no final. Mal me lembrava. Eu queria dizer *foi incrível*, mas sabia que não seria bem recebido. Quando olhei para Kaden, ainda pairando acima de mim, seus olhos estavam sem emoção.

— Estou apenas cumprindo meu dever — respondeu.

Franzi a testa e percebi que ele nunca me beijou, nem uma vez. Realmente era apenas sexo – nada mais, nada menos.

Mas não tive tempo de pensar nisso, porque outra onda de desejo ofuscante me inundou. Gemi e me vi arqueando meus quadris em direção a ele de novo, meus mamilos duros como pedra. Não pude deixar de deslizar as mãos entre as pernas, desesperada por mais alívio.

— Por que não vai embora? — perguntei quando consegui formar palavras outra vez. Não parecia estar melhorando, cada onda de desejo me transformando cada vez mais em um animal irracional, incapaz de manter uma linha de pensamento.

— Fique de quatro — ordenou ele.

Obedeci num piscar de olhos, arqueando as costas e me abrindo para ele. Kaden passou a mão pela minha coluna, e estremeci, arrepios aparecendo logo após seu toque. Recuei, tentando procurar o pau dele sem olhar. Esbarrei nele, na sua carne dura – ele também não tinha ficado mole. Ele tinha razão, meu cio o estava afetando tanto quanto a mim. Ele era melhor em controlá-lo, mas senti seu pau latejando enquanto me esfregava contra ele, tentando encorajá-lo a colocá-lo em mim. Seus quadris se contraíram para frente, e não pude evitar o sorriso triunfante que cruzou meu rosto.

Ele deslizou a mão pelas minhas costas e envolveu meu cabelo nas mãos. Fechei os olhos, tentando pensar além da necessidade, mas não adiantava. Ele puxou um pouco, e choraminguei ao ver como era bom. Queria que ele me usasse, me possuísse, me corrompesse. Qualquer coisa, desde que fizesse agora.

Ele empurrou o pau em mim com força, sem gentileza dessa vez, e se inclinou sobre as minhas costas.

— Vamos ficar aqui a noite toda — rosnou no meu ouvido. — Fodendo até o sol nascer. Vou possuí-la de todos os jeitos, em todas as posições. Foi isso que consentiu quando pediu minha ajuda, Ayla.

Estremeci com a maneira como ele disse meu nome, o que enviou outra onda de desejo pelo meu corpo. Ele me penetrou com força, como se para provar seu ponto de vista, e puxou meu cabelo para que meu pescoço ficasse exposto. Na primeira vez que transamos, ele não tinha tocado em mim além das mãos nos meus quadris e do pau dentro de mim, mas agora

isso tinha mudado. Sua determinação tinha desmoronado, e agora as comportas haviam sido abertas.

Ele cobriu meu corpo com o seu, pressionando nossos corpos juntos. Sua respiração estava quente no meu pescoço enquanto ele me penetrava, com força suficiente para me jogar um pouco para a frente. Eu me apoiei melhor no braço do sofá e me empurrei de volta contra ele. Sua mão deslizou da minha cintura para a frente, passando pela minha barriga antes de mergulhar mais baixo, separando os lábios do meu sexo.

Seus dedos encontraram meu clitóris e eu joguei a cabeça para trás, deixando meu pescoço todo à mostra para ele. Ele mordeu a junção entre o ombro e o pescoço enquanto continuava com as estocadas fortes por trás, cada colisão dos nossos corpos enviando uma onda de choque por mim. Dor e prazer se misturaram, e então sua língua lambeu a área, trazendo um tipo bastante novo de sensação para a mistura.

— Não está pensando no seu companheiro leonino agora, está? — ronronou ele no meu ouvido, e eu estremeci, as costas arqueadas quando outro orgasmo dolorosamente bom me derrubou. Jordan era a última coisa na minha cabeça. Eu só estava ciente de que Kaden estava aqui agora, cuidando de mim da melhor maneira possível.

Meus braços e pernas cederam, e Kaden me manteve erguida e me penetrou repetidas vezes durante meu orgasmo, um barulho baixo que soava quase como um rosnado em sua garganta. O novo ângulo batia no meu ponto G a cada impulso, e meu corpo ganhou vida de novo, perseguindo esse desejo como se não houvesse amanhã. Gozei no pau dele de novo, momentos depois, e *gritei*. Parecia que minha carne estava derretendo dos meus ossos. Esse tanto de desejo não deveria ser possível.

Ele soltou meus quadris e eu caí no sofá, incapaz de compreender nada, exceto que minhas coxas tremiam. Quando ele me cutucou com o joelho, eu me virei de lado. Seus olhos me encaravam, famintos, zangados, *quentes*.

Abri a boca para perguntar algo, mas, de novo, outra onda de desejo rolou por mim e, dessa vez, nem me dei ao trabalho de conter meu gemido. Estendi a mão para ele, e Kaden me deixou puxá-lo para perto, enrolar minhas mãos em volta do seu pau. Ele endureceu contra mim, os olhos se arregalando, e subi em cima dele, deslizando o pau para dentro de mim, e então eu estava perdida para o mundo. Eu o montei como um animal, rebolando e gemendo, tirando dele meu prazer, enquanto ele olhava para

mim. Ele agarrou meus seios e os apertou, seus olhos carregavam um fogo dentro deles que me dizia que a necessidade não era unilateral. Então gozei em cima dele, ordenhando seu pau com minha boceta, saltando para cima e para baixo e gritando o seu nome.

Sempre que pensava que o cio se dissiparia e teríamos alguns momentos para descansar, outra onda me alcançava, e Kaden me fodia de novo, encontrando novas posições a cada vez. Em algum momento, fomos para o chão e ele me fodeu por trás, pela frente, de lado e tudo mais. Seu peso era reconfortante em cima de mim, ofegos ásperos pontuando cada impulso forte. Toda vez que eu erguia o olhar e meus olhos pediam *mais*, ele cumpria. Mesmo quando fizemos uma pequena pausa para pegar um pouco de água na cozinha, ele acabou me dobrando sobre o balcão e me fodendo por trás, enquanto dedilhava minha entrada traseira, enviando um novo nível de prazer por mim. No caminho de volta para o sofá, ele me pegou e mergulhou o pau dentro de mim mais uma vez, levantando-me para que estivéssemos agarrados um ao outro enquanto ele me reivindicava.

Foi incrível, áspero e selvagem. Nós fodíamos como animais, dominados pelos nossos instintos mais básicos, incapazes de parar. Não tinha dúvidas de que estaríamos ridiculamente doloridos de manhã, mas isso não nos impediu. Sabia que teria lembranças vívidas dessa noite pelos próximos anos, mas tudo o que podia fazer era viver o momento, afogando-me nos olhos e no corpo de Kaden enquanto ele me tomava de novo e de novo, sempre pronto para outra rodada, sempre disposto a me levar ao orgasmo. E a cada vez a necessidade de um pelo outro continuava voltando.

Parecia durar para sempre, até que finalmente, *finalmente*, a lua se pôs e os fracos vestígios da manhã começaram a aparecer no céu. Desvencilhei-me de Kaden e caí no chão, tão cansada que pensei que não conseguiria me mover por horas. Sabia que em algum momento precisaríamos nos levantar – ainda estávamos na sala de estar, onde qualquer um podia entrar –, mas agora tudo o que eu queria fazer era dormir.

Meu corpo estava dolorido, mas da melhor maneira possível, e demorei vários minutos para perceber o que tínhamos feito. Tinha passado a noite toda fazendo sexo selvagem com Kaden, e tinha gostado. Muito. Ele também, se o número de orgasmos que compartilhamos era um indicativo.

Kaden me pegou e me levou para meu quarto, chutando a porta. Eu me perguntei como ainda tinha força para andar, muito menos para me carregar

também, enquanto me colocava na cama. Olhei para ele com um sorriso hesitante, mas ele não me olhou nos olhos. Seu rosto estava severo de novo, os olhos fechados. Algo afundou no meu estômago. Então era assim que seria.

Ele só me fodeu por dever, e agora que a luxúria nos deixara, não me queria mais. Deixara bem claro que o sexo era só por uma noite porque eu literalmente morreria se não transássemos. E durante todo esse sexo, ele não me beijou, nem uma vez.

— Isso não pode acontecer nunca mais — disse ele. Então saiu sem dizer mais nada. A batida da porta foi tão alta que vibrou por mim.

Fechei os olhos, a mortificação me envolvendo. Mais uma vez, fui rejeitada por um homem que pensei que poderia se importar comigo de verdade. Como deveria continuar vivendo nesta casa com ele agora?

Queria tomar banho, mas não achei que conseguiria me mexer. Estava cansada, sim, mas por baixo disso tinha apenas vergonha quando voltei a mim de verdade e percebi a gravidade total da situação. O cio havia passado, o frenesi de acasalamento acabara, e eu não podia acreditar que tinha mesmo feito e dito todas aquelas coisas.

Nunca mais sairei do quarto, pensei e enfiei a cara no travesseiro. Considerei gritar nele, mas estava cansada demais para fazer até mesmo isso. Não havia como encarar Kaden de novo, muito menos qualquer outro da alcateia. Não, esse quarto era minha casa agora.

Consegui adormecer por um tempo e fiquei grata pelo alívio dos meus próprios pensamentos confusos. Meu corpo doía como se eu tivesse feito dez treinamentos com Kaden seguidos, como se ele tivesse me feito socar o saco por horas a fio, em vez dos vinte e poucos minutos que normalmente me fazia treinar. *Bem, você sem dúvida fez várias rodadas com ele*, meu cérebro brincou comigo. *Cala a boca*, retruquei, e me virei na cama, estremecendo com a maneira como meus músculos doeram.

Uma batida soou à minha porta por volta do meio-dia.

— Você está bem? — perguntou Stella pela porta e eu estremeci de novo. — Kaden fez alguma coisa?

Ora, fez, sim. Ele fez muitas coisas, em todas as posições diferentes, pensei, e quase ri alto ao pensar no rosto de Stella se eu tivesse dito isso.

— Estou bem — respondi e esperei que ela não pudesse ouvir a mentira flagrante. Se eu abrisse aquela porta, tinha certeza de que ela veria um grande cartaz de FIZ SEXO COM SEU IRMÃO A NOITE TODA estampado na minha testa.

— Ok. — Ela parou por muito tempo. — Me avise caso precisar de alguma coisa.

Queria saber se ela podia sentir o cheiro. Merda, queria saber se a cidade inteira tinha me ouvido ontem à noite. Eles devem ter descoberto o que havia de errado comigo, assim como Kaden descobrira. Ele não me tinha me tirado de lá a tempo, e eu me perguntei se todos sabiam o que exatamente acontecera na casa de Kaden. Não seria preciso muita

imaginação. O que significava que eu também nunca mais poderia encarar nenhum deles.

Nunca poderia viver com esse constrangimento. Dei um soco no meu travesseiro para ajustá-lo, sobretudo para socar alguma coisa. Odiara sentir tanto descontrole em relação ao meu corpo. Eu me sentira mais animal do que humana, como se não tivesse controle nem discernimento. Ontem à noite, no meio do cio com Kaden em cima de mim, fazendo seu melhor para responder ao desejo esmagador no meu corpo, eu não teria me importado se toda a alcateia estivesse nos observando.

Gemi e tentei encontrar uma posição mais confortável. Faria qualquer coisa para me livrar desse vínculo de acasalamento. Eu o *odiava*. Isso me transformara em uma besta, incapaz de me controlar e, pior ainda, aconteceria de novo e de novo, porque eu nunca ficaria com Jordan. Nem se ele aparecesse do nada com flores e chocolates e implorasse para eu ser sua companheira. *Aham, e o mundo está acabando*, pensei, amarga. O que significava que eu estava condenada a passar cada lua cheia nesse estado.

Consegui evitar sair do meu quarto o dia todo, dormindo de vez em quando e deixando meu corpo descansar. Eu me levantei para tomar banho em algum momento, e Stella, abençoada seja, deixou um pouco de comida do lado de fora da minha porta. Devorei tudo como se nunca tivesse comido antes, depois bebi uma tonelada de água. Meu corpo precisava de tudo para se recuperar.

Outra batida soou na minha porta logo após a noite cair. Suspirei, imaginando se Stella entraria e me interrogaria, no fim das contas.

— Estou bem, Stella. Só cansada.

— Sou eu — disse a voz de Kaden, e me sentei mais ereta, toda a sonolência desaparecendo. O que ele poderia querer? — Posso entrar?

Fiz uma pausa, incapaz de parar o pensamento selvagem de que ele poderia estar voltando para se desculpar e me dizer o quanto a noite passada tinha significado para ele, mas então afastei essa fantasia.

— Pode.

Tentei descobrir o que fazer com meus membros enquanto ele entrava. Por fim, me acomodei na cama, as pernas cruzadas e as mãos no colo. Não que isso tivesse importado.

Kaden olhou ao redor do quarto, evitando olhar para mim.

— Você está disposta a ir comprar suprimentos amanhã?

Uau, então não íamos nem falar sobre ontem à noite. Só seguir em frente, de volta aos negócios, como se nunca tivesse acontecido. Como se eu não soubesse o som que ele fazia quando gozava dentro de mim.

— Claro.

— Esteja pronta às sete. Não se atrase.

Cruzei os braços.

— Sem problemas.

Kaden abriu a boca como se quisesse dizer outra coisa, mas depois assentiu e saiu, fechando a porta. Soltei um longo suspiro, meus ombros desmoronando. Eu não esperava nada diferente dele, mas ainda assim era decepcionante. Quase desejei que estivesse zangado comigo ou algo assim. Pelo menos, se tivesse explodido, poderíamos ter abordado o que aconteceu. Mas não, deixaríamos que isso ficasse pairando entre nós até o fim dos tempos, o que eu tinha certeza de que Kaden poderia fazer.

* * *

Acordei quase exatamente ao amanhecer, sentindo-me muito mais consciente e alerta, e saltei da cama para me preparar. Tomei banho e me vesti, mas pulei o café da manhã, ainda muito culpada para encarar Stella. Mas não havia como evitar Kaden. Ele estava na porta da van estacionada na garagem, conversando com Clayton em voz baixa. Engoli em seco, percebendo que havia outras pessoas na van também. Será que elas diriam alguma coisa sobre a outra noite? Talvez todos pudéssemos fingir que nada aconteceu e seguir em frente, como Kaden tinha feito. Estava começando a achar que essa era a melhor jogada.

Quando Kaden me viu me aproximando, ficou em silêncio e deixou seus olhos vagarem sobre mim, embora não de um jeito sensual. Mais como um pai que estava verificando se minha roupa não era muito sexy para um encontro.

— Tenha cuidado hoje — avisou. — Com as outras alcateias à nossa procura, é perigoso até sair num veículo. Eles poderiam rastreá-los de volta até aqui sem dificuldades.

— Você não vai? — perguntei.

Kaden balançou a cabeça. Seus olhos estavam de volta a não demonstrar emoção alguma enquanto ele me encarava de volta.

— Você está disposta a colocar sua vida em risco para ajudar uma alcateia que nem sequer é sua?

Concordei com a cabeça e me preparei, levantando o queixo enquanto olhava nos olhos de Kaden.

— Daria minha vida por essa alcateia, se necessário.

E quis dizer cada palavra. Ele se certificou de fazer a distinção de que esta não era minha alcateia, mas este parecia o lugar ao qual eu *pertencia*. Mesmo com minha vergonha pelo frenesi do acasalamento, eu queria ser um deles, e passaria tanto tempo quanto Kaden julgasse necessário para provar que era um membro digno.

Os olhos de Kaden encararam os meus por mais um instante, como se estivessem testando minha sinceridade. Deixei tudo transparecer no meu rosto e, no fim, ele assentiu.

— Entre na van.

Ele foi embora sem outra palavra. *De volta ao normal*, pensei, e entrei no veículo. Havia seis lobos no total, a maioria amigos de Kaden. Clayton estava dirigindo, e eu estava dividindo o assento com Jack e outro cara que eu tinha visto pela cidade, que era quase do tamanho de Kaden, também conhecido como grande e musculoso, exceto que seu cabelo era longo e loiro, quase como o de um surfista. Quando olhei para a fileira de trás, notei dois membros da alcateia que só tinha visto uma ou duas vezes. Pareciam gêmeos guerreiros, ambos com cabelos cor de caramelo e olhos verdes brilhantes.

A fêmea me deu um sorriso, e não havia nada de suave nele.

— Bem-vinda a bordo. Eu sou Harper. Este é meu irmão, Dane.

— Ayla — eu disse, inclinando a cabeça.

— Ah, eu sei quem você é, confie em mim — retrucou Harper, sorrindo como se conhecesse uma piada interna. — Depois da outra noite, todo mundo sabe quem você é.

Jack pigarreou.

— É, sobre aquilo. Me desculpe, de verdade. Não percebi...

Minhas bochechas queimaram de vergonha.

— Está tudo bem. De verdade.

Ele esfregou a nuca.

— Certo. Mas, sério, não fazia ideia de que você estava no cio, ou que era de Kaden.

— Sem sombra de dúvida não sou *de* Kaden — gaguejei.

— Essa marca de mordida no seu pescoço diz o contrário — interveio o cara ao lado de Jack. — Sou Tanner, a propósito. Eu apertaria a sua mão, mas não quero que Kaden arranque a minha com os dentes.

Todos os outros na van se acabaram de rir, exceto eu. Queria afundar no chão do carro e derreter. Eles não tinham ideia da verdade – que Kaden não me queria de verdade. Não assim.

Clayton entrou na van e virou a cabeça.

— Esses filhotes estão incomodando você, Ayla? Devo fazê-los sair e correr ao lado da van?

Abaixei a cabeça com um pequeno sorriso. O bom e velho Clayton, sempre cuidando de mim como um irmão mais velho. E pensar que antes eu ficava irritada por tê-lo sempre me vigiando.

— Não, está tudo bem.

Ele encolheu os ombros grandes e largos enquanto se virava para a frente.

— Ok, mas basta dizer e eles vão pra fora.

— Ah, só estávamos nos divertindo um pouco. — Harper deu um tapinha no meu ombro. — Estou feliz por termos outra garota no grupo.

— Ainda mais uma que coloca Kaden no lugar — acrescentou Tanner com um sorriso.

Relaxe um pouco, percebendo que não estavam me provocando para me envergonhar, mas mais como uma demonstração de camaradagem. Passei tanto tempo da minha vida sendo intimidada que não tinha notado a diferença no início. Era assim que era ter amigos. Fazer parte de uma alcateia de verdade.

— Todos colocaram os cintos? — perguntou Clayton, os olhos encontrando os nossos no espelho retrovisor, e os cantos de seus olhos castanhos se enrugaram com um sorriso. Ninguém se preocupou em responder, e ele saiu da garagem de Kaden.

— De que tipo de suprimentos precisamos? — perguntei quando estávamos na estrada. A emoção passou por mim agora que percebi que estávamos deixando mesmo o território da alcateia, minha primeira vez desde que fui trazida para cá. Talvez conseguisse algumas respostas, para variar.

— Qualquer coisa que não consiga facilmente na cidade — respondeu Tanner e parecia que esperava que eu ficasse satisfeita com essa resposta.

Dã, isso era óbvio.

— Temos locais de entrega em casas seguras por toda a província — acrescentou Jack. — Nossos suprimentos são entregues por pessoas para quem trabalhamos ou de quem compramos, e uma ou duas vezes por mês buscamos suprimentos.

Província. Não sabia se Jack quis deixar isso escapar, mas me agarrei a essa informação como a um colete salva-vidas. Foi a primeira dica real que recebi de onde estávamos. Província significava que estávamos no Canadá, não nos EUA.

— Que província?

Jack me lançou um olhar penetrante. *Te peguei.*

Harper riu do banco de trás.

— Não te contaram muito, não é? Estamos em Manitoba. Você já ouviu falar da Narcisse Snake Dens?

Franzi a testa.

— Não.

Harper se inclinou para a frente, colocando os braços nas costas do meu assento.

— Está cheio de cobra-liga vermelha da Califórnia. Não tem como não as amar. Elas se escondem nessas tocas durante o inverno e reaparecem na primavera. Temos o maior número de cobras-liga vermelhas do mundo num só lugar. Você devia ir ver, um dia desses. Agora é uma grande preservação, já que elas estão com números mais baixos, e é um lugar legal para visitar.

— O que aconteceu? — indaguei. As cobras-liga estavam por toda parte, por que estariam preocupados com a preservação? — Com as cobras, quero dizer. Por que precisam ser preservadas? — acrescentei quando Harper inclinou a cabeça para mim numa pergunta silenciosa.

— Uma grande geada matou várias antes que pudessem se entocar para o inverno há algumas décadas, e alguns ecologistas ficaram preocupados. A Highway 17 corta o caminho para as tocas, e quase dez mil eram atingidas por carros todos os anos até fazermos túneis para as cobras irem por baixo. Agora um ano é ruim se até mesmo mil forem atropeladas. — Ela parecia orgulhosa do fato como se fosse algo com que tivesse ajudado.

— Como você sabe de tudo isso?

Sabia que a alcateia Ofiúco era chamada de “portadores da serpente” e Kaden tinha aquela tatuagem de cobra no braço, mas não nada além disso.

— O Narcisse Snake Dens faz parte das terras da alcateia Ofiúco, junto com as outras áreas de vida selvagem ao redor — explicou Harper. — Uma das tarefas que delegamos aos adolescentes da alcateia é fazer a manutenção nas cercas para impedir que as cobras sejam atropeladas.

Acho que isso fazia sentido. A alcateia Câncer também protegia suas terras, incluindo a vida selvagem – especialmente os caranguejos – na área.

— Até Kaden?

— Ah, sim, ele era o melhor nisso — disse Jack com um sorriso.

Mal podia imaginar um jovem Kaden parando o trânsito para ajudar uma cobra a atravessar uma estrada. Mas valia lembrar que ele era a mesma pessoa que tinha um telescópio no telhado de casa para olhar para as estrelas. Havia muito mais nele abaixo da superfície mal-humorada, e eu desejava desesperadamente poder conhecer esse lado dele. *Não que agora você vá ter uma chance*, meu cérebro fez questão de dizer. Afastei o pensamento e fiz uma piada estranha.

— E eu pensava que havia outra razão para chamarem vocês de encantadores de cobras.

Harper balançou as sobrancelhas para mim.

— Pelo que ouvi, você é a única encantadora de cobras. A cobra de Kaden, pelo menos.

A van inteira riu disso e eu sorri e balancei a cabeça. A risada diminuiu quando Clayton gritou:

— Fiquem atentos. Estamos saindo das terras da alcateia.

Olhei pelas janelas, mas tudo o que vi foi a floresta dos dois lados da estrada. Todos pareciam ter um sexto sentido em relação a isso, e eu não fazia ideia de como sabiam. Não havia marcadores evidentes, e não vi nenhum dos outros metamorfos procurando pistas visíveis. Todos apenas assentiram e Tanner fechou a mão em punho.

— Como vocês sabem? — questionei.

— É uma coisa da alcateia — respondeu Tanner. Ele não estava sendo o Sr. Comunicativo com as informações hoje?

— O alfa marca o território — acrescentou Jack.

— Quer dizer marca com... ele mijá? — perguntei. Todos os seis riram, e eu olhei de um para o outro, esperando que me explicassem.

Jack balançou a cabeça e o cotovelo encontrou a minha lateral.

— Eles fazem isso na alcateia Câncer? Sei que os lobos do Zodíaco são atrasados, mas não pensei que fossem *tanto*.

Soltei um suspiro e balancei a cabeça. *Tudo bem, deixe-os guardar seus segredos*. Devia ser outra coisa que só os membros da alcateia sabiam.

Conversamos ociosamente pelo caminho e fiquei surpresa com a facilidade de falar com eles. Eles não me excluíram da conversa. Se eu estivesse com minha alcateia antiga, teria sido uma viagem silenciosa e longa e teria ficado bem claro que eu não deveria falar com ninguém, e ninguém falaria comigo.

Chegamos a uma cidade depois de cerca de uma hora, e Clayton parou em uma área de armazenamento. Era enorme, fileiras e fileiras de edifícios de metal. Nunca pensei que um armazém pudesse ocupar um quarteirão inteiro, mas também nunca passei muito tempo numa cidade.

Clayton levou a van de ré para um armazém específico. Tínhamos dado tantas voltas que não tinha dúvidas de que me perderia tentando sair por conta própria. Quando ele estacionou, todos entraram em movimento.

— Vamos logo — disse Jack, enquanto eu tirava o cinto de segurança. — Não temos o dia todo.

Todos saímos sem demora da van. Clayton destrancou a unidade de armazenamento e a abriu, enquanto Dane, o silencioso, abriu a parte de trás do veículo. A unidade estava cheia de caixas, e eles começaram a empilhá-las na parte de trás. Fui ajudar, mas então os cabelos da minha nuca se arrepiaram, e olhei em volta. Em geral isso só acontecia quando alguém estava me observando, mas não conseguia ver ninguém. Os outros metamorfos pareciam imunes a isso, e afastei a sensação.

Agarrei uma caixa, mas a mão de alguém no meu ombro me fez parar. Harper gesticulou para eu me afastar alguns passos. Franzi a testa para ela.

— O que é?

O ar brincalhão que parecia cercar a metamorfa havia evaporado por completo. Ela olhou para mim, e seus olhos de repente pareciam ter muito mais idade do que ela. Não sabia quantos anos ela tinha, mas, apenas pelos olhos, teria chutado pelo menos quarenta, embora ela não parecesse ter mais que vinte e poucos anos.

— Se você quiser ir embora, agora é o melhor momento.

Eu a encarei de boca aberta. Não registrei suas palavras muito bem.

— Nenhum de nós vai tentar impedi-la — acrescentou. — Não achamos correto que Kaden a obrigue a ficar conosco como uma prisioneira. Ele é um bom alfa, mas tem umas ideias na cabeça sobre a alcateia Leão, e ele não é razoável quando se trata deles.

Tudo me atingiu de uma só vez. Estava tão envolvida com o treinamento e em tudo mais que consegui me esquecer de que passei os primeiros dias com a alcateia Ofiúco em uma cela.

— Quer dizer, fugir? — perguntei. — E como vocês explicariam isso a Kaden?

— Concordamos que vamos dizer que você fugiu num posto de gasolina depois de pedir para ir ao banheiro. No momento em que pensamos em verificar, você já estava bem longe.

— Você pensou mesmo sobre isso, não foi?

Inclinei a cabeça para ela, surpresa e também agradecida com sua bondade. Era reconfortante saber que pensaram em mim por tempo suficiente para perceber que eu poderia não me sentir confortável em ser mantida em cativeiro em suas terras.

Não podia negar que a ideia de ir para outro lugar era tentadora. Estaria livre de Kaden e do humor dele, livre de ser a zeladora da cidade, livre de trabalhar tanto para provar que sou digna. Mas quando pensei em deixar Coronis, meu peito se contraiu. Eu tinha começado a gostar da pequena cidade, e de todos seus ocupantes também. Aceitaria tudo, mesmo que isso incluísse ser isca para a alcateia Leão.

Mesmo que isso significasse aturar a rejeição de Kaden.

Balancei a cabeça e sorri para Harper.

— Obrigada pela oferta, agradeço mesmo. Mas acho que finalmente encontrei o meu lugar, e é com a alcateia Ofiúco. Espero que um dia eu possa me juntar a vocês como membro de verdade.

— Também espero.

Harper deu um tapinha no meu ombro antes de se virar para ajudar com o resto das caixas.

Quando fui me juntar a ela, vi um movimento pelo canto do olho. Virei a cabeça para ver — e sentir o cheiro — de novos metamorfos. Eram seis, e não eram da alcateia Ofiúco.

Tive a impressão de que estavam aqui por mim.

A adrenalina percorreu meu corpo quando os seis lobos começaram a caminhar em nossa direção. À medida que se aproximavam, vi que vários tinham símbolos arianos como os metamorfos na floresta, mas havia alguns que também tinham símbolos taurinos. Um pico de raiva seguiu a adrenalina. Ainda nada de leoninos. Jordan não mandaria ninguém da sua alcateia atrás de mim, só seus soldados. Eu também não valia o tempo dele, isso era claro.

Quando olhei em volta, percebi que todos, menos eu, haviam se transformado. Deixei minha loba vir à tona, ossos se modificando, pelo cobrindo pele, dentes se transformando em presas. Agora acontecia muito rápido, minhas roupas rasgando e caindo para longe de mim enquanto meu corpo mudava. Quando eu estava sobre quatro patas em vez de duas pernas, soltei um rosnado longo e ameaçador para os lobos que nos cercavam.

De repente, todos entraram em ação, saltando para a frente, com os dentes à mostra. O ar se encheu com os sons de luta, rosnados e abocanhadas. Harper saiu do contêiner e observei enquanto ela rosnava e se jogava diretamente no caminho dos metamorfos arianos. Eu também estava no meio de tudo, pronta para me defender e às pessoas que ficaram em perigo por estar comigo. Como membros da mesma alcateia, podiam se comunicar telepaticamente, todos menos eu. Mas não deixaria que isso me impedisse.

Kaden nunca deveria ter me deixado sair das terras da alcateia, pensei enquanto mordida a perna de um lobo taurino.

Com o canto do olho, vi um metamorfo ariano se preparando para atacar Harper, e senti o fantasma da dor de quando fui atingida por esse mesmo movimento na floresta. Harper seria atingida em cheio.

Não! Pulei para a frente antes que pudesse pensar em fazer qualquer outra coisa, e colidi com Harper assim que o ataque de carneiro nos atingiu, tirando-a do caminho. Por um momento, não senti nada quando caímos em um emaranhado de pelo e membros. Eu me preparei para a dor esmagadora de antes, mas parecia leve em comparação. O ataque deve ter passado de raspão, o restante atingindo apenas o ar.

Afaguei Harper com o nariz, cheirando-a em busca de ferimentos, verificando se estava bem. Ela me cutucou com a cabeça, a cauda cor de caramelo balançando e, em seus olhos, vi gratidão. Ambas voltamos, preparando-nos para nos juntarmos à luta outra vez.

Eu tinha uma coisa a meu favor: eles me queriam viva. Assim, tinha a melhor chance de sobreviver do que qualquer um aqui, e mesmo que ainda não fosse um membro oficial da alcateia, eu sentia um forte senso de lealdade em relação aos outros.

O lobo que nos atacou já havia se juntado à luta de novo, indo contra Clayton com outro lobo ariano. *Não, de jeito nenhum*, pensei. *Não vão machucar mais ninguém*.

Observei, os sentidos aguçados captando o momento perfeito para avançar. *Agora*. Uma abertura. Eu me lancei para a frente e mordi o pescoço do ariano que havia atacado Harper. Ele estava tão focado em lutar contra Clayton que não percebeu que tinha se deixado livre para um ataque lateral. Houve um ruído e a pele cedeu, suave, sob minhas mandíbulas, juntamente com o gosto de sangue quente cobrindo minha língua. O metamorfo ariano gritou e se soltou do meu aperto numa tentativa débil de escapar. Isso não fez nada além de apressar sua morte, e eu nem tive tempo de vê-lo cair no chão antes de me juntar à luta mais uma vez.

Minha contribuição parecia ter feito algo, porque os lobos Ofiúco estavam vencendo, vi mais dois lobos no chão, imóveis. O resto dos lobos taurinos e arianos recuaram quando avançamos juntos, rosnando e abocanhando em direção aos lobos, e eles se viraram e correram. Eu os vi partir, a satisfação pulsando em minhas veias junto com a adrenalina.

Todos ao meu redor começaram a voltar para a forma humana e os imitei. Analisei todos, tentando ver se alguém estava ferido. Ninguém parecia estar com ferimentos muito graves. Apenas alguns arranhões e contusões. Jack e Clayton estavam sangrando, mas nada que um metamorfo não pudesse curar.

— Vamos sair daqui — disse Clayton. — Não temos muito tempo antes que eles voltem com reforços.

Concordamos todos antes de carregar o resto dos suprimentos no veículo. Estávamos todos nus, mas isso não importava – o que importava era fazer isso o mais rápido possível. Quando terminamos, Clayton distribuiu casacos e cobertores para todos, e voltamos para dentro da van.

Enquanto nos afastávamos, um pensamento me ocorreu.

— Eles serão capazes de nos rastrear até Coronis?

— Não — respondeu Harper. Dessa vez ela estava sentada ao meu lado na van, com Tanner atrás. — Eles não serão capazes de nos rastrear assim que voltarmos ao território da alcateia.

Ela inclinou a cabeça, estudando-me com uma expressão estranha no rosto.

— O que foi? — perguntei.

— Você salvou minha vida. Pensei que ia ser atingida com o ataque de carneiro do ariano, mas você me empurrou para longe. Foi uma coisa idiota de se fazer. *Você* quase foi atingida.

— Já fui atingida por isso antes e sobrevivi. — *Não sem a ajuda de Kaden*, minha mente me lembrou, solícita, mas empurrei esse pensamento para longe. Não precisava pensar nada sobre Kaden agora. Ele nem estava aqui. — Ninguém mais deveria ter que passar por essa dor.

Harper me observou por mais alguns instantes e depois se virou para olhar pela janela. Ela não disse mais nada pelo resto da viagem, e descobri que já sentia falta de seu sorriso durão. Todos estavam bastante desanimados, na verdade. Eu queria conversar com eles para ajudar a fazer o nervosismo da luta desaparecer, ou me desculpar por colocar todos em perigo, mas não queria interromper seus pensamentos.

Voltamos a Coronis em uma viagem que pareceu levar o dobro do tempo que a ida até o armazém, e Clayton parou direto na garagem de Kaden. Onde Kaden estava de braços cruzados, os músculos salientes e o maxilar cerrado.

Quando começamos a sair, observei o rosto de Kaden. Sua carranca se aprofundou enquanto ele absorvia nosso estado meio vestido e o sangue por todos nós – e então avançou. Ele agarrou meu braço e me arrastou para o lado, seu olhar percorrendo meu corpo, que eu havia embrulhado o melhor que pude em um pequeno cobertor.

— O que aconteceu? — rosnou. — Você está ferida?

Puxei meu braço para longe dele e ajustei o cobertor, cobrindo-me melhor.

— Fomos atacados, mas estou bem. Não preciso que me cure, se é isso que o preocupa.

Seus lábios se pressionaram em uma linha apertada, e então ele perguntou:

— Arianos de novo?

— E alguns taurinos também.

Ele xingou baixinho e se virou para Harper, que nos observava com olhos arregalados.

— Perguntou a ela?

Harper se endireitou sob o escrutínio de seu alfa e assentiu.

— Sim, mas ela recusou. Disse que quer ficar com a alcateia.

O quê? Pisquei entre eles, meu cérebro ainda lutando para entendê-los. Sem dúvida, *sem dúvida*, isso não era o que parecia.

— Como ela se saiu numa luta? — perguntou Kaden.

Harper sorriu.

— Bem. Melhor do que bem, na verdade. Ela salvou minha vida e até matou um dos lobos arianos.

— Do que você está falando? — perguntei, indo encarar Kaden de perto. — Isso foi algum tipo de teste?

Kaden me olhou de cima sem emoção no rosto perfeito. Mal podia acreditar que apenas horas antes estivemos nus juntos.

— Sim, um teste de lealdade para recrutas em potencial. Todos têm que passar por isso. O caminho fica livre para o recruta fugir e até mesmo trair a alcateia, se quiser, para que possamos ver suas verdadeiras lealdades e motivações.

— E o ataque? — quase cuspi nele. — Isso também fazia parte do teste?

— Não, o ataque não fazia parte, mas agora ninguém vai duvidar de você.

— Ninguém vai duvidar de mim? E quem seria deixado para duvidar de mim se todos tivessem sido mortos? — Enfiei o dedo no peito dele. — Você colocou *todos* em perigo apenas para provar a minha lealdade. Seu teste idiota poderia ter custado a vida de todos eles!

— Tome cuidado — rosnou Kaden do fundo do peito. — Lembre-se de com quem está falando.

Parte de mim queria recuar diante desse poder. Kaden tinha ameaçado me matar por menos antes, mas agora eu não me importava. Além disso, sabia que ele nunca me machucaria. Fisicamente não, pelo menos. E eu

estava exausta, coberta de sangue e muito cansada dessa atitude de merda dele.

Coloquei as mãos nos quadris.

— Ah, eu me lembro, alfa. Acabei de assistir a membros da *sua* alcateia lutar pelas próprias vidas, tudo para me defender numa batalha que não precisava acontecer. Nunca devia ter me deixado sair das terras da alcateia, ou pelo menos podia ter tido a coragem de vir conosco, já que sabia o que podia acontecer. Então pode enfiar sua autoridade no seu rabo.

As sobrancelhas dele dispararam para cima com isso, e todos os outros metamorfos ficaram boquiabertos comigo como se eu tivesse perdido a cabeça. Que se dane, tinha quase certeza de que minha cabeça já tinha desaparecido a essa altura, e eu já não me importava mais. Só não queria que mais ninguém morresse por mim.

Tinha quase certeza de que Kaden estava prestes a explodir comigo, e sabia que a raiva dele seria assustadora. Mas ele apenas cruzou aqueles braços carnudos e me encarou por tanto tempo que pensei que ele nem responderia nada.

— Tem razão — disse ele, e a minha boca se escancarou. O mundo estava acabando ou Kaden tinha acabado de admitir que eu estava *certa*? — Eu não deveria ter colocado você ou os outros em perigo — continuou, enquanto sua mão se estendia como se fosse tocar meu rosto antes que ele a deixasse cair de novo. — No mínimo, eu deveria ter estado lá para protegê-la. Mas eu tinha que ter certeza de que você era leal antes de poder convidá-la para se juntar à alcateia.

Recuei um passo.

— Você... o quê?

Os olhos de Kaden tinham um certo brilho, um que eu nunca tinha visto antes. Parecia quase satisfação.

— Você provou sua lealdade e passou em todos os nossos testes. Estou te convidando para se tornar um membro pleno da alcateia Ofiúco, se assim desejar.

Olhei para ele por alguns segundos, a euforia correndo pelas minhas veias. Isso era tudo o que eu queria há tanto tempo, desde que Stella me levara para conhecer Coronis. Minha raiva desapareceu e um sorriso surgiu no meu rosto enquanto eu absorvia a sinceridade na voz de Kaden. Ele

estava mesmo me oferecendo isso. A mim, que sempre fui rejeitada e indesejada. Até agora.

Antes que eu pudesse pensar melhor, eu me lancei para a frente e abracei Kaden.

— Obrigada.

Ele soltou um suspiro, pego desprevenido, ficando tão rígido quanto uma tábua enquanto eu o abraçava.

— Que porra você está fazendo?

— Nós os chamamos de abraços, Kaden — expliquei. — Eles são usados para mostrar gratidão entre as pessoas que não são emocionalmente atrofiadas.

— Você é insuportável — retrucou Kaden, mas também não me afastou.

Recuei e os outros metamorfos se aproximaram para me dar os parabéns, dando-me as boas-vindas à alcateia. Kaden nos observou com um olhar no rosto que pensei que poderia até ser orgulho. *Meu alfa*, pensei enquanto o calor se espalhava por mim. Mas não conseguia parar o pensamento de partir o coração que se seguiu.

Ele devia ser meu companheiro também.

Encontre a gente na cidade ao anoitecer, a nota dizia. Li tantas vezes que as palavras se misturaram numa bagunça sem sentido na minha cabeça. Depois de voltar da nossa busca por suprimentos, almocei às pressas e tomei um banho, depois encontrei o bilhete à minha espera na cama. Parecia a caligrafia de Stella, não a de Kaden, e eu não tinha certeza do que interpretar disso.

Quando o sol mergulhou abaixo do horizonte, finalmente saí de casa. Quando saí, ouvi música distante, que soava como se viesse do centro da cidade. Eu tinha ouvido um barulho semelhante durante a noite de lua cheia, mas não havia nada para comemorar hoje.

Parei na beira da praça central e olhei. Cada metamorfo Ofiúco que vivia em Coronis parecia estar lá na grama. Mesas haviam sido montadas, carregadas de comida e bebidas, e observei por alguns momentos enquanto todos se moviam entre os grupos, conversando e sorrindo. A atmosfera estava bastante relaxada como se todo o dia tivesse sido um pesadelo.

Stella se afastou da multidão e começou a caminhar até mim com um sorriso enorme.

— Vem cá — disse ela, gesticulando para que eu fosse em direção ao grupo de pessoas.

Segui Stella em direção às mesas, e vários metamorfos olharam para mim. Uma mulher mais velha se aproximou de mim, alguém que eu nunca tinha visto antes.

— Ayla — disse ela, sorrindo para mim como se fôssemos grandes amigas em vez de completas estranhas. — Bem-vinda à alcateia!

— Obrigada — respondi e corri atrás de Stella até a mesa de comida. Se eu fosse falar com todos na alcateia Ofiúco, pelo menos queria estar comendo enquanto fazia isso. Mais alguns metamorfos me pararam no caminho, oferecendo seus parabéns, e foi tudo muito gentil, mas também avassalador.

— Ayla?

Eu me virei para encontrar Stella vindo em minha direção com dois pratos de comida e soltei um suspiro aliviado.

Ela empurrou um nas minhas mãos com um sorriso.

— Parece que você precisa disso.

— O que está acontecendo? — Gesticulei ao redor do parque com o garfo. — Para que isso?

Stella riu.

— É para você, boba. Seu banquete de boas-vindas à alcateia.

Eu a encarei por alguns instantes, incapaz de falar por causa do aperto repentino na minha garganta. Nunca tive sequer uma festa de aniversário na minha vida. No máximo, Wesley e Mira me davam presentes e me desejavam feliz aniversário, mas meu pai nunca tinha visto muito sentido em celebrar algo que via como um erro. Ninguém mais tinha se dado ao trabalho de perder esse tempo, também.

— Isso... — Eu parei, uma onda repentina de emoção me dominando. Era demais. Eu nunca *pertenci* assim antes. Ainda mal podia acreditar. Eu fazia parte da alcateia Ofiúco, e tinha uma família agora.

Stella pareceu entender o que eu estava sentindo, porque entrelaçou o braço no meu e me levou para uma parte mais tranquila do parque, longe da maioria das pessoas.

— Lamento não ter podido te contar sobre o teste. Eu me senti tão mal por mandá-la para lá sem aviso. E depois você foi atacada... Eu devia ter estado lá.

— Está tudo bem. — Agora que a raiva havia passado, entendia um pouco melhor as ações de Kaden. Sua prioridade era a alcateia, e ele tinha que ter certeza de que eu era leal antes que pudesse confiar mesmo em mim para fazer parte dela. Ele me deu a opção de fugir, e suspeitei que tivesse ficado para trás durante o teste para que eu não fosse influenciada de forma alguma por sua presença. — Só estou feliz por ninguém ter se machucado.

— Normalmente teria havido ainda mais testes, sabe — explicou ela. — Em geral, leva um ano ou dois para conseguir um convite para a alcateia. Mas, como você defendeu os outros e salvou a vida de Harper, Kaden disse aos anciãos da alcateia que não eram necessários mais testes.

Inclinei a cabeça enquanto considerava o que ela havia dito. A alcateia Câncer também tinha anciãos, que deveriam aconselhar meu pai, embora em geral ele os ignorasse. Parecia que os anciãos de Ofiúco tinham mais influência por aqui. Mas a pergunta mais urgente era: Kaden sabia que

poderíamos ser atacados? Ele tinha planejado isso o tempo todo para que eu fosse aceita na alcateia mais rápido?

— Estou tão feliz que você pode se juntar a nós — disse Stella, estendendo a mão para a frente e apertando a minha.

— Eu também.

Outro grupo de metamorfos veio até nós e reconheci o companheiro de Clayton, Grant, entre eles.

— Bem-vinda à alcateia — disse ele e apertou minha mão como se isso fosse uma entrevista de emprego. — Eu sabia que também ia passar nos testes.

Eu me lembrei de que ele também fora um estranho e me perguntei quanto tempo demorou. Antes que eu pudesse perguntar sobre seus testes, outros metamorfos vieram dizer olá para mim, e eu dei grandes sorrisos para cada um, tentando me lembrar do nome de todos.

Eu poderia me acostumar com isso, decidi depois que mais algumas pessoas vieram se apresentar. O entusiasmo delas era um pouco avassalador, mas era tão bom sentir que eu pertencia a algum lugar. Algum lugar onde ninguém nem sequer tinha mencionado meu lado humano, ou meu cabelo ruivo, ou me tratado como lixo. Sim, sem sombra de dúvida eu poderia me acostumar com isso.

— Então agora eu sou um membro oficial, simples assim? — perguntei quando tivemos um momento sozinhas de novo.

— Ainda não. Você precisa passar pelo ritual de iniciação. Então você será um verdadeiro membro da alcateia.

— Qual é o ritual? — perguntei, meu coração se acelerando com o pensamento. Como eles faziam isso, sem as Bruxas do Sol para realizar o feitiço?

Stella apenas me deu um sorriso misterioso.

— Você vai ver. Não é nada ruim, não se preocupe.

Sempre que alguém me dizia para não me preocupar, só me preocupava mais. Suspirei e terminei de comer, mas, dessa vez, quando ergui o olhar, encontrei Kaden me encarando. Eu não o tinha visto até agora e, quando ele se virou para falar com Clayton, deixei meus olhos permanecerem em seu corpo. A necessidade vibrou dentro do meu estômago, mas era diferente da outra noite. Não havia o cio forçando dessa vez. Era tudo eu.

Ele me olhou de novo e eu o encarei de volta, mesmo quando senti minhas bochechas corarem ao ser pega olhando sem parar. Mesmo a essa distância, faíscas voaram entre nós, e de repente ficou mais difícil respirar. Ou me manter quieta. Eu me forcei a desviar o olhar de novo, mesmo quando o senti encarando minha nuca. Com o coração batendo forte, acabei olhando para trás, meus olhos atraídos para ele com facilidade, mesmo enquanto conversava com vários outros metamorfos.

Éramos atraídos um pelo outro, não havia dúvida em relação a isso. Eu queria ir até ele, para descobrir exatamente no que estava pensando ao olhar para mim assim, mas não havia tempo entre todas as conversas. Por sorte, Stella ficou ao meu lado e me ajudou a não me sentir sobrecarregada. Olhei de relance para Kaden enquanto Stella terminava de me apresentar à mãe de um de seus alunos.

Pena que ele não seja meu verdadeiro companheiro, pensei outra vez, e uma onda de tristeza passou por mim ao perceber. Ele era tudo o que um alfa deveria ser, e eu não podia negar o que sentia por ele. Mas não, eu tinha ficado com aquele psicopata do Jordan. *O mundo não é justo mesmo, né?*, pensei com um suspiro e depois me virei para trás quando uma pequena mão puxou a minha.

Sorri para o pequeno metamorfo que me direcionava um sorriso largo e afastei a tristeza. Agora não era o momento de pensar nisso. Eu tinha conseguido todo o resto que queria – uma família, um lar e uma alcateia onde pudesse me sentir aceita e segura. Devia estar comemorando, não sofrendo pela única coisa que não consegui.

Por fim, depois do que pareceram horas de apresentações intermináveis e uma enxurrada de rostos que se misturaram em um só, Kaden pediu silêncio. A lua estava alta no céu noturno, ainda quase cheia, e lançava luz suficiente sobre todos os reunidos. Ele segurava algo nas mãos, um objeto longo que parecia um pouco com um cajado. A alcateia se reuniu e Kaden parou na minha frente.

— Ayla Beros, você deseja se tornar um verdadeiro membro da alcateia Ofiúco? — perguntou ele.

Olhei mais de perto para o cajado. Era feito de metal e havia uma crista estranha sobre ele, descendo em espiral até lá embaixo. *Uma cobra*, percebi, quando ele o inclinou. Engoli em seco e respondi:

— Sim, quero.

Com minhas palavras, o bronze começou a *mudar*, e dei um passo involuntário para trás quando a cobra ganhou vida. Eu podia dizer que não era real, algo criado com magia, mas não queria que chegasse perto de mim.

— O que é isso? — perguntei quando Kaden o aproximou de mim. — Não, obrigada. Não gosto de cobras.

Kaden me direcionou um olhar sério.

— Não seja covarde. Estenda o braço.

Fiz uma careta e estendi o braço. Ele tocou o cajado na minha palma e a cobra deslizou sobre ele. Era fria, como o metal de que era feita. Ele guiou a cobra para envolver meu braço e, em seguida, deixou a extremidade da cauda se enrolar em torno do seu próprio braço. Era quase como o ritual com as Bruxas do Sol, no qual amarravam os pares juntos. Mas eu duvidava que o pano parecesse a pele fria de uma cobra. Estremeci, e então Kaden começou a falar. Eu me esqueci do desconforto quando ele iniciou o juramento:

— Você jura manter lealdade à alcateia Ofiúco até seu último suspiro? — perguntou ele. — Para se tornar um com a alcateia e seus membros, desistindo da sua alcateia de nascimento, nunca buscando orientação ou apoio deles?

Não é um problema, pensei, antes de dizer:

— Juro.

A voz de Kaden estava baixa enquanto ele continuava o ritual:

— Repita depois de mim: eu, Ayla Beros, aceito a oferta da cobra.

Repeti as palavras dele, e a cobra aumentou o aperto ao meu redor, pressionando os dedos de Kaden no meu braço quase com força suficiente para causar um hematoma. A cobra olhou para mim, os olhos embotados e claramente não vivos, mas eu tive a sensação de que *algo* lá estava me dando um olhar de avaliação. Então, mais rápido do que eu conseguiria pensar em me afastar, ela atacou, afundando as presas na parte superior do meu braço. Pulei e soltei um surpreso:

— Ai!

Os dedos de Kaden se apertaram contra o meu braço, dessa vez ele, não a cobra.

— Fique parada. — Um momento depois, a cobra recuou e sacudiu a língua para mim antes de deslizar de volta pelo meu braço. — Você faz parte da alcateia agora.

Kaden me soltou e observei enquanto as mordidas gêmeas desapareciam e se tornavam um símbolo brilhante de Ofiúco, a mesma marca que adornava todos os outros metamorfos da alcateia. Ao mesmo tempo, senti o veneno da mordida da cobra se infiltrando nas minhas veias, e tive um momento de pânico antes de perceber que não doía. Podia senti-lo se fundindo na minha corrente sanguínea, tornando-me mais forte.

Torci o braço para olhar melhor para a marca da alcateia. Olhei para cima para encontrar os olhos de Kaden, e não havia nada além de satisfação em sua expressão.

Eu era uma das portadoras da serpente agora.

Era tarde da noite quando a festa, por fim, estava prestes a acabar. Os metamorfos adoravam festejar à noite sob a lua, mas, finalmente, a maioria das pessoas foi para a cama, e agora era a nossa vez.

— Vamos para casa — disse Stella, cobrindo a boca que bocejava. — Sinto que meus pés podem cair depois de toda aquela dança.

Casa. Parecia mesmo que era agora. Embora as coisas fossem mudar agora que eu era um membro pleno da alcateia. Eu não precisaria mais de guardas atrás de mim, e provavelmente teria que encontrar outro lugar para morar em algum momento. Não imaginava que Kaden me quisesse lá por muito mais tempo.

— Estou tão animada por você ser uma de nós agora — disse Stella, enquanto caminhávamos de volta para casa. — Vou precisar te mostrar como sua mordida venenosa e cura funcionam.

Corei quando me lembrei da língua de Kaden lambendo minha ferida até curá-la.

— Eu já sei um pouco sobre isso.

— Certo, claro. Desculpa ter mordido você na Convergência, mas eu me certifiquei de não usar muito veneno. Eu só queria nocauteá-la, não te matar.

Quase abri a boca para corrigi-la, mas pensei melhor. O que aconteceu entre Kaden e eu deveria ficar entre nós. Não tinha certeza do quanto todos sabiam, mas eu sabia que era provável que Kaden não quisesse que tudo fosse compartilhado.

— Ah, outra coisa boa — continuou Stella. — Tornar-se membro da alcateia também irá impedi-la de entrar no cio todos os meses. Sei que teve alguns problemas com isso na última lua cheia. Agora você só terá que se preocupar com isso uma vez por ano.

— Isso é um alívio.

Uma vez por ano era muito mais manejável. Exceto... Foi por isso que Kaden se apressou para me tornar membro da alcateia, para evitar ter que lidar comigo entrando no cio de novo? Meu peito se contraiu ao pensar que essa era a verdadeira razão pela qual ele lutara para que eu me juntasse tão

rapidamente. Não porque eu merecia, ou porque tinha provado ser leal, mas porque ele não queria ter que me foder de novo no próximo mês.

Voltamos para casa e não havia sinal de Kaden em lugar nenhum, embora ele tivesse saído da festa um pouco antes de nós. Eu me perguntei para onde ele tinha ido, se estava ocupado mal-humorado em seu quarto ou dando um passeio pensativo pela floresta, fazendo o que quer que os alfas fizessem para marcar o território.

Eu me sentei na minha cama depois de dizer boa noite para Stella e toquei a marca da alcateia no braço. Nunca tinha carregado o símbolo canceriano, nem tive acesso à carapaça crustácea, mas agora sentia o poder correndo pelas minhas veias devido à lambida de cura e à mordida de veneno dos Ofiúcos. Eu era mesmo um deles, embora tivesse a sensação de que nunca gostaria de cobras como alguns deles gostavam.

Mas eu merecia mesmo ser um deles?

Um baque no meu telhado me assustou. No mesmo instante minha mente pensou em um ataque, e meu coração começou a bater forte. Escutei de novo, e corri para fora do quarto para ver se Stella ou Kaden tinham ouvido. Nenhuma das portas estava aberta. Olhei para a porta de Stella e depois me virei para a de Kaden. Fui até ela e bati.

— Kaden? Você está aí?

Nenhuma resposta. Tentei a maçaneta. Nunca estive no quarto dele, já que me proibiram até de limpá-lo. A porta estava destrancada e preendi a respiração enquanto abria apenas uma fresta. Não havia ninguém lá dentro. Olhei em volta, achando-o surpreendentemente limpo e vazio, sem muitos toques pessoais como o quarto de Stella. Vi uma foto do que deve ter sido os pais dele sentados na mesa ao lado de um laptop fechado.

— Kaden? — perguntei de novo, só para ter certeza. A porta de correr para a varanda estava aberta e olhei para fora. Por que a porta estava aberta? Saí para a varanda e olhei para cima. Era uma noite sem nuvens, as estrelas brilhando intensamente, e a lua ainda lançava um brilho agradável sobre tudo. Olhei para ela por alguns momentos antes que algo chamasse minha atenção. Uma escada. Eu me lembrei de Kaden dizer que tinha um telescópio no telhado, e me senti boba por pensar que um atacante seria capaz de chegar lá sem alertar ninguém.

Fui para o outro lado da varanda, onde pude vê-lo sentado numa parte mais plana do telhado, com o olho pressionado na lente do telescópio. Por

impulso, subi para me juntar a ele. Precisava perguntar a verdadeira razão pela qual ele tinha me tornado um membro da alcateia, ou nunca seria capaz de dormir.

Ele não olhou para mim até que eu me acomodasse ao seu lado, embora devesse ter me ouvido chegar a um quilômetro de distância.

— Eu disse para não entrar no meu quarto.

— Ouvi algo e vim investigar. — Quando ele apenas grunhiu em resposta, perguntei: — O que você está olhando?

— A constelação de Ofiúco está brilhante hoje. — Ele gesticulou para a frente e se afastou para que eu pudesse espiar pelo telescópio.

Não sabia exatamente o que procurava e recuei. Era apenas uma mistura de estrelas brilhantes para mim.

— Bonito.

Ele balançou a cabeça com uma carranca.

— Está logo abaixo da constelação de Hércules, com a qual tenho certeza de que você está mais familiarizada. Ofiúco vem da palavra grega que significa portador da serpente. Parece um homem segurando uma cobra.

— Certo. — Olhei de volta para o telescópio, semicerrando os olhos para as estrelas e tentando ver qualquer coisa que se parecesse com um homem. Kaden estava perto o suficiente para que eu sentisse o calor de seu corpo nos poucos centímetros de espaço que nos separavam, e era difícil, para mim, focar em qualquer outra coisa. O fato de que agora era meu alfa deveria ter me deixado hesitante, mas, em vez disso, só me fez desejá-lo ainda mais.

Quando olhei para Kaden, seus olhos estavam fixos em mim, suas profundezas escuras brilhando à luz da lua.

— Qual é a sensação de ser uma de nós agora?

— É bom — respondi. — Mas Stella me disse que agora que estou na alcateia, não vou entrar no cio todos os meses.

— É verdade.

Levantei o queixo e o encarei de volta.

— Kaden, preciso saber. Foi só por isso que me tornou membro da alcateia? Para me impedir de entrar no cio com tanta frequência?

O maxilar de Kaden se fechou, como se ele não esperasse que eu fosse ser tão direta.

— Não é a única razão. Planejei testá-la desde o momento em que a capturamos, mas a lua cheia acelerou o cronograma.

Bufei.

— Sabia que era um pouco conveniente demais. Eu seria mesmo um membro agora, se não fosse pelo meu cio?

— Fiz isso para proteger você — rosnou Kaden.

Soltei uma risada amarga.

— Foi assim tão ruim? O que aconteceu entre nós dois? Meu corpo é tão repulsivo assim para você?

Kaden fechou os olhos e inspirou bruscamente.

— Não. Não é o que você está pensando.

— Então *o que é?* — Estendi a mão e capturei o maxilar de Kaden, precisando que ele abrisse os olhos. Queria ver a verdade neles. Ele se encolheu como se meu toque o tivesse machucado, e logo puxei a mão de volta, meu coração se partindo com a visão.

Eu me levantei, incapaz de suportar a rejeição dele por mais um segundo sequer. Mas, quando comecei a me afastar, ele se levantou e deu um passo em minha direção.

— Ayla.

A mão dele se fechou em volta do meu pulso, e me virei para encará-lo. Dentro de seus olhos vi meus próprios sentimentos refletidos. Culpa, luxúria e uma grande quantidade de desejo. Ele me puxou para mais perto e, antes que eu percebesse o que estava acontecendo, seus lábios colidiram com os meus.

A mão dele deslizou para segurar a parte de trás da minha cabeça e ele me puxou para perto para que nossos corpos ficassem próximos. Gemi no beijo, derretendo nele enquanto seus lábios se moviam nos meus. Ele me abraçou como se eu pertencesse a ele, sua língua acariciando a minha, uma dança erótica que enviava calor ao meu núcleo. Mesmo durante nossa noite frenética de sexo, ele nunca me beijou, e agora eu sabia que estava perdendo algo incrível.

Eu poderia me afogar nisso para sempre, pensei enquanto a boca dele reclamava a minha repetida vezes. Eu não conseguia respirar, pensar, me mover – e não podia me importar menos. Ele me beijou como se quisesse fazer isso há séculos, agarrando meu cabelo para inclinar minha cabeça exatamente como ele me queria. Ele me beijou como tinha me fodido, como

se não pudesse se controlar, como um animal conduzido apenas pelo instinto – e eu o beijei de volta da mesma maneira.

Então Kaden de repente recuou, quebrando a nossa ligação enquanto se distanciava como se tivesse sido queimado.

— Não, não posso.

Pisquei e toquei meus lábios, ainda sentindo seu gosto neles.

— Não pode ou não quer?

— *Não quero* — respondeu Kaden, balançando a cabeça. — Eu me recuso a ficar com alguém que é acasalado com outra pessoa. Já passei por isso uma vez e nunca mais o farei. Quase me matou da primeira vez.

Respirei fundo com a revelação.

— Não sinto nada pelo meu companheiro. Por favor, confie em mim quando digo isso. Eu não *quero* Jordan. Prefiro morrer do que estar com ele.

— Não importa, o vínculo sempre estará lá. Se Jordan aparecesse agora e estalasse os dedos, você correria para o lado dele. Não é uma questão de querer ou não.

Estremeci.

— Gostaria que tivesse mais fé em mim do que isso.

Kaden beliscou a ponte do nariz entre os dedos antes de olhar para mim, a expressão em seu rosto atormentada.

— Já estive apaixonado por uma garota chamada Eileen. Éramos namoradinhos de infância, e todos esperavam que fôssemos ser companheiros quando nos tornássemos adultos. Mas o vínculo de companheiro nunca apareceu entre nós. — Ele balançou a cabeça. — Decidimos que não importava. Nós faríamos isso funcionar, e ela seria a futura fêmea alfa.

“Um dia fomos negociar com a alcateia Sagitário. São a única alcateia que já nos tratou bem, e trabalhei duro para construir um bom relacionamento com eles. Quando o beta da alcateia se transformou, um laço de acasalamento surgiu entre ele e Eileen. Ela lutou o máximo que pôde porque queria ficar comigo, mas não importava. O nosso amor não foi suficiente, no final. Ela precisou ir até o companheiro.”

Kaden me encarou e, embora as palavras fossem vulneráveis, sua voz era dura.

— Isso nos destruiu e chegou ao ponto em que doía até mesmo olharmos um para o outro. Ela se juntou à alcateia Sagitário e eu não a vi,

desde então. Então, não, Ayla, não é que eu não tenha fé em você. Já passei por isso antes e nunca mais voltarei a fazê-lo.

Com essas palavras, ele passou por mim em direção à borda do telhado, enquanto meu coração batia forte na garganta.

— Kaden, espere... — eu disse, mas ele já tinha ido embora.

Ele saltou da borda do telhado e pousou na grama como se a queda não fosse nada, depois desapareceu na floresta atrás da casa. Tudo o que pude fazer foi vê-lo partir, enquanto minha alma se despedaçava em milhões de pedaços. O que poderia ter dito a ele? Estava claro que nunca acreditaria que eu só o queria. Mas o pior de tudo, se eu estivesse sendo completamente honesta comigo mesma, não tinha certeza do que aconteceria se visse Jordan de novo. O vínculo de companheiro havia desaparecido e se tornado um zumbido aborrecedor que conseguia ignorar no dia a dia, mas tive a sensação de que, se Jordan aparecesse na minha frente, seria muito mais difícil resistir. Não podia culpar Kaden por não querer arriscar.

Além disso, como o alfa, ele tinha que encontrar sua própria companheira. Sua própria fêmea alfa, que carregaria seus filhos e guiaria a alcateia com ele. Alguém que não fosse eu.

O ciúme me rasgou com esse pensamento, junto com uma profunda tristeza que me deixou de joelhos. Como eu viveria nessa alcateia enquanto desejava meu alfa com cada fibra do meu ser? Ou pior, como poderia vê-lo acasalar com outra pessoa – sabendo que eu ficaria para sempre sozinha e indesejada?

De manhã, desci as escadas para a cozinha e parei no meio do caminho. Kaden era a última pessoa que eu esperava ver depois de como ele saiu ontem à noite, mas lá estava ele, parado na frente da cafeteira com uma camisa que se agarrava aos músculos e jeans que abraçavam seu traseiro perfeito. Encarei-o por alguns segundos, sentindo como se estivesse caindo em um poço sem fundo de saudade e solidão. Seu cabelo escuro estava bagunçado, como se ele não tivesse dormido bem, e uma carranca parecia viver sempre em seu rosto agora. Afastei o olhar antes de me dirigir até a geladeira para encontrar algo para comer no café da manhã.

Ele pigarreou.

— Preciso de você no centro comunitário.

— Bom dia para você também — resmunguei. — Serviço de zeladora de novo?

Kaden mal olhou para mim ao sair pela porta. Ergui as mãos para o ar enquanto o via partir. *Parece que tudo voltou ao normal.* Era como se nosso beijo de ontem à noite nunca tivesse acontecido, exceto que eu ainda me lembrava do gosto dele. Com um suspiro, fechei a geladeira e saí atrás dele.

O centro comunitário ficava no meio da cidade e, quando entrei, olhei em volta, para o espaço limpo, com orgulho. Graças a mim, parecia mais um lugar para as pessoas da cidade se encontrarem e menos um galpão gigante de armazenamento que não via a luz do dia há anos. Os tufo de poeira que se reuniram nesse lugar eram lendários. Sem mencionar o mofo nos banheiros. Estremeci só de pensar. Mas o lugar ainda parecia limpo, então por que eu estava aqui?

Clayton saiu de uma porta e gesticulou para que eu me aproximasse.

— Ótimo, você está aqui. Entre, os outros estão esperando.

— Outros? — perguntei enquanto o seguia para dentro da sala. — O que está acontecendo?

Stella estava sentada com Harper, Jack, Dane e Tanner em uma longa mesa, enquanto Kaden andava de um lado para o outro atrás dela. Stella fez um gesto para que eu me sentasse ao lado dela, e obedeci, olhando de um

rosto para o outro. Todos pareciam solenes, e eu me perguntei se alguém tinha morrido enquanto eu dormia.

Quando Clayton e eu nos sentamos, Kaden parou de andar e se virou para se dirigir a nós.

— Reuni todos vocês aqui para discutirmos um plano para atrair os leoninos. Não podemos só ficar sentados e deixá-los nos atacar sempre que deixarmos nossas terras. A busca por suprimentos ontem nos ensinou isso. Mas eles também não sabem exatamente onde estamos ou como passar pelas nossas fronteiras, ou já estariam aqui.

— O que você pretende fazer? — perguntou Harper, do lugar ao lado do irmão gêmeo. Na verdade, eu ainda não tinha ouvido Dane falar.

— Vou entrar em contato com eles e pedir ao alfa leonino, Dixon, para nos encontrar em território neutro para entregar Ayla. — Os olhos de Kaden pousaram em mim. — Ela será nossa isca.

Reprimi minha reação inicial, que era dizer: de jeito nenhum. *Era mesmo* o que eu havia concordado em fazer, muito tempo atrás, quando Kaden me tinha presa em uma cela, mas isso não significava que eu estava feliz com isso. Tantas coisas podiam dar errado, coisas que acabariam comigo sendo prisioneira da alcateia Leão. Ou morta.

— Tem certeza de que ainda a querem? — indagou Jack.

Kaden cruzou os braços, o único ainda de pé, e tudo nele gritava que era o alfa no comando.

— A alcateia Leão continua enviando pessoas para capturá-la. O herdeiro alfa não vai parar de procurá-la até que ela seja encontrada. Ela é a *companheira* dele. — Ele praticamente cuspiu a última palavra.

— Sim, mas ele a rejeitou — contrapôs Stella.

— E matou a maior parte da alcateia dela — acrescentou Tanner.

— Isso não o impedirá de precisar encontrá-la — disse Clayton. — A atração de um companheiro é insuportável. Ele vai querer encontrá-la, mesmo que seja para tentar quebrar o vínculo.

— É ótimo reviver essas memórias e tudo mais — eu intervim, incapaz de esconder a amargura no meu tom —, mas podemos voltar para a parte onde vou ser a isca? Está mesmo planejando me entregar?

— Claro que não — retrucou Kaden como se eu estivesse sendo idiota. — Você será apenas o chamariz para fazê-los se encontrar conosco. Planejo

desafiar o alfa para um duelo e, assim que vencer, acabaremos com o resto dos leoninos.

— Você é mesmo poderoso o bastante para fazer isso? — perguntei. O medo me deixou no limite quando me lembrei da ferocidade do alfa leonino quando ele matou meu pai. Ou como os leoninos atacaram tão rápido, junto com seus aliados, derrubando brutalmente o resto da alcateia em minutos. Eles foram treinados para a batalha, e havia muito mais deles do que na alcateia Ofiúco.

— Não será um problema — respondeu Kaden.

Revirei os olhos. *Deusa da lua, me salve da arrogância dos alfas*, pensei.

— Como pode ter tanta certeza de que vai ganhar?

— Kaden é tocado pela lua — explicou Stella. — Todos os alfas da nossa alcateia são, desde que nos lembramos.

Pisquei, depois me virei para olhar para Kaden de novo. Isso explicava por que não tinha ficado surpreso com meu poder estranho, mas eu ainda estava chocada com a revelação. Que tipo de magia ele tinha? E quantos outros segredos guardava?

— Então sua alcateia *tem mesmo* sangue das Bruxas da Lua? Esse boato é verdade?

— Alguns ainda têm, sim, embora seja bastante raro agora — disse Kaden. — A minha família sempre foi a linhagem mais forte.

— Como só descobri isso agora? — perguntei.

— Agora que você é um membro pleno da alcateia, pode saber a verdade sobre nós — adicionou Harper, enquanto cutucava o irmão gêmeo. — Nossa família também tem um pouco de sangue das Bruxas da Lua. Às vezes o Dane pode olhar para o reflexo do luar na água e ver o passado.

Minhas sobrancelhas dispararam para cima quando Dane assentiu, seus lábios pressionados em uma linha apertada. Olhei em volta do resto da mesa, imaginando o que mais poderiam fazer.

— Você perguntou uma vez sobre os limites do território da alcateia — começou Clayton. — Kaden colocou proteções mágicas ao longo das fronteiras da nossa terra, que nos mantêm escondidos e protegem a todos. Ninguém pode nos rastrear até aqui ou entrar na área sem nossa permissão.

— Ele também consegue ficar invisível — acrescentou Stella, e olhei para ela para vê-la com um sorriso travesso. — Nós dois conseguimos.

Bem, isso explicava muita coisa. Kaden parecia ter a capacidade de se esgueirar até mim, mesmo depois de eu ter libertado minha loba e ter meus sentidos aprimorados. E o número de vezes que senti que ele estava lá, me observando... Semicerrei os olhos para ele, percebendo que estivera mesmo me observando o tempo todo.

— Isso é impressionante, mas é o bastante para enfrentar os leoninos? — indaguei. — Eu estava lá, sabe. Assisti da primeira fila quando o alfa leonino usou seu rugido de leão e fez com que todos congelassem ou fugissem em pânico. Ainda me lembro do borrito de sangue enquanto ele destruía meu pai na minha frente.

— Vai ser o bastante — respondeu Kaden.

— Preciso concordar com a Ayla — falou Tanner. — Acho que estamos cometendo um erro ao enfrentar os leoninos. Estamos seguros aqui. Eles não podem chegar até nós desde que fiquemos dentro das terras da alcateia. Por que arriscar tudo isso?

Kaden agarrou o encosto de uma cadeira, inclinando-se para frente enquanto se dirigia a nós, os olhos intensos.

— Porque não podemos ficar escondidos no território da alcateia para sempre. Mesmo que a gente esqueça que Ayla será sempre caçada pelos leoninos, ou como eles assassinaram meus pais, essa é uma luta que virá até nós, mais cedo ou mais tarde. Os leoninos não vão parar até que todas as outras alcateias se curvem ao seu domínio, incluindo a nossa.

— Não sabemos disso — replicou Tanner. — Estamos escondidos há séculos. Nada precisa mudar agora.

As mãos de Kaden apertaram o encosto da cadeira com tanta força que pensei que poderiam quebrá-lo.

— O futuro da nossa alcateia depende disso. Meus pais perceberam isso. Eles viram que nossos números estavam diminuindo, que tínhamos menos companheiros entre nossa própria alcateia, e que nossa sobrevivência a longo prazo dependia de nos juntarmos de novo aos lobos do Zodíaco para que pudéssemos procriar e negociar com eles. Mas as outras alcateias não nos querem, e é por isso que vamos forçá-los a nos aceitar como um deles. Mesmo que isso signifique varrer a maioria deles da face da terra.

— Como isso o torna diferente dos leoninos? — perguntei, minha coluna se enrijecendo com as palavras dele.

Os olhos de Kaden queimavam quando pousaram em mim.

— Porque estamos fazendo isso para sobreviver. Não para governar.

Espalhei as mãos num gesto amplo.

— Vai ser tudo a mesma coisa para aqueles que estão mortos.

Kaden ajustou a postura, ficando mais alto.

— Assim que a alcateia Leão cair, os outros não resistirão muito. Vamos evitar o máximo de derramamento de sangue desnecessário possível.

Ele tinha razão. A alcateia Leão sempre fora um dos dois pilares dos lobos do Zodíaco, com a alcateia Câncer sendo a outra. Mas eu ainda sentia que a alcateia Ofiúco estava em uma grande desvantagem numérica.

— E as Bruxas da Lua? — questionei. — Elas não podem nos ajudar contra as outras alcateias, como as Bruxas do Sol estão ajudando os leoninos?

— Não as vemos há décadas — respondeu Stella, balançando a cabeça.

— Elas devem estar se escondendo das Bruxas do Sol e dos outros lobos do Zodíaco. Não temos ideia nem de como contatá-las.

Droga. Engoli em seco, meu estômago se contorcendo quando minha ansiedade aumentou. Não gostei nada desse plano. Havia tantas coisas que podiam dar errado. Mas, ao mesmo tempo, também entendia o ponto de Kaden, que não podíamos nos esconder aqui até que os leoninos finalmente nos encontrassem e nos eliminassem. Como fizeram com a minha antiga alcateia.

Todos pareciam estar esperando que eu dissesse alguma coisa. Eu era o cerne do plano deles, percebi, mas também não me forçariam a fazer nada com que eu não estivesse confortável.

— Está bem, me usem como isca. — Eu me sentei mais ereta e encontrei os olhos de Kaden com a determinação deixando os meus mais sérios. — Tudo o que quero é vingança contra a alcateia Leão por matar Wesley. E quero Jordan morto. Não posso fazer isso sozinha por causa do vínculo, mas farei o que puder para ajudá-los a acabar com a vida dele.

Clayton pigarreou.

— Ayla, há algo que você precisa saber. Se matarmos o herdeiro alfa leonino, o choque do vínculo recém-formado pode matá-la também.

Respirei fundo. Maldito laço de acasalamento. Nunca deixava de me causar problemas. Considerei o que ele disse por apenas um segundo, mas a escolha era fácil.

— Vale o risco. Não posso viver assim. Prefiro estar morta do que ligada a esse idiota para sempre.

O rosto de Kaden ficou mais sombrio, até que ele parecia quase assassino.

— Vou fazer os arranjos.

Olhamos uns para os outros, a determinação sombria que senti ecoando nos olhos de todos. Era isso mesmo, o momento decisivo do qual não podíamos mais voltar. Eu estava pronta, mais pronta do que nunca.

Deixe a alcateia Leão tentar me levar. Eu morreria lutando se fosse preciso, e levaria o maior número possível dos desgraçados comigo.

* * *

Naquela noite, não consegui dormir. Coloquei uma das calças de moletom de treino e fui para fora, depois dei uma volta rápida pela cidade sob o suave luar. Corri por todos os lugares que passaram a parecer meu lar nas últimas semanas e nós se formaram na minha garganta com a emoção. Eu tinha acabado de me tornar um verdadeiro membro da alcateia e já estava prestes a colocar tudo isso em risco. Mas não tinha outra escolha. Nunca estaria livre dos leoninos de verdade até que sua alcateia fosse derrotada – e meu vínculo com Jordan fosse destruído.

Parei na periferia da cidade e fechei os olhos, buscando pelo vínculo que tantas vezes tentei ignorar. Estava lá, sempre, como uma corrente enrolada na minha cintura, tentando me arrastar de volta para os leoninos. *Sul*, dizia, pedindo-me para ir na direção onde Jordan deveria estar. Minha boca ficou seca quando me liberei da sensação à força, empurrando o pensamento do meu companheiro para o fundo da mente.

Qual seria a força do vínculo quando nos enfrentássemos cara a cara de novo? Eu poderia suportar, ou me atiraria aos pés de Jordan como uma cachorrinha apaixonada? O pensamento me aterrorizava mais do que qualquer outra coisa desse próximo encontro. Eu precisava preparar meu coração e garantir que pudesse escapar de novo se fosse preciso.

Durante a hora seguinte, pratiquei o teletransporte entre feixes de luar, movendo-me pela cidade tão rápido que os edifícios e as árvores eram apenas um borrão. Nas últimas semanas, pratiquei sempre que pude, e fiquei tão boa que conseguia pousar e desaparecer instantaneamente de novo, desde que tivesse uma noção clara de para onde queria ir. Também conseguia usar meu poder por mais tempo sem me cansar. Não tinha certeza

se teria tido a disciplina de continuar a fazê-lo sem o treino de combate de Kaden para me lembrar que, mesmo que fosse difícil, se continuasse, veria resultados.

Parei num feixe de luar para recuperar o fôlego, por fim, sentindo o cansaço chegando. Talvez agora eu conseguisse dormir.

— Muitas vezes me pergunto se ele se arrepende — disse Kaden atrás de mim, fazendo-me pular.

Eu me virei, o coração batendo forte na garganta.

— Nunca mais apareça de surpresa, porra! Desde quando você está aqui?

Ele me deu um encolher de ombros de um lado só de onde estava, encostado a uma árvore com os braços cruzados.

— Gosto de vê-la treinar.

— A invisibilidade não é meu visual favorito em você — murmurei, depois pensei no que ele havia dito. — Se quem se arrepende do quê?

— Seu companheiro. O herdeiro alfa leonino. — Kaden inclinou a cabeça. — Será que ele deita na cama à noite desejando nunca ter rejeitado você?

Bufei.

— Duvido muito. Ele só me via como uma vira-lata metade humana, mal digna de sua atenção.

— Então ele é um tolo. Desde o momento em que nos conhecemos, eu soube que havia muito mais em você.

Suas palavras me fizeram derreter por dentro. Tenho certeza de que ele não fazia ideia do quanto seu elogio significava para mim. Recebi tão poucos elogios na vida que me agarrei a cada palavra com força. Dei um passo em direção a ele, incapaz de me conter.

— Você é o único que já me viu de verdade — eu disse, minha voz um leve sussurro. — Mesmo quando eu apareci para você como uma loba destruída que não se conhecia de verdade.

Ele estendeu a mão e pegou uma mecha do meu cabelo ruivo, depois o colocou de volta atrás da minha orelha.

— Lobinha, você nunca esteve destruída, apenas foi espancada e ferida. Tudo o que precisava era de alguém que acreditasse em você.

As emoções brotaram dentro de mim, sobretudo quando pensei no que estávamos prestes a enfrentar.

— Kaden, se eu for capturada...

— Não vai ser. Você é tocada pela lua, e duvido que os leoninos saibam disso. Você pode usar seu poder para escapar, junto com seus novos poderes de Ofiúco.

— Estou ansiosa para aprender a usá-los. — Levantei o queixo, tentando reunir a minha bravura. — E talvez, da próxima vez, eu cure você.

— Você está realmente tão ansiosa para me lambe? — perguntou ele, a voz baixa e sensual.

— Quer mesmo que eu responda? — retruquei, de repente sem fôlego.

Seu olhar caiu na minha boca como se ele estivesse considerando fortemente. Então ele afastou os olhos e passou a mão pelos cabelos.

— Não.

Tinha certeza de que ambos sabíamos qual era a resposta. Se dependesse de mim, já estaríamos rolando pelo chão da floresta, enquanto eu passava minha língua no pescoço dele, pela tatuagem de cobra e, por fim, ao redor do seu pau grosso. Será que ele estava pensando na mesma coisa?

— Kaden. — Eu precisava dizer algo ou me arrependeria para sempre. — Não importa o que aconteça quando encontrarmos os leoninos, preciso que saiba disso. É você quem eu quero. Não ele.

Sua testa se franziu e algo como dor passou pelo seu rosto.

— Sei que acha isso agora, mas vai mudar quando estiver cara a cara com ele.

— Não vai. — A certeza das minhas palavras me deu força. — Você acreditou em mim antes, por favor, acredite em mim agora.

— Eu queria, mas há algumas coisas contra as quais não podemos lutar. Espero que prove que estou errado. — Ele balançou a cabeça. — Você devia ir para casa.

— Sozinha?

— Vou fazer uma patrulha rápida das proteções.

— Certo — respondi, minhas esperanças afundando mais rápido do que o Titanic. — Vejo você depois.

Eu me virei e fui em direção à casa, me sentindo mais ferida do que antes. Eu me expus, contando a Kaden o que sentia por ele, e fui rejeitada mais uma vez. Também não podia culpá-lo. Se soubesse que ele era acasalado com outra pessoa, também protegeria meu coração.

Enquanto estivesse ligada a Jordan, nunca poderia estar com Kaden. Eu precisava quebrar esse vínculo de companheiro – ou arriscaria perder para sempre a pessoa com quem passei a me importar mais.

A alcateia Leão concordou em se encontrar conosco dentro de uma semana. O território deles ficava no Arizona, que era muito longe do território Ofiúco, em Manitoba, mas concordaram em vir para o Canadá de avião para essa reunião. Em um jato privado, óbvio. Os leoninos nunca se contentariam com nada menos.

A reunião foi marcada em uma pequena pista de pouso a algumas horas de distância, o que era o suficiente para que fosse um território neutro. Kaden os convenceu a se encontrarem conosco à noite, para que eu pudesse usar meu poder para escapar, se necessário. As Bruxas do Sol também estariam mais fracas, enquanto aqueles de nós que eram tocados pela lua estariam mais fortes. Rezei para que fosse suficiente, ainda mais enquanto a semana passava e a hora da reunião se aproximava.

Com apenas algumas horas faltando, meu estômago estava emaranhado e cheio de nós. Toda a alcateia parecia estar no limite, e quem poderia culpá-los? Também não ajudava que eu mal tivesse visto Kaden a semana toda. Ele estava ocupado preparando tudo, enquanto eu e Stella tínhamos duplicado o treino. Ela me ensinara a usar a lambida de cura e a mordida venenosa, incluindo como regular a quantidade de veneno liberado das presas. Eu estava tão pronta quanto jamais estaria para enfrentar os leoninos.

E então chegou a hora de partir. Fiz uma mala, principalmente para fazer parecer que eu planejava mesmo ir com os leoninos. Quando a fechei, tive uma estranha sensação de nostalgia. A última vez que eu tinha ido para meu quarto fazer as malas, minha vida tinha mudado por completo. Eu me perguntei se isso aconteceria de novo e rezei para que, se algo acontecesse, eu pudesse ficar com minha nova alcateia.

Quando encontrei Stella no quintal, havia vários veículos estacionados lá fora, mas nenhum sinal de Kaden.

— Ele foi mais cedo para explorar o local e se certificar de que a alcateia Leão não colocou nenhuma armadilha no lugar. Desta vez, vamos nos certificar de que temos a vantagem. — Os olhos dela brilhavam, e eu

sabia que estava pensando na morte dos pais. O alfa leonino tinha muito a pagar.

Stella entrou em um SUV e fez sinal para que eu a seguisse. Ela se sentou no banco de trás, e eu não fiquei surpresa ao encontrar Clayton no banco do motorista. O carro estava cheio de guerreiros, e havia outro igual logo atrás de nós.

A viagem foi longa, tensa e silenciosa. Até Stella permaneceu quieta. Minhas mãos estavam tão suadas que precisei ficar esfregando nas calças. Tentei focar na vista pela janela, mas mal absorvi algo. A última vez que vi os leoninos, estava fugindo deles, aterrorizada. Agora eu estava a caminho para encará-los de frente e, embora ainda estivesse aterrorizada, não era a mesma garota que tinha sido naquela época. Era mais forte e não estava sozinha. Eu tinha uma alcateia que me protegeria.

Quando chegamos, vi Kaden com Harper e Dane. Os três se viraram para os carros enquanto estacionávamos em um campo vazio ao lado da pista de pouso. A noite havia caído, e havia muito pouco aqui além de um pequeno edifício com uma torre e a pista, que sem dúvida já tinha visto dias melhores, e, além disso, uma floresta escura.

Saímos do SUV e Kaden se aproximou de nós.

— Estão prontas? — ele estava perguntando a mim e a Stella, mas seus olhos estavam só em mim.

— O máximo possível — respondi.

Ele concordou.

— Os leoninos devem chegar na próxima meia hora. Temos pessoas patrulhando a floresta, caso tentem se aproximar por ali. Tudo o que podemos fazer agora é esperar.

Stella pegou na minha mão.

— Lembre-se, aconteça o que acontecer, agora você é uma de nós.

Dei um sorriso caloroso, piscando para afastar as lágrimas repentinas.

— Obrigada.

Os outros metamorfos se posicionaram ao nosso redor e esperamos em silêncio enquanto a lua minguante subia atrás das nuvens. Haveria luar suficiente para eu usar o meu poder? Esperava não precisar descobrir da maneira mais difícil.

Um lobo cinzento emergiu da floresta e trotou até Kaden, a língua pendurada de lado na boca. Voltou a ser um Jack muito nu, que não tinha

vergonha nenhuma enquanto deixava tudo balançando à vista. Ele era bonito, sem dúvida, mas não fazia meu coração disparar como Kaden.

— Não há nenhum vestígio dos leoninos ou de quaisquer outras alcateias por aqui nos últimos dias — informou a Kaden.

— Ótimo — disse nosso alfa. Ele verificou o celular com uma carranca. — Eles já deviam ter chegado.

— Eles devem estar atrasados — comentou Stella.

— Talvez. — Kaden não parecia convencido. Os outros metamorfos também pareciam sombrios, como se estivessem esperando o pior.

Decidimos continuar esperando. Jack voltou à forma de lobo para patrulhar um pouco mais, e alguns dos outros guerreiros ficaram inquietos depois de mais um tempo. Kaden olhava para o céu noturno a cada poucos minutos, embora nenhum de nós pudesse ouvir o rugido de um jato.

Depois de uns trinta minutos, Stella puxou meu braço e gesticulou com a cabeça para o carro. Ela pegou um pacote de batatas chips e um pouco de água, e então nos sentamos na grama.

— Acha que eles não virão? — perguntei.

A boca de Stella se contorceu de nojo.

— Acho que os leoninos não têm honra, e não deveríamos ter nem nos incomodado em nos preocupar com isso. Eles provavelmente estão tramando algo agora.

Horas se passaram e ainda não havia sinal dos leoninos. A certa altura, Stella e eu cochilamos na grama, mas Kaden caminhou até nós, com o maxilar cerrado.

— Eles não vêm — anunciou, e pude ouvir a frustração em sua voz.

— Teve notícias? — perguntou Stella.

— Não, nem um pio.

Droga. Toda aquela antecipação e estresse para eles nem sequer aparecerem. Idiotas.

Voltamos para os carros e nos preparamos para partir. O caminho de volta foi tenso. Eu podia sentir a raiva emanando de Kaden, quase me sufocando com sua intensidade.

— Vamos encontrar outra maneira de pegar aos leoninos — eu disse, por fim, quando Kaden encontrou meus olhos pelo espelho retrovisor por um instante. Ele não disse nada. Não sabia se acreditava em mim ou não, e não tentei dizer mais nada para convencê-lo.

Quando voltamos, já eram quase de manhã. Alguns dos outros metamorfos foram para casa dormir um pouco, enquanto Stella e eu seguimos Kaden até a casa. Kaden desapareceu em seu quarto sem outra palavra, enquanto Stella começou a preparar um bule de café com um bocejo. Olhei para o sol, imaginando se deveria tentar dormir mais, ou aceitar que era uma causa perdida.

— Pelo menos tiramos uma soneca — murmurou Stella, esfregando o cansaço dos olhos.

— Vou tomar um banho — eu disse. — Talvez isso me acorde.

— Boa ideia. Vou logo depois de você.

Subi as escadas e entrei no chuveiro. A água morna instantaneamente ajudou a me acordar, e me senti muito melhor depois de lavar o cabelo. O banho fez um ótimo trabalho em enxaguar toda a merda do dia anterior e me dar um novo começo. Era mesmo o que eu precisava hoje.

Deixei cair o sabonete quando um som penetrante atravessou a casa. Cobri os ouvidos, olhei em volta e percebi que vinha da cidade. Um alarme, disparando por toda a alcateia, avisando que estávamos em perigo.

Era tão alto que fazia todos os cabelos do meu corpo ficarem em pé. Entrei em modo de pânico total, parando apenas para pegar uma toalha no caminho para o corredor. Quase colidi em Kaden, que estava saindo do quarto.

Assim que me viu, ele agarrou meu braço.

— Vamos, temos que sair daqui.

— O que está acontecendo? — perguntei, enquanto ele quase me carregava escada abaixo.

— Minhas proteções ao longo das terras da alcateia estão sendo quebradas. Devia ser impossível, mas de jeito nenhum estou errado sobre isso. Posso senti-las sendo dilaceradas.

— São os leoninos? — indaguei, enquanto meu pânico subia a novos patamares.

— Devem ser. Eles deviam estar lá o tempo todo e de alguma forma nos seguiram. — Seu rosto ficou sombrio com uma raiva mal controlada. — Devia ser impossível.

— Para onde estamos indo? — perguntei, segurando a toalha com força para mantê-la enrolada no corpo. Kaden deve ter notado, porque seus olhos caíram para meus ombros expostos e depois para minhas pernas.

— Vá se vestir. Vamos para a praça da cidade para nos preparar para a batalha.

Revirei os olhos. Era bem característico de Kaden me arrastar até aqui e depois me mandar subir de novo e me vestir. Agora mal notava meu estado de nudez, e provavelmente estaria em forma de lobo em breve. Na Convergência, estava tão consciente de estar nua, mas agora ficava muito mais confortável, depois de todas as transformações que fiz. Ninguém olhava duas vezes para alguém que estava nu e se preparando para se transformar. Mas eu tinha um pressentimento de que Kaden queria que eu me vestisse para ele mais do que para mim. Ou ele não queria que outros caras olhassem para mim, ou me achava uma distração muito grande sem as roupas.

Logo vesti algumas das minhas roupas de treino, depois corri para baixo. Kaden virou a cabeça para a porta e fiquei surpresa por ele ter esperado por mim. Não havia sinal de Stella, então ela já devia ter saído.

Juntos, corremos em direção ao centro da cidade, enquanto outros metamorfos faziam o mesmo, alguns já em forma de lobo. O parque no centro estava lotado, assim como na minha festa, mas dessa vez não havia risos e nem música. Todos pareciam assustados, e ninguém parecia saber direito o que estava acontecendo.

Kaden soltou um uivo que me abalou profundamente, chamando a atenção de todos. Os membros da alcateia se aproximaram de Kaden, olhando para ele em busca de respostas. Vi Stella na multidão, com os olhos arregalados.

— Estamos sendo atacados — anunciou Kaden, e um murmúrio coletivo percorreu a multidão. Kaden ergueu a mão e o fez parar. — Treinamos para isso. Vocês todos sabem o que fazer. Guerreiros, assumam posições defensivas. Todos os outros, vão para um dos abrigos escondidos. Siga Clayton e Stella.

Kaden colocou as mãos nos ombros de Stella e eles compartilharam um olhar. Ele disse algo para ela baixo, muito baixo para que eu não conseguisse escutar na comoção ao meu redor. Então Stella abraçou o irmão com força, antes de se afastar. Ela se juntou a Clayton no outro lado do parque, onde alguns metamorfos estavam se reunindo, incluindo todas as crianças. Eu a observei ir embora com um nó na garganta, rezando para que todos estivessem seguros, e depois me virei para me juntar aos lutadores.

Kaden agarrou meu braço.

— Não tão rápido. Você vai com Stella.

Arranquei meu braço do aperto dele.

— Não, vou lutar pela minha alcateia.

— Eles estão aqui por você — pontuou ele, com a testa franzida. — Mas não vou deixar que eles te capturem. Precisa se esconder com Stella e os outros.

— Achei que eu era a isca — retruquei com uma risada curta. — Agora você quer que eu me esconda? De jeito nenhum.

— Ayla, não tenho tempo para discutir com você. — Ele pegou meu rosto com as mãos, olhando nos meus olhos. — Preciso que se esconda, e preciso que vá agora. Eu me importo muito com você para perdê-la.

Fiquei boquiaberta.

— Você... o quê?

E então a boca dele estava na minha, quente e áspera, e ele me beijou como se temesse que seria a última vez. Agarrei-me aos seus ombros enquanto me abria para ele, querendo tudo o que ele estivesse me oferecendo. Sua língua, seus lábios, suas mãos em cima de mim. Tudo, pelo tempo que pudesse ter. Mesmo que fossem apenas alguns segundos.

— Eu também me importo com você — respondi, entre beijos apressados e frenéticos. Nenhum de nós conseguia parar. — Mas ainda vou lutar. Não vou deixar ninguém morrer por mim enquanto me escondo.

Isso acabou com o beijo.

Os olhos de Kaden se estreitaram para mim.

— Não me obrigue a forçá-la.

— Me forçar? — Bufei e depois percebi o que ele queria dizer. Agora que eu era membro da alcateia, ele podia me obrigar a fazer tudo o que quisesse usando seu comando alfa. Nunca o tinha visto usá-lo em ninguém, o que dizia muito sobre ele como um alfa. Meu pai saía por aí lançando comandos para todos, e eu não tinha dúvidas de que o alfa leonino fazia o mesmo.

— Vá com Stella — ordenou ele, suas palavras soando como um rosnado gutural, algo no meio entre o homem e a besta.

Senti o poder na voz dele e cerrei os dentes, esperando que a compulsão me alcançasse, mas nunca chegou. Ora, ora. Isso era novo. Levantei o queixo.

— Não.

Kaden olhou para mim com a testa franzida.

— Não funcionou com você. Isso não devia ser possível.

De repente, um uivo atravessou o ar, alto e claro como um sino. Os cabelos se arrepiaram na minha nuca, e Kaden xingou baixinho, empurrando-me para trás dele.

Foi o único aviso que recebemos antes de uma enorme força de ataque entrar na cidade. Lobos vieram de todos os lugares, ao lado de humanos que ainda não haviam se transformado, com marcas leoninas, arianas e taurinas. Andando atrás deles estava um grupo de mulheres vestidas de túnica – as Bruxas do Sol. Merda, elas também estavam aqui? Deve ter sido assim que os atacantes passaram pelas proteções de Kaden.

Então senti uma consciência repentina dentro de mim, e todos os sentimentos que mantive no fundo da minha mente desde a Convergência de repente ganharam vida. *Jordan*. Ele estava aqui, e meus olhos não podiam deixar de procurá-lo como se eu estivesse faminta para vê-lo.

Ali. Ao lado do seu pai, o alfa leonino, à beira da floresta.

Ele tinha vindo atrás de mim.

Eu não via Jordan desde a noite da Convergência e o puxão do vínculo na base da minha coluna quase me derrubou. Merda, ele era lindo. Eu tinha me esquecido de como ele era bonito enquanto estava longe dele, e agora absorvia a visão de seu cabelo loiro perfeito e a linha da mandíbula esculpida. O calor pulsava dentro de mim, atraindo-me para ele como um cão na coleira.

Como se também estivesse sentindo, os olhos de Jordan encontraram os meus e ele me deu um sorriso arrogante. Ele olhou para mim como se eu fosse algo que ele possuía, e o vínculo me fez querer isso também. Tudo dentro de mim gritava para que eu corresse para ele, e cerrei os punhos enquanto resistia à atração. Porra. Talvez devesse mesmo ter ido com Stella.

Eu me virei para Kaden e um pouco da névoa se dissipou. *Ele* era quem eu queria. Não Jordan. Desde que me concentrasse nisso, sobreviveria a esta luta.

Lobos nos cercavam de todos os lados, enquanto nossos próprios guerreiros avançavam para encontrá-los. Kaden saltou do meu lado, nem se preocupando em se transformar enquanto atacava um dos lobos inimigos e o fazia voar para longe. O metamorfo gritou e não se levantou de novo.

Um leonino abriu a boca e usou seu rugido para espalhar nossas forças quando os encontramos de frente. Senti a vontade de correr bem lá nos meus ossos, os músculos tensionados para fazer aquilo mesmo, mas cerrei os dentes e resisti. Quando olhei para cima de novo, Kaden era o único que não tinha fugido, e rasgou o leonino com as próprias mãos com um grunhido. Outros lobos imediatamente o atacaram.

Avancei para ajudá-lo, mas um movimento na minha visão periférica me distraiu. Um bando de lobos estava indo atrás do grupo de Stella. Lobos arianos. Preparando-se para fazer a carga de carneiro.

— Ah, não, de jeito nenhum — murmurei e corri atrás deles, tirando a camisa enquanto o fazia. Eu me transformei já que poderia alcançá-los mais rápido com quatro patas em vez de duas pernas, e num piscar de olhos me senti mais alerta. Como era dia, não havia como usar minha magia lunar, mas ainda tinha os poderes da alcateia Ofiúco.

Pulei nas costas do primeiro lobo e o mordi, fundo e com força. O veneno escorria das minhas presas, e me certifiquei de que era suficiente para matar. Ele caiu, e entrei na frente de Stella, que estava protegendo alguns filhotes com o corpo em forma de lobo. Ela era preta, como o irmão, embora não tão grande. Rosnei para o resto dos lobos. Outro saltou para a frente, e eu também o derrubei. Eu era cruel, assim como Stella e Kaden me ensinaram a ser, mas preferia morrer a deixar que esses lobos machucassem os filhotes da minha alcateia.

Obrigada, a voz de Stella disse na minha cabeça. Levei um segundo para me lembrar de que, como membro da alcateia, poderia me comunicar com eles na forma de lobo.

Vá, disse a ela, enquanto atacava outra loba, desafiando-a a chegar perto o bastante para usar meus dentes nela. Stella empurrou os filhotes de lobo para longe, e eles desapareceram na floresta com ela.

Uma loba que agora reconhecia por instinto como Harper chegou e me ajudou a derrotar o último dos lobos que tentavam ir atrás dos filhotes. Então demos uma à outra um rápido toque de solidariedade com nossos focinhos, antes de correr de volta para o centro da cidade.

Vi Kaden no centro da cidade. Ele ainda estava em forma humana e coberto de sangue, cercado por lobos mortos que devia ter, de alguma forma, matado com as próprias mãos. O orgulho brotou dentro de mim — esse era *meu* alfa.

— Dixon! — gritou por cima do barulho da luta. — Apareça, seu covarde de merda, e lute comigo. Alfa contra alfa, como nos velhos tempos. Ou tem medo de que eu vença?

Os lutadores fizeram uma pausa, os lobos largaram suas presas e se viraram para enfrentar seus respectivos líderes. Dixon riu da borda da batalha, de onde ele estivera observando tudo.

— Não tenho medo, mas você deveria ter.

O alfa leonino se transformou com um rugido, tornando-se um lobo enorme, seu pelo um dourado-acobreado que sempre parecia refletir à luz do sol. Era tão grande e feroz que quase parecia de fato um leão.

Kaden se transformou enquanto corria para encontrar o outro alfa, tornando-se uma besta negra monstruosa com presas venenosas, como algo saído de um pesadelo. As outras alcateias o consideravam um vilão e, embora ele certamente parecesse, eu sabia a verdade agora.

Dixon esperou que Kaden se aproximasse dele e soltou o rugido do leão. Estava longe o bastante para que eu não sentisse seus efeitos, mas Kaden parou no meio do caminho e balançou a cabeça. Eu o vi tremer como se lutasse contra o desejo do corpo de correr, e então rosnou de novo e saltou para Dixon, os dentes à mostra.

Eles caíram no chão, rolando e lutando pelo domínio. Tudo estava silencioso enquanto todos ficamos congelados no lugar, observando-os lutar por domínio, os únicos sons os rugidos e rosnados que os dois alfas faziam ao lutar. Kaden deu uma mordida em Dixon, mas o lobo mais velho o sacudiu e continuou lutando. Ele mordeu a perna de Kaden, balançando-o, e depois o jogou em uma árvore com uma demonstração de força. Bati com as patas no chão, ganindo baixinho, preocupada com o homem com quem eu me importava tanto. Queria desesperadamente correr até ele e ajudar no que pudesse, mas sabia que essa não era minha luta.

Isso continuou por uma eternidade, um borrão de pelos, garras e presas que às vezes era difícil de acompanhar. Vi Kaden dar mais várias mordidas em Dixon e, com cada uma, ele parecia enfraquecer. Mas Dixon era feroz, dando tudo de si na luta, seu focinho coberto com o sangue de Kaden. Ele conseguiu derrubar Kaden no chão, ficando de pé sobre ele, e minha respiração parou, temendo o pior. Mas então Kaden o virou, derrubando o outro alfa no chão, e afundou as presas no pescoço de Dixon. O alfa leonino se contorceu algumas vezes e depois ficou imóvel.

Kaden ergueu a cabeça encharcada de sangue e uivou, sinalizando a vitória. O som ecoou por toda a floresta, e eu sabia que todos os metamorfos que lutavam de ambos os lados haviam ouvido. Olhei em volta, tentando ver o que a alcateia Leão faria sem o líder. Um grunhido soou de vários metamorfos perto de mim, e então eles se viraram e fugiram. Eu os persegui, assim como outros da minha alcateia, e vi vários encontrarem seu fim enquanto colocavam o rabo entre as pernas e fugiam.

Deixe-os fugir, Kaden nos disse, e um enorme suspiro de alívio percorreu todo o meu corpo ao som da voz de Kaden na minha cabeça. *Eles não passam de covardes. A vitória é nossa.*

Mas algo não estava certo. Eu não tinha visto Jordan durante a luta. Fechei os olhos e o procurei através do vínculo, que não queria nada mais do que me levar até ele. A inquietação percorreu meu íntimo quando percebi em que direção ele estava – a mesma que Stella havia seguido com

os filhotes. Corri para a floresta sem esperar para ver o que Kaden faria a seguir, deixando que o vínculo por fim me puxasse para Jordan, como vinha tentando fazer desde que nos acasalamos.

Jordan descansava contra um SUV preto com alguns dos leoninos que haviam fugido com sucesso e não pareceu nem um pouco surpreso ao me ver atravessar a vegetação rasteira. Fiquei momentaneamente atordoada pela onda de desejo por ele e tive que me conter à força para não pular sobre ele – para beijá-lo ou matá-lo, eu não tinha muita certeza.

— Estou muito feliz que você decidiu se juntar a nós — falou devagar, lançando-me um sorriso sinistro. — Agora você vai entrar no carro e vir comigo.

Voltei à forma humana, sem nem me importar que estivesse nua.

— De jeito nenhum. Esta alcateia é minha agora e seu alfa está morto. Saiam das nossas terras e fique fora da minha vida.

— Não posso fazer isso. — Seus olhos percorreram meu corpo de cima a baixo, possessivos, e eu estremeci com uma mistura de luxúria e ódio. — Não vou embora sem você, mas farei um acordo. As Bruxas do Sol têm os fracos da sua alcateia cercados, junto com as crianças. Ao meu comando, elas vão queimá-los vivos. A menos que venha comigo agora.

— Eu não acredito em você.

Ele tirou um celular do bolso e o inclinou para mim. Na tela, pude ver as Bruxas do Sol paradas ao redor de uma porta de alçapão que haviam descoberto no meio da floresta. Enquanto eu observava, elas arrastaram um dos filhotes de lobo para fora, e então a câmera rodou para me mostrar Stella e Clayton, ambos capturados, ambos dando tudo de si na luta para tentar escapar. O fogo os cercava, as chamas muito perto, e apenas a magia das Bruxas do Sol impedia que se espalhasse por toda a floresta.

— Seu monstro — sussurrei. Olhei para meu companheiro, um homem que odiava tanto que queimava nas minhas veias, fazendo minhas mãos tremerem. Queria saltar em cima dele e rasgar sua garganta, mas o maldito vínculo não me deixava.

Jordan olhou para o celular, observando a tela, depois levantou as sobrancelhas para mim.

— A escolha é sua. Junte-se a mim... ou veja todos queimarem.

Não havia nada que eu pudesse fazer. Eu não poderia lutar com Jordan, e mesmo que conseguisse chamar Kaden para obter ajuda, as Bruxas do Sol

poderiam queimar todo o território da alcateia em segundos. Eu não deixaria filhotes inocentes morrerem por mim – ou ninguém mais da minha alcateia.

A derrota fluiu através de mim, e abaixei a cabeça. Não havia uma boa maneira de sair disso. Eu precisava ir com ele.

Dei um passo para mais perto, encontrando o olhar de Jordan.

— Vou de bom grado se as Bruxas do Sol, junto com os leoninos e seus aliados, saírem sem prejudicar ninguém da minha alcateia. Jure pelo nosso vínculo e sou sua.

— Se apeçou mesmo a eles, não é? — Ele inclinou a cabeça e sorriu como se esse tivesse sido seu plano o tempo todo. — Tudo bem, juro pelo nosso vínculo.

Pensei que ele ainda estivesse mentindo, mas em seguida ele deu ordens no celular e, momentos depois, mostrou que as Bruxas do Sol estavam saindo. Elas pareceram sumir no ar, desaparecendo numa explosão de luz solar, mas pelo menos tinham ido embora. Vi outros lobos correndo pelos galhos, saindo das terras da alcateia. Fechei os olhos, agradecida por ter acabado.

Jordan estendeu a mão para mim.

— Está feito. Agora venha comigo.

Queria dar uma bofetada na mão dele, dizer para enfiá-la no rabo, mas fiquei calada e a peguei. No instante em que nos tocamos, o vínculo de companheiro gritou *sim, sim, sim*, e eu queria chorar e comemorar ao mesmo tempo enquanto a sensação me envolvia. A presença de Jordan preencheu minha mente, tornando-se tão grande que bloqueava tudo, exceto ele. Ele era meu mundo. Meu tudo. Meu companheiro.

NÃO, minha mente gritou. *É Kaden, não ele.*

Eu me agarrei com firmeza a esse pequeno fragmento da minha sanidade enquanto Jordan me ajudava a entrar no banco de trás do carro, sem nunca me soltar. Ele deslizou ao meu lado e me ofereceu um cobertor para que eu cobrisse meu corpo. Olhei feio para ele ao me enrolar.

Quando nos afastamos, vi Kaden parado nas árvores em um cume acima de nós, de onde deve ter tido uma visão completa em que eu entrava de bom grado no carro. A fúria sombria torceu seu rosto, mas havia algo mais lá também. Algo parecido com um coração partido.

Sabia direitinho no que ele estava pensando – que não pude resistir ao vínculo de companheiro e decidi ficar com Jordan, no final das contas. Assim como ele disse que eu faria. Estendi a mão para Kaden, colocando a palma na janela, querendo gritar o nome dele e dizer que eu tive que fazer isso para salvar a alcateia, mas já tínhamos ido embora. Perdi meu alfa de vista nas árvores quando o carro partiu.

— Vai ser uma viagem longa até o território leonino — anunciou Jordan, acariciando minha mão com o polegar de uma forma que fazia meu corpo querer mais de seu toque, mesmo enquanto eu amaldiçoava sua existência. — Preciso ter certeza de que não tentará escapar outra vez. Você é surpreendentemente boa nisso.

— Não vou escapar — eu disse, mentindo entredentes. Assim que a noite caísse, eu estaria fora daqui. Voltaria para Kaden para poder explicar tudo. Desde que conseguisse fazer Jordan parar de me tocar.

— Não, não vai mesmo. — Ele abriu uma pequena caixa, puxando uma seringa. A mão dele se moveu para o meu braço, agarrando-me com força, quando percebi o que ele estava fazendo. — Vou garantir que isso não aconteça.

— Não! — Eu me pressionei contra a porta do carro, tentando ficar o mais longe possível da agulha, mas Jordan me encurralou, pairando sobre mim. Tentei me afastar, mas o aperto de Jordan era forte, e o toque dele me enfraquecia.

A expressão fria e arrogante de Jordan não mudou quando ele abaixou a seringa no meu braço. Eu me afastei dele, incapaz de suportar olhar em seu rosto por mais tempo, enquanto a dor aguda me fazia perder o ar. Agarrei a maçaneta interna, tentando abri-la, mas o que quer que Jordan tivesse injetado em mim era de ação rápida, e meus membros logo pararam de funcionar. *Não*, tentei gritar, mas apaguei antes mesmo de conseguir dizer a palavra.

Acordei rodeada de barras de ferro. *Porra, isso está se tornando um péssimo hábito*, pensei.

Fechei os olhos e respirei fundo. Talvez estivesse sonhando, e quando abrisse os olhos, estaria no meu quarto, e nada disso teria acontecido.

Não tive essa sorte. Quando abri os olhos de novo, ainda estava olhando para o interior de uma cela estranha. Todas as alcateias tinham prisões ou só as duas que me capturaram? A alcateia Câncer nunca tivera uma e, de repente, fiquei grata por isso. Meu pai teria me trancado pelo menos uma vez só porque sim.

Comecei a absorver o ambiente quando senti um puxão do vínculo. Merda. Sabia bem quem estava vindo.

Jordan entrou no cômodo com um sorriso presunçoso no rosto lindo.

— Fico feliz em ver que você está acordada.

— Acho difícil acreditar. — Cruzei os braços. — Onde estou?

— Está em território leonino. Bem-vinda ao lar.

— Lar? — Olhei com firmeza para ele. — Você se esqueceu de como me rejeitou na Convergência? Como sua alcateia matou minha família? E como você parecia bastante determinado a me matar também?

— Muita coisa mudou, Ayla. — Jordan abriu os braços, e uma onda de desejo passou por mim com a visão. — Graças a você, agora sou o alfa da alcateia Leão. Com a ajuda das Bruxas do Sol, em breve governarei todas as outras alcateias, e você governará ao meu lado, como minha rainha alfa.

Eu ri. Não pude evitar. A ideia era tão ridícula que era cômica.

— Eu *nunca* vou ficar com você. Prefiro morrer.

O rosto de Jordan mudou, perdendo o charme e substituindo-o por algo sinistro.

— A maneira como olha para mim diz o contrário.

— Por que simplesmente não mandou alguém me matar? — perguntei, concentrando-me na raiva. Ajudava a me distrair da necessidade de me atirar aos seus pés. — Ou por que não pedir às Bruxas do Sol que removam o laço para que se liberte de mim? — Bufei. — Eu, a vira-lata metade humana. Afinal, foi assim que me chamou quando disse que queria que eu

sofresse. Ou você já percebeu que a melhor maneira de me fazer sofrer é me forçar a ficar com você?

Seus olhos brilhavam, e pensei que ele poderia se lançar para a frente e me atacar como havia feito na Convergência.

— Você é minha, Ayla. E, como eu disse, as coisas mudaram. Tenho grandes, grandes planos para você.

— Ah, ótimo — retruquei. — Mal posso esperar para ouvi-los.

O rosto de Jordan ficou ainda mais sombrio, mas ele apenas se virou e saiu. Sem oferecer comida ou água. A porta bateu atrás dele sem outra palavra, e eu fiquei sozinha mais uma vez.

Afundi na cama, minha raiva se dispersando, apenas para ser substituída pela desesperança. Estava sendo mantida em cativeiro pelos meus piores inimigos e ninguém viria me resgatar. Kaden não viria atrás de mim. Não depois do que tinha visto. Eu estava mesmo por minha conta.

Kaden, pensei ferozmente quando me levantei e comecei a procurar maneiras de escapar dessa prisão. Vou provar que está errado. Vou lutar contra isso, e vou encontrar meu caminho de volta para você. De alguma maneira.

Minha única vantagem era que Jordan me subestimava. Ele não sabia que eu tinha passado meu tempo com a alcateia Ofiúco treinando para lutar. Não sabia que eu era tocada pela lua.

Esfreguei a marca da alcateia no meu braço, encontrando conforto ao saber que ainda estava lá. Não era mais a mesma fracote indefesa e assustada que Jordan tinha torturado na Convergência. Eu era uma lutadora agora.

Eu era um membro da alcateia perdida.

Sobre a autora

Elizabeth Briggs é autora best-seller do New York Times e Top 5 Amazon de romances paranormais e de fantasia com heroínas ousadas e heróis destemidos. Ela se formou na UCLA em Sociologia e trabalhou para um escritório de advocacia internacional, orientou adolescentes por escrito e foi voluntária em grupos de resgate de cães. Agora ela é uma nerd em tempo integral que mora em Los Angeles com o marido, a filha e uma matilha de cachorros fofos.